UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação

As tessituras entre “O Apanhador no Campo de Centeio” e as intimações do imaginário para a (auto)formação humana

Eliana Rita Mariotto Colpo

Pelotas, 2012

Eliana Rita Mariotto Colpo

As tessituras entre “O Apanhador no Campo de Centeio” e as intimações do imaginário para a (auto)formação humana

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Lúcia Maria Vaz Peres

Pelotas, 2012

Dados de Catalogação na Fonte:
Bibliotecária Kênia Moreira Bernini – CRB-10/920
C721t Colpo, Eliana Rita Mariotto
As tessituras entre \“O apanhador no campo de centeio \” e as intimações do imaginário para a (auto)formação humana / Eliana Rita Mariotto Colpo; Orientador : Lúcia Maria Vaz Peres. – Pelotas, 2012.
87 f.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.
1. Imaginário. 2. Educação. 3. (Auto)formação. I. Peres, Lúcia Maria Vaz, orient. II. Título.
CDD 370

Banca Examinadora:

.....
Profª. Drª. Lúcia Maria Vaz Peres (Orientadora)

.....
Profª. Drª. Magda Floriana Damiani (UFPel/RS)

.....
Prof. Dr. Deonir Luís Kurek (UNIOESTE/PR)

Dedico este trabalho à minha mãe que foi minha primeira "Apanhadora no Campo de Centeio" e hoje necessita ser cuidada como uma criança para atravessar os abismos de sua doença de memória e seguir nos aquecendo com sua fé e momentos de alegria.

À minha orientadora que me orientou e conduziu com sua mente lúcida e atenta e suas mãos delicadas e firmes pelos caminhos do imaginário na vida e nesta dissertação como ato de viver e narrar-me.

Ao GEPIEM - Grupo Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória pelas inestimáveis contribuições com este trabalho e com minha (auto) formação humana.

AGRADECIMENTOS

Às professoras Neiva Afonso Oliveira e Magda Floriana Damiani pelas contribuições com minha (auto) formação nas teceduras desta dissertação.

Ao Diko, doutor formado no âmago do GEPIEM, por suas indicações iluminadoras nos caminhos do imaginário.

A amiga Rosária que ao perceber minha identificação com os estudos do imaginário me apresentou a Lúcia, minha preciosa orientadora.

Ao Chico, meu terapeuta, que ao longo do caminho tem me fortalecido e dado confiança para continuar quando tudo parece perdido.

Ao meu amor, Marcelo Almeida Alves, companheiro, amante e amigo, pela escuta e por compreender minhas ausências.

Ao Bob Dylan, por sua presença peluda e canina, com seu incondicional afeto e por me ensinar a necessidade constante do carinho e da atenção para com os outros seres.

A minha irmã, Lalinha, que foi minha "Phoebe" e pela qual tenho um afeto imensurável e genuíno.

Às minhas primas, maninhas, que protagonizaram minhas primeiras experiências com o cuidado e amor pelas crianças.

Aos amigos...especialmente o André, amigo, irmão de coração, sempre presente, preocupado com meu bem estar e incentivador deste trabalho.

Ao Acelino, amigo de muito tempo, pela concepção da capa e embalagem deste trabalho e pela parceria na vida.

Ao Giovani, amigo e meu professor de inglês, que me preparou para a prova de proficiência em língua estrangeira e para o abstract deste trabalho.

Às amigas Verinha, Celeste, Lilian e Ângela, as quais, cada uma a sua maneira, fazem parte da pessoa que me tornei e sempre me presenteiam com suas presenças afetivas e suas riquezas intelectuais.

Às amigas Lia e Adriane, que me acompanharam, auxiliaram e incentivaram na feitura deste trabalho e com as quais tenho uma relação peculiar de aprender a lidar com as diferenças.

RESUMO

COLPO, Eliana Rita Mariotto. **As tessituras entre "O Apanhador no Campo de Centeio" e as intimações do imaginário para a (auto)formação humana**. 2012. 86f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O presente trabalho de pesquisa nasce no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), no Programa de Pós-graduação em Educação, nível mestrado, na linha de Cultura Escrita: linguagens e aprendizagem. Tendo como norte metodológico a análise da obra literária "O Apanhador no Campo de Centeio", de J. D. Sallinger, com o intuito de buscar convergências deste "romance de formação" (*bildungsroman*) para pensar a Educação. Em especial, buscar as contribuições desta a partir da tessitura entre os estudos do imaginário e a (auto) formação humana. A obra analisada constitui-se como um potente "ideologema" por ser capaz de fazer o trânsito entre um adolescente e seus conflitos, sofrimentos e pulsões individuais em seu contexto afetivo, social, cultural e o âmbito mais geral da sociedade da época - metade do século XX. A narrativa do protagonista e suas relações com a família, escola, colegas e amigos possui uma dimensão atemporal, ou seja, que pode pertencer a qualquer tempo, tornando a obra, portanto, contemporânea. A partir da leitura da obra extraímos alguns núcleos simbólicos agrupados em quatro "mitemas" capazes de mostrar a riqueza e a potência do "romance de formação" para a (auto)formação humana. O primeiro *mitema:* **o ser humano pode (auto) formar-se entre o conflito e a loucura na busca do tesouro interior**. O segundo *mitema:* **a (auto) formação pode dar-se na viagem entre a evasão e o confronto**. O terceiro *mitema*: **a (auto) formação humana ocorre pela iniciação e a transmigração**. No último e quarto *mitema*: **a queda no abismo como ato de viver e (auto) formar-se**. Tais *mitemas* foram analisados à luz dos estudos do imaginário, em especial em seus aspectos simbólicos, no sentido de relacionar e valorizar a importância das leituras do "romance de formação" e das escritas de vida para suscitar outros sentidos à educação do ser humano. Uma percepção que valorize o sentido e o vivido, tanto quanto o sabido e o comprovado.

Palavras chaves: Imaginário, Educação, (auto) formação.

ABSTRACT

COLPO, Eliana Rita Mariotto. **The Composition between “The Catcher in the rye” and imaginary for (self) human formation**. 2012. 86 pages. Master’s degree dissertation. Post-graduation Program in Education. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brazil.

The present piece of work was developed within the Research Group on Imaginary, Education and Memory (GEPIEM), a Master’s degree Graduation Program in Education, in the field of Writing Culture: languages and learning. It has the analysis of the literary work "The Catcher in the Rye" by J. D. Sallinger as its methodological direction, with the aim of seeking convergence from this "novel of formation" (Bildungsroman) for reflections in education .In particular, to look for its contributions, in the sense of the composition between studies and the imaginary (self) human formation. The analyzed work is considered as a powerful symbolic and ideological device for being able to transit between a teenager and his conflicts, sufferings and individual drives in affective, social, and cultural contexts and the wider reach of the society of the time - mid-XX century. The narrative of the main character and his relationships with family, school peers and friends has a timeless dimension, ie, that can belong to any time, and this, therefore, makes the work so contemporary. From the reading of the work we extract some symbolic cores grouped into four "mythemes" able to show the wealth and power of the "novel of formation" for (self) human training. The first mytheme: a human can (self) be formed between conflict and madness in search of the treasure inside. The second mytheme: a (self) formation can take place on a trip between escape and confrontation. The third mytheme: a (self) human formation occurs by initiation and transmigration. In the last and fourth mytheme: the fall into the abyss as act of living and (self) forming. Such mythemes were analyzed in the light of studies of imaginary, especially in its symbolic aspects, in order to relate and appreciate the importance of reading the "novel of formation" and the writings of other ways to raise life to the education of the human being. In a perception that values the felt and lived things, as well as the known and proven ones.

Keywords: Imaginary, Education, (self) training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....9

I. NAS INTERMITÊNCIAS DO DIA, O ENCONTRO COM O LIVRO E SUAS INTIMAÇÕES PARA PENSAR A (AUTO)FORMAÇÃO HUMANA.....15

1.1 Da formulação do problema para a pesquisa na obra literária.....22

1.2 Uma pesquisa fundamentada nos conceitos do Imaginário com as imbricações (auto) biográficas.....30

1.3 "O Apanhador no Campo de Centeio" e a metodologia de análise.....39

II. NAS INTERMITÊNCIAS DA NOITE.....41

2.1 E o tempo me transpassa como linhas e lanças... De uma infância não idílica.....43

2.1 Memórias de Madeira e Concreto.....51

2.3 Do medo da morte à transformação do corpo.....54

III. ÀS ILUMINAÇÕES DO DIA: UMA LEITURA POSSÍVEL SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO OBJETO DA DISSERTAÇÃO.....61

3.1 O ser humano pode (auto) formar-se entre o conflito e a loucura na busca do tesouro interior.....62

3.2 A (auto) formação pode se dar na evasão e no confronto.....67

3.3 A (auto) formação humana ocorre pela iniciação e a transmigração 70

3.4 A queda no abismo como ato de viver e (auto) formar-se.....78

IV. TESSITURAS ENTRE "O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO" E AS INTIMAÇÕES DO IMAGINÁRIO PARA A (AUTO)FORMAÇÃO HUMANA.....84

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....90

ANEXO

INTRODUÇÃO

Ao anunciar esta escrita faço-a como um encontro entre mim, a obra literária "O Apanhador no Campo de Centeio" e o leitor. Portanto, embora esta dissertação tenha sido escrita no singular, sou atravessada pelo plural dos muitos outros que foram compondo meu estar sendo. Nesta escrita, por exemplo, reprisarei palavras do protagonista da obra a ser analisada ou de como ele faria comentários que serão meus, *dizer essas coisas em sua própria lingua*, as quais serão grafadas em outro tipo de letra[1]. No início do primeiro capítulo, tratei deste encontro com a obra, suas características mais importantes e as motivações de sua escolha como objeto de estudo de minha pesquisa para dissertação de Mestrado.

O livro escrito por Jerome David Salinger foi publicado em 1951 e tornou-se uma verdadeira febre na sociedade estadunidense da época. Passou a ser lido e traduzido em várias línguas e está entre as obras literárias mais importantes do século XX. A obra é tida como um romance de formação por tratar especialmente desta fase de transição da infância e adolescência para adultez. Incensado por muitos e amaldiçoado por outros, sua escrita é polêmica justamente por tratar de temas bastante controversos e sempre atualizados, tais como rebeldia, contestação, inconformismo e transformação.

Atravessada pela leitura da obra, formulei a "pergunta detonadora" (PERES,1996): **Que imagens, símbolos e representações emergem da obra literária "O Apanhador no Campo de Centeio" para a (auto)formação humana?** Imagino a pergunta como um pequeno artefato explosivo, *no duro, algo formidável de se imaginar,* porque espalha estilhaços por todos os lados e foi preciso juntá-los ao compor o trabalho de dissertação. Ao caminhar, fui construindo o caminho. Ao andar, mais ou menos numa sequência que segue e volta, por vezes em círculo, em

[1] As expressões escritas como se fosse o protagonista da obra serão grafadas com outro tipo de letra – *Script MT Bold*

linha reta, ou em abalada corrida ladeira abaixo, vou mais ou menos no seguinte sentido... *Pode até ser uma coisa um bocado difícil de se entender de primeira, algo infernal mesmo...*

No decorrer do capítulo inicial, entreteço fragmentos de minha história de vida, focalizados especialmente na criança e na adolescente que fui e ainda sou; reapropriados a partir das intimações contidas no livro. Neste contexto, trarei algumas revivescências[2] da infância, lembranças escolares, constituição familiar e do como me tornei quem estou sendo.

Faço a tessitura da pesquisa ancorada principalmente nas teorias do Imaginário, e nos conceitos de história de vida e (auto) formação como aportes hermenêuticos, ou seja, fundamentos para interpretação. Trabalhei tal fundamentação com teóricos, entre outros menos citados, a partir de leituras de Marie Christine Josso, Lúcia Maria Vaz Peres, Juremir Machado da Silva, Gaston Bachelard, Marie Christine Delory-Monberger e Alberto Filipe de Abreu Araújo. Assim fui tecendo a trama simbólica deste trabalho, trazendo algumas passagens do livro, ilustrativas das reapropriações provocadas em mim pela obra literária. Faço o entrelaçamento com a transição da infância para a adolescência e os "momentos charneira", ou seja, formadores e transformadores, a partir de minhas leituras e reflexões sobre a vida. *Mas prometo que só vou contar algumas partes desse negócio de doido que é ser uma criança, um adolescente, e de se transformar ou não num adulto.*

Do período de transformação vivido na adolescência, chego ao capítulo seguinte, no qual, sendo capturada pelos espelhamentos em relação ao protagonista do livro, o adolescente Holden Caulfield, vou delineando a questão de pesquisa. Através dos conceitos a partir dos estudos do Imaginário, histórias de vida e formação, trazendo o que são as intimações da obra para a (auto) formação humana, em meu entendimento e análise.

No capítulo posterior, faço uma abordagem sobre a relevância dos conceitos do Imaginário e sua fenomenologia para potencializar a pesquisa em Educação. Tento trazer o imaginário como um método científico revigorado para interpretar a pesquisa e sua escrita. Defino, ainda que provisoriamente, a obra como um potente "ideologema", a partir de Araújo (2010), na qual o autor literalmente afirma:

---

[2] Inspirada em Maffesoli e na linguística, entendo revivescências como uma mistura de reviver com reminiscências, ou seja, revivemos os restos da memória em nós.

> [...] que o ideologema fornece dois fundamentos à elaboração de uma espécie de atlas ideo-metafórico mítico do imaginário educacional – um princípio de inteligibilidade ao conjunto heterogêneo de figuras [...] e uma hieraquia de sentidos: do histórico (literal/factual) ao simbólico [...] (ARAÚJO, 2010, p. 691).

Assim, o livro funciona como construção literária capaz de fazer este entrelaçamento entre o indivíduo, suas subjetivações, e o contexto no qual sua trama se desenvolve, suas relações com a sociedade da época e as conjunções mais amplas que fizeram a obra ultrapassar seus limites temporais, tornando-a largamente lida e divulgada. O "ideologema" funcionando como "atlas ideo-metafórico mítico do imaginário educacional", neste caso, é o próprio livro, que faz este mapeamento ideológico, metafórico e mítico do imaginário na (auto) formação humana, enfocando sentimentos, percepções e reações de um adolescente que gerou empatia e identificação para além da época em que foi escrito.

No próximo capítulo, a partir da pergunta explodida que está sendo explorada, discorro sobre os núcleos simbólicos mais pregnantes encontrados na obra, "núcleos organizadores do Imaginário" que constituem o valor do livro para a (auto) formação. Tais núcleos agrupam-se em "mitemas" (PERES, 1999), ou seja, um constructo teórico capaz de sintetizar, de agrupar os sentidos simbólicos implícitos nas trajetórias humanas aplicáveis, de forma fluida e não fixa e imóvel, à multiplicidade dos estudos que se pode realizar. Os "mitemas" extraídos do livro, em minha análise, condensam a importância de "O Apanhador no Campo de Centeio" para a (auto) formação. Um exemplar da importância e da potencialidade do romance de formação para a construção destas "teias simbólicas" que nos fazem continuar vivos e pulsantes e em processo contínuo de (auto) formação.

Ao fazer escolhas e constelar, agrupar os anéis simbólicos e aromáticos[3], como uma alquimia, escolhi alguns núcleos com os quais trabalharei na análise em quatro ciclos compostos desde a leitura do livro, quais sejam: Conflito, loucura e o peixe dourado; Viagem, evasão e confronto; Iniciação e Transmigração; Abismo, Apanhador e o Campo de Centeio. Tais pregnâncias simbólicas foram agrupadas nestes "núcleos" a partir dos quais construí os "mitemas".

[3] Para a química, o núcleo é o "Anel ou ciclo de um composto aromático"; neste sentido, criei o anel simbólico e aromático para definir as essências simbólicas que captei na obra.

Abstraí, a partir deste exercício empírico-teórico, entre outras várias reflexões, os “mitemas” descritos a seguir que serão analisados ao longo do estudo. São estes: o ser humano pode (auto) formar-se entre o conflito e a loucura na busca do tesouro interior; a (auto) formação pode dar-se na viagem entre o a evasão e o confronto; a (auto) formação humana ocorre pela iniciação e a transmigração; a queda no abismo como ato de viver e (auto) formar-se. Com estes “mitemas” fiz a análise da obra para a (auto) formação humana.

Talvez de forma um tanto pretensiosa e não menos legítima, seguindo a viagem, pretendo chegar a algumas considerações, ainda que provisórias, capazes, mesmo de modo singelo, trazer alguma contribuição para aproximar, provocar o reconhecimento e a conciliação necessária entre a Educação e a (auto)formação humana, no sentido da Educação assumir olhares além dos conteúdos curriculares e das tarefas institucionais. Uma percepção que valorize o sentido e o vivido, tanto quanto o sabido e o comprovado. A Educação como um ato muito além de reproduzir conhecimentos, mas potente ao produzir seres humanos mais próximos de viver bem com seus conflitos e desejos, em harmonia com os outros e com o planeta.

Teço considerações que possivelmente apenas tangenciem a seguinte assertiva: O Apanhador no Campo de Centeio está na outra margem para resgatar o ser humano no processo (auto) formador. Aqui tomo o apanhador como um conjunto de saberes e sentires capazes de potencializar nosso processo de (auto) formação ao longo da caminhada de nossas vidas. *Porém se ao lerem isso tudo acharem que estou sendo uma tremenda imbecil, eu juro por Deus que não vou me ofender, nem nada... Apenas vejam bem a forma como vão me dizer tal coisa. Se não, nem o Apanhador do Campo de Centeio poderá me resgatar do abismo. E quer saber do que mais?! Eu mudo de ideia rápido se me convencerem... Digam o que tiverem de dizer. O máximo que vai acontecer é de eu levar um tempo prá me recuperar e depois continuar insistindo neste negócio de Imaginário, (auto)formação e Educação.*

E sobre Educação e formação não poderia deixar de mencionar neste preâmbulo a importância do processo (auto) formador vivido na qualificação desta dissertação. *Foi um jogo e tanto aquela conversa toda com gente de alto nível, no duro, foi mesmo.*

Impactada que fui, e com a incerteza de poder alcançar as orientações da banca examinadora de minha qualificação, vasculhei as observações no arsenal de

seus pareceres. Revivesço-os na necessidade de tornar os objetivos da dissertação mais nítidos, de não abandonar a poesia ao buscar uma linguagem mais simples a exemplo do personagem principal de " O Apanhador no Campo de Centeio", e delinear melhor a conexão entre os capítulos e a metodologia que utilizei.

Neste processo, passei por momentos de negação, de fuga, de extrema dúvida, angústia e, por final, de compreensão de meus limites teóricos, metodológicos e temporais. Contudo, tais limites – ainda que intransponíveis em sua totalidade – podem e devem ser estendidos o mais possível. ***Eu não conseguia nem olhar para os lados, tinha mesmo que me atirar no abismo. Foi então que percebi um troço completamente diferente, pois eu já estava dentro do abismo havia tempo, e por lá estive muitas vezes e retornei outras tantas...*** Estender os limites, avançar sobre estes é como estar num abismo cercada de íngremes e extensas paredes terrosas, às quais vou lentamente escavando. Com a terra extraída do entorno, vou aterrando o fundo do poço e ao mesmo tempo que alargo a extensão deste, vou me aproximando cada vez mais da superfície rumo à conquista da liberdade para passear nas veredas e nos campos de centeio.

Assim, percebo e me aproprio das observações da banca e das orientações de minha orientadora: palavras profundas, avassaladoras, a ponto de abalar minhas pretensões de concluir este trabalho, mas generosas e pertinentes o bastante para me fazerem continuar, mesmo sob o risco de cair em um novo abismo, no qual fatalmente cairei, entretanto, com muito mais ferramentas e condições de emergir. Desejo que possam sentir mais do que sei e do que consigo dizer sobre *este* ***negócio de doido*** de dissertar sobre os impactos de uma única obra literária, com um título estranho ***prá burro*** por uma pessoa ***um bocado*** iniciante neste ***troço*** de dissertação.

I. NAS INTERMITÊNCIAS DO DIA, O ENCONTRO COM O LIVRO E SUAS INTIMAÇÕES PARA PENSAR A (AUTO)FORMAÇÃO HUMANA

Nestas buscas de pertencimento, do singular-plural que me habita, deparei-me com um comentário sobre a obra literária “O Apanhador no Campo de Centeio”. Em suas palavras, o articulista, se não me falha a memória, tratava-se de João Gilberto Noll (escritor gaúcho), e ressaltava o valor literário e humano do livro, como sendo destas leituras necessárias às pessoas que apreciam e valorizam a literatura. Movida por uma curiosidade de leitora, outrora mais voraz, mas ainda ávida da delícia de um bom livro, fui à busca da obra e a adquiri em abril de 2007. Foi na época uma leitura deliciosa e penosa, por certo impactante e preciosa. Sobretudo, foi importante por me remeter a tempos remotos, e bastante fundantes do meu ser, a infância, a adolescência e suas passagens à vida adulta.

Pode soar paradoxal o fato de eu ter lido a obra já na maturidade da vida, mesmo se tratando de um romance cujo protagonista é um jovem adolescente, e ainda assim seu conteúdo ter me intimado de forma contundente. Encontro a justificativa, para este impacto da obra, na criança buliçosa que nos habita eternamente e é tão necessária à (auto)formação, conforme as palavras de Michel Maffesoli (2004), no prólogo de seu livro: “A Parte do Diabo: Resumo da Subversão Pós-Moderna”, quando o mesmo diz

> Eu diria que a “criança eterna”, ruidosa, cruel, generosa, não-conformista e que renasce não é uma questão de idade, mas uma atitude, um estado de espírito [...] É assim que podemos entender que a “parte destruidora, a do excesso ou da efervescência, é exatamente o que sempre antecipa uma nova harmonia (MAFFESOLI, 2004, p.17- 18).

Fazendo o caminho de volta, da criança inconformada, o livro tornou-se evocador e detonador das minhas lembranças e elaborações internas. Desde a criança, em idade escolar, a menina Phoebe, irmãzinha de Holden (o protagonista da obra), o irmão morto precocemente e o adolescente em ebulição, o próprio Holden. Assim, fui tecendo, no decorrer da leitura, as tessituras de minha trama interna intimada pelos questionamentos do jovem protagonista do livro.

Tendo lido o livro num momento de sensibilidade aflorada e questionamento, seus repertórios atualizam-se na medida em que entendo ser a nossa vida uma

constante busca, processo de formação. E neste contínuo, o ato da leitura traz-nos esta descoberta dos mistérios, das intimações que nos conduzem até o presente...

Algum tempo depois, com mais intimidade nos estudos do Imaginário, escolhi a obra como objeto de estudo para a dissertação no Mestrado em Educação. Logo em seguida, nas disciplinas de Histórias de Vida e Formação e Paradigmas Filosóficos, nas discussões com o grupo de pesquisas (GEPIEM) e, sobretudo, com minha orientadora de Mestrado, fui dando contornos mais nítidos ao papel da obra em minha dissertação. A partir destes aportes, passei a recompor as memórias de minha infância, adolescência e suas afetações, fazendo suas teceduras com a base conceitual e o livro.

Neste trajeto, a pesquisa tomou contornos inesperados, talvez mais solitários, pois a pesquisa dar-se-á essencialmente desta relação/intimação da Obra Literária/Conceitos do Imaginário/(auto)formação... Por mais impregnada que a pesquisa esteja dos repertórios destes três aspectos, ainda assim o objeto e o sujeito de pesquisa é o livro e suas intimações através de minha análise particular a partir do suporte teórico dos conceitos do Imaginário. ***Agora chega! Tenho que parar de falar em mim, já estou enjoada. Fico me perguntando quem se interessaria em ler um troço chato destes? O caso é que tenho que fazer isso mesmo, se não como vou chegar aonde quero? Nesse negócio de romance de formação, (auto)formação e Educação. Também não posso ficar o tempo todo interrompendo esta conversa toda sobre teoria nesta dissertação... Se não todo mundo vai ficar danado da vida e com razão. Então vamos lá...***

"O Apanhador no Campo de Centeio" como um romance de formação e representante da "alma beatnik" foi escolhido como evocador da dissertação. Sobre o livro e seus contextos, falarei preliminarmente, conforme problematiza Adolfo Frota (2009) em seu artigo: O *Bildungsroman* e a Perda da Inocência em "O Apanhador no Campo de Centeio", de J. D. Salinger, quando comenta que o enredo é simples: o adolescente Holden, estudante em tradicional escola, foi expulso de seu 4º colégio, neste momento resolve fugir para viver peripécias na vida noturna de Nova York. Defrontando-se com a inexorabilidade de não poder mais ser uma criança, paralelamente sente-se responsável por salvá-las do abismo. Tratando-se o romance de um período de crise do protagonista, como que estando no limbo, na zona indefinida desta passagem da infância à adultez.

Ao ser lançado, o livro tornou-se uma verdadeira mania entre os jovens estadunidenses da década de 50. Após a 2ª Guerra, obteve forte repercussão aos movimentos de contracultura, tais como o “beatnik” e o “rock’n roll”. E destas últimas características posso entender um pouco do impacto da obra de um século a outro, ou seja, pela identidade **com essa alma**.

Defino esta alma como uma crença em bondade, em beatitude, de que, na verdade, o universo é algo além de um lugar de sofrimento. É um lugar de paixão pelo intangível, pelo desconhecido, do encontro consigo e com o outro. E, por que não, desta compaixão que nos move a nos colocarmos no lugar do outro. Resgatar-nos, resgatando o outro, impedindo-o de cair no abismo ou mesmo fazendo-o submergir. É a alma daqueles que veem através das paredes de uma sociedade que nega enxergar-se a si mesma. Respeitando, sobretudo, a liberdade, contrapondo as convenções e as amarras. Expressando, através de nossas atitudes de vida, esta busca da compreensão do humano em nós, no outro e a harmonia com o que nos rodeia.

Neste contexto, Jerome David Salinger foi o autor de um dos maiores clássicos da literatura mundial, o romance “O Apanhador no Campo de Centeio”, com seu personagem principal marcando gerações, com o tipo adolescente, rebelde e atormentado, Holden Caulfield. O livro publicado em 1951, em plena Guerra Fria, fez sucesso por muitas décadas. O assassino de John Lennon, Mark David Chapman, carregava um exemplar no bolso e pediu um autógrafo do ex-beatle nele, no dia em que fulminou Lennon, diante do edifício onde morava, em Nova York, em 1980. Depois, disse que a explicação para o que tinha feito estava nas páginas da obra. Tais (informações verbais)[4] foram colhidas em comentários e críticas à obra ao longo de conversas realizadas, ***dessas coisas que ficam martelando na cabeça da gente, sem saber exatamente de onde vieram...***

Nestas buscas sobre o livro, em suas repercussões para além da minha leitura singular, me deparei com comentários controversos. Desde os mais superficiais aos mais insólitos. Tanto quanto da maldição que paira sobre o livro, por fatos como o acima relatado e como o de ter sido escolhida como uma das melhores obras do século XX.

Em princípio, foi publicada para adultos; contudo, tornou-se bastante popular entre jovens leitores, ao lidar com temas tipicamente adolescentes, como transição, angústia, fuga e rebeldia. O livro foi traduzido para quase todas as principais línguas

do mundo, com cerca de 250.000 cópias vendidas todo ano, com um total de vendas de mais de 65 milhões de exemplares. O protagonista e anti-herói do romance, Holden Caulfield, tornou-se um ícone da rebelião adolescente. E mesmo os desmerecimentos lançados sobre o livro, inclusive de tratar-se de um romance de auto-ajuda, não o fizeram menos instigante e formador. O Apanhador é utilizado em estudos de línguas, de literatura e incensado como um importante romance de formação contemporâneo.

Contudo, a "alma beatnik", acima descrita, mesmo buscando o bem, não o faz livrando-se do **mal**; ao contrário, sabe reconhecê-lo como inevitável. Conscientes de sua presença nos recônditos, e muitas vezes na superfície do ser humano, apreendemos a conviver com sua presença para poder controlá-lo. O próprio protagonista, Holden Caufield, quando fala sobre a guerra e do quanto a repudia, também admite o fascínio que os heróis de caráter duvidoso lhe causavam, como Gatsby de "O Grande Gatsby[4]" escrito por F. Scott Fitzgerald. Desta tessitura entre bem e mal, sem julgamentos e categorizações, nascem os movimentos mais promissores e fecundos de uma sociedade, conforme problematiza Maffesoli (2004), quando diz, entre outras reflexões

> Torna-se, então, uma imperiosa exigência intelectual pensar o sensível em todas as suas manifestações. Ignorando os "cães de guarda", temos de enveredar pelos caminhos arriscados escolhidos pela sociedade [...], é construir uma razão mais rica, aberta ao paradoxo e, portanto, capaz de pensar a polissemia [...] não mais criticar, explicar, mas compreender, admitir [...] apresentar fenomenologicamente o que acontece. Sugerir a matéria-prima deste enigma que é o mal [...], (MAFFESOLI, 2004, p.19).

Dentre algumas das muitas vicissitudes do livro, talvez as mais significativas advenham do questionamento visceral da sociedade e dos enfrentamentos do indivíduo em formação.

Destas características que dizem respeito ao singular e ao plural advém a importância do "Apanhador" como um **romance de formação** (*Bildungsroman)*. Tal abordagem torna o gênero literário, romance de formação, tão significativo ainda nos dias de hoje, a despeito de ter surgido na Alemanha do século XVII, a partir de dois radicais germânicos: *Bildung* (Formação) e *Roman* (Romance).

[4] **O Grande Gatsby** (*The Great Gatsby*) é um romance escrito pelo autor americano F. Scott Fitzgerald. Publicado pela primeira vez em 10 de abril de 1925, a história passa-se em Nova Iorque, e na cidade de Long Island, durante o verão de 1922, e é uma crítica ao "Sonho Americano".

Sobre o que torna o romance de formação capaz de dialogar e contribuir para a (auto)formação, independente da época em que tenha sido escrito, Frota (2009) sugere-nos algumas possibilidades, das quais compartilho:

> O romance de formação é um gênero literário cujo núcleo de significação está entrelaçado com a história social. Desta forma, esta manifestação literária sofre influências do contexto histórico [...] estar atrelado a um período histórico [...] não engessa e acompanha as mudanças históricas [...] característica fundamental para a sobrevivência do romance de formação (Frota, 2009).

Destas impressões e destes aspectos acima discutidos, concluí provisoriamente da relevância do romance de formação na construção da subjetividade humana, em nossa escultura interna, e da tentativa de aproximar Educação e formação nesta pesquisa.

Neste sentido, cabe ressalvar a concepção romântica e idealizada do romance de formação e, portanto, desatualizada perante o mundo globalizado, no qual se anuncia o fim dos livros. Contudo, ainda que mudem os suportes e os formatos utilizados para a publicação do romance de formação, isto não diminui a importância de seu estudo na proximidade entre Educação e (auto) formação. Sobre esta relação, nos fala Araújo (2010), quando, entre outras considerações, diz que o Imaginário educacional é tributário do romance de formação, e cujo fragmento passo a citar:

> O imaginário educacional é devedor da concepção romântica de educação que privilegia a formação da interioridade do sujeito [...] - por meio de uma viagem iniciática, marcadamente espiritual, pela qual cada um, por intermédio das suas experiências realizadas no mundo da vida (*lebenswelt)*, acede à ipseidade substancial num misto de real e de ideal, de razão e de imaginação, de revolta e submissão [...]. Assim, a divisa goethiana extraída de um dos seus mais céleres e iniciáticos poemas, intitulado justamente a "Saudade Bendita"(*Selig Senhsucht, 1814).* Resume com o verso "Morre e devém" toda a substância e espírito da *Bildung:* torna-se necessário perder-se para tornar-se outros [...] Ele habita em cada um de nós, uma busca sem fim do segredo (a *Flor Azul* de Novalis) que nos constitui [...] ou mesmo na recuperação de uma **infância idílica atemporal** e modelo de eternidade (ARAÚJO, 2010, p. 680-681). (grifo meu)

Neste interstício, intermitência, muito tempo depois fui despertada pelo comentário citado na introdução sobre a beleza da obra "O Apanhador no Campo de Centeio". Escolhendo-a como objeto de estudo: as evocações em "O Apanhador no Campo de Centeio" para a reapropriação e novos significados àquilo que foi vivido e

revivescido. Através da narrativa, imagens, representações e núcleos simbólicos presentes na obra literária, vou narrando as reapropriações provocadas em mim sobre a escola, a adolescência e a vida. Estabelecendo as tessituras entre as intimações encontradas no livro para a (auto) formação.

Construindo e recolhendo estes relatos de vida, dos fragmentos dos outros em mim e escrevendo estas “escritas da vida”, estou ao mesmo tempo vivendo minha vida. Percorrendo os caminhos da memória, contando as histórias de vida na escola, estou frequentando a escola da vida, pois como diz Delory-Momberger (2008):

> A percepção e o entendimento do seu vivido passam por representações que pressupõem numa figuração do curso de sua existência e do lugar que nela pode ocupar uma situação ou um acontecimento singular. Essa atividade de biografização aparece assim como uma *hermenêutica prática*, um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura no tempo, ou seja, uma história que ele reporta a um si mesmo (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 27).

Assim, capturada pelos conceitos do Imaginário, histórias de vida e formação, em consonância com a obra literária, vou tecendo esta hermenêutica prática. Todavia, toda reflexão é transitória e desnecessária se não há um interesse a ser partilhado. Este novo saber se estiola se deslocado de um contexto engendrado neste “Imaginário”, enquanto partilha que nos torna parte de algo, de um mundo, de um universo singular-plural. E estando imersos nesta atmosfera, nesta aura que é o “Imaginário”, somos parte e todo; constituintes e constituídos por este.

Revelando o que há de singular nestas trajetórias escolares e de vida, escreveremos a história de um tempo que vem de um século para o outro e de seus limites e injunções, com o qual corrobora Machado da Silva (2004) em algumas ideias desenvolvidas no livro “Imaginário: o “Entre-saberes” do Arcaico e do Cotidiano”:

> [...] a gente beija porque beija, e que cada um beija com quer do seu jeito. Que cada um é livre para beijar como quiser [...] as pessoas estão pensando. Assim com toda esta autonomia, liberdade e independência, não [...] E se há o encanto e o desencanto é porque há neste universo próprio de uma linguagem, inclusive corporal, determinações não racionais, compondo uma força afetiva e, ao impregnar nosso íntimo, modula de forma irremediável nossas ações [...] (MACHADO DA SILVA, 2004, p. 20).

A escola representava também para mim, e hoje percebo e me (re)aproprio disto, como uma espécie de ingresso no mundo proibido. Percepções estas presentificadas pela memória, porque mesmo não sendo o momento presente, atualizam-se os significados. E desta memória atemporal emanam “sentidos em movimento” e instituintes dos nossos saberes, dos processos (auto) formadores como afirma Peres (2009), quando diz que

> Essas emanações da memória assemelham-se às ressonâncias simbólicas, propostas por Gaston Bachelard e Gilbert Durand. Acontecem pela via das representações e valorizações como um modo de reencontrar a si mesmo. A memória como eco do passado pode recriar imagens mentais, cogitando novos caminhos e soluções para problemas cotidianos (PERES, 2009, p. 105).

Desde a primeira série, trago ótimas recordações e aprendizagens da minha primeira vida na escola. Reavivo os sentidos do primeiro grupo escolar, na periferia de São Sepé, cidade onde nasci, cujo prédio era feito de madeira e possuía um amplo pátio, sem muros, rodeado de árvores e de uma tênue cerca de arame, usada apenas para marcar os limites da escola. Trago viva em minha memória a lembrança da dona Francisca, a professora que me alfabetizou, à qual credito ter sido a preceptora da minha paixão pelas palavras e seu poderoso universo, com minhas incursões e imersões nesse mundo, desde bem cedo, e através da literatura e da escrita na adolescência.

Ao desentranhar meus percursos, ensaio o que Dellory-Momberger (2008) chama de uma “hermenêutica prática”. Faço esta hermenêutica como reflexão e entendimento de minhas práticas, reveladas no cotidiano da utilização destas apropriações. Sobretudo, ao me apaixonar e re-aproximar do ser professoral e estudante que há em mim, ao cursar uma disciplina do mestrado em educação, como aluna especial, na qual pude suscitar, evidenciar e resgatar o sentido da escrita e da literatura como potência de outras formas de conhecer e estimular conhecimento. Ao participar do GEPIEM, encontrei ressonância para minhas suspeitas de que não há como ensinar, inserir um saber ou aquilo que Peres (2005) chamou de “saberes” em um ser humano, a partir de um conjunto de métodos instituídos apenas objetivamente.

O permanente, mesmo mutável, ou seja, o impresso e não apagável são os “saberes” aprendidos através da valorização de outros aspectos da vida, o vivido,

para além de códigos e sistemas muitas vezes construídos para não serem mesmo alcançados. Tais ideias estão desenvolvidas, entre outros textos, em Peres e Kurek (2008) quando propõem:

> [...] apostar em práticas que considerem aspectos da emoção, do sonho, enfim, de uma dimensão poética da vida são fomentadoras oxigenadoras dos saberes e conteúdos veiculados na escola, porque nelas reside o valor simbólico da expressão de quem busca "outras" formas e modos de conhecer, e assim se autoconhecer [...] (PERES E KUREK, 2008, p.31).

Este texto de Peres e Kurek, entre outros textos, foi desenvolvido com o objetivo de contribuir para a reflexão da Educação que considere outros elementos do viver, da ordem das emoções, do afeto, dos sentimentos.

O ingresso no Mestrado em Educação, na Linha de Cultura Escrita, Linguagem e Aprendizagem, como aluna regular do programa, tem um sentido muito mais amplo do que uma obtenção de um título, tendo em vista que minha trajetória profissional não é de ser docente e sim de ser apreendente. Este trabalho surge como uma contribuição para fundamentar a existência de outros meios de (auto) formação... Meios e suportes capazes de potencializar o vivido, o sentido e o experimentado.

1.1 Da formulação do problema para a pesquisa na obra literária

Deste movimento de busca do que me torna única e me faz plural e pertencente a este mundo, na leitura de vida e de literatura, advém a questão de pesquisa mobilizada e intimada pela obra: **Que imagens, símbolos e representações emergem da obra literária "O Apanhador no Campo de Centeio" para a (auto)formação humana?**

Pesquiso **a história e a narrativa de vida, especialmente quanto a seus processos (auto) formadores**, sempre contextualizados, singulares, por suas individualidades, mas plurais e polissêmicos, por seres de mundo, de vida. Pretendo transpassar, perpassar esta versão da realidade, pois a realidade é sempre uma versão, percepção sobre o real. Neste sentido, corrobora Machado da Silva (in Peres, 2004, p. 21): "todo o imaginário é real e todo o real é imaginário".

Conduzi o trabalho tendo como ponto de referência, norte e bússola o Imaginário da história inventada por J. D. Salinger, no romance "O apanhador no

campo de centeio" (*The Catcher in the Rye*). Na história, o jovem Holden conta literariamente um tempo, não cronológico, que se passou em alguns dias. Relata sobre sua estada e fuga do Internato Pencey, suas relações familiares, com sua escrita, com os outros jovens, seus encantamentos, esgotamento e evasão da vida ou da razão. E sobre evasão da razão ou da vida, reflito que a história narrada por J. D. Salinger tomou contorno em duas hipóteses muito nítidas, em minha mente, sobre seu desfecho, ou seja, de que o protagonista havia se **evadido da razão** e outra de que havia se **suicidado**. A primeira imagem advém da própria leitura de trechos do livro:

"[...] Uma porção de gente, principalmente este psicanalista que tem aqui, vive me perguntando se eu vou me esforçar quando voltar para o colégio em setembro. Na minha opinião, isso é o tipo de pergunta imbecil [...]" (p. 205). Sobre o suicídio, a imagem não pode ser extraída se não de minhas intimações, ou seja, minhas percepções, nas quais senti o profundo sofrimento que acometia Holden, como sendo uma espécie de morte em vida. Aquele mesmo medo da morte que me assolou durante o período relatado anteriormente. Talvez a morte da criança, a passagem do mundo infantil ao mundo adulto.

Paradoxalmente com as imagens fortes que relatei, convive a imagem inicial do livro, na qual Holden retrata nosso desejo de sonhar, de fabular e de fecundar e preservar nosso tesouro interior, o nosso **peixinho dourado**, através da seguinte passagem: "[...] O Misterioso Peixinho Dourado. O melhor conto do livro era a estória do garotinho que não deixava ninguém ver seu peixinho dourado, só porque tinha comprado com seu próprio dinheiro" (p.7).

Neste processo de revivescências, vou percebendo as intimações que me levaram a escolher a obra "O Apanhador no Campo de Centeio", de J. D. Salinger. Escolhi-a dentre tantas obras literárias que me impactaram ao longo da vida e as quais constituem meus repertórios de escrita, de pensar e estar no mundo, principalmente pela imagem que emerge do título e da passagem mais tocante do livro. Conforme Frota (2009), o título e o nome do protagonista do romance são uma síntese da mensagem do livro: o desejo do jovem Holden Caulfield (*hold = segurar, agarrar, field* = campo*)* de ser o apanhador no Campo de Centeio, numa alusão ao poema do escocês Robert Burns, *Coming Through the Rye* (Atravessando o Centeio), no qual uma menina é assediada e agarrada, tendo como consequência a perda da inocência.

Encontro em mim o desejo de preservar a inocência das crianças, salvá-las dos perigos ao final do campo de centeio, no qual pode haver um abismo. Desfecho inescapável da vida adulta, o abismo, o desconhecido. Tal imagem é para além de uma bela metáfora, aquela que me move em muitos momentos na busca da preservação da justiça e dos direitos, sobretudo dos indivíduos mais frágeis. É a "alma *beatnik rocki'n roll*" em busca do bem, protestando e pregando paz, amor e liberdade...

A seguir, transcrevo algumas das mais substanciais destas intimações internas e **imagens fundantes** de *O Apanhador no Campo de Centeio*, a passagem da cena em que o jovem Holden, ao visitar furtivamente a irmãzinha "Phoebe", fugido do pensionato durante a noite, lhe relata qual seu único desejo:

> [...] fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto – quer dizer, ninguém grande – a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o que tenho que fazer? Tenho que agarrar todo o mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo... (SALINGER, 1951, p.168)

Talvez já expressasse, em minha adolescência, o desejo de levar as crianças a brincarem livremente no campo de centeio e de lhes apanhar na beira do abismo. Esta conexão, presentificada em mim pela obra, deu-se pela revivescência de quando contava histórias para minhas primas, primos e irmã, de aventuras através do mundo, em viagens noturnas durante os sonhos, em um avião maluco, pilotado por uma menina chamada Picolita. E de quando lhes advertia que ela sempre voltava para casa ao amanhecer, guardando os pára-quedas, as boias e cordas em caso de quedas ou eventuais perigos.

Manter os pequenos a salvo dos perigos da vida adulta, das angústias de adolescer, mesmo ciente de sua impossibilidade, suspeito que fosse o desejo mais secreto partilhado entre mim e o jovem Holden Caulfield (protagonista da obra "O Apanhador no Campo de Centeio")...

E não por acaso, durante boa parte de minha vida dediquei-me ao trabalho dirigido às mulheres e crianças vítimas de violência intrafamiliar, com a militância, a construção de leis e a concretização de projetos tais como: a "Casa Luciety" para

mulheres vítimas de violência, em situação de risco de vida e a “Casa do Resgate Solidário” para crianças e adolescentes em abuso de substâncias psicoativas.

Além destas identificações, o livro provocou-me a reapropriação de alguns sentidos da escola, quando percebi o mesmo jovem Holden em meus rituais de pertencimento e de constituição de uma identidade no grupo, tais como a troca de fazer redações e interpretações de texto para as colegas com o intuito de merecer o reconhecimento e ter compensado o péssimo desempenho em esportes de grupo. Neste aspecto dos movimentos, ressalto novamente a presença do *SER* de carne como um suporte muitas vezes desconectado com o externo.

Neste fluxo, ocorriam as buscas e as angústias em meio às regras rígidas do sistema educacional e familiar com suas hierarquias. Suspeito serem as identificações com algumas destas estratégias ingênuas e arriscadas para burlar as regras que me aproximaram profundamente do narrador e protagonista do “Apanhador no Campo de Centeio”.

Constituí-me através destas estratégias, outras vezes mais ardilosas, quando num exercício contínuo de observação, procurava detectar as fraquezas dos adultos para, nos momentos de embate, verbalizá-las. Desta prática talvez tenha resultado minha fama de polêmica, inconformada, atrevida. Pressuponho que vamos constituindo uma (auto)imagem e uma atitude própria diante do mundo a partir destes ardis e da procura de equilíbrio. Conforme Pierre Dominicé (2010)

> São as interações, as articulações, os equilíbrios, enquanto estabilidade provisória de um conjunto, que vão indicar-nos pistas de reflexão e sugerir-nos hipóteses quanto à maneira como se desenha, ao sabor de um dado percurso de vida, aquilo que cada um se torna (Dominicé, 2010, p.195).

O fato do jovem Holden ter um irmão, um pouco mais velho, morto no momento da narrativa, também me aproximou do narrador, pois o irmão de nome Alie, paradoxalmente, possui as mesmas letras iniciais de meu irmão falecido há catorze anos, também precocemente e de forma trágica e repentina. O irmão falecido de Holden era um ser admirável quanto à conduta desejável a um adolescente, conforme (é claro) o relato e a percepção do protagonista Holden.

Meu irmão não se constituía em modelo para nós, porém sua rebeldia me instigava. Ele sendo extremamente indisciplinado, constantemente era excluído da sala de aula. Algumas vezes foi expulso do colégio onde estudávamos, ao qual fazia

questão de voltar, fazendo verdadeiras encenações dramáticas para convencer a direção a lhe aceitar de volta, objetivo que sempre alcançava. Neste aspecto, meu irmão se parecia então com Holden; indisciplinado, dado a confusões, mas surpreendentemente rápido e perspicaz ao assimilar e reproduzir conteúdos.

Não percebo o jovem Holden como um revoltado sem propósito, embora tenha sido expulso de outros colégios, antes do Pensionato, pois vivia sob um regime de vigilância e regras rígidas. Percebo-o como um adolescente amedrontado e angustiado diante das inquietações que nos identificam e nos diferenciam quando adolescemos.

Mesmo o romance tendo sido contextualizado na sociedade norte-americana do pós 2ª Guerra, retrata não apenas os problemas específicos daquele contexto, mas traz muito de universal partilhado entre os seres humanos em transição, na adolescência, um dos períodos mais penosos e difíceis da vida.

Identificações singulares à parte, esta obra literária, como já referi, tem sido alvo de polêmicas e tematizações sobre seu valor ao retratar o mundo adolescente, cujas nuances problematizo na pesquisa.

Desde há muito, sempre suspeitei algo que fui descobrir com o trilhar da vida, das leituras e, mais recentemente, com a descoberta dos caminhos adormecidos em mim nos estudos do Imaginário: a literatura passa por muitas histórias de vida. Desde o autor que as inventa, ficciona, através de sua própria experiência no mundo e dos leitores que ao lerem se identificam, experimentam e vivem as mais remotas emoções e adolescências, ou seja, os processos de amadurecimento, que se multiplicam durante a vida.

Ressalto, em meu processo particular, alguns autores, entre os quais alguns li avidamente, como Érico Veríssimo, Jorge Amado, Gabriel Garcia Marques, João Cabral de Mello Neto, Marguerite Duras. Outros dos quais li algumas preciosidades, como Clarice Lispector, Fernando Pessoa, José Saramago, cujos títulos e fragmentos que restaram em mim também fazem parte da gênese e do fluxo deste texto. ***Mesmo prometendo que não ia voltar a falar de mim, assim desta forma meio imbecil, mas não aguento e vou contar uma coisa que até já contei. Esses autores aí são daqueles que a gente tem vontade de ficar amiga, prá telefonar e bater papo de vez em quando. Fico pensando como eles escreveram essas coisas geniais, mas eu não poderia fazer isso, esta é a verdade. Fico maluca só de imaginar isso, daí tenho que falar...***

Assim, se cruzam os caminhos do jovem Holden com minhas vivências quando adolescente e certamente como milhares de outros jovens anônimos. Daí porque fui impelida a fazer esta pesquisa... Dos incontáveis que vivem a angústia, o conflito, as paixões e os prazeres em sua relação com a escola, a família e o vasto mundo, o qual se suspeita existir para além de um único corpo e lugar. E todo o universo imaginário, porque real, e real porque imaginário, no qual vivemos e constituímos a matéria viva de nossa ficção real.

Com a certeza provisória do afeto e de seu contraponto serem parte inexorável e constituinte do fazer humano, proponho-me a uma tarefa pretensiosa e talvez inalcançável de apanhar, além do centeio, nestes campos do Imaginário, tal como Holden, que desejava salvar as crianças do abismo existente além do campo de centeio.

A pesquisa impregna-se dos processos formadores, os quais provêm da ordem das vivências, e por isto são possuidores de potência para contribuir na compreensão das tramas de vida. Há na pesquisa um universo simbólico potente para o resgate da dimensão desejante e desejada da escola na (auto)formação; sobretudo ao referenciar e entretecer estes processos (auto)formativos com os do protagonista[5] do livro.

Neste entrelaçamento, contribuindo para instaurar...

> [...] um espírito científico por dentro de processos existenciais, nos quais se abre um espaço de reflexão, no sentido de que o leitor possa **pensar**-*se enquanto aprendiz de si-formando/formador*... o resgate da trajetória da própria aprendizagem, dos saberes pessoais temporais e atemporais, cujo intuito seja a ressignificação do pessoal no profissional (PERES, 2005, p. 39).

Digo desta dimensão da potência, da possibilidade, do devaneio que fecunda, estimula e extrai de textos e hipertextos; a partir desta obra literária, pela imagem que evoca e entretece as teias de nossa trama de vida, pela “metáfora viva” presente nas imagens criadas pela literatura de que nos fala Araújo (2010), citando Paul Ricoeur

> É pois importante estar atento às “metáforas vivas” [...] que configuram o imaginário social e mítico, pois são elas que lhe conferem um poder figurativo da imaginação que excede os limites do mundo sensível. Pelas

[5] Protagonista e não personagem porque possuidor de voz própria, pois ele narra a sua história.

> "metáforas vivas" o imaginário abre-se ao poder do simbólico (poético, cósmico e onírico) onde o sentido figurado original activa pensamentos abertos e complexos, que só a racionalização *a posteriori* restitui ao sentido unívoco. [...] Por outras palavras, o imaginário é inseparável da imaginação com as suas obras, psíquicas ou materializadas, que servem para que cada consciência construa o sentido da sua vida [...] (ARAÚJO, 2010, p. 683).

No interior da busca acadêmica, penso ser fundamental revigorar o saber científico, descobrir o poder dos fundamentos, dos conceitos e dos pressupostos transmitidos pelo Imaginário quanto ao estudo e à pesquisa. Ressalto esta necessidade especialmente na área da Educação, como uma dimensão muitas vezes empobrecida, árida.

Este amálgama que compõe a vida escolar e o processo formador dos indivíduos encontra ressonância para além do mundo dos dados, do conhecimento formal, no qual a transmissão de conteúdos se sobrepõe às necessidades e aos desejos de cada indivíduo no encontro consigo mesmo. Trabalhar estes elementos não revelados quantitativamente, ou dentro de uma lógica redutora, na qual o indivíduo deseje passar de instrumento de uma engrenagem a ator e narrador de sua própria vida.

A construção da nova escola, capaz de se tornar o emulador da potência do saber que há em cada um, e no contexto no qual nos inserimos, deve ser aquela que incorpore os conteúdos internos, as sombras e as luzes, o provisório, o mutante. Uma escola com condições de se manter diante do não visível e de não sucumbir diante do desconhecido, como algo não apreensível, sem domínio absoluto, que sobrevive na esfera apenas do sensível, do sentido. Assumindo este desconhecido, como parte dos *entre-saberes*, como nos fala Peres, a partir de Gilbert Durand (2005), como um novo olhar, um novo lugar para as pesquisas e os/as pesquisantes. Essa potência do sensível de que fala Gaston Bachelard na obra "A chama de uma Vela" nunca estará presente nos diagramas frios, se subsumido nos conteúdos destes *saberes* não estiver um ser poético, capaz de emprestar um sentido, um poder simbólico ao ato de conhecer.

A dimensão poética e metafórica pode fazer-se presente em todo e qualquer conteúdo, por mais embrutecido que se pareça, desde que desenvolvamos esta dimensão não palpável, mas traduzível, das vivências e das experiências humanas. Trazer à tona estes conteúdos não revelados e potentes do fazer-se humano; fazer este trajeto antropológico do ser apreendente como um ser simbólico, como um

devir, e nunca posto e acabado, é o desafio proposto nos **estudos do Imaginário e da Educação.**

O trabalho eminentemente qualitativo, enfocando aspectos da subjetividade a partir de um romance de formação torna-se arriscado. O risco é o de tornar-se uma análise linguística, semântica, de estilo literário ou mesmo transformar-se numa catarse dos processos internos e individuais. Como pressuposto, é preciso ressalvar, então, que se trata de uma pesquisa sobre formação e (auto)formação impregnada pelos estudos do Imaginário. Por isso, o enfoque será nas impressões sobre a leitura do livro e na potência desta expressão da ordem do que Durand (1988) denominou o "conhecimento indireto", como produtor de significado, constituinte e constituído por Imaginários.

Conforme Machado da Silva (2006, p.12), o Imaginário como "reservatório/motor" constitui e institui o presente através de experimentações, versões de lembranças, imagens criadas, significados individuais e coletivos. Assim, transitando nesta linha tênue entre a vida inventada e a vida vivida, as quais são uma só, possamos contribuir para a reapropriação do sensível no ato de (auto)formar-se.

Trazendo o Imaginário como "fonte racional e não-racional", percebe-se que antes e ao repassar conteúdos para contribuir e influir concretamente no aprendizado dos indivíduos é necessário os sensibilizarmos. Tocar e deixar-se tocar por uma dimensão não apreensível através de códigos e sistemas, a qual habita a matéria dos sonhos, do devaneio, pode ser algo capaz de mudar o curso de uma vida. Todo o ser humano é um ser simbólico e em cada um habita um mundo ávido de ser tocado, potencializado.

O nosso tempo *khronos,* cronológico, é sempre limitado por uma métrica e é inexorável o passar dos dias, estando em oposição ao tempo *kairós,* da memória e do devaneio. Nesse sentido, nunca o ser humano poderá reproduzir e produzir todo o saber necessário a cada indivíduo, no âmbito da educação formal. Sendo no tempo *kairós* (o tempo interno, indefinido) que engendramos nossos saberes e neste tempo atemporal reside a potência do devaneio, da poética da noite.

Na perspectiva dos saberes para além dos métodos pedagógicos e dos conteúdos programáticos serem constituídos pelos *saberes pessoais* (Peres, 2005) dos aprendentes e dos ensinantes. Talvez trabalhar esta poética do dia e da noite, destas dimensões presentes e não presentes no ensino e na aprendizagem seja um

modo de reconciliar a Educação com sua dimensão humana, demasiado humana. Segundo Machado da Silva (2006):

> Michel Maffesoli trouxe a palavra imaginário para um campo semântico mais compatível com os múltiplos sentidos atribuídos agora ao termo. O imaginário é uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e estilos de vida. (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 10)

A partir deste reservatório e caudal, onde residem mistérios e a correspondência entre perguntas e respostas, retorno à questão de pesquisa: **Que imagens, símbolos e representações emergem da obra literária "O Apanhador no Campo de Centeio" para a (auto)formação?**

Na história contada por Salinger, como cenário identificam-se convergências e ressonâncias potentes. Sobretudo, para compor e ajudar a compreender algo mais sobre o universo da vida e suas contexturas, no qual a escola está inserida e sendo constituída essencialmente de humanos em formação.

Inobstante a existência de uma obra em especial, nesta análise, não temos a pretensão de explicar, pois isto pressuporia tirar as dobras, e não é este o objetivo de uma pesquisa que se pretenda viva e processual. Desejamos problematizar as respostas, mesmo a ausência delas, e não simplesmente corresponder às questões. Aceitar a intimação das perguntas e das respostas não é correspondê-las, mas viver o fenômeno da existência, a busca incessante do ato de viver e de pesquisar.

1.2 Uma pesquisa fundamentada nos conceitos do Imaginário com imbricações (auto)biográficas...

O ser de múltiplas dimensões, a partir de Josso (2009), está presente em todos os momentos da pesquisa. Algumas vezes me singularizo utilizando a conjugação na primeira pessoa e em outras nos pluralizamos metaforicamente pela presença dos outros em nós. A exemplo de "museu de tudo e depois", fazendo uma paráfrase do título da obra de João Cabral de Melo Neto para designar estas dimensões atemporais e múltiplas que nos fazem ser quem somos e não somos.

Este imaginário singular-plural, amálgama das teceduras entre o vivido e a pesquisa, nos remete ao escrito de Peres (2009) quando diz:

> [...] Neste trânsito de garimpos significativos, com pesquisadora e pesquisadores, o ser humano necessita não somente de um discurso sobre o outro, mas de provocar o futuro com vista a projetos de si[...]o objeto do conhecer e os sujeitos pesquisados estão implicados com vistas à construção de uma ciência que se faz no exercício da busca contínua para compreender a si e o mundo[...] (PERES, 2009, p. 115-116).

As reverberações da obra, “O Apanhador no Campo de Centeio, em mim, muito provavelmente não são únicas e intransferíveis, embora singulares. Este fio invisível à olhos nus, evocado por conteúdos da ordem do simbólico, também me prende à realidade e a torna suportável. A imaginação me transporta pelos caminhos das ressignificações e apropriações que estão para além e aquém do real. Atravesso o palpável e imediato e a partir desta “matéria fluída e sutil” (Peres, op.cit), a qual constitui o imaginário, penso a vida, elaboro os fazeres acadêmicos e vivenciais.

Talvez para uma pesquisadora de alma mais delineada, porque amadurecida, calejada pelas vicissitudes da experiência acadêmica e seus fazeres, a construção de uma metodologia de pesquisa esteja desde sempre subsumida no ato de pesquisar. Contudo, como uma aprendiz e ensaiante que estou sendo, esta definição se constitui no meu maior desafio e talvez ao final dos parágrafos conclua que não posso fazer uma escolha, mas escolhas. Não posso usar a metodologia, no singular, mas metodologias, no plural. Vários caminhos e andares que se cruzam, se bifurcam e conduzem para o leito do rio da dissertação

Posso trilhar caminhos e tentar levar o leitor comigo de mãos dadas e em alguns momentos amarradas, porém talvez a maior contribuição a oferecer advenha de algumas definições sobre o imaginário:

> [...] O imaginário não é um mero álbum de fotografias mentais nem um museu da memória individual ou social. Tampouco restringe-se ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo. O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente. Gaston Bachelard transformou o termo imaginário numa grande metáfora do encontro entre a natureza e o homem (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 9-10).

Então impregnada e parte desta aura não posso separar-me do objeto pesquisado e realizar a pesquisa sem um profundo envolvimento com o livro “O Apanhador no Campo de Centeio” que está em mim. Por outro lado como instaurar

este movimento, sem impor o poder da minha ideia sobre a obra e sua importância e estabelecer um diálogo fecundo capaz de justificar a existência desta pesquisa.

Em que pese trazer como norte tais pressupostos, ainda assim não me senti e talvez nunca me sinta apropriada de todas as ferramentas necessárias para realizar o trabalho e percebo a necessidade de tecer considerações sobre como imaginário e ciência se imbricam, se entretecem e são em si um só corpo.

O imaginário como “entre-saber”, ou ainda [...] “uma espécie de poesia da vida, que se não mede como somos, permite-nos compreender um pouco melhor porque agimos de uma maneira e não de outra” (MACHADO DA SILVA in PERES (org), 2004, p.38). Aqui falo de ciência e imaginário como forma de interpretação e constituintes do próprio objeto de pesquisa. O imaginário como atmosfera que envolve; amálgama de todas as esferas: a científica, a simbólica, a vida contada, a vida vivida. E a pesquisa como construção de um saber revigorado, partilhado.

Para aproximar ou somente trazer algumas clareiras nestes territórios busquei Thomaz Kuhn, no posfácio de 1969 de sua obra “A Estrutura das Revoluções científicas”, quando fala dos paradigmas, como se constituem, se rompem, se revigoram, se transformam dando vida aos avanços científicos e instaurando novas formas de perceber e problematizar o mundo a partir da ciência.

O autor coloca-nos no pósfácio, o termo paradigma de um lado indicando toda a constelação de crenças, valores e técnicas partilhadas por uma determinada comunidade, no caso do texto, a comunidade científica, aquela que partilha de um paradigma. De outra parte define-o como um tipo de elemento deste universo, os quais utilizados como exemplos ou modelos na solução de quebra-cabeças podem substituir regras básicas para a solução dos demais quebra-cabeças da ciência normal.

E segue o autor falando da necessidade e importância das teorias científicas, e sugere ampliar o sentido de teoria com a utilização de “matriz disciplinar”, ou seja, disciplinar porque relativa a praticantes de uma mesma disciplina, e “matriz” porque é composta de elementos de várias espécies. Todos os objetos do compromisso grupal que o texto original designa como paradigmas, partes de um paradigma, constituem essa matriz disciplinar e como tais formam um todo funcionando em conjunto. Kuhn define-os como “generalizações simbólicas” os componentes formais ou formalizáveis de uma matriz disciplinar. Embora a ciência instituida possa avançar com algumas “generalizações simbólicas” apenas, em geral, o poder de uma ciência

aumenta com um maior número de generalizações simbólicas a dispor dos seus participantes. E continua Kunh dizendo que as revoluções científicas não dependem da existência de crises como pré-requisito, mas precisam apenas ser um anúncio quotidiano assegurando que a ciência não permanecerá sem desafio.

Este desafio de que nos fala Khun em minha percepção deve se estender a todas as esferas da pesquisa científica, atingindo todas as comunidades científicas, no sentido de que nos fala o autor. Quanto maiores as “generalizações simbólicas” e seus compartilhamentos parece-nos que mais potente será a ciência como produtora de saber em movimento. E neste contexto e objetivo se inserem, em meu entendimento, as pesquisas através dos conceitos do imaginário, especialmente por estar impregnado destes conteúdos simbólicos a serem visibilizados nestes estudos

Buscando esta conexão, tessitura entre rigor científico e conteúdos de fonte não racional, desejo, vontade, estaremos talvez criando uma aura mais abrangente da própria ciência. Definir, mesmo que provisoriamente a questão de pesquisa, o objetivo do trabalho, uma justificativa para sua existência parecem tarefas prévias, simples de executar. Mas a complexidade da matéria com a qual me proponho a trabalhar, ou seja, da ordem do percebido, do sentido, do vivido e experimentado, podem tornar-se uma armadilha. Tentando escapar desta armadilha e ao mesmo tempo me deixando capturar pelo objeto estudo preciso reeditar a pergunta e esgotá-la, revigorá-la, estendê-la e assim sucessivamente. Reeditando e revigorando a questão de pesquisa, sujeita a infindáveis possibilidades de leitura, embora se imponham escolhas.

E neste jogo de ponto e contraponto trago a fenomenologia do imaginário, enquanto projeto de uma hermenêutica possível da pesquisa em educação. Então como aproximar a fenomenologia de nos fala Khun aplicada à ciência e seus paradigmas e a pesquisa ancorada nos estudos do imaginário? Arrisco dizer que através da aproximação entre as “generalizações simbólicas”, necessárias a uma ciência viva, e o imaginário como “hermenêutica instauradora" (Durand,1988), cujo aporte amplifica os sentidos da interpretação, e os faz reverberar em todas as esferas da vida pela sua potência simbólica.

Escolhi fundamentar brevemente esta imbricação entre fenomenologia e imaginário na origem desta última como “auto-reflexão radical”, proposta por Hurssel e nas interpretações de Merleu Ponty e Paul Ricoeur, conforme preconiza Von

Zuben, no capítulo VII de A Fenomenologia em “Questão: Desafios de um projeto, em Paradigmas filosóficos da atualidade”, de 1989.

Segundo Von Zuben, Merlau Ponty criticou, na ciência, o objetivismo, o esquecimento do sujeito reflexivo. Convencido da convergência entre os dois discursos, cria ser possível a reconciliação entre ambos. Para o autor [Merlau Ponty], a ciência tende a abandonar seu objetivismo, e, com isso aproximar-se da filosofia. (VON ZUBEN, 1989). De outro lado, disse Von Zuben, que Paul Ricoeur conduzia-nos à hermenêutica como instância onde o sujeito se transcende sem se perder como sujeito. A hermenêutica, para ele, seria o ato subjetivo por excelência de realização do sujeito, no qual ele se compreende em contato com o sentido que ele próprio não criou [...]. Assim, toda a hermenêutica como interpretação visaria superar a distância que se interpõe entre o texto, o outro, o passado e o próprio intérprete. O que se perseguiria, “através da compreensão do outro, é a ampliação da compreensão de si mesmo” (VON ZUBEN, 1989).

Destas premissas vislumbro uma *hermenêutica instauradora* (DURAND, 1988) de sentidos a partir do outro e de si mesmo e para si mesmo e para o outro. Neste movimento o ser humano constitui-se. No âmbito deste trabalho não utilizei a definição sujeito, como os autores acima citados, mas me refiro à ser apreendente, pesquisante, protagonista, interlocutor.

Então percebo haver um empoderamento e a ampliação dessas “coisas do imaginário” como “bacia semântica”(MACHADO DA SILVA,2003), ou seja, o lugar onde se misturam e se transformam num único rio, os sentidos outros do mundo e mundo dos meus próprios sentidos, pois falamos de um lugar avesso a reduções. Ao nos apropriarmos dos conceitos do imaginário compartilhamos da premissa da ciência não poder se render ao objetivismo, e de ser a hermenêutica uma atitude inexorável para a partir da compreensão do outro ampliarmos a compreensão de si mesmo.

Neste fluxo penso e reflito a partir das palavras de Kurek (2009) sobre as incompreensões dessas “coisas do imaginário”... Ainda nestes tempos de advento das mais diversas e complexas tecnologias e abordagens sobre a vida na terra somos vítimas de uma racionalidade que ignora a existência do imponderável.

Diria da existência de um modo grávido e ávido de sentidos outros, os quais mesmo inalcançáveis em sua completude porque em constante devir, movimento, devem permear nossos saberes. E Kurek (2009) lança-nos mais iluminações e argumentos

para nossa metodologia estar baseada não numa desrazão, mas numa razão outra quando nos diz sobre razão e racionalidade. E assim argumenta:

> Com o termo “imaginário”... noto que, muitas vezes, utiliza-se essa palavra para designar uma série de elementos que estão fora de dimensões reais, coisas que são de um ordem transcendente, aspectos espirituais inalcançáveis e, principalmente, o “mundo da imaginação” [...]. O termo imaginário passa, então, a ser utilizado inadequadamente pra designar algo simetricamente oposto do real [...], nossa tradição condicionou o real à razão. Ou seja, aquilo que é real estaria fundamentado na razão, pois nos referimos à razão como elemento que fundamenta a ciência positiva. O equívoco, penso eu, é que não estamos exatamente querendo nos referir à razão, e sim a uma racionalidade específica [...]. Essa racionalidade está na base dos construtos sobre o que se entende por real. A razão, diferentemente, é parte da vida humana, tanto quanto à imaginação. Elas não são opostas; são complementares. Nos estudos que têm como base as teorias do imaginário, em que se interligam disciplinas como a psicologia e a antropologia, por exemplo, aí também existe uma racionalidade (KUREK, 2009, p. 34).

Sentindo-me um pouco mais liberta de uma possível incomunicabilidade pela (des)razão, consigo adentrar mais leve nos meandros da pesquisa e ao mesmo tempo autorizada a produzir um sentido para a existência e propósito para minha escrita. E transpassada por todas estas leituras e reflexões me socorro no dizer do poeta João Cabral de Mello Neto em “Museu de Tudo e Depois”: “Dançar flamenco é cada vez, e sempre um faz, nunca um fez”. Assim cada vez que escrevo e reescrevo, é cada vez, nunca um passado, nunca um futuro, sempre diferente, sempre cada vez, sempre um faz. E neste fazer, tempo infinito, sem conjugação vou ao próximo capítulo onde anuncio...Não saberia dizer exatamente o que tenho a anunciar, mas há algo gestando-se como as criaturas da pesquisa em mim.

Ainda que desconheça muitas faces destas criaturas, ao realizar uma pesquisa em educação, sobretudo com viés na (auto)formação, e utilizando-me de uma obra literária classificada como um “**romance de formação”** me remeto ao texto de Araújo (2010), no qual problematiza sobre a necessidade de uma pedagogia do imaginário dever perturbar a razão por intermédio da “hormonas da imaginação” (p. 686). Para isso o autor cita Bachelard trazendo a ideia das “reservas de entusiasmo”, como uma espécie de “ascensão feliz” rumo à viagem onírica, mítica, sem prescindir de “pensar os pensamentos”.

Envolta numa atmosfera de busca, reflexão, questionamento, a obra literária me escolheu, pois dentre várias leituras, “O Apanhador no Campo de Centeio”, se impôs a mim com suas indagações do ser adolescente. Este ser que nos habita, o

da transição, do medo do desconhecido, de abandonar a ingenuidade da infância e assumir a transformação.

Digo sobre o grito que nos desperta para o mundo, o mergulho no abismo para o crescimento... E passo então ao desafio de “pensar os pensamentos”, dos gritos que não se calam, mas não são mais como uivos, num coro indizível. Sons que podem compor uma canção, com métrica, compasso, partitura e principalmente sentido, significado, florescendo outras possibilidades de percepção.

No ato de estar vivo, sob um mundo sem sentido, num ato de resistência,vamos inventando, criando a partir de narrativas. E neste ato teço a pesquisa sobre as imagens, representações e símbolos presentes na obra “O Apanhador no Campo de Centeio” como possibilidade para reapropriação dos sentidos para a (auto) formação humana.

Nesta tessitura passo a me utilizar de algumas definições e conceitos problematizados por Araújo (2010). Ressalta o autor sobre a necessidade de distinguir de um lado o modo como as figuras do imaginário educacional, ou seja, como a metáfora, alegoria, símbolo, os ideologemas e traços míticos se substanciam nos textos da “tradição educativa ocidental” e nas “práticas pedagógicas” e de outro lado como tais figuras se dão na (auto) formação. Esta última entendida como aquele ato pelo qual cada ser esculpe a escultura que traz dentro de si, de forma a tornar-se aquilo que se torna. O autor definindo o símbolo como:

> [...] uma espécie de signo complexo que, independentemente do seu suporte, reenvia para a presença de outra coisa que permanece invisível, daí que o símbolo encerre em si outra realidade que por sua vez, pode estar a reenviar para uma outra e assim sucessivamente [...]. Acrescenta ainda a importância educativa do símbolo por tratar-se algo para além da ordem do conceito, mas do sentimento (ARAÚJO, 2010, p.690).

Assim provocando emoções e sentimentos, muitas vezes inexplicáveis, suspeito que as reações provocadas pela obra, objeto desta pesquisa, são de um potente símbolo, e sujeito a interpretações diversas. O assassino de John Lennon atribuiu às provocações da obra seu ato insano, cuja ação foi responsável pela maldição que alguns atribuem ao livro. Contudo, em mim a obra suscitou a elaboração a nível emocional e racional às significações da infância e adolescência para minha (auto) formação.

Podemos dizer que “O Apanhador no Campo de Centeio”, seguindo a abordagem de estudos de Araújo (2010) é uma alegoria, como forma não literal de expressar o desejo de J.D. Salinger (autor da obra literária) de apanhar as crianças na beira do abismo, para preservar-lhes à inocência, mantê-las à salvo da crueza do mundo.

Diria que é preciso termos ao menos a intenção de manter preservada em certa media a pureza e infância dentro de nós. Embora saiba da inexorabilidade da dor para o crescimento, e da infância não ser apenas idílica, nem imaculada. É imprescindível defender e cultivar este ser criança. E desta faceta da intriga que possui a alegoria do apanhador, advém sua importância para o imaginário educacional e, por conseguinte desta pesquisa.

Trabalhei brevemente, também, com o conceito apontado por Araújo (op.cit, p.692) de “ideologema”, como um importante auxiliar. Isso porque o ideologema, para o autor opera, como um tipo de condutor que segundo ele, parte do “sentido histórico” (literal próprio), situado no lugar da razão, rumo ao “nível fundador” (a camada mais interna do social e antropológico), passando pelo “nível actancial” (o eu social externo), a fim de recolher os “traços míticos” através das diferentes representações, alegóricas, metafóricas e analógicas, sempre realizando o caminho inverso, ou seja, a volta e assim sucessivamente. Há então na obra literária, no caso deste estudo, “O Apanhador no Campo de Centeio”, podemos concluir provisoriamente, uma espécie de alquimia, processamento, no qual, mediante as metáforas e as alegorias, o sentido literal das imagens se transforma em substância fluída com sentido simbólico. Este sentido simbólico, por sua vez, é que provoca, detona um processo de (auto) formação no ser humano.

Assim pareceu-me bastante adequado trabalhar a obra em si, objeto deste estudo, como um potente “ideologema”, pela sua natureza polêmica, enraizada num contexto histórico, mas, sobretudo, pelo seu atravessamento dos séculos XX ao XXI como um importante **romance de formação** (uma *Bildungsroman)*. Uma obra possuidora de uma riqueza utópica, metafórica e mítica potente para a reapropriação dos sentidos da vida e da (auto) formação, sobretudo para na pesquisa em educação.

Desta forma a força do livro também reside no “ideologema”, como mapa ideológico e metafórico de um herói capaz de habitar cada indivíduo e transportá-lo ou simplesmente alimentar a esperança imprescindível, através da (auto)formação,

do encontro com um mundo melhor para viver, sem estas *cretinices* e *hipocrisias* com diria Holden, protagonista do Apanhador.

Além da importância e riqueza de situar a obra como um grande ideologema da sociedade da metade do século XX ultrapassando-o. Sendo “O Apanhador no Campo de Centeio”, como título uma bela síntese e metáfora. O herói que fica a beira do abismo a apanhar as crianças que atravessam o campo de centeio, o qual oferece perigos e revelações, como a vida o faz, e que levam a perda da inocência infantil conduzindo ao abismo no fim deste caminho.

Interessa preservar ou mesmo dar uma ênfase especial na análise, às imagens, aos “símbolos e às representações” presentes na obra a partir de algumas leituras bastante fundamentais nos estudos do imaginário realizados pelo grupo de pesquisa (GEPIEM). Assim trabalho no texto na perspectiva do imaginário como uma teia de sentidos, uma “malha simbólica”, “nó e conexão do tecido imaginal”, “grande metáfora do encontro entre a natureza e o homem” (MACHADO DA SILVA, 2006, p.11).

Também ilustrando o que inevitavelmente não ficará totalmente decifrado e ao mesmo tempo estimula as mais diversas leituras cito Bachelard (1989)

> Com que facilidade o sonhador do mundo passa de sua pequenina luz à grandes luminárias do céu! Quando somos apanhados, em nossas leituras, por tais ampliações, podemos nos entusiasmar. Mas não podemos mais sistematizar nossos entusiasmos. Em todas as investigações só conservaremos jatos de imagem. Quando a imagem particular assume um valor cósmico, produz o efeito de um pensamento vertiginoso. Uma tal imagem-pensamento, uma tal pensamento-imagem não tem necessidade de contexto. A chama vista por um vidente é uma realidade fantasmagórica que pede uma declaração da palavra (BACHELARD, 1989, p. 28).

Mais uma vez ressalto a necessidade do devaneio e de não decifrar o todo, como se a incompletude, a intangibilidade fosse parte do segredo da vida, de permanecer vivo. Como se cair no abismo e estar disposto à vertigem fosse paradoxalmente uma necessidade de sobrevivência humana. Tal como o caminho através de um belo campo semeado pode conduzir ao abismo, a escrita da vida e a vida da escrita se entretecem. Semeando, caminhando, vou em busca das imagens perfeitas, embora inacabadas, dos desejos de permanência e eternidade.

Ao longo desta escrita utilizo os conceitos do imaginário como fundamento teórico da pesquisa. Fazendo as teceduras entre os estudos do imaginário, histórias

de vida e *Bildungsroman* como potencializadores na (auto)formação. Destaco as "metáforas vivas" mais pregnantes do livro para a reapropriação dos sentidos da vida, particularmente quanto aos processos formadores do humano.

1.3 "O Apanhador no Campo de Centeio" e a metodologia de análise

A seguir garimpo em "O Apanhador no Campo de Centeio" elementos e símbolos como intimação para a (auto) formação. Procuro delinear a obra estudada como um ideologema em sua potência e tecendo relações e análises dos núcleos mais pregnantes do livro, em minha análise, como respostas provisórias sobre o conteúdo e importância da obra a partir da pergunta detonadora: **Que imagens, símbolos e representações emergem da obra literária para a (auto)formação humana?** Aglutinando-os no que vamos denominar como "mitemas" de acordo com a definição de (PERES, 1999, p. 28-29), enquanto "mitos individuais" originados de uma crítica, análise dos mitos mais pregnantes da obra literária em estudo.

Ainda sobre a obra como um potente ideologema a definimos, como tal, por se tratar de uma construção literária repleta de conteúdos simbólicos definidores e porque não dizer emblemáticos de uma fase fundamental da vida dos indivíduos, a adolescência. A obra literária é contextualizada em momento histórico também de transição, de construção de novos valores como foi a metade do século XX, enquanto precursora de diversos movimentos culturais de uma sociedade em transformação, tais como o movimento "beatnik e rock'n roll" que mais tarde se tornou o "hippie".

Para além da ideologia, conforme (Machado da Silva, 2008) o imaginário é mais amplo e mais definidor ao mesmo tempo. Neste sentido também o "ideologema", em meu entendimento, é mais amplo que ideologia, e se identifica como conceito do imaginário por fazer este trânsito entre as pulsões individuais e as coletivas, por ser potencialmente reprodutor e produtor de uma realidade e um contexto imbricado e intimamente influcienciado por suas múltiplas representações.

A obra literária é, por assim dizer, imaginário por excelência. Ficção que impregna a realidade, é perpassada por esta inapelavelmente e também a constitui. Nasce desta pulsão, de "[...] uma força social de ordem espiritual, uma construção mental que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável [...] uma aura em constante mutação" (MACHADO DA SILVA, 2008). Destas conexões ilimitadas,

paradoxalmente limitadas na pesquisa, extrai a análise de “O Apanhador no Campo de Centeio”. Contudo o advento e a anunciação deste trabalho deu-se não sem antes tomar contato com a infância não idílica e atemporal que está em mim, amalgamada, imbricada com os sentimentos, sensações desde a adolescência a adultez invocadas pela leitura do livro e o ingresso nos estudos do imaginário.

II. NAS INTERMITÊNCIAS DA NOITE

> Não, nem a pergunta eu soubera fazer. No entanto, a resposta se impunha a mim desde que eu nascera. Fora por causa da resposta contínua que eu, em caminho inverso, fora obrigada a buscar a que pergunta ela correspondia.
>
> Clarice Lispector

Em meu entendimento, a epígrafe deste ponto não poderia ser outra, pois, durante a vida de todos nós, respostas se impõem desde o nascimento. O nascer para o mundo, o vir à luz desde as entranhas que nos gestaram e pariram. O despertar, o desassossego do mundo interno/externo a nos assaltar, contendo as respostas que se impõem a nós, mesmo se escolhemos não percebê-las. A percepção é o ato da descoberta, sem a qual, mesmo se impondo para nós, a resposta não existe e não possui sentido. Com efeito, as perguntas e respostas estão lá a nos rondar. São como luzes e sua claridade excessiva pode nos cegar e são sombras, ao mesmo tempo escondem e revelam, são móveis e diáfanas.

Estas perguntas e respostas sempre reeditadas permeiam nossa realidade, porque constituídas e constituintes do “Imaginário”, sem o qual a realidade nada mais é do que uma palavra oca e vazia. Ao movimento de estar vivo é inexorável que desejemos corresponder às perguntas e num movimento contínuo criemos novas respostas e novas perguntas.

Assim, intimação, como palavra constituinte do título desta dissertação, enquanto ato de intimar ou ser intimado, notificado, conscientizado de algo, me é especialmente cara pelas significações descritas nos parágrafos seguintes, qual sejam: algo que nos é despertado, impulsionado, trazido à luz, à consciência. São vicissitudes, acontecimentos, sentimentos, todos partes de um contexto, os quais, ainda que intimados sobre sua existência, escolhemos ignorar e viver sobre suas

sombras ou perseguir a correspondência entre perguntas e respostas, mesmo que provisórias e sempre incompletas.

Intimação sobre a obra literária é, portanto, aquilo que a obra provocou em mim e potencialmente provoca na (auto) formação humana, como seres em constantes teceduras e refazimentos. Seres imaginantes, pertencentes, engendrados e engendrantes do Imaginário. E, ao invocar o Imaginário como **substância de vida**, cito as palavras de Peres (2009) quando diz que...

> A imaginação é no psiquismo humano a própria experiência da abertura e da novidade, e o imaginário expressa-se pela via das representações que ultrapassam o intelectual. Nesse sentido, reforça-se a idéia do imaginário como matéria sutil e fluida, uma vez que o conteúdo não é visível nem tampouco fixo (PERES, 2009, p.107).

Na perspectiva deste texto, as respostas e as perguntas constituem este "Imaginário", o qual comporta **tudo**, e o seu contrário, ou seja, **nada**. O nada, não como vazio ou falta de sentido, apenas pausa, interstício, suspensão. A partir da inexistência de uma resposta acabada e definitiva, do inexorável, do inatingível, cuja intangibilidade pode levar à paralisação e à perplexidade e ao mesmo tempo ao fluxo constante e intermitente do viver humano em todas as suas indagações.

Tendo em foco a pesquisa sempre como movimento, busca e não submissão ao encontro definitivo e **depois** porque partindo e chegando a um tempo antes e após o percurso, sem estancá-lo, um tempo alhures, além, indeterminado, como os são os caminhos que a pesquisa toma neste fluir.

A ideia do **tudo** e do **nada** é apavorante e maravilhosa, como a busca do saber. Chegar a este ponto como a personagem de Clarice Lispector (1964) em "Paixão Segundo G.H.", ao se confundir com a imagem pintada e escondida sobre a parede, como um ato capaz de acordar os diversos seres que nos habitam. Seres que uma vez acordados nunca mais se calam e, talvez, constituam o maior ônus e o prazer do ato de pesquisar. Sobretudo o ato de pesquisar, pesquisando-nos, colocando-nos conectados e imersos na pesquisa com toda incompletude e inteireza possível de nosso ser humano. Conectados com as dimensões das quais nos falou Marie-Christine Josso

> [...] a primeira dimensão do ser humano é a primeira dimensão a ser estudada, que seja o sujeito de pesquisa, quer seja o sujeito pesquisado... São elas: SER de conhecimento; SER de ação; SER de sensações; SER de

> carne; SER de imaginação; SER afetividade; SER sensível (JOSSO, 2008, p.18).

Que formidável esse negócio que vou contar agora, pelo menos eu acho fabuloso prá valer. Ao pesquisar pesquisando-me, problematizei algumas percepções sobre as dimensões de que nos fala Josso, no texto citado acima, tematizando acerca da importância dos sentidos destes seres que nos habitam. Nesta intenção, compreendo a traduzir-me o que diz Josso (2009).

> O ser de atenção consciente entra em cena [...]. Graças a essa atenção consciente, orientada por nossa intencionalidade e desejos, podemos estar em contato com os impactos dos sentidos sobre o nosso ser de carne e, evidentemente, sobre os efeitos em cadeia que provocam em termos de emoção, imaginação, cognição e ação (JOSSO, 2009, p. 128).

Nesta conexão dos seres que me habitam, percebo que em vários momentos de minha vida existe a predominância de um e de outro **SER** e todas estas fases são únicas e indissociáveis do que me tornei. Ao discorrer sobre tais conteúdos, descubro o que há de singular, único e intransferível em nossos percursos de vida e também as pluralidades a me afetarem. O **tudo** e o **nada** me remetem ao singular-plural[6]. ***É mesmo um troço diferente prá chuchu falar assim alguma coisa e seu contrário junto. De repente começo a desconfiar de que estou ou sempre fui doida.***

2.1 E o tempo me transpassa como linhas e lanças... De uma infância não "idílica"...

Ao tecer este texto introdutório, o faço como mosaico e contexto de minhas "revivescências", constituídas das perguntas e das respostas que se impunham a mim desde que nascera, dentre as quais, algumas foram escolhidas para compor este trabalho.

Parto de um ponto e do meio ou do fim das memórias, pois o tempo a nos conduzir é o tempo das imagens. É aquele a inventar o futuro, a presentificar o passado e a rememorá-lo como se presente fosse, e de fato o é. No Imaginário de meu tempo ancestral e simbólico, sou essa síntese infinita de cada momento único,

[6] Premissa tão cara aos estudos de Josso (2004), ao tratar dos processos que constituem as experiências de vida e formação.

de cada um ser, e de todos os seres apreendentes[7] que me habitam. Dos seres e do tempo de criança, de adolescente, do ingresso na vida adulta, com suas marcas atemporais impressas em mim.

Neste aspecto, trago Peres (2008) para indicar um pouco destes tempos e caminhos pesquisantes a me engendrar, quando escreve sobre o tempo vivido, não passível de mensuração quantitativa:

> [...] Um dos caminhos pode ser o de buscar na criança que fomos o sentido das influências matriciadoras que compuseram o adulto atual. Talvez, porque a criança que sonhamos possa nos devolver o devaneio sobre a criatividade. Temporalidades e presentificações [...] convém afirmar que não estamos trabalhando na perspectiva do tempo métrico da matemática, mas do tempo dos sentidos e das significações. Tempo ***kairós*** ao invés do tempo ***khronos***. Este é o que fundamenta essa infância necessária que queremos preservar (PERES, 2008, p. 121-122). (grifos da autora)

E desta **infância necessária** me reporto às memórias sobre a escola e as estratégias de leitura de minha mãe. Neste ínterim, pontuo as memórias contadas por ela. ***Embora ela pudesse ter um troço se soubesse que estou contando alguma coisa íntima sobre ela. Se bem que atualmente não está mais nem aí prá esses comentários e até acha legal que eu conte essas coisas sobre sua vida. De qualquer modo é um jeito de mantê-la mais viva e depois quer saber do que mais, ela já passou por tantos sofrimentos que iria achar até divertido e depois tem histórias muito engraçadas que ela contava...*** Tentarei reproduzir um pouco de sua narrativa, sua versão. Sua trajetória escolar foi curta, à qual ela sempre atribuiu a responsabilidade por não ter se tornado uma médica. Contarei sobre sua estratégia para ler escondido, diante dos muitos afazeres que lhe eram destinados. Naquele contexto, emergindo alguns dos conteúdos simbólicos que a tornaram uma boa contadora de histórias, sendo a irmã mais velha de uma família de onze filhos.

Conta minha mãe que, ao longo de suas vidas, desde a infância à adultez, ela e os irmãos sempre trabalharam. Os meninos mais velhos auxiliavam na feitura de caixões de defunto e móveis na marcenaria de meu avô. As meninas auxiliavam nas costuras de minha avó e dos afazeres domésticos.

São várias as histórias engraçadas que minha mãe contava daquele tempo. Entre estas histórias há uma de que meus tios eram apaixonados por futebol, mas

[7] Como seres apreendentes que nos habitam, faço um paralelo com os heterônimos de Fernando Pessoa, ou seja, as diversas faces e mesmo personalidades que nos habitam e ao mesmo tempo constituem-nos como um ser único: aquele que absorve, apreende o mundo exterior e expressa nossa singularidade.

para poderem jogar tinham que antes cumprir as tarefas que lhes eram ordenadas. Num daqueles finais de semana haveria um jogo muito importante e um dos moradores do lugarejo estava à beira da morte. Então eles resolveram adiantar o trabalho deixando o caixão pronto para o provável enterro. Contudo, o doente sobreviveu e ficou sabendo do feito de meus tios, o que fazia com que eles se escondessem cada vez que viam o tal homem.

E tem a história do sagu de vinho. Conta minha mãe que meu avô fazia vinho em casa e guardava em pipas de madeira para o consumo. Num belo dia meu avô e minha avó foram passear e deixaram minha mãe cuidando dos pequenos. Então ela resolveu fazer sagu e deixou as bolinhas de molho na água para render. O fato é que ao cozinhar o sagu no vinho, aquilo não parava de crescer. Ela começou cozinhando na menor panela do paneleiro e foi parar na última. Então, para que seus pais não descobrissem sua travessura, ela serviu grandes quantidades de sagu, ainda meio quente, para as crianças comerem. Passaram-se anos em que todos se recusavam a comer sagu, na casa, o que era um mistério para minha avó...

Mais tarde quando os irmãos mais velhos já haviam saído de casa para estudar ou casar, os quatro filhos mais novos sovavam no cilindro a massa e assavam no forno de barro as levas de pães para serem vendidos no mercadinho comandado por minha avó.

Esta história, imergida no “Imaginário” da época, era legitimada pelo costume de que às mulheres estavam reservadas as tarefas de aprenderem as lides domésticas, bem como dos cuidados com a casa e com o filhos. A formação das mulheres tinha como fim principal prepará-las para o casamento, para serem boas mães e esposas. Naqueles tempos, para as mulheres mais velhas da família, sobretudo minha mãe, estava destinado um bom casamento. Para os homens e para os mais jovens dos onze irmãos, havia a valorização do estudo e a ênfase na ida à escola, ainda que lhes preservando as exigências no cumprimento das obrigações e das tarefas atribuídas a cada um. ***Enfim, era uma espécie de papel imposto, sem muita discussão; era assim porque era e pronto.***

Neste parágrafo e nos fragmentos de narrativa, tomo o conceito de “Imaginário” conforme Machado da Silva (2006) propõe em sua obra “Tecnologias do Imaginário” quando nos sugere que:

> [...] o imaginário como sendo [...] uma fonte racional e não-racional de impulsos para a ação, é também uma represa de sentidos, de emoções, de vestígios, de sentimentos, de afetos, de imagens, de símbolos e valores. Pelo imaginário o ser se constrói na cultura. Assim, o imaginário não é a cultura, nem a crença, menos ainda a ideologia. Por meio do imaginário o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece-se a si mesmo (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 14).

E nessa imersão/emersão de sentidos ao me narrar, deparo-me com o outro, minha mãe. Suspeito menos inteligentemente e mais pelos sentimentos a me habitarem, o quanto nós, as mulheres, fomos permeadas, por este mal-estar e conflito no mundo dos homens, do qual nos fala Rosiska Darci de Oliveira em sua obra "Elogio da Diferença – O feminino emergente". Segundo a autora (1994), desta ruptura com a naturalização do papel único da mulher, de mãe e provedora, restou-nos um mal-estar, um **inconformismo**, como um selo do **desejo insaciável** de ser **alguém em si**, e não apenas para outro.

Nós, mulheres, alcançamos autonomia a duras penas, permeadas por uma "ordem esquizofrenizante" (Oliveira, 1994), a qual nos ordena que sejamos sedutoras, femininas, doces, frágeis e ao mesmo tempo fortes, determinadas e insensíveis até. ***Não é à toa que as garotas feias e desajeitadas sofrem um bocado neste mundo imbecil dominado pelas vontades dos homens. É o tipo de coisa cretina e falsa, como se a aparência fosse uma espécie de aptidão para a vida. Fico pensando quanta gente que não tem nada dessa coisa de beleza física pode ser tão fascinante? Mas é! No duro que é! É uma mágica tipo David Cooperfield e tudo. A gente não consegue desgrudar os olhos delas...***

E suspeito, também mais por um sentimento, que talvez por eu ser muito pequeninha, pois com dois anos não haviam sapatos que servissem em meus pés, e por ser a única menininha da casa, minha história e minha vida escolar também foram marcadas por essas expectativas e exigências contraditórias. Transitava, com certa desenvoltura e angústia, entre ser uma boa menina, com comportamentos condizentes com os padrões, e os desejos de meu ser imaginante e inquieto. ***Sabe este negócio da vida ser um jogo e tudo mais, desde cedo ocupamos um maldito lugar, às vezes inôomodo prá burro, e às vezes nem tanto. Desde que me lembro ser gente nunca foi fácil desempenhar os papéis que me davam...***

Nos caminhos que nos cruzam por dentro, percebo minhas veias como um mapa e posso sentir as marcas do tempo na carne e na alma. Encontro as caixas de guardar escritos... Caixas de papel colorido, de madeira, caixas de entrada e pastas

do computador, contendo a memória atemporal. Vou revitalizando aquilo que está no cerne da experiência e o revivesço através das leituras e escritas.

Lembro-me de algumas **peripécias**, e entre elas especialmente as minhas fugas de madrugada. Escapulia da cama muito cedo para ver o sol nascer e comer frutas sob as árvores, no imenso pomar da casa de meus avós; imenso aos meus olhos infantis. Isto se repetiu algumas vezes... Porém, no dia em que resolvi compartilhar meu segredo com meu irmão do meio, para levá-lo comigo na aventura vespertina, fomos pegos em flagrante delito. Então fui levada à igreja para rezar ao anjo da guarda, para estancar o comportamento estranho para uma menina de cinco ou seis anos. Contudo, o que me fez cessar com as fugas matutinas foi somente o medo de que o leiteiro pudesse me roubar na distância que separava nossa casa e a dos meus avós.

A respeito de “peripécias” é muito vivo em minhas lembranças que “peripécias e expectativas” durante muito tempo foram minhas palavras preferidas. As recolhi, como verdadeiros talismãs, de um pequeno texto que decorei para uma declamação nas comemorações do “Centenário da Imigração Italiana” (1972)[8], quando contava com exatos sete anos. Fora mais ou menos nesta época que descobri a magia das palavras.

Quantos universos nos apresentam as palavras e quantos silêncios nos atordoam... Me fascinam a potência dos vocábulos e seus significados. Me movem para outra dimensão os espaços da palavra não dita e do silêncio corrompido. Sinto um imenso prazer, desde que lembro ser eu, na melodia das palavras combinadas numa canção, numa poesia e até numa simples conversa, no ato de contar algo, descrever... *Lembro que desde garotinha me divertia prá chuchu ao contar histórias.*

Talvez a criança que fomos, em carne e tempo, e a criança ancestral que carrego, naquelas pequenas porções de inocência preservada, me remetam às dimensões mais genuínas das motivações e vicissitudes pelas quais me tornei o que sou hoje. Esta criança também é tributária do que ainda me tornarei, num processo constante de busca, de avanços e retrocessos, de recolhimentos e externações. Sinto, penso e, à medida que lembro, é possível revisitar algumas sensações,

[8]No ano de 1972, na cidade onde morava na época, Dom Pedrito, foi comemorado o Centenário da Imigração Italiana e foram realizadas várias atividades comemorativas. Participava, junto com meu irmão do meio, do grupo de dança temático, declamando na festa do colégio e desfilando em carro alegórico na Semana da Pátria.

cheiros, gostos. Sobretudo, presentificam-se as emoções com a vantagem de poder as compreender e valorizar através do que me tornei.

A partir das evocações provocadas pela obra, recompus cenas e momentos fundantes do meu ser. Na visualização das cenas, com recortes atemporais, componho os quadros da memória, num mosaico de lembranças. Embora dispondo os fatos numa certa cronologia, tenho de advertir que esta disposição não está datada, se não pela forma como veio pela escrita. Verteu e ao escrever fui lembrando e ao lembrar fui escrevendo... Sem grande esforço, posso lembrar da claridade dos dias, das palavras, das sensações físicas, dos cheiros, dos sabores e com alegria e alguma dor fui compondo o que passo a descrever.

Sem a intenção de categorizar ou idealizar minha infância, percebo que houve momentos de sofrimento. A ideia de um período suave e terno não é única, por isso não é uma imagem idílica. Talvez a memória mais remota que possuo seja a de uma em muitas manhãs, nas quais eu acordava chorando. Até hoje não sei por que isto acontecia... Talvez devido à carência, medo, pesadelos noturnos... O fato é que me lembro de minha mãe questionar por que chorava e, após alguma insistência, "me dar uns tapas", pois conforme suas palavras eu somente sossegava depois de levar as palmadas providenciais. ***Mas no duro, até entendo que era assim a educação que os adultos davam para as crianças, embora eu fosse um bocado sensível. Eu era atrevida prá chuchu, hoje mesmo me lembrei que a garotada das primeiras séries tinha que pedir prá ir ao banheiro. Num desses dias em que eu estava a fim de aporrinhar a professora, pedi prá ir ao banheiro e ela disse: - Espera só um pouquinho que já vai bater pro recreio. Não satisfeita, disse que não podia esperar porque no recreio haveria fila na casinha[9]. Prá piorar a situação eu a provoquei dizendo que também não podia perder tempo de brincar indo ao banheiro, pois o intervalo era muito curto... Mas ela riu e se rendeu aos meus apelos...***

Lembro, além das manhãs naquela casa de madeira, da memória mais remota. Lá havia um pátio muito grande, no qual meus irmãos e eu nos aventurávamos, subindo em árvores, inventando histórias e rolando na terra de pés descalços. Naquele tempo, no dizer de alguns membros da família, eu era mentirosa. No entanto, minha tia e minha avó paterna entendiam e gostavam de ouvir minhas peripécias, pois eu fantasiava, enfeitava, por certo gostava de inventar histórias. Constituí, assim, meu "SER de imaginação", "SER sensível e de

[9] Casinha era uma dessas construções de madeira que fazia as vezes de banheiro no colégio onde estudava.

sensações", que não raro se desconectava do meu "SER de carne", pois minha consciência corporal era pouca, caía muito, machucava-me com frequência. Estava sempre no mundo dos pensamentos, como dizia minha avó. Ela, a despeito de total desconhecimento da escrita, era muito boa com números, perspicaz, rápida no raciocínio e eloquente quando falava.

Embora minha consciência corporal em muitos momentos tenha sido precária, ao conectar os atos corporais com a mente viajante, meu corpo sempre funcionou de forma potente como receptáculo do mundo externo. Como depósito e conduto, descobri a potência do corpo e do que podia fazer com ele ao me relacionar com o mundo. Sem formulação sobre a conexão entre corpo e mente, intuitivamente percebia que o corpo expressava meu interno e, além das palavras, era pródiga em fazer caras e bocas. Uma, dentre minhas reminiscências mais antigas, é de minha mãe advertir-me sobre não olhar para as pessoas com um olhar tão insistente.

Com o passar do tempo, perdi aquele olhar expressivo, me formatei e meu olhar perdeu seu poder perturbador. Embora alguns digam que este modo de olhar não se apagou. O "ser de carne" então se revela, como nos fala Marie-Christine Josso (2009), em seu texto "A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas", quando escreve:

> O ser de carne está muito presente nos relatos sob diferentes formas, a saúde, a doença, a maternidade e a paternidade, a filiação parental, o aspecto físico apreciado ou lamentado (imagem de si), a sexualidade, a alimentação, o movimento através de diferentes disciplinas esportivas ou **abordagens corporais**... (JOSSO, 2009, p. 23), (grifo da autora).

E meu "SER de imaginação" não se domava e não se doma. Como passaporte ao reino da liberdade, desde muito cedo, cultivo o gosto pela fabulação, invenção de histórias e uma verbosidade muito aflorada, muitas vezes atrapalhada, sempre ocuparam um espaço preponderante em minha trajetória. Conforme relatos de minha mãe e mais recentemente de minha tia, nasci muito pequena, de feições delicadas e era um bebê que não incomodava..., até aprender a falar, bem cedo. Com o passar do tempo me tornei uma menininha muito falante e sociável, embora muito braba e teimosa. *O caso é que eu era uma garotinha bem atrevida.*

Nestes recortes, torno-me a pequena Phoebe (irmãzinha do protagonista do livro), cujo nome me lembra a palavra poema. Embora nomes próprios não sejam traduzíveis, eles denotam uma representação simbólica (de acordo com os estudos das simbologias, também preconizados por Durand), a qual pode ajudar na composição da nossa personalidade. A respeito deste tema, penso que meu nome me traduz, pois foi uma composição dos nomes dos meus quatro avós: Elias, Elisabetha, Ângelo e Ana. Eu sou uma síntese, sou muitos em mim, meus avós, minha mãe, meu pai, meus irmãos... *Aqui eu me esbaldei, podia passar dias e noites falando sobre um troço desses, nomes e seus significados.*

E por falar em família, paradoxalmente, a orientação que me foi dada pela minha oscilava entre conservadora e liberalizante. Meu pai, com muito pouco estudo, possuía um espírito inquieto e buscante, trabalhava muito, fazendo negócios na agricultura. Segundo contam, ele não fazia o trabalho mais pesado no plantio de arroz; suas habilidades eram de coordenar, buscar, observar o tempo e as qualidades da terra. Tanto é que muito mais tarde tive ciência sobre ele dispor de uma boa reputação como o primeiro orizicultor a fazer seleção de sementes de arroz no estado e no Brasil. Talvez desta verve de curiosidade e experimentação de meu pai eu tenha herdado traços revelados através de meu espírito inquieto e questionador.

Sempre busquei intuitivamente uma ênfase para o “SER de conhecimento”, de obtenção de informações, de uma valorização da escola como espaço de formação. Valor este com oscilações e até uma reprovação na 6ª Série. Naquele período, vivia mais profundamente numa espécie de outro mundo, da divagação, da distração. A matemática que exigia atenção para sinais e etapas de operações se tornava um mistério. No entanto, este enigma se revelou mais tarde com o gosto pelos números. Sobretudo me fascinam as equações algébricas, a chamada “química inorgânica” e mesmo a simplicidade complexa das quatro operações matemáticas, como chaves que abrem as portas da percepção.

Retomando aquela época, o “estudo” era meu privilégio e meu refúgio! Aos meus irmãos estava reservado o ofício do pai e de nossos ancestrais, em lidar com a terra e realizar o provimento financeiro da família. Neste contexto, fui me tornando o que estou sendo e meu “SER de afetividade” se constitui neste turbilhão.

Sobre estas relações nos fala Pierre Dominicé (2010), ao tratar sobre “o processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais”, quando

problematiza sobre as composições do que nos tornamos a partir de nossas relações, ou seja: "A formação é feita da **presença de outrem**, daqueles que foi preciso nos distanciarmos, dos que acompanham os **momentos-charneira**, dos que ajudam a descobrir o que é importante **apreendermos** para nos tornarmos competentes e darmos sentido ao nosso trabalho". (p.94) (grifos meus)

Ao pensar a formação como sendo feita da presença de outrem, familiares, amigos, afetos e desafetos e ao buscar o apreendido, persigo estes componentes relacionais e relacionáveis... Encontro-me no fluxo de me tornar, tornando-me uma pesquisadora. E no processo da pesquisa, deparo-me com a escrita, para parir estas criaturas acordadas por este ato. Criaturas cuja natureza e ligações não conheço muito profundamente, se não que partem de nossas entranhas, fazendo-nos experimentar estranhamentos, entranhamentos, e novas formulações.

Através de discussões teóricas e observações acerca do objeto de estudo, e suas conexões, fui sedimentando os fragmentos destas criaturas em mim. É como um estar gestando todo o tempo, todos os dias... Está lá em meu íntimo, se movimentando, se alimentando de minhas vísceras, inquietações, dúvidas e iluminações. Desejaria escrever no plural porque não sou singular, não sou única e indivisível, sou muitas. Embora sem heterônimos, possuo muitos seres em mim, o que me torna plural, embora singular, mas como diria Holden: *- Ah... esse negócio de novo... que a Vida é um jogo e tudo mais. E que a gente precisa jogar de acordo com as regras.* Então, eu me rendo às regras da língua e dos vieses (auto) biográficos e em outros momentos do texto conjugo o verbo no singular.

2.2 Memórias de Madeira e Concreto...

Destes tempos ilegítimos, enquanto tempo não cronológico, e presentes na memória corporal e vivencial, nasce e se constitui a criança de cabelos cor de palha, olhar instigante e falante que fui e sou. A pequena **Phoebe**, a irmãzinha do protagonista da obra literária que me habita. *Poderia escrever uns cinco mil cadernos com minhas ideias e tudo, e sendo muito emotiva fazer coisas que não tenho vontade de contar.*

E destes tempos vividos nestes seres de múltiplas dimensões vem novamente o relato de minha mãe, do quanto foi frustrante o momento em que percebeu, a partir da execução de suas tarefas domésticas, ao lavar roupas da família, que sua mãe

(minha avó), estava novamente grávida e, portanto, seus afazeres como filha mais velha aumentariam ainda mais. Em outubro daquele ano, nasceram os gêmeos, e a menina não se conteve e disse: "... e são dois!". Ao final do ano, ela falou com as freiras do colégio para intercederem a seu favor na continuidade dos estudos, porém sem sucesso. Após muitas lágrimas e protestos, a menina foi tirada da escola.

Inobstante a frustração de abandonar a escola e as inúmeras tarefas que lhe eram atribuídas, como uma criança criativa que ela era, minha mãe conta que a fim de ler o jornal "Correio do Povo", escondia-se dentro dos caixões de defunto fabricados por meu avô, deixando uma fresta para adentrar a luz que lhe permitisse ler o jornal. Algum tempo depois, foi descoberto seu esconderijo para ler o jornal, cujo hábito era prejudicial ao cumprimento das tarefas domésticas, mas compunha também sua imagem de traquina e corajosa diante dos irmãos. Desde então, passou a esconder-se entre as pilhas de madeira dispostas na marcenaria. Conta-nos também que costumava fugir para ir até a venda da "Dona Isa Sonego", uma viúva que possuía um boteco, para aprender a falar o italiano, cujo aprendizado era proibido por minha avó. Desconfio que talvez isso se desse por medo do "Estado Novo", pois na época havia no país a proibição da fala de outros idiomas que não o português. ***Era um troço estranho prá diabo aquele negócio da minha avó não querer que falassem dialetos italianos em casa. Uma cretinice preconceituosa mesmo. Aliás prá dizer bem a verdade minha avó materna era muito chata, ranzinza, talvez fosse sofrida demais. O caso é este, a coitada era aborrecida prá burro.***

E muito depois, em 1972, ano do centenário da imigração italiana, recordo de minha avó ter ficado contrariada quando meu avô (a pedido meu) cantou algumas canções em italiano e as traduziu, as quais ele aprendera com seus pais (meus bisavós). Conforme o relato de meu avô, os imigrantes, durante a viagem de navio da Itália ao Brasil, entoavam canções de saudade da terra natal e depois também relatavam, através do canto, as dificuldades enfrentadas ao colonizarem o novo chão.

Desta impossibilidade de seguir indo "ao colégio", na história de minha mãe, penso que ela trouxe uma profunda admiração pela escola e o importante significado de frequentá-la. Permeada por este sentimento, cheguei, junto com meu irmão do meio, à escola "Clemenciano Barnasque", localizada num bairro periférico da cidade de São Sepé. A escola já era frequentada por meu irmão mais velho e minha prima.

A memória de madeira é assim flexível, constituída como minha primeira escola, em dias de vento e pintada de azul e branco. Lembro-me dos passeios ao seu redor, especialmente durante os recreios.

Lembro-me de dispormos, meus irmãos e eu, com dois e um ano a mais do que eu, respectivamente, de certo privilégio, o de frequentar a casa de Dona Francisca, a professora do 1º ano primário. Nestas visitas, recebíamos algum reforço para a leitura e a aritmética e às vezes bolinhos fritos pela mãe da professora, cujos cabelos brancos arranjados num coque lembram as avós das histórias infantis. Tais histórias somente fui conhecer, mais tarde, nos desenhos animados, vistos furtivamente na televisão de um vizinho.

O efeito simbólico daquele ritual ainda é nítido em minhas lembranças e reminiscências. Lembro-me de onde era localizada a casa, de madeira e de sua cor, na qual havia uma atmosfera de aconchego, porém sinto **haver** alguma tristeza, uma solidão impressa naquelas paredes... Digo **haver**, pois o tempo do verbo é presente na memória.

Então, eu passar a frequentar a casa da professora foi como uma iniciação especial no mundo das letras. Sentia-me privilegiada e merecedora de uma distinção, à qual deveria corresponder. Como a memória tem sensações, e as sensações tem memória, lembro-me vivamente de tudo que se passou e dos sentimentos e emoções daqueles tempos. Posso reportar-me até lá e viver a criança de tapa-pó branco, com cadernos carregados num saco de “matéria plástica”, e a merenda de pão com doce, cuidadosamente preparados por minha mãe. “Revivesço” o caminho da escola percorrido com meus irmãos e minha prima, das brincadeiras e correria até chegar ao destino. Lembro do rosto suado e vermelho, nos dias de muito sol ou das mãos e do nariz gelados no inverno. No tempo da memória, as sensações estancam, se cristalizam e se presentificam.

Lembro-me do desfile de Sete de Setembro, no qual chorei muito para poder participar, pois meu pai não queria que seus filhos desfilassem para os “milicos”. Após meu pai ter sido convencido por minha mãe, fomos todos de tapa-pó branco, com fitas azul-marinho perfeitamente enlaçadas em nossas golas, sapatos de verniz preto e meias brancas até os joelhos.

Deste tempo, chego a uma nova cidade, Dom Pedrito, e passo a frequentar o colégio “Villamil de Castro”. Naquele colégio, experimentei inicialmente um sentimento de desterro. Então já na segunda série, precisei, aí sim, por

necessidade, de aulas particulares das professoras Dirce e Circe, as quais eram as professoras das classes da Segunda e da Terceira Série, respectivamente. Lembro-me do carinho e da atenção que elas dispensavam a nós. Como estagiárias oriundas do magistério do Colégio das Freiras, faziam com muita dedicação todo o trabalho de uma professora nas três primeiras séries do primário, hoje ensino fundamental.

A despeito do estranhamento inicial vivido na segunda série, no ano seguinte já estava totalmente adaptada, fazia parte dos jograis da escola, declamava em público, tinha minha própria turma.

Na terceira série, então com oito para nove anos, tomei a iniciativa de ir até a sala da diretora para fazer queixa sobre o tratamento que a professora regente de turma estava dispensando a nós, alunos. Isto causou um rebuliço na escola e em casa; estávamos em plena ditadura e aquele não era um comportamento condizente para uma menina daquela idade. *A melhor parte foi a cara de espanto da diretora, Quando me dá vontade, consigo ser um bocado provocativa, às vezes até me arrependo depois…* Como resultado de meu protesto, vieram explicações sobre os motivos do comportamento da professora e a mesma melhorou o seu tratamento com a turma.

Destes “momentos charneira” (JOSSO, 2010, p. 70), ou seja, momentos fundantes de meu ser, os tempos da memória vão “revivescendo” e engendrando meus saberes e seres atuais...

2.3 Do medo da morte à transformação do corpo...

Chegando à época dos hormônios em ebulição, ansiava por descobrir, e espremida por uma educação com forte cunho religioso, comecei minhas angústias a partir de uns nove anos, quando sentia meu corpo modificar-se e dos olhos dos adultos advirem uns olhares diferentes. Já não era mais a menininha que ansiava por sentar no colo do pai e ganhar balas. Embora tivesse especial gosto de passear de mãos dadas com meu pai e questioná-lo sobre os significados da morte, das palavras como sinceridade, franqueza e proibido.

Foi naquele tempo, entre nove e dez anos, que adquiri um pânico da morte e passava noites insones, por medo de que ela viesse me buscar enquanto dormia. Hoje sei, mais intelectualmente do que em sentimento, sobre o motivo daquele medo

estar ligado à sexualidade, mas era tão verossímil e perturbador que nada podia aplacá-lo.

O silêncio da noite havia se corrompido para mim. Com efeito, o primeiro grito já havia sido dado, não sei bem quando, talvez naquela noite de verão assistindo ao programa dominical. Mas este grito já havia rompido o silêncio e a paz de uma existência tranquila, sem sobressaltos. E pude adentrar um pouco mais neste mistério, quando encontrei Clarice Lispector (1964), em “A Paixão Segundo G.H”, quando diz que

> [...] Tudo se resumia ferozmente em nunca dar um primeiro grito – um primeiro grito desencadeia todos os outros, o primeiro grito ao nascer desencadeia uma vida, se eu gritasse acordaria milhares de seres gritantes que iniciariam pelos telhados um coro de gritos e horror... Com reverência eu temia a existência do mundo para mim. (LISPECTOR, 1964, p.62)

Nem todas as peripécias impediram que o sentimento de desolação e medo da morte sobreviessem, naquela noite de domingo, na qual sentada no colo de minha mãe, assistia, no Fantástico, uma matéria sobre vida após a morte. Desde então, passei a ser insone, sobressaltada e introspectiva. Foram meses de um profundo sofrimento. Uma sensação de tristeza que até hoje se torna nítida e quase física ao relembrar.

Sabe aquele oco no peito, mas não de vazio, e sim de dor, de opressão. Era o tipo de sensação ruim prá chuchu. Até parecia que eu vivia num mundo diferente, no duro, às vezes tinha a sensação de estar desaparecendo. Sentia uma angústia tão forte como se estivesse condenada, presa em meu corpo, o qual desapareceria a qualquer momento, estoraria feito uma bolha de sabão, sem ruído, apenas se desmancharia... Então eu ficava levantando da cama durante a madrugada, e daí pulava por alguns minutos, prá sentir meu coração bater e eu saber que não estava morta.

Aos dez anos, ouso dizer que tive minha primeira provação existencial. Compreender o sentido da vida e da morte, tarefa inglória e inatingível. Lembro-me de que aquele sentimento somente se aplacou após as muitas tentativas de minha mãe para me tirar daquele estado, quando finalmente fulminou-me com mais ou menos as seguintes palavras: “Minha filha, não há nada que se possa fazer quanto a este pressentimento de que vais morrer, pois não estás doente, nem nada, portanto, se tiveres que morrer assim vai ser ou vais perceber que isto vai passar”.

Numa dessas tentativas, minha mãe me matriculou num colégio particular, um colégio católico de freiras, de imensas paredes escuras, salas de aula frias e de grandes janelas. Recordo-me apenas que sentia muito sono durante as aulas, pelas noites insones, e de tomar gosto pela leitura, a qual me permitia a reclusão.

Mas o mais incrível foi numa daquelas madrugadas em que em que minha mãe tentava me fazer dormir... Encostada em sua barriga pude sentir o bebê que ela gestava se mexendo, aquilo mexeu prá burro comigo. A partir dai parece que eu entendi que não podia ficar incomodando minha mãe de madrugada e acordando o bebê. E este bebê foi alguns meses mais tarde o motivo da sensação de muita alegria para mim. Foi uma felicidade danada que senti no dia em que minha irmã mais nova nasceu. Nossa! Era como se eu tivesse ganho um presente incrível. Uma boneca de carne e osso prá eu brincar e cuidar. Foi um bocado fabulosa a alegria que eu senti ao vê-la. Juro por Deus e sempre repito prá ela que foi um dos dias mais felizes de minha vida. O duro era quando ela chorava nas primeiras noites em casa e minha mãe me chamava para ajudar a acalmá-la. Mas naquela época eu já não sofria mais tanto com a insônia.

Hoje percebo que esta passagem da infância para a adolescência e a gravidez de minha mãe talvez fossem a causa daqueles temores, ou seja, os períodos insones, a reclusão e o medo da morte. Também naquela época ocorreu outro fato agravante. Fiquei muito triste quando da tentativa de assédio que sofri de um vizinho. Relatei o episódio à minha mãe, e ela sem saber como lidar com a situação, mais tarde conversamos sobre isto, me proibiu de me aproximar da casa e de brincar com as meninas, filhas do vizinho.

Odiei aquilo que aconteceu comigo, sentia muita raiva e medo. Mas hoje percebi de repente que minha mãe foi meu primeiro Apanhador no Campo de Centeio, ela impediu que naquele momento eu caísse no abismo. Para uma criança é o tipo de abismo que não se deve deixá-la escorregar. Cair do carrocel e até despencar de um barranco faz parte da vida, não há como impedir, e até se deve cair para aprender a levantar com suas próprias pernas. Neste sentido, transcrevo algumas passagens do livro, as quais tratam de sexualidade e me lembram algumas cenas que me causaram muita angústia, na época, a exemplo do protagonista:

> [...] Aí aconteceu um troço. Não gosto nem de falar no assunto. Acordei de repente. Não sei que horas eram nem nada, só sei que acordei. Senti uma coisa na minha cabeça, a mão de uma pessoa. Puxa, fiquei apavorado prá diabo. Num instante vi que era a mão do professor Antolini. Sabe o que estava fazendo? Estava sentado no chão, ao lado do sofá, no escuro e

> tudo, e estava me fazendo festinha ou um carinho na cabeça. Puxa, devo ter dado um pulo duns mil metros (SALINGER, 1951, p.186).

Então, veio novo desterro e ao mesmo tempo a promessa de uma nova vida, na qual as sensações de desolamento e tristeza se dissipariam. Nos mudamos, minha família e eu, da periferia de Dom Pedrito para Bagé, para uma casa própria, localizada no centro da cidade.

De qualquer forma, pelas lembranças não sei bem o que é sentir saudade... Eu revivo em minha memória as sensações boas e ruins. Já sou toda saudade. Por exemplo, quando estou com saudade de alguém, como de meu pai, acabo sonhando com ele ou fico um dia inteiro me lembrando de nossos passeios de mãos dadas. Não que eu esqueça as coisas aborrecidas, não é isso... Mas a verdade é que, após minha experiência com o medo de morrer e das perdas de pessoas queridas, tenho a sensação de que a morte tem esse poder de apagar os sentimentos ruins, os deixa lá guardados na parte dura da razão quando precisamos parar de chorar. O duro mesmo é a saudade do meu irmão, que até me aporrinhava um bocado, eu não esqueço que ele me bateu até eu completar dezoito anos, foi quando eu o enfrentei com uma panela de pressão em punho... Mas ficaram mesmo na lembrança alguns momentos muito bons de nossa infância e adolescência. Contar histórias é também uma forma tremenda de matar a saudade.

Seguindo a premissa “bachelardiana” dos devaneios noturnos, busquei nas intermitências da noite, as perguntas que se impunham desde que me percebera inquieta, insatisfeita e buscante. Quando passava as noites insones por medo da morte ou quando passei a gostar de dormir para poder sonhar. E substancialmente perseguindo o fundamental significado do devaneio literário, dos sonhos noturnos premonitórios ou simplesmente aqueles com trilhas sonoras e muitas cores. Desde as angústias cotidianas que se expressam durante o sonho, ou das madrugadas de leitura e escrita. E sobre devaneio e potência de escrita do sonhador noturno não por acaso encontrei “A Chama da Vela”, e a cito para ilustrar a necessidade de nos permearmos pela imaginação do outro:

> O sonhador de vela se comunica com os grandes sonhadores da vida anterior, com grande reserva da vida solitária. Se meu livro pudesse ser o que eu gostaria que fosse, se eu pudesse reunir, lendo os poetas, bastantes explorações da fantasia para forçar a barreira que nos para diante do reino do Poeta, gostaria de achar, no fim de todos os parágrafos, na extremidade de uma longa sequência de imagens, a imagem realmente terminal, aquela que designa como imagem exagerada para o julgamento dos pensamentos

> razoáveis. Minha Fantasia, ajudada pela imaginação dos outros, iria bem além de meus próprios devaneios (BACHELARD, 1989, p.43 e 44).

Lembro-me de ler boa parte da obra infantil de Érico Veríssimo, livros entre os quais: “As Aventuras de Tibicuera” e “As Aventuras do Avião Vermelho”, cujo avião tomei emprestado para as viagens da personagem de vestido laranja e chapéu de aviador. Este chapéu curiosamente fui reencontrar com Holden, no “Apanhador do Campo de Centeio”, como contei mais adiante. O aspecto mais interessante era a forma como Érico escrevia, e o meu desejo mais secreto, como sonhadora de vela, parafraseando Bachelard, era escrever daquele modo. Com descrições densas, sentimentos e desejos muito intensos, como Ana Terra, de “O Continente” ou como Olívia, de “Olhai os Lírios do Campo”.

Embora minha mãe sempre me considerasse um tanto atrevida e precoce, permitia-me toda a leitura que desejasse, pois talvez me ver absorta na leitura amenizasse suas preocupações. Com a inexistência desta censura, pude ler romances bem fortes e instigantes como “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, “A Carne”, de Júlio Ribeiro e “O ateneu”, de Raul Pompéia. Fascinavam-me também os personagens sensuais de Jorge Amado. Mas o mais inquietante foi seu personagem, o menino, Pedro Bala, de “Capitães de Areia”. Estes personagens eram uma espécie de ligação com o mundo, o qual suspeitava muito maior do que sequer podia imaginar, mas ansiava por conhecer. E tais passagens de minhas vivências, um trecho do “Apanhador” é por mim evocado, no qual o jovem Holden relata também seu gosto pela leitura; a **imagem do leitor buscante**:

> [...] Bom mesmo é quando a gente acaba de ler e fica querendo ser um grande amigo do autor, para se poder telefonar para ele toda a vez que tiver vontade. Mas isso é raro de acontecer [...] Mas, por exemplo, esse livro do Somerset Maugham, *A Servidão Humana*, que li no verão passado. É um livro bom pra chuchu e tudo, mas não me dá vontade de telefonar para o Somerset Maugham [...] (SALINGER, 1951, p. 23).

Aos treze anos, escrevi meu primeiro artigo de jornal, falando sobre os portadores de deficiência, sob encomenda da professora particular de matemática. Na época, também iniciei minha militância no movimento estudantil secundarista e participei da primeira gestão de um grêmio livre. Até então, os grêmios eram indicados pela direção do colégio e realizavam apenas atividades festivas. Naquele ano, mais ou menos 1978, organizamos uma passeata contra a violência, após o

assassinato brutal de uma idosa. Fizemos uma versão de “Prá não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré. Na época, entre a oitava série e o início do ensino médio, despertei meu interesse já latente pelas ditas questões sociais.

Ao término do “Segundo Grau”, comecei a estabelecer relações com pessoas do meio político-partidário, como integrantes da Juventude Socialista do PDT-Partido Democrático Trabalhista, militantes do PMDB-Partido do Movimento Democrático Brasileiro, os quais se engajavam na fundação do PT-Partido dos Trabalhadores. Quando ingressei na faculdade, passei a ser militante do movimento estudantil universitário, partidário e sindical. A atividade militante passou a absorver todo meu tempo e interesse; participava de um partido clandestino, cujo objetivo na época era a revolução socialista no país.

Minha avidez intelectual passou a ser consumida por leituras de textos marxistas e sobre a Revolução Russa, tais como as “Teses de Abril”, “O que Fazer”, “Os Dez Dias que Abalaram o Mundo”, e discussões de textos e teses internas do Partido Revolucionário Comunista, do qual participavam inclusive figuras hoje de destaque na cena política do Estado e do país.

Em minhas incursões literárias, li os três volumes de “Subterrâneos da Liberdade”, de Jorge Amado, e me deparei com uma assustadora ficção, a qual reproduzia a dureza que encontrava em militantes e no projeto de revolução pelo qual lutávamos. A partir daí, comecei a questionar se este mundo tão longe de emoções e sentimentos teria minha adesão. Comigo partilhavam destes questionamentos vários “camaradas” e penso que por esta inflexibilidade e mesmo inviabilidade política foi extinto o PRC. Entretanto, deste tempo, final da ditadura e dos anos oitenta, seguiu-se um intenso e extenso período de militância política, com encontros e desencontros fundamentais em minha trajetória acadêmica e em todas as esferas da vida.

Reflexões e encontros com pessoas e intelectuais de expressivo valor foram capazes de despertar mais ainda o gosto pelo engajamento em temas como o feminismo, o humanismo e o compromisso de transformação social. Em discussões orientadas por Adelmo Simas Genro, falecido em meados de 1991, fomos temperados pela leitura de alguma filosofia, e de poetas como Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Mello Neto. Um gosto já vislumbrado anteriormente em obras como “Não Verás País Nenhum”, de Ignácio de Loyola Brandão, “O Amante”, de Marguerite Duras, e outros textos poéticos.

Ao encontrar alguns textos contidos em “O Eu Profundo e os Outros”, de Fernando Pessoa, e mais especificamente, os poemas: “O Cão sem Plumas”, “Rio de um só dia” e “Morte e Vida Severina”, de João Cabral, “Fera Diurna”, de Ferreira Gullar, travei novos embates internos e fundantes de meu ser.

Atrevo-me a dizer que tais leituras e encontros foram aquilo que Josso define em “Da formação do sujeito ao sujeito... Ao sujeito da formação”:

> [...] Nesses **momentos-charneira**, o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo, ou o que mobilizou a si mesmo para se adaptar à mudança, evitá-la ou repertir-se na mudança. (JOSSO, 2010, p. 70). (grifo meu)

Fundo-me e abasteço-me nesta natureza inexorável e potente da poética da noite por fazer parte de uma matéria diáfana, imperceptível, mas sensível. A substância de um entendimento mais da “ordem do sentido” que vivido (PERES, 2005). Da natureza do onírico, do fantástico e nem por isso menos profundo e talvez até mais significante que o explicado racionalmente e expresso através de premissas lógicas. Um entendimento anímico e não matemático.

E das intermitências da noite, como interrupção, intervalo, das tarefas do dia, advêm os desejos noturnos de adentrar novamente pela literatura como num outro mundo. Outro universo não menos mundano ou real, porque inseminador e criador do que intitulamos realidade. E o que seria o mundo para mim? Se não o que é o mundo para mim, embora o mundo exista as expensas do que é para mim.

Impelida pela fama de José Saramago, como o único autor de língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura, fui reencontrar sua literatura como fonte e reservatório, meio de viver e estar no mundo, ao ler “O Ensaio sobre a Cegueira” e “As intermitências da Morte”, do qual tomo emprestado partes dos subtítulos deste estudo. ***É como aquele negócio que falei antes... Dá uma vontade de encontrar com o escritor, de entrar na cabeça dele prá saber de onde vêm tantas ideias geniais e malucas. Isso me faz vibrar prá burro. No duro, é como se eu estivesse vivendo aquela história, sendo parte dela.***

Entretecendo as fundamentações teóricas, as reflexões e “momentos charneira” de minhas vivências preliminarmente expostas, é hora de adentrar na obra como objeto de estudo.

III. ÀS ILUMINAÇÕES DO DIA: UMA LEITURA POSSÍVEL SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO OBJETO DA DISSERTAÇÃO

É possível encontrar já nas primeiras páginas do livro em estudo alguns "mitemas" fundamentais da juventude. A juventude como esta aura ancestral e contemporânea, em constante mutação. Entretanto, interessa discutir nesta pesquisa o que faz de "O Apanhador no Campo de Centeio" em seu contexto, uma obra capaz de fundamentar novos olhares para a (auto) formação humana. Resgatando o potencial do romance de formação em qualquer época e para qualquer tempo como um instrumento potente de reaproximação e repensamento do humano e desumano em nós.

No entanto cabe fazer algumas escolhas, mesmo dentro de fragmentos da obra, os quais poderiam suscitar uma dissertação sobre cada aspecto. Destaco cada núcleo simbólico, como "mitema", no sentido de que nos fala Peres(1999) sobre perspectiva durandiana deste:

> [...]Para Durand a "substância" do mitemas não se encontra somente na narração autobiográfica, senão no sentido e no simbolismo que emergem desta narração[...],uma vez que o sentido vivido pelo narrador é a mola propulsora e o fundamento sobre o qual começam a decolar *as pulsões arquetípicas* dos *núcleos organizadores* do imaginário (PERES, 1999, p.42).

Os "mitemas" advindos da adolescência da incompletude, da insatisfação, do não pertencimento, do deslocamento. Núcleo simbólico desta transição da vida em

todos os tempos. Suspeito que neste núcleo reside uma das principais potências desta obra em especial, sobretudo, por sua capacidade de falar sem rebuscamentos e psicologismos um pouco da vida como ela é para o adolescente. Evidenciada em linguagem simples, direta e irreverente com a qual Holden narra um único fim de semana em sua vida.

Passo a delinear alguns núcleos simbólicos, agrupados em *mitemas* fundamentais a partir da leitura que fiz do livro, os quais constituem a potencialidade desta pesquisa.

3.1 Nosso vôo[10] no primeiro mitema: o ser humano pode (auto)formar-se entre o conflito e a loucura na busca do tesouro interior

Holden fala-nos sobre este sentimento de amor e ódio que nos permeia nesta fase de transição. Deste desassossego, resultado de tensões contrárias, internas ou externas, o conflito simboliza a possibilidade de um contrário a outro, da inversão de tendência, para o bem ou para o mal... “A encruzilhada é a imagem do conflito” (CHEVALIER, e GEERBRANDT,1997, p.272).

Esta ambivalência de sentimentos na adolescência se reflete em relação aos nossos pais, nossos irmãos, professores, e amigos, pois mesmo reconhecendo seus valores em nossas vidas sentimos a necessidade de afirmamo-nos contrários, diferentes, um si mesmo. E deste sentimento e necessidade nasce a sensação de desamparo, presente na sensação de desaparecer, de não pertencer a este mundo. Surge até mesmo a necessidade de evadir, desta vida, ***dar o fora dali***, como diria Holden.

Permeia-nos o sentimento de que nada vale à pena e que ninguém presta ou é sincero. De que tudo e todos são farsantes, inclusive o próprio indivíduo, conforme pode se perceber no Holden dos próximos capítulos. Existem hiprocrisia e interesses mesquinhos em todas as relações, principalmente nas relações de hierarquia econômica, nas instituições do estado e da sociedade. Relações presentes na escola, entre professores, diretores, alunos, pais e filhos e entre homens e mulheres. Ao mesmo tempo nos tensiona um sentimento ambivalente, entre a necessidade de diferenciação e o de nos referenciarmos, nos identificarmos, mimetizarmos com ou-

[10] Falo em vôo por Holden referir-se ao chapéu de aviador e esta análise ser em certa medida uma espécie de mergulho em pleno ar às profudenzas simbólicas .

tros. Um pouco ou muito desta insatisfação, deste desterro permeia todo o livro e pode ser extraída em muitos pontos das reflexões de Holden, como a seguir. Passo então a fazer transcrições de excertos do texto, sublinhando os trechos mais pregnantes para análise, sem, contudo, deslocá-los do contexto da história. Portanto, embora estando assinaladas algumas passagens resolvi inseri-las em maior extensão para contextualizá-las.

Sou o maior mentiroso do mundo. É bárbaro. Se vou até a esquina comprar uma revista e alguém me pergunta onde é que estou indo, sou capaz de dizer que vou a uma ópera. É terrível. Por isso, quando disse ao velho Spencer que tinha de ir ao ginásio apanhar o meu equipamento, era pura mentira. Nem costumo deixar a droga de meu equipamento no ginásio.
Meu quarto no Pencey ficava no Pavilhão Ossenburger, uma ala nova de dormitórios. Era reservada para alunos do terceiro e do quarto ano. Eu era terceiranista e meu colega de quarto estava no último ano. **O Pavilhão tinha sido batizado em homenagem a um ex-aluno do Pencey, um tal de Ossenburger, que tinha ganho um montão de dinheiro como agente funerário depois que saiu do colégio. Foi ele quem lançou em todo o país aquelas agências funerárias em que a gente pode enterrar qualquer membro da família por cinco dólares cada. Valia a pena ver o tal de Ossenburger. Pelo jeito, ele provavelmente enfiava os cadáveres num saco e jogava tudo no rio. De qualquer maneira, havia doado uma fortuna ao Pencey e batizaram nossa ala com o nome dele. No dia do primeiro jogo de futebol do ano ele apareceu no colégio, metido numa baita duma Cadillac, e todo mundo teve que ficar de pé na arquibancada e lhe dar uma bruta salva de palmas.** No dia seguinte, na capela, fez um discurso que durou umas dez horas. Começou com umas cinqüenta piadas cretinas, só para provar que era um grande praça. Grande merda. Aí começou a contar como nunca se envergonhava de se ajoelhar e rezar a Deus, sempre que estava numa enrascada ou coisa parecida. Mostrou-nos como devíamos rezar a Deus - conversando com Ele e tudo - onde quer que estivéssemos. **Disse que devíamos pensar em Jesus Cristo como se Ele fosse um camaradinha nosso. Contou que ele conversava com Jesus o tempo todo, mesmo quando estava guiando o automóvel. Essa foi a maior! Podia imaginar o filho da puta engrenando uma primeira e pedindo a Deus para lhe mandar mais alguns defuntos. A única coisa boa do discurso foi bem no meio. Ele estava contando que ótima pessoa que era, que sujeito bacana e tudo, quando de repente um cara que estava sentado na minha frente, o Edgar Marsalla, soltou um peido infernal.** Era o tipo da coisa grosseira de se fazer numa capela e tudo, mas foi um bocado engraçado. O sacana do Marsalla por pouco não mandou o teto pelos ares. Quase ninguém riu alto, e o velho Ossenburger fingiu que nem tinha ouvido, mas o velho Thurmer, o diretor, estava sentado bem ao lado dele no tablado, e a gente podia ver que ele tinha ouvido. Puxa, o homenzinho ficou fulo de raiva. Na hora não disse nada, mas na noite seguinte decretou estudo obrigatório e apareceu para fazer um discurso[...] Foi um bocado bom voltar para o quarto depois de sair da casa do velho Spencer, porque todo mundo estava no jogo e, para variar, o sistema de aquecimento estava funcionando em nosso quarto. Tirei o paletó, a gravata, desabotoei o colarinho e pus na cabeça um chapéu que tinha comprado em Nova York. de manhã. **Era um desses chapéus de caça, vermelho, com a pala bem comprida. Eu o tinha visto na vitrina de uma loja de artigos esportivos quando saímos do metrô, logo depois que descobri que havia perdido a porcaria dos floretes e tudo. Só custou um dólar. Usava o chapéu com a pala virada para trás - de um jeito meio ridículo, mas era assim mesmo que eu gostava.** Aí apanhei o livro que estava lendo e sentei na minha poltrona. Havia duas poltronas em cada quarto. Eu tinha uma e meu colega de quarto, Ward Stradlater, tinha outra. Os braços estavam em petição de miséria, porque todo mundo sentava sempre em cima deles, mas eram umas poltronas um bocado confortáveis.
Estava lendo um livro que tinha apanhado por engano na biblioteca. Me deram o livro errado e só notei quando já estava de volta no quarto. Haviam me dado Fora da África, de Isak Dinesen. Pensei que ia ser uma droga, mas não era não. Até que era um livro muito bom. Sou bastante ignorante, mas leio um bocado. Meu autor preferido é meu irmão D.B. e, em segundo lugar, Ring Lardner. Meu irmão me deu um livro do Ring Lardner no meu aniversário, antes de eu ir para o Pencey. Tinha uma porção de peças malucas, engraçadas pra burro, e um conto sobre um guarda de trânsito que se apaixona por uma garota muito bonita, que dirigia sempre em excesso de velocidade. Só que o guarda era casado, e por isso não podia casar com ela nem

nada. Aí a garota acaba morrendo, porque dirigia sempre em excesso de velocidade. Achei essa estória infernal. O que eu gosto mesmo é de um livro que seja engraçado, pelo menos de vez em quando. Li uma porção de livros clássicos, como A Volta do Nativo, e tudo, e gostei deles; li também vários livros de guerra e de mistério, mas nenhum desses me deixou maluco. Bom mesmo é o livro que quando a gente acaba de ler fica querendo ser um grande amigo do autor, para se poder telefonar para ele toda vez que der vontade. Mas isso é raro de acontecer. Eu até que gostaria de telefonar para esse tal de Ring Lardner, só que o D. B. me disse que ele já morreu. Mas, por exemplo, esse livro do Somerset Maugham, A Servidão Humana, que li no verão passado. É um livro bom pra chuchu e tudo, mas não me dá vontade de telefonar para o Somerset Maugham. Sei lá. Não é o tipo de sujeito que a gente tenha vontade de telefonar para ele, essa é que é a verdade. Preferiria telefonar para o Thomas Hardy. Gosto muito da tal de Eustacia Vye.

[...]Era o Robert Ackley, que morava no quarto ao lado do meu. Na nossa ala havia um chuveiro entre cada dois quartos, e o tal do Ackley encarnava em mim umas oitenta e cinco vezes por dia. Era provavelmente o único cara em todo o dormitório, além de mim, que não estava vendo o jogo. Ele quase nunca ia a lugar nenhum. Era um sujeito um bocado esquisito. Já estava no último ano, tinha feito o curso inteiro lá mesmo no Pencey, mas todo mundo só chamava ele de Ackley. Nem mesmo o Herb Gale, seu companheiro de quarto, chamava ele de Bob ou mesmo Ack. Se é que algum dia ele vai se casar, aposto que a mulher dele também vai chamá-lo de Ackley. **Era um desses camaradas altos pra burro, de ombros largos - devia ter um metro e oitenta e sete - com uns dentes podres. O tempo todo que morou no quarto ao lado do meu, não o vi escovar os dentes nem uma única vez. Os dentes dele estavam sempre meio esverdeados, parecia até que já tinham criado musgo, e dava nojo vê-lo no refeitório, com a boca cheia de purê de batatas, ervilha ou coisa que o valha. Além disso, tinha um bocado de espinhas. Não era só na testa ou no queixo, como a maioria dos sujeitos, mas pela cara toda. E não era só isso, tinha um gênio dos diabos, o tipo do indivíduo desagradável. Confesso que não ia lá muito com as fuças dele.**

Podia sentir que ele estava em pé, na borda do chuveiro, bem detrás da minha poltrona, dando uma olhada para ver se o Stradlater andava por perto. Ackley não topava o Stradlater, e nunca entrava no quarto com ele por lá. No duro mesmo, acho que o safado não topava era ninguém.

Desceu da borda do chuveiro e entrou no quarto. - Oba - disse. Ele sempre dizia isso como se estivesse terrivelmente chateado ou terrivelmente cansado. Não queria que os outros pensassem que ele estava fazendo uma visita, ou coisa parecida; queria que a gente imaginasse que ele tinha entrado por engano!

- Oba - respondi, mas nem levantei a cabeça do livro. Com um sujeito como o Ackley, a gente estava perdido se levantasse a cabeça do livro. Estaria perdido de qualquer jeito, mas não tão depressa como se houvesse logo olhado para ele.

Começou a zanzar pelo quarto, devagarinho e tudo, como sempre fazia, mexendo nos objetos pessoais da gente que estivessem por cima das escrivaninhas ou das mesas. Estava sempre apanhando um objeto pessoal de alguém para dar uma olhada. Puxa, tinha horas que botava a gente nervoso.

Prá falar a verdade o livro todo está recheado de passagens e relatos do quanto as pessoas atrapalham a vida de gente. De qualquer forma, tem gente bem bacana também, alguns dão até pena na gente de tão feios ou tão velhos. Aquele tipo de sujeito com um ar meio decrépito ou com um imenso nariz vermelho, mas que não deixa de ser bonzinho.Sabe como é? Uma tremenda confusão esta fase. A gente vive entre sentir nojo e pena, entre precisar de colo e mandar todos as favas. E as pessoas repetem um bocado que não somos mais garotinhas ou garotinhos prá pensar assim, e que também somos muito novos para fazer e entender certas coisas. Eu juro que não entendo...

Nos primeiros capítulos, também através do trecho do livro transcrito a seguir, podemos perceber a insatisfação, o desassossego, a contradição inerente do jovem Holden Caufield. Cuja composição do nome está impregnada do próprio sentido do título do livro, ou seja, Hold(Suporte, fortaleza), Cau-field (Prudência-campo de batalha), aquele que está lá como suporte, amparo no Campo de batalha: O Apanhador no Campo de Centeio. Aquele que teme e enfrenta, que ama e despreza, que sente e nega sentir.

Se querem mesmo ouvir o que aconteceu, a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a porcaria da minha infância, o que meus pais faziam antes que eu nascesse, e toda essa lengalenga tipo David Copperfield, mas, para dizer a verdade, não estou com vontade de falar sobre isso. Em primeiro lugar, esse negócio me chateia e, além disso, meus pais teriam um troço se eu contasse qualquer coisa íntima sobre eles. São um bocado sensíveis a esse tipo de coisa, principalmente meu pai. Não é que eles sejam ruins - não é isso que estou dizendo - mas são sensíveis pra burro. E, afinal de contas, não vou contar toda a droga da minha autobiografia nem nada. **Só vou contar esse negócio de doido que me aconteceu no último Natal, pouco antes de sofrer um esgotamento e de me mandarem para aqui, onde estou me recuperando. Foi só isso o que contei ao D.B., e ele é meu irmão e tudo. Ele está em Hollywood. Não é muito longe deste pardieiro, e ele vem me visitar quase todo fim de semana. Quando eu voltar para casa, talvez no mês que vem, é ele quem vai me levar de carro. Comprou há pouco tempo um Jaguar, um desses carrinhos ingleses que fazem uns trezentos quilômetros por hora e que custou uns quatro mil dólares. D.B. agora vive nadando em dinheiro, mas antigamente a coisa era outra. Quando morava conosco era apenas um escritor. Se é que nunca ouviram falar nele, foi D.B. quem escreveu aquele livro de contos fabuloso, O Misterioso Peixinho Dourado. O melhor conto do livro era a estória do garotinho que não deixava ninguém ver seu peixe dourado, só porque o tinha comprado com seu próprio dinheiro. Achei o máximo. Agora D.B. está em Hollywood, se prostituindo. Se há coisa que eu odeie, é cinema. Não posso nem ouvir falar de cinema perto de mim.** (Grifo meu)

Talvez não por acaso, pouco importa, na primeira página do livro Holden descreve sua predileção pela história do “peixinho dourado”, escrita por seu irmão D.B. A partir desta imagem é possível extrair da metáfora do “peixe” que brilha seu sentido simbólico a capacidade de restauração interna e a fecundação de nosso tesouro interior perseguidas pelo ser humano:

> O Peixe é bem entendido, o símbolo do elemento Água, dentro do qual ele vive [...], o peixe está associado ao nascimento ou à restauração cíclica. A manifestação se produz à superfície das águas. Ele é ao mesmo tempo *Salvador* e instrumento da Revelação. [...] Além disso, o peixe é ainda símbolo de vida e fecundidade, em função de sua prodigiosa faculdade de reprodução e do número infinito de suas ovas (p.703-704).

Ao relatar que seu irmão D.B, é aquele que escreveu o conto fabuloso, “O Misterioso Peixinho Dourado”, relativiza o valor do irmão porque em sua opinião, ele está se prostituindo ao fazer cinema. Mas também o coloca como um cara de

sucesso que lhe visita todo o fim de semana e que vai lhe buscar onde está se recuperando de seu esgotamento. Ainda em relação ao misterioso peixe dourado, como algo a ser guardado e não revelado está o significado do segredo, conforme o dicionário de símbolos:

> Segredo[...] É igualmente ligado à ideia de tesouro e tem seus guardiões. O segredo é também fonte de angústia pelo seu processo interior, tanto para aquele que o guarda quanto para aqueles que o temem[...] É saudável livrar-se do fardo de um segredo. Mas aquele que é capaz, sem fraquezas e embaraços de guardar seus segredos adquire uma força de dominação incomparável que lhe confere um sentimento agudo de superioridade (p. 808-809).

Ainda no mesmo "mitema" relacionado ao "núcleo simbólico" da fecundidade, da restauração cíclica do peixe, no mesmo parágrafo Holden menciona ***este negócio de doido que me aconteceu pouco antes de sofrer um esgotamento.*** Com os núcleos simbólicos da loucura, evasão da razão, esgotamento, presente neste primeiro "mitema", podemos abordar outro símbolo arcaico e impregnado de sentido.

E sobre "esse negócio de doido"*:* O louco, significando "o inspirado, o poeta, o iniciado parece louco muitas vezes, por algum aspecto de seu comportamento, que escapa às normas habituais" (1997, p. 559-560)*.* Assim o jovem excêntrico, aquele que não se enquadra, que foge das convenções e ditames escolares e familiares, é um pouco ou **muito louco**, conforme a gíria. **Muito louco**, significa algo incompreensível aos padrões da normalidade, mas também extraordinário, atraente.

A grande armadilha das definições é esgotar sem esgotar, pretender encerrar o assunto mesmo ciente da impossibilidade. Contudo me atrevo à adentrar um pouco mais neste assunto espinhoso e por certo tentador do **louco**. No livro percebo "esta coisa doido" que levou Holden aquele lugar onde estava se recuperando, como uma pausa, algo como a tentativa de parar o mundo e descer e depois avançar para além de onde partira...Imagem, a qual encontramos amparo ainda no Dicionário de Símbolos, conforme segue:

> **O louco**: De todas as imagens [...]eis a mais misteriosa, a mais fascinante, e a mais inquietante[...]. se coloca, portanto, de [...]fora da cidade dos homens, fora dos muros[...]O Louco não é o nada, mas o vácuo[...], tornando-se a consciência de ser a consciência do mundo, [...], da qual ele se desligou para avançar mais a frente (1997, p. 559-560).

O poder simbólico da loucura em estar muitas vezes um passo a frente, inaugura nas primeiras imagens do livro sua importância. Aquele que desborda, sai das margens também promete um tempo novo, algo diferente, contesta o instituído, o estabelecido, desestabiliza as certezas de outrora.

3.2 O submarino[11] no segundo mitema: a (auto) formação pode se dar na viagem entre a evasão e o confronto

Partindo desta tensão vivida por Holden navega-se nas páginas até o momento em que ele resolve fugir, evadir, buscar na penumbra da noite uma sensação de liberdade, a aventura, e acaba confrontando-se com os mistérios do mundo adulto. Esta viagem iniciática narrada pelo protagonista, a evasão do instituído, está permeada o tempo todo por suas reflexões a cerca de suas relações familiares, com os pais, a irmã Phoebe e suas incursões na iniciação sexual. Como num palimpsesto, a escrita aberta conta outras histórias também daqueles que fazem parte do ser em si. Descobre-se como uma escrita anterior, subsumida na escrita atual.

Mesmo sem se tratar de viagem no sentido literal, as incursões de Holden trazem "o simbolismo da viagem, particularmente rico, resume-se, no entanto, na busca da verdade, da paz, da imortalidade, de procura e da descoberta[...] essas viagens só se realizam no interior do próprio ser" (1997, p. 951-952).

Um turbilhão de concepções e percepções se cruzam no decorrer do relato. Tanto sobre as relações afetivas, especialmente com sua irmã, e sobre as relações entre as *garotas e os caras.* Deparando-se com proibições e interditos Holden vai também mergulhando em seu universo interior ao contar suas histórias, porém sem dizê-lo textualmente. Também realiza um mergulho nos valores que o conduzem quando faz considerações por exemplo sobre ser ou não um *covarde* ou de que a *vida não é mole para as crianças* e mesmo que preferia ser fuzilado a ir para a guerra. Ou ainda sobre a tristeza que lhe bateu quando pendurou o vestido da prostituta ou de até sentir um pouco de pena daquele cara cheio de espinhas na cara, sinusite e outros inconvenientes.

[11] Falo em submarino por ideologema, conforme Araújo (2010) referir-se a uma espécie de condutor submerso que vai do eu da tópica, o meu ser, a um nível mais geral do contexto social, fazendo as costuras míticas que dão significado à vida.

Assim que cheguei à Estação Pennsylvania fui entrando na primeira cabine telefônica que encontrei. Me deu vontade de telefonar para alguém. Deixei as malas do lado de fora, junto à cabine, para poder vigiá-las, mas, lá dentro, não consegui pensar em ninguém para telefonar. Meu irmão D. B. mora em Hollywood. Minha irmã menor, a Phoebe, vai para a cama lá pelas nove horas - por isso não podia ligar para ela. Ela não se importaria nem um pouquinho se eu a acordasse, mas o problema é que não era ela quem ia atender; ia ser meu pai ou minha mãe, e isso estava fora do programa. Aí tive a idéia de ligar para a mãe da Jane Gallagher e saber quando começavam as férias dela, mas a idéia não me entusiasmou muito. Além disso, era um bocado tarde. Aí pensei em telefonar para essa garota com quem eu costumava sair, a Sally Hayes, que já estava em casa para as férias de Natal - ela tinha me escrito uma baita duma carta, cretina pra chuchu, me convidando para ajudá-la a arrumar a árvore de Natal e tudo - mas fiquei com medo que a mãe dela atendesse.[...]

Sou tão distraído que dei ao motorista o endereço lá de casa, por causa do hábito e tudo. Esqueci completamente que ia acampar num hotel por uns dias e só voltaria para casa depois do começo das férias. Já estávamos no meio do Parque quando dei pela coisa. Aí disse ao chofer:

- Êi, você se importa de dar a volta assim que puder? Dei o endereço errado. Quero ir para o centro.

O chofer era metido a engraçadinho:

- Não posso virar aqui, meu chapa. Essa rua é mão-única. Agora vamos ter que seguir até a rua Noventa.

Não queria me meter numa discussão e respondi:

- Tá bom.

Aí me lembrei duma coisa, de repente.

- Escuta aqui, você sabe onde ficam aqueles patos que vivem no lago lá pro lado sul do Parque? Aquele laguinho? Você sabe por acaso para onde eles vão, os patos, quando fica tudo congelado? Será que você tem uma idéia?

Calculei que era uma chance num milhão. Ele se virou para trás e me olhou como se eu fosse maluco.[...]

- Bem, o negócio é o seguinte: não quero me hospedar em nenhum hotel do lado leste, onde possa dar de cara com algum conhecido. Estou viajando incógnito.

Odeio dizer coisas quadradas, assim como "viajando incógnito", mas quando estou com gente burra fico burro também.

- Você sabe, por acaso, quais são as orquestras que estão tocando no Taft ou no New Yorker?

- Não manjo nada disso, meu chapa.

- Tá bem, então me deixa no Edmont. Escuta, você se importa de dar uma paradinha no caminho e tomar qualquer coisa comigo? Eu pago, tou com a nota.

- Não posso, meu chapa. Sinto muito.

Aquele sujeito era certamente uma grande companhia. Uma dessas personalidades irresistíveis. Chegamos ao Edmont e assinei o registro. **No táxi, eu tinha posto só de farra meu chapéu de caça vermelho, mas tirei-o da cabeça na hora de entrar no hotel. Não queria passar por doido ou coisa que o valha. Aí é que está a ironia da estória. Nem sabia que o hotel estava cheio de malucos e de pervertidos. Havia um tarado em cada canto.**

Me deram um quarto muito vagabundo. A única vista que eu tinha era a outra ala do hotel. Não que eu ligasse para isso. Estava deprimido demais para me preocupar se a vista do meu quarto era boa ou não. O empregado que me levou até o quarto devia andar pelos sessenta e cinco anos e conseguia ser mais deprimente do que o próprio quarto. Era um desses carecas que penteiam todo o cabelo do lado por cima da cabeça para tapear. Eu preferia ser careca de uma vez a fazer um troço desses. De qualquer jeito, que emprego fabuloso para um sujeito de sessenta e cinco anos: carregar a mala dos outros e ficar esperando uma gorjeta. Acho que ele não era muito inteligente nem nada, mas o troço não deixava de ser doloroso.

Quando ele foi embora, fiquei olhando pela janela, ainda de paletó e tudo. Não tinha nada de melhor Para fazer. Aí é que reparei o que estava acontecendo do outro lado do hotel. Não se davam nem ao trabalho de baixar a veneziana. Vi um sujeito de cabelos grisalhos e ar muito distinto, só de cuecas, fazendo um troço de cair o queixo. **Primeiro pus a mala em cima da cama. Aí tirou uma porção de roupas de mulher e começou a vesti-las. Roupa de mulher mesmo: meias de seda, soutien e uma dessas cintas com elásticos, pendurados e tudo. Aí se enfiou num vestido de noite preto, justo pra chuchu. Juro por Deus. Depois ficou andando pra lá e pra cá, no quarto, com uns passinhos miudinhos assim como as mulheres fazem, fumando um cigarro e se olhando no espelho. E o pior é que estava sozinho, a não ser que houvesse alguém no banheiro - isso não**

dava para ver de onde eu estava. Quase em cima da janela dele, um homem e uma mulher estavam se encharcando: cada um esguichava um bocado de água em cima do outro. Talvez fosse uma bebida qualquer, e não água, mas não dava para saber o que estava nos copos. Seja lá o que for, ele tomava um gole e esguichava em cima dela toda, e aí era a vez dela fazer o esguicho em cima dele. Dou minha palavra de honra, os sacanas se revezavam. Era um troço digno de ser apreciado. O tempo todo pareciam uns histéricos e riam como se estivessem fazendo a coisa mais engraçada do mundo. Não estou brincando, não, o hotel estava repleto de tarados. Acho que, provavelmente, eu era o único sacana normal nas imediações - e isso não é lá muita vantagem. Me deu uma vontade bárbara de passar um telegrama para o Stradlater, mandando ele tomar o primeiro trem para Nova York. Ele ia ser o rei do hotel.
O diabo é que esse tipo de porcaria é meio fascinante da gente olhar, mesmo que não queira. Por exemplo, essa garota que estava levando os esguichos na cara, ela era um bocado bonita. Aí é que está o problema. Na imaginação, sou provavelmente o maior tarado sexual que existe. De vez em quando sou capaz de inventar uns troços um bocado indecentes que não me importaria de fazer se aparecesse uma oportunidade. Até compreendo que pode ser bastante divertido, dum jeito meio esquisito, a gente arranjar uma garota e ficar esguichando água ou qualquer troço, um na cara do outro, se os dois estão de pifa e tudo. Mas o caso é que a idéia não me agrada. Pensando bem é nojento. A meu ver, se a gente não gosta de verdade de uma garota, não deve de jeito nenhum ficar fazendo um troço desses com ela**. E, se gosta mesmo, então é porque deve gostar também do rosto dela, e aí não se vai fazer uma porcaria dessas, esguichar água na cara dela e tudo. É pena que um troço imundo desses às vezes possa ser um bocado divertido. E as garotas também não ajudam muito quando a gente faz força para evitar muita sujeira, quando a gente procura evitar que se estrague uma coisa boa de verdade. Há uns dois anos conheci uma garota que era ainda mais safada do que eu. Safada é apelido. Mas, durante algum tempo, nos divertimos pra valer. De uma maneira meio marota, é claro. Sexo é o tipo da coisa que não consigo entender direito. A gente nunca sabe em que ponto está. Vivo estabelecendo uma série de regras sexuais para mim e aí, não demora muito, desobedeço a todas elas. No ano passado resolvi nunca mais ficar me esfregando com nenhuma pequena que, no fundo, eu achasse uma chata. Na mesma semana quebrei a regra - para dizer a verdade, na mesma noite. Passei a noite toda atracado com uma cretina terrível, chamada Anne Louise Sherman. Sexo é um troço que não entendo mesmo.** Juro que não entendo.[...]

Enquanto mudava a camisa, por pouco não dei um telefonema para minha irmã caçula, a Phoebe. Vontade de falar com ela não faltou. Ela tem um bocado de bom-senso e tudo. Mas não podia me arriscar, porque ela é muito criança e não ia estar acordada, muito menos por perto do telefone. Pensei que poderia desligar se meus pais atendessem, mas isso também não ia dar certo. Eles iam logo ver que era eu. Minha mãe sempre sabe que sou eu. Ela tem um sexto sentido, no duro. Mas bem que gostaria de bater um papinho com a Phoebe.
Valia a pena conhecê-la. Juro que ninguém nunca viu uma criança mais bonitinha e esperta do que ela. É esperta mesmo. Por exemplo, na escola ela tira cem em tudo. Na verdade, sou o único burro da família. Meu irmão D. B. é escritor e tudo, e meu irmão Allie, aquele que morreu, de quem já falei, era um crânio. O único burro sou eu mesmo. Mas valia a pena ver a Phoebe. Ela tem um cabelo meio ruivo, parecido com o do Allie, e usa um penteado bem curto no verão, com os cabelos puxados para trás das orelhas. As orelhas dela são muito bonitinhas. No inverno ela usa o cabelo comprido. Às vezes minha mãe faz tranças no cabelo dela, outras vezes não. Fica bonita mesmo. Ela só tem dez anos e é magricela como eu, mas de um magro bonito. Magrinha como uma patinadora. Uma vez fiquei olhando da janela enquanto ela atravessava a Quinta Avenida, para ir ao Central Park, e é assim que ela é, magrinha como uma patinadora. É impossível não gostar dela. Por exemplo, quando a gente conta alguma coisa, ela sabe direitinho de que diabo é que a gente está falando. A gente pode até levá-la a qualquer lugar. Se a gente leva ela para ver um filme vagabundo, por exemplo, ela sabe direitinho que é um abacaxi. Se é um bom filme, ela sabe que é um bom filme. D. B. e eu a levamos para ver um filme francês, "A Mulher do Padeiro", com Raimu. Ela vibrou. Mas o favorito dela é "Os 39 Degraus", com Robert Donat. Ela sabe a porcaria do filme todo de cor, porque já a levei para ver o troço mais de dez vezes. Por exemplo, quando o Donat chega àquela fazenda escocesa, fugindo da polícia e tudo, a Phoebe diz bem alto no cinema, ao mesmo tempo que o tal escocês na tela: "Você gosta de arenque?" Ela sabe todo o diálogo de cor. E quando o professor, aquele que no duro é um espião alemão, vai levantando o dedo mindinho aleijado, para denunciar o Robert Donat, a Phoebe é mais ligeira: levanta o dedinho no escuro, bem na frente da minha cara.

Ela é cem por cento. Todo mundo tem que gostar dela. O único problema é que, às vezes, ela é um pouco afetiva demais.
[...]Por isso, acabei de vestir a camisa. Aí, me aprontei e tomei o elevador para ver o movimento no saguão.
A não ser por uns caras com pinta de gigolôs e umas louras com pinta de vagabundas, o saguão estava meio deserto. Mas vinha música do Salão Lavanda, por isso fui para lá. Apesar de meio vazio, me deram uma mesa horrível, bem no fundo. Eu devia ter sacudido uma nota no nariz do maître. Em Nova York, a gente fica sabendo que é verdade essa estória de que o dinheiro fala - é sério.
A orquestra era o fim. Buddy Singer. Uma porção de metais, mas metal ruim como o quê. Também havia muito pouca gente da minha idade lá dentro. No duro mesmo, não vi ninguém da minha idade. Quase tudo coroa, desfilando com suas garotas. Menos na mesa à minha direita, onde estavam três pequenas que deviam andar beirando os trinta anos. Todas as três eram um bocado feias e, pelo tipo de chapéu que usavam, estava na cara que não eram de Nova York. Uma delas, a loura, não era de todo má. Era engraçadinha, a loura, e comecei a dar em cima dela, devagar, mas aí o garçon veio me atender. Pedi uísque com soda e disse para não misturar - falei depressa pra burro, porque se a gente gagueja eles percebem que a gente tem menos de vinte e um, e não vendem bebida alcoólica. Mesmo assim me estrepei.
- Desculpe, cavalheiro - ele disse - mas o senhor tem alguma prova de idade? Sua carteira de motorista, por exemplo?
Joguei um olhar frio pra chuchu em cima do sujeito, como se ele tivesse me ofendido, e perguntei:
- Eu lá tenho cara de ser menor de idade?
- Desculpe, cavalheiro, mas temos nossas...
- Está bem, está bem - fui logo dizendo. Resolvi deixar o negócio de lado. - Me trás uma Coca-Cola.
Ele foi saindo, mas chamei-o novamente.
- Vê se taca um pouco de rum nesse negócio, tá? - pedi. Falei com muito jeito. - Não posso ficar num lugar micha como esse completamente a seco... Vê se taca um pouco de rum, tá?
- Desculpe, cavalheiro... - ele disse, e foi-se embora.
Não fiquei com raiva, porque eles não têm culpa. Perdem o emprego se forem apanhados vendendo bebida alcoólica a menor. E a droga toda é que eu sou mesmo menor.
Comecei novamente a dar em cima das três bruxas da mesa ao lado. Quer dizer, da loura. As outras duas só numa ilha deserta. Mas não engrossei nem nada. Só castiguei na direção delas um olhar macio e sedutor. Aí, as três começaram a rir feito imbecis. Com certeza me acharam garoto demais para dar um lance desses.[...]

3.3 Com os pés na terra ou no ar o terceiro mitema: a (auto) formação humana ocorre pela iniciação e a transmigração

Avisei embora não adiante nada que era um troço arriscado prá burro. Esse negócio de andar com os pés na cabeça. O que me aconteceu nestes dias foi estranho prá chuchu e posso ter me enganado a respeito. Mas suspeito que é o tipo de coisa que acontece muito nesta fase da vida em que me encontro. Mas eu sou doida. Verdade! Continuo determinada a contar tudo de uma vez...

***O* Professor Antolini e a mulher tinham um apartamento grã-finérrimo em Sutton Place, desses que a gente tem que descer dois degrauzinhos para entrar na sala de visitas, e com um bar e tudo. Eu já tinha ido lá algumas vezes, porque depois que saí do Elkton Hills o Professor Antolini ia freqüentemente jantar lá em casa, para saber como eu estava indo. Nessa época ele ainda, era solteiro. Depois que casou, andei jogando tênis com ele e a mulher, no clube de tênis West Side, em Forest Hills, Long Island** [...]Eu teria ido a pé à casa dele, porque só em último

caso pensava gastar o dinheiro de Natal da Phoebe, mas me senti meio esquisito quando cheguei lá fora. Meio tonto. Por isso tomei um táxi. Não queria, mas tomei. Tive um trabalhão desgraçado só para encontrar um táxi.

Quando o safado do cabineiro resolveu afinal me deixar subir, toquei a campainha e quem veio abrir foi o próprio Professor Antolini. Estava de robe e chinelos e um copo de bebida na mão. Era um cara um bocado sofisticado e também bebia pra chuchu.

- Holden, meu filho! - ele disse. - Ora veja, cresceu mais uns cinco centímetros. Que prazer vê-lo por aqui.

- Não, passei em inglês direitinho. Mas quase que só demos literatura. Só escrevi umas duas redações durante o ano todo. Mas fui reprovado em Expressão Oral. Lá eles tinham esse curso obrigatório. Expressão Oral. Nisso fui reprovado.

[...]O problema comigo é que eu gosto quando um sujeito sai do assunto. É mais interessante e tudo.

- Você não gosta que uma pessoa seja objetiva quando conta uma estória?

- Claro! Gosto que a pessoa seja objetiva e tudo. Mas não gosto que seja objetiva demais. Não sei. Acho que não gosto quando a pessoa é objetiva o tempo todo. Os garotos que conseguiam as melhores notas em Expressão Oral eram objetivos o tempo todo, isso eram. Mas tinha um garoto, o Richard Kinsella. Ele não era muito objetivo e a turma vivia gritando "Digressão !" quando ele falava. Era horrível. Primeiro porque ele era um cara muito nervoso. Isso mesmo, nervosíssimo - e, quando chegava a hora de falar, os lábios dele começavam a tremer e, do fundo da sala, a gente mal conseguia ouvir o que ele estava dizendo. Mas, quando os lábios dele paravam um pouco de tremer, eu gostava dos discursos dele mais do que os de qualquer outro sujeito[...] Não sei. É difícil de explicar.

Eu nem estava com muita vontade de tentar. Em parte por causa daquela dor de cabeça desgraçada. Pedi a Deus que a senhora Antolini chegasse com o café. Se há uma coisa que me aporrinha é isso, quando alguém diz que o café está pronto e não está pronto coisa nenhuma.

- Holden... Uma perguntinha pedagógica e um pouquinho batida. Você não acha que há um tempo e um lugar para tudo na vida? Você não acha que, se alguém começa a falar sobre a fazenda do pai, deve agüentar a mão e, depois, arranjar um jeito de falar sobre a tipóia do tio? Ou, então, se a tipóia do tio é um assunto tão fascinante, ele não devia tê-lo escolhido logo como tema da exposição, em vez da fazenda?

Eu não estava com muita vontade de pensar e responder e tudo. Estava com dor de cabeça e me sentia podre. Estava até com um pouco de dor de barriga, para falar a verdade.

- Acho... Sei lá. Acho que sim. Quer dizer, acho que devia ter escolhido o tio como tema, em vez da fazenda, se isso era mais interessante para ele. Mas o caso é que, muitas vezes, a gente só descobre o que interessa mais na hora que começa a falar sobre uma coisa que não interessa muito. Quer dizer, às vezes a gente não consegue evitar isso. O que eu acho é que a gente deve deixar em paz uma pessoa que começa a contar uma estória, se a estória é pelo menos interessante e o sujeito se anima todo com o assunto. Gosto de ver uma pessoa ficar toda animada com o assunto. É bonito. [...]

- Pode ir dormir descansada que nós cuidamos de tudo - o Professor Antolini respondeu. Deu um beijo nela, ela me disse até logo e foi para o quarto. Os dois viviam se beijando em público.

Tomei meia xícara de café e comi metade de um pedaço de bolo, mais duro do que pedra. O Professor Antolini se contentou com outro drinque, e forte à beça. Se ele não tomar cuidado ainda acaba viciado.

- Almocei com o seu pai há umas duas semanas - ele falou de repente. - Você sabia?

- Não, não sabia.

- Você não ignora, naturalmente, que ele anda muito preocupado com você.

- Sei disso. Sei que anda.

- Tudo indica que, antes de me telefonar, ele tinha recebido uma carta enorme e bastante perturbadora do seu último diretor, informando que você não estava fazendo o mínimo esforço. Matando aulas. Não preparando as lições. Em suma, sendo um completo...

- Não matei aula nenhuma. Não havia jeito. De vez em quando eu deixava de assistir às aulas de umas duas matérias, como a tal de Expressão Oral que eu falei antes. Matar mesmo, não matei...

Não estava com a menor vontade de discutir o troço. Minha dor de barriga tinha diminuído um pouco com o café, mas aquela dor de cabeça miserável, continuava.

O Professor Antolini acendeu outro cigarro. Ele fumava como uma chaminé. Aí falou:

- Francamente, Holden, não sei o que lhe dizer.

- Eu sei. É difícil falar comigo. Compreendo.

- Tenho a impressão de que você está caminhando para alguma espécie de queda... uma queda tremenda. Mas, honestamente, não sei de que espécie... Está me ouvindo?

- Estou.
A gente via logo que ele estava procurando se concentrar e tudo.
- Talvez da espécie que faz com que a gente, aos trinta anos, se sente num bar e odeie todo mundo que entra com jeito de quem jogou futebol numa universidade. Ou, então, você conseguirá instruir-se o bastante para odiar todo mundo que diz: "É um segredo entre mim e você". Ou talvez acabe em algum escritório, atirando clipes na taquígrafa mais próxima. Não sei mesmo. Mas você entende o que estou querendo dizer, não entende?
- Entendo - respondi. E entendia mesmo. - Mas o senhor se engana sobre esse negócio de odiar os jogadores de futebol e tudo. O senhor se engana mesmo. Não tenho raiva de muita gente. Pode ser que, de vez em quando, eu odeie alguns sujeitos durante algum tempo, como esse cara que eu conheci no Pencey, o Stradlater, ou esse outro sujeito, o Robert Ackley. De vez em quando eu tinha ódio deles, confesso, mas isso não dura muito, esse é que é o caso. Depois de algum tempo, se eu não os visse, se não vinham ao meu quarto, ou se eu passava umas duas refeições sem encontrar com eles no refeitório - chegava a sentir falta deles. É isso mesmo, chegava a ficar com saudade deles.
O Professor Antolini ficou uns dois minutos em silêncio. Levantou-se, apanhou outro pedaço de gelo, deixou cair no copo e aí sentou de novo. Via-se que ele estava pensando. Fiquei torcendo para que ele deixasse a conversa para outro dia, em vez de continuar naquela hora, mas ele estava embalado. Em geral, as pessoas se esquentam numa discussão na hora que a gente está mais frio.
- Está bem. Agora, escuta aqui um momento... Pode ser que eu não consiga expressar isso tão bem quanto eu gostaria, mas escrevo uma carta para você amanhã ou depois explicando tudo. Aí você vai entender direitinho. De qualquer maneira presta atenção agora. Começou a se concentrar outra vez, e aí disse:
- Esta queda para a qual você está caminhando é um tipo especial de queda, um tipo horrível. O homem que cai não consegue nem mesmo ouvir ou sentir o baque do seu corpo no fundo. Apenas cai e cai. A coisa toda se aplica aos homens que, num momento ou outro de suas vidas, procuram alguma coisa que seu próprio meio não lhes podia proporcionar. Ou que pensavam que seu próprio meio não lhes poderia proporcionar. Por isso, abandonam a busca. Abandonam a busca antes mesmo de começá-la de verdade. Tá me entendendo?
- Sim, senhor.
- Está mesmo?
- Estou sim.
Levantou-se e despejou mais um pouco de bebida no copo. Aí se sentou de novo. Ficou um bocado de tempo sem dizer nada.
- Não quero te assustar - ele disse - mas vejo você, com toda a clareza, morrendo nobremente, de uma forma ou de outra por uma causa qualquer absolutamente indigna.
Me olhou de um jeito engraçado.
- Se eu escrever umas palavras para você, promete que vai ler cuidadosamente? E guardar?
- Prometo, sim - respondi. E era verdade. Até hoje guardo o papel que ele me deu.
Foi até a escrivaninha, no outro lado da sala, e escreveu alguma coisa num pedaço de papel, sem se sentar. Aí voltou e se sentou, com o papel na mão.
- Por estranho que pareça, isso não foi escrito por um poeta. Foi escrito por um psicanalista chamado Wilhelm Stekel. Aqui está o que ele... Você ainda está me ouvindo?
- Claro que estou.
- Aqui está o que ele disse: "A característica do homem imaturo é aspirar a morrer nobremente por uma causa, enquanto que a característica do homem maduro é querer viver humildemente por uma causa".
Inclinou-se e me passou o pedaço de papel. Li imediatamente o que estava escrito, agradeci e tudo, e guardei o papel no bolso. Foi muito simpático da parte dele incomodar-se tanto por minha causa. Foi mesmo. Mas a verdade é que eu não estava realmente com muita vontade de me concentrar. Puxa, nunca me senti tão cansado, assim de repente.
Mas ele não dava a menor impressão de cansaço. Em parte porque estava bastante alto.
- Acho que um desses dias - ele falou - você vai ter que decidir para onde quer ir. E aí vai ter que começar a ir para lá. E sem perda de tempo. No seu caso, não se pode perder um minuto que seja.
Concordei com a cabeça, porque ele estava me encarando e tudo, mas não estava entendendo muito bem o que ele disse. Eu achava que sabia o que era, mas, naquele momento, não tinha certeza absoluta. Estava cansado pra diabo.

- Detesto dizer isso, mas acho que, assim que você tiver uma idéia de onde quer chegar, seu primeiro passo vai ser aplicar-se no colégio. É o que você vai ter que fazer. Você é um estudante - quer a idéia lhe agrade ou não. Você está apaixonado pelo conhecimento. [...]
- Não estou querendo dizer que só os homens instruídos e cultos são capazes de contribuir com algo valioso para o mundo. Não é isso. O que eu quero dizer é que os homens instruídos e cultos, se de fato tiverem brilho e capacidade criadora - o que, infelizmente, é raro - tendem a deixar registros infinitamente mais valiosos do que aqueles que apenas têm brilho e capacidade criadora. Tendem a se expressar com mais clareza e, geralmente, têm a paixão de desenvolver seu pensamento até o fim. E - o que é mais importante - na grande maioria dos casos têm mais humildade do que o pensador menos culto. Você está me acompanhando?
- Sim, senhor.
Ficou outra vez sem dizer nada por um tempão. Não sei se isso acontece com todo mundo, mas é meio chato a gente ficar sentado, esperando uma pessoa dizer alguma coisa, enquanto ela está pensando. É duro mesmo. Fiquei me esforçando para não bocejar. Não que eu estivesse chateado ou coisa parecida - não estava -mas de repente me deu um sono filho da mãe.
- Há outra coisa que uma educação acadêmica poderá proporcionar a você. Se você prosseguir nela por um tempo razoável, ela acabará lhe dando uma idéia das dimensões da sua mente. Do que ela comporta e, talvez, do que ela não comporta. Depois de algum tempo, você vai ter uma idéia do tipo de pensamento que sua mente deve abrigar. A vantagem disso é que talvez lhe poupe uma enormidade de tempo, que você perderia experimentando idéias que não se ajustam a você, não combinam com você. Você começará a conhecer as suas medidas exatas, e vestirá sua mente de acordo com elas.
Aí, de repente, bocejei. Era o tipo da grossura, mas não pude evitar.
Mas o Professor Antolini só fez rir.
- Vamos - ele disse, e se levantou. - Vamos arrumar o sofá.
Eu o acompanhei até o armário. Ele tentou tirar alguns lençóis e cobertores da prateleira de cima, mas, com o copo na mão, não conseguia. Por isso, bebeu o que restava, pôs o copo no chão e aí tirou os troços. Ajudei-o a trazer tudo para o sofá e fizemos a cama juntos. Ele não tinha muito jeito para a coisa. Não sabia esticar e prender nada direito. Mas não me importei. Estava tão cansado que seria capaz de dormir em pé.
- Como vão as suas mulheres todas?
- Vão indo - respondi. Em matéria de conversa eu estava uma droga, mas não queria me esforçar.
- Como vai a Sally?
Ele conhecia a Sally. Eu a tinha apresentado a ele uma vez.
- Vai bem. Saí com ela hoje de tarde - falei. Puxa, até parecia que tinham passado uns vinte anos. - Quase não temos mais nada em comum.
- Ela é uma garota bonita pra burro. E aquela outra menina? Aquela de quem você me falou, do Maine?
- Ah, sei... a Jane Gallagher. Ela é uma boa garota. Acho até que vou dar um telefonema para ela amanhã.
A essa altura já tínhamos acabado de fazer a cama.
- É toda tua - ele disse. - Não sei que diabo você vai fazer com tanta perna.
- Não tem importância. Já estou acostumado a dormir em camas curtas - respondi. - Muito obrigado. O senhor e a senhora Antolini salvaram mesmo a minha vida hoje.
- Você sabe onde é o banheiro. Se precisar de alguma coisa, basta dar um berro. Vou ficar ainda um bocadinho na cozinha... A luz te incomoda?
- Não, nem um pouquinho. Muito obrigado.
- Está bem. Boa noite, bonitão.
- Boa noite, Professor. Muito obrigado.
Ele foi para a cozinha e eu tirei a roupa no banheiro. Não pude escovar os dentes porque não havia trazido escova. Também não tinha pijama, e o Professor Antolini se havia esquecido de me emprestar um. Voltei para a sala, apaguei o abajur junto do sofá e me deitei só de cuecas. O sofá era um bocado pequeno para mim, mas na verdade eu seria capaz de dormir em pé, sem pestanejar. Fiquei acordado só uns dois segundos, pensando nos troços que o Professor tinha dito. Aquela estória de descobrir o tamanho da mente e tudo. Ele era mesmo um camarada inteligente pra chuchu. Mas não consegui ficar com a droga dos olhos abertos e peguei no sono.
Aí aconteceu um troço. Não gosto nem de falar no assunto.
Acordei de repente. Não sei que horas eram nem nada, só sei que acordei. Senti uma coisa na minha cabeça, a mão de uma pessoa. Puxa, fiquei apavorado pra diabo. Num instante vi que

era a mão do Professor Antolini. Sabe o quê que ele estava fazendo? Estava sentado no chão, ao lado do sofá, no escuro e tudo, e estava assim me fazendo festinha ou um carinho na cabeça. Puxa, devo ter dado um pulo duns mil metros.
- Que negócio é esse?
- Nada, estou sentado aqui, admirando...
- Quê que há, afinal? - perguntei de novo. Não sabia que droga ia falar, estava confuso pra burro.
- Que tal falar um pouquinho mais baixo? Estou só sentado aqui... - Está mesmo na hora de ir embora - falei. Puxa, como eu estava nervoso. Comecei a vestir a porcaria das minhas calças no escuro. Quase não acertava, de tão nervoso. Conheço mais tarados, nas escolas e tudo, do que qualquer pessoa, e eles sempre resolvem ser tarados na hora que eu estou por perto.
- Onde é que você tem que ir? - ele me perguntou. Estava tentando aparentar muita naturalidade e controle e tudo, mas não estava natural coisíssima nenhuma. No duro.
- Deixei minha bagagem e tudo na estação. Acho melhor ir buscar. Todos os meus troços estão lá dentro.
- As malas vão estar no mesmo lugar amanhã de manhã. Agora trata de voltar para a cama. Também vou me deitar. Quê que houve com você?
- Nada. Só que todo o meu dinheiro e meus troços estão nas malas. Volto daqui a pouco. Apanho um táxi e volto num instante - falei. Puxa, estava me embaralhando todo, no escuro. - O problema é que o dinheiro não é meu, é da minha mãe, e eu...
- Não seja ridículo, Holden. Volta para a cama. É o que eu vou fazer também. O dinheiro está bem seguro até de manhã...
- Não, fora de brincadeira, tenho que ir. Tenho mesmo.
Tinha quase acabado de me vestir, só que não achava a gravata. Não me lembrava onde tinha deixado a droga da gravata. **Vesti o paletó e tudo, sem ela mesmo. O Professor Antolini estava sentado agora na poltrona grande, um pouco afastado de mim, me espiando. Estava escuro e tudo e não dava para vê-lo direito, mas eu sabia que ele estava me olhando, sem a menor dúvida. E também continuava bebendo. Dava para ver, na mão dele, o copo de estimação.**
- Você é um garoto muito estranho. Muito estranho mesmo.
- Sei disso - respondi. Nem me dei ao trabalho de procurar muito pela gravata. Fui embora sem ela. - Até logo, Professor. Muito obrigado. Fora de brincadeira.
Ele me acompanhou até a saída e, quando chamei o elevador, continuou parado na droga da porta. Ficou só repetindo aquela estória de que eu era "um garoto muito estranho, muito estranho mesmo". Estranho uma ova. Ele ficou esperando a titica do elevador chegar. Juro que nunca vi um elevador demorar tanto em toda a droga de minha vida. Eu não sabia que porcaria ia dizer enquanto o elevador não vinha, e ele continuava ali, em pé, por isso falei:
- Vou começar a ler uns bons livros. Vou mesmo.
O negócio é que eu tinha que dizer alguma coisa.
Era uma situação embaraçosa pra burro.
- Apanha tua bagagem e volta correndo pra cá. Vou deixar a porta só encostada.
- Muito obrigado. Até logo!
Até que enfim o elevador tinha chegado. Entrei e desci. **Puxa, eu estava tremendo feito um desgraçado. E suando também. Quando me acontece um troço assim meio tarado, começo a suar como um filho da mãe. Esse tipo de coisa já me aconteceu mais de vinte vezes, desde que eu era garotinho. Não agüento isso.**

25

Quando cheguei lá fora o dia estava começando a clarear. Fazia também um frio desgraçado, mas até que me senti bem, de tão suado que eu estava.
Não tinha a mínima idéia para onde ir. Não queria me meter em outro hotel e gastar todo o dinheiro da Phoebe. Afinal, fui andando até a Avenida Lexington e tomei o metrô para a Estação Grand Central. Tinha deixado as minhas malas lá e tudo, e pensei em dormir naquele salão de espera enorme, onde tem um milhão de bancos. Foi o que acabei fazendo. No começo até que não foi tão ruim, porque havia pouca gente por ali e eu podia pôr os pés em cima do banco. **Mas não tenho muita vontade de falar sobre isso. Não foi nada agradável. A gente não devia nunca ter de fazer um troço desses. No duro, é um bocado deprimente.** [...] **O que me chateava mesmo era esse negócio de eu ter acordado e encontrado o Professor fazendo festinha na minha cabeça e tudo. Chegava a pensar que podia ter sido um engano meu e que, afinal de contas, ele não estivesse me fazendo um carinho aveadado. Talvez ele só gostasse mesmo era de fazer festinha na cabeça da gente, enquanto a gente dormia. Como é que se pode ter certeza de um troço desses? É impossível. Comecei até a pensar se não devia pegar minhas malas e voltar para a casa dele, como havia**

dito que ia fazer. Pensei que, mesmo que fosse veado, ele tinha sido um bocado bom comigo. Nem tinha se importado de eu telefonar tão tarde para ele, e me havia dito que fosse imediatamente para lá, se quisesse. E tinha tido um trabalhão para me aconselhar sobre aquele negócio da gente descobrir o tamanho da nossa mente e tudo. E foi o único sujeito que chegou perto daquele garoto, o James Castle, no dia em que ele morreu. Pensei nisso tudo. E, quanto mais pensava, mais deprimido ficava. Comecei a achar que talvez eu devesse voltar para a casa dele. Possivelmente, ele só estava mesmo me fazendo festinha na cabeça à toa, sem maldade nenhuma. Mas, quanto mais eu pensava no troço todo, mais deprimido e confuso ia ficando. Para piorar tudo ainda, meus olhos estavam me incomodando um bocado. Estavam irritados e ardendo, pela falta de sono. Além disso eu estava começando a ficar resfriado e não tinha nem uma porcaria dum lenço no bolso. Tinha alguns na mala, mas não estava com a mínima vontade de tirá-la de dentro do armário de aço e abrir ali, bem na frente de todo mundo.

Alguém tinha deixado uma revista no banco, ao meu lado, e comecei a ler, achando que assim ia parar de pensar no Professor Antolini e num milhão de outras coisas, pelo menos durante algum tempo. Mas a porcaria do artigo que comecei a ler quase que me fez sentir pior ainda. Era sobre os hormônios. Mostrava a aparência que a gente deve ter - a cara, os olhos e tudo - **quando os hormônios estão funcionando direito, e eu estava todo ao contrário. Estava parecendo exatamente com o sujeito do artigo, que estava com os hormônios todos funcionando errado. Por isso comecei a ficar preocupado com os meus hormônios. Aí li outro artigo, sobre a maneira pela qual a gente pode saber se tem câncer ou não. Dizia lá que, se a gente tem alguma ferida na boca que demora a sarar, então isso é sinal de que a gente provavelmente está com câncer. E eu já estava com aquele machucado na parte de dentro do lábio há umas duas semanas. Por isso imaginei que estava pegando um câncer. A tal revista era um bocado boa para levantar o moral da gente. Acabei parando de ler e saí para dar uma volta. Calculei que devia morrer dentro de uns dois meses, já que estava com câncer. Foi mesmo. Eu estava certo de que ia morrer. Evidentemente, essa idéia não me deixou muito satisfeito.**

Estava com jeito de que ia chover, mas saí andando assim mesmo. Em parte porque achei que devia comer alguma coisa. Não tinha a menor fome, mas achei que precisava pelo menos me alimentar um pouco. Quer dizer, pelo menos tomar algum troço que tivesse umas vitaminas. Por isso comecei a andar na direção leste, onde tem uma porção de restaurantes baratos, porque não estava a fim de gastar um dinheirão.

[...]**Não houve jeito de engolir direito. O caso é que, quando a gente está muito deprimido, é difícil como o diabo engolir qualquer coisa.** Mas o garçon foi simpático: levou as roscas de volta sem me cobrar nada por elas. Só bebi o café. Aí saí e fui andando em direção à Quinta Avenida.

Era uma segunda-feira e tudo, pertinho do Natal, e todas as lojas estavam abertas. Por isso, até que não era de todo mau caminhar pela Quinta Avenida, que estava um bocado natalina. [...]

Um milhão de crianças zanzavam pelo centro da cidade com as mães, subindo e descendo dos ônibus, entrando e saindo das lojas. Queria que a Phoebe estivesse ali comigo. Ela já não é tão pequena que ainda fique inteiramente alucinada na seção de brinquedos, mas gosta de circular e olhar as pessoas. No Natal passado levei-a à cidade para fazer compras comigo. Nos divertimos pra chuchu. Acho que foi na Loja Bloomingdale. Fomos na seção de sapatos e fizemos de conta que ela - Phoebe - queria um par dessas[...]

De qualquer modo, continuei andando toda a vida pela Quinta Avenida, sem gravata nem nada. Aí, de repente, começou a acontecer um negócio um bocado fantasmagórico. Cada vez que eu chegava ao fim de um quarteirão e descia o meio-fio, tinha a sensação de que nunca chegaria ao outro lado da rua. Pensava que ia caindo, caindo, caindo, e nunca mais ninguém ia me ver. Puxa, fiquei apavorado pra burro. Ninguém imagina o medão que me deu. Comecei a suar como um filho da mãe, molhei toda a camisa, a roupa de baixo, tudo. Aí comecei a fazer outro troço: cada vez que chegava ao fim do quarteirão, fazia de conta que estava falando com o meu irmão Allie. Dizia pra ele: "Allie, não me deixa desaparecer. Allie, não me deixa desaparecer. Por favor, Allie." Aí então, quando chegava do outro lado da rua sem desaparecer, eu agradecia a ele. Logo que chegava a outra esquina, começava tudo de novo. Mas continuei andando assim mesmo. Acho que estava meio amedrontado de parar - nem sei direito, para dizer a verdade. Sei que só fui parar quando já estava lá pela altura da rua Sessenta e tantos, pra lá do Jardim Zoológico. Aí, sentei num banco. Quase que não conseguia respirar e ainda estava suando como um filho da mãe. Acho que fiquei sentado lá mais ou menos uma hora. Finalmente, decidi ir embora de vez. **Resolvi que não voltaria para casa nunca mais, e nunca mais iria para colégio nenhum. Decidi que ia só encontrar com a Phoebe, para me despedir e tudo, e devolver o dinheiro de Natal que ela me havia emprestado. Aí começaria a viajar para o oeste, pegando caronas nos carros. Já sabia o que tinha de fazer: ia até o Túnel Holland e apanhava uma carona, depois**

pegava outra carona, e depois outra e mais outra. Assim, em poucos dias já estaria lá pelo oeste, num lugar muito bonito e ensolarado, onde ninguém me conhecesse e eu arranjasse um emprego. Calculei que podia achar trabalho num posto de gasolina em qualquer canto, pondo gasolina e óleo no carro dos outros. Mas não me importava que tipo de emprego ia ser, desde que ninguém me conhecesse e eu não conhecesse ninguém. Aí, bolei o que é que eu devia fazer: ia fingir que era surdo-mudo. Desse modo, não precisava ter nenhuma conversa imbecil e inútil com ninguém. Se alguém quisesse me dizer alguma coisa, teria de escrever o troço num pedaço de papel e me entregar. Depois de algum tempo iam ficar um bocado aporrinhados de ter que fazer tudo isso, e aí eu nunca mais precisaria conversar pelo resto da minha vida. Todo mundo ia pensar que eu era só um infeliz dum filho da mãe surdo-mudo, e iam me deixar em paz sozinho. Me deixavam botar gasolina e óleo na droga dos carros deles, e me pagavam um salário para fazer isso. Com o dinheiro que fosse ganhando, construiria uma cabaninha para mim em algum lugar e viveria lá o resto da vida. Ia fazer a cabana bem pertinho de uma floresta, mas não dentro da mata, porque ia fazer questão de ter a casa ensolarada pra burro o tempo todo. Cozinharia minha própria comida e mais tarde, se quisesse casar ou coisa parecida, ia encontrar uma garota bonita, também surdo-muda, e nos casaríamos. [...] assim eu deixaria a cabana e voltaria. Sabia que minha mãe ia ficar nervosa pra chuchu e ia começar a chorar e a me pedir que ficasse em casa, que não voltasse para minha cabana, mas eu iria embora de qualquer maneira. Ia bancar o superior. Ia acalmar minha mãe e aí atravessava a sala, tirava a cigarreira do bolso e acendia um cigarro - tudo isso com a maior calma. **Diria a eles que me visitassem algum dia, se tivessem vontade, mas não ia insistir nem nada. Uma coisa eu ia fazer: ia deixar que a Phoebe fosse me visitar no verão e nas férias da Páscoa e do Natal. E deixaria o D.B. passar algum tempo comigo, se ele quisesse um lugar simpático e quieto para escrever. Só que não ia poder escrever nenhum filme na minha cabana só contos e romances. Ia estabelecer essa regra, que ninguém podia fazer nada de falso quando me visitasse. Se alguém tentasse fazer qualquer coisa falsa, ia ter que ir embora.**
De repente, olhei para o relógio no vestíbulo e vi que já era vinte e cinco para uma. Comecei a ficar com medo de que talvez a velhinha na escola tivesse dito à outra mulher para não entregar meu recado à Phoebe. **Fiquei assustado, achando que talvez ela tivesse mandado queimar o bilhete ou coisa que o valha. Me deu mesmo um medão danado. Queria muito ver a Phoebe antes de me largar pelo mundo. Além disso, estava com o dinheiro de Natal dela e tudo.**
Finalmente a vi, através da porta de vidro. Logo vi que era ela porque estava usando meu chapéu de caça maluco - dava pra se enxergar aquele chapéu a quinze quilômetros de distância.
Saí e comecei a descer a escadaria de pedra para encontrar-me com ela. Só não conseguia entender aquela mala enorme que ela vinha trazendo. Estava atravessando a Quinta Avenida e arrastando aquela baita mala. Ela quase não agüentava com o peso. Quando cheguei mais perto, vi que era a minha mala velha, a que eu usava no tempo do Colégio Whooton. Não conseguia imaginar que diabo ela estava fazendo com a mala.
- Oi - ela disse, quando veio chegando. Já nem tinha mais fôlego, por causa daquela mala doida.
- Pensei que você não vinha mais - falei. - Que é que você pôs aí nessa mala? Não preciso de nada. Vou assim mesmo como estou. Não vou levar nem as minhas malas que estão na estação. Afinal de contas, quê que você enfiou aí?
Ela pôs a mala no chão.
- Minhas roupas - respondeu. - Vou com você. Posso? Tá bem?
- O quê? - perguntei. Quase caí duro quando ela disse aquilo. Juro por Deus. Me senti meio tonto e pensei que ia desmaiar outra vez ou coisa parecida.
- Desci com a mala pelo elevador dos fundos para a Charlene não me ver. Não é pesada, não. Só tem dois vestidos, meus mocassins, minha roupa de baixo, meias e mais umas coisinhas. Experimenta só. Não é pesada, não. Experimenta uma vez só pra ver... Posso ir com você, Holden? Posso? Por favor.
- Não. Cala a boca.
Pensei que ia desmaiar. Eu não queria que ela calasse a boca e tudo, não era bem isso, mas pensei mesmo que ia desmaiar novamente.
- Por quê que eu não posso ir? Deixa, Holden. Não vou fazer nada... Só vou com você, só isso! Se você quiser nem levo minhas roupas. Só levo minha...
- Você não vai levar nada. Porque nem você vai. Vou sozinho. Por isso, trata de calar a boca.
- Deixa, Holden. Deixa eu ir. Vou ser muito, muito... Você nem vai...
- Não vou deixar nada. Agora, cala a boca. Me dá essa mala.
Tirei a mala da mão dela. Estava quase batendo nela. Cheguei até a pensar por um instante que ia dar-lhe um tapa. No duro. Ela começou a chorar.

- Pensei que você ia representar no teatro da escola e tudo. Pensei que você ia ser o Benedict Arnold naquela peça - falei, com uma voz um bocado dura. - Que é que você quer fazer? Sair da peça, é?
Isso fez ela chorar mais ainda. Fiquei satisfeito. De repente eu quis que ela chorasse até arrebentar. Quase tive ódio dela. Acho que tive mais raiva principalmente porque ela não representaria mais na peça se fosse embora comigo.
- Vamos - eu disse. Comecei a subir outra vez as escadas do museu. Resolvi o que ia fazer: deixava aquela mala doida na portaria do museu e aí ela podia apanha-la às três horas, quando saísse da escola. Sabia que ela não podia mesmo levar a mala para a escola.
- Vamos, agora vamos - repeti.
Mas ela não subiu comigo. Não houve jeito de faze-la ir comigo. Subi assim mesmo, deixei a mala na portaria e saí outra vez. Ela ainda estava lá, na calçada, mas virou as costas para mim quando me aproximei. Isso ela sabe fazer muito bem. Quando lhe dá na veneta, ela vira as costas pra gente sem a menor cerimônia.
- Não vou mais embora pra lugar nenhum. Mudei de idéia. Agora pára de chorar e cala a boca - falei. O engraçado é que, quando eu disse isso, ela nem estava chorando mais. Mas falei de qualquer maneira. - Agora vamos embora. Vou com você até a escola. Vambora, senão você vai chegar atrasada.

Neste terceiro mitema: Pela iniciação e Transmigração à (auto)formação humana, escolhi iniciar pela transcrição de trechos do livro para demonstrar que os temas não estão separados ou classificados no interior da obra, mas se relacionam num fluxo. O extrato acima ilustra em minha análise uma continuidade entre o tema da viagem, evasão e confronto. A iniciação e a viagem são como variações de um mesmo tema, a incursão em outro mundo, o confronto com situações que exigem o ingresso no desconhecido. Contudo a iniciação pressupõe também a perda, a morte, neste caso, da inocência. Ao mesmo tempo em que há nestes fragmentos reflexões sobre o crescimento, modelos de condutas, valores a serem cultivados, afetos, o protagonista se depara com a necessidade de lidar com a torpeza e crueza dos instintos e desejos humanos.

Quando Holden idealiza fugir para viver como um “surdo-mudo” incógnito, através do silêncio e anonimato, está buscando uma passagem,o acesso a um outro lurgar. Holden mesmo ignorando o sentido destes desejos nos leva a extrair a riqueza deste núcleo simbólico da iniciação para a formação humana.

> Iniciação[...] Iniciar é, de certo modo, fazer morrer, provocar a morte. Mas a morte é considerada uma saída[...] então, corresponde uma entrada[...]O iniciado transpõe a cortina de fogo que separa o profano do sagrado, passa de um mundo para outro, e sofre, com esse fato, uma transformação, muda de nível, torna-se diferente[...].A iniciação opera uma metamorfose (1997, p. 506).

Por óbvio e redundante que pareça ser a iniciação um rito inescapável à (auto) formação humana, é por este processo de ingresso, de incursão em outro

mundo que chegamos à transmigração, o próximo núcleo simbólico do mitema acima descrito.

> [...]A transmigração aparece como uma expressão simbólica do múltiplos estados do ser[...] é o símbolo da persistência do desejo, seja qual for a sua forma. O ser em que a alma pode transmigrar revela o nível do desejo a que esta se encontrava ligada. A transmigração é uma forma de expressar a lei da justiça imanente e das consequências dos atos humanos (1997, p. 895-896).

Quando Holden desejava tornar-se outro, viver em outro mundo, de outra forma, mesmo escondido, incógnito, pretendia mudar de vida, ser outro. Desejava *dar um tempo* ser alguém que trabalha, escreve, e vive em paz e silêncio, renunciava a tutela do mundo adulto e para isso teria que se tornar um, embora com idéias *um tanto estranhas de* não ter mais que falar, etc. Entretanto mesmo desejando largar-se no mundo antes desejava encontra sua pequena irmã, cuja relação com a personagem faz Holden conduzir-no ao seguinte *mitema*, o qual em nosso entendimento, torna-se o tema fundador da obra:

3.4 Desejo profano de ser anjo no quarto mitema: a queda no abismo como ato de viver e (auto)formar-se

Queria comprar para a Phoebe um disco chamado "Little Shirley Beans". Era um disco difícil de encontrar. Era a estória de uma menininha que não queria sair de casa porque dois dentes da frente tinham caído e ela tinha vergonha de sair assim. Foi no Pencey que eu ouvi esse disco. Quem tinha era um garoto que morava em outro andar. Fiz tudo para comprar dele, porque sabia que a Phoebe ia vibrar com o troço, mas o garoto não quis vender. O disco tinha sido gravado há uns vinte anos por uma cantora negra, a Estella Fletcher. Ela canta com muita bossa e num estilo de cabaré, sem nenhum sentimentalismo barato. Se fosse cantado por uma branca ia sair água com açúcar, mas a Estella Fletcher sabia o que estava fazendo, e o disco é um dos melhores que eu conheço. Minha idéia era comprá-lo, se achasse alguma loja aberta, e depois levá-lo para o parque. Era domingo, e quase todo domingo a Phoebe vai patinar lá. Conheço bem o roteiro dela.

Não estava tão frio quanto na véspera, mas o sol não havia aparecido e o dia não era dos mais agradáveis para se andar a pé. Mas vi uma coisa boa. Bem na minha frente caminhava uma família que, pelo jeito, estava vindo da igreja. O pai, a mãe e um garotinho de uns seis anos[...] **Pareciam meio pobres. O pai estava usando um desses chapéus de feltro cinzento que o pessoal pobre usa quando quer ficar elegante. Ele e a mulher caminhavam despreocupados, conversando, sem ligar para o garoto. O guri era o máximo. Tinha descido da calçada e vinha andando pela rua, juntinho ao meio-fio. Fazia de conta que estava andando bem em cima de uma linha reta, como todos os meninos fazem, e cantarolava o tempo todo. Cheguei perto para ver se escutava o quê que ele estava cantando. Era aquela música "Se alguém agarra alguém atravessando o campo de centeio". A vozinha dele até que era afinada.** Estava cantando só por cantar, via-se logo. Os carros passavam por ele zunindo, os freios rangiam em volta, os pais não davam a mínima bola para ele, e o menino continuava a andar colado ao meio-fio, cantando - "Se

alguém agarra alguém atravessando o campo de centeio". Isso me fez sentir melhor. Deixei de me sentir tão deprimido.
Enquanto andava, fui pensando sobre a guerra e tudo. Esses filmes de guerra sempre me dão isso. Acho que não ia agüentar se tivesse que ir para a guerra. No duro que não agüentava. Não seria tão ruim se pegassem logo a gente e matassem ou coisa parecida, mas a gente tem que ficar um tempão na droga do exército. Esse é que é o problema. Meu irmão D. B. ficou no exército quatro anos. Esteve na guerra mesmo - participou do desembarque do dia D e tudo - mas acho que ele detestava mais o exército do que a própria guerra. Naquele tempo eu era praticamente uma criança, mas me lembro que, quando ele vinha para casa de licença e tudo, passava o tempo todo praticamente na cama. Quase que nem vinha na sala de visitas. Depois, quando seguiu para a Europa e para a guerra, não foi ferido nem nada, e nem teve que atirar em ninguém. O único troço que ele tinha que fazer era dirigir o dia inteiro o carro de combate de um general de araque. Uma vez ele disse a mim e ao Allie que, se tivesse de atirar em alguém, não ia saber para que lado apontar. Disse que o exército estava praticamente tão cheio de filhos da puta quanto os nazistas. Me lembro que uma vez o Allie perguntou a ele se até que não era bom ter estado na guerra, porque ele era escritor e assim teria um bocado de assunto para escrever. Ele mandou o Allie ir buscar a luva de beisebol dele e perguntou quem era o melhor poeta da guerra, se o Rupert Brooke ou a Emily Dickinson. O Allie respondeu que era a Emily Dickinson. **Não entendo muito do assunto, porque não leio muito poesia, mas sei que eu ia ficar maluco se tivesse que ir para o exército e aturar, o tempo todo, a companhia de um bando de sujeitos como o Ackley, o Stradlater e o tal do Maurice, marchando com eles e tudo. Uma vez fui escoteiro, mais ou menos durante uma semana, e já não agüentava mais nem olhar para a nuca do camarada na minha frente. Os monitores ficavam o tempo todo mandando a gente olhar para a nuca do companheiro da frente. Juro que, se houver outra guerra, é melhor me pegarem logo e me botarem na frente de um pelotão de fuzilamento. Juro que não ia protestar**. O que eu não entendo no D.B. é que ele, mesmo detestando tanto a guerra, me disse para ler "Adeus às Armas" nas últimas férias. Disse que o livro era o máximo. É isso que eu não entendo. Tinha no livro um sujeito chamado Tenente Henry que era considerado um bom sujeito e tudo. Não sei como o D.B. podia detestar tanto o exército e a guerra e tudo, e ao mesmo tempo gostar de um cretino daqueles. Não entendo, por exemplo, como ele pode gostar de um livro cretino daqueles e ainda gostar daquele do Ring Lardner, ou daquele outro que ele gostava pra chuchu, "O Grande Gatsby". O D. B. ficou ofendido quando eu disse isso e respondeu que eu era muito garoto e tudo para apreciar o livro, mas não concordo. Disse a ele que gostava do Ring Lardner e de "O Grande Gatsby" e tudo. Gostava mesmo. Eu era tarado pelo "O Grande Gatsby". O Gatsby velho de guerra - eu vibrava com ele. **De qualquer maneira, até que achei bom eles terem inventado a bomba atômica. Se houver outra guerra, vou me sentar bem em cima da droga da bomba. E vou me apresentar como voluntário para fazer isso, juro por Deus que vou** [...]

Mas eu nem estava ouvindo. Estava pensando noutro troço, uma coisa amalucada.
- Você sabe o quê que eu quero ser? - perguntei a ela. - Sabe o que é que eu queria ser? Se pudesse fazer a merda da escolha?
- O quê? Pára de dizer nome feio.
- Você conhece aquela cantiga: "Se alguém agarra alguém atravessando o campo de centeio"? Eu queria...
- A cantiga é "Se alguém encontra alguém atravessando o campo de centeio"! - ela disse. - É dum poema do Robert Burns.
- Eu sei que é dum poema do Robert Burns.
Mas ela tinha razão. É mesmo "Se alguém encontra alguém atravessando o campo de centeio". Mas eu não sabia direito.
- Pensei que era "Se alguém agarra alguém" - falei. - Seja lá como for, fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto - quer dizer, ninguém grande - a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o quê que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer. Sei que é maluquice.
A danada da Phoebe ficou calada um tempão.[...]

O campo de centeio atravessado no poema de Burns, da qual o autor tomou emprestada a imagem fundante[12] do título pode ser compreendida como a vida, com seus perigos e veredas, a estrada o caminho o qual percorremos. Uma metáfora para a vida terrena na infância, ou seja, bela, porém com perigos e adversidades pela presença do abismo e daqueles que corrompem a pureza da criança. O significado do "núcleo simbólico"*, "*campo de centeio" pode ser extraído também de CHEVALIER, J e GHEERBRANT (1997) no Dicionário de Símbolos, embora o símbolo "campos" no dicionário refira-se à paraíso, como lugar reservado para os bons após a morte. Podemos entretecer a infância como um campo, lugar de alegria, paraíso a ser protegido pelo Apanhador e reservado aos puros, ou seja, os pequenos sem maldade.

O Abismo a beira do qual Holden deseja o apanhador das crianças, por sua vez constitui-se no "núcleo simbólico" mais pregnante e significativo sobre a transição, da infância para a vida adulta, a indefinição, cuja queda pode machucar e fazer perder-se para sempre ou... Assim o definem CHEVALIER, J e GHEERBRANT (1997):

> Abismo, tanto em grego como em latim, designa aquilo que é sem fundo, o mundo das profundezas ou das alturas indefinidas[...] No plano psicológico, também, pode corresponder tanto à indeterminação da infância como à indiferenciação da morte, decomposição da pessoa[...] Nos sonhos, fascinante ou medonho, o abismo evocará o *imenso e poderoso inconsciente*; aparecerá como um convite à exploração das profundezas da alma, para livrá-la de seus fantasmas ou deixar que se soltem (1997, p.5).

Nesta análise, portanto podemos nos atrever a afirmar ser a queda no abismo um perigo eminente, uma sensação constante na infância, e como já dissemos pode machucar, causar danos. E neste sentido, de proteger, de evitar a dor da queda, o autor cria o "Apanhador no Campo de Centeio", com Holden como guardião da infância, como defensor da inocência. Porém, sem cair no abismo como explorar a alma humana? Como expiá-la dos males ou aprender a conviver neste mundo de quedas e percalços. Como ingressar no mundo adulto sem dor, sem sofrimento?

Agora me deu uma vontade danada de fazer um negócio arriscado prá diabo...Eu vou me atrever a ser Holden mais uma vez e continuar escrevendo com se algumas crianças escolhessem

[12] Vem de fundar, inaugurar, consolidar.

cair no abismo. Eu estaria do outro lado, ou na beira do abismo, so prá lhes tirar do buraco em que se meteram. Eu ficaria lá o tempo todo prá receber os garotinhos no outro mundo.

Ainda no quarto mitema o Apanhador no Campo de Centeio está na outra margem para resgatar o ser humano no processo (auto) formador. Tal como um anjo profanado pela sua humanidade, no processo autoformador somos um pouco apanhadores no campo de centeio. Não há como andar sempre em torno do abismo sem nos entregarmos a aventura do viver. O protagonista do livro, o jovem Holden, faz uma passagem solitária e dolorosa através de seu próprio abismo. No entanto, seu maior desejo também era manter a salvo às crianças desta dor, deste sofrimento, das violações que ele próprio sofrerá em sua vida desde à infância, adolescência até o momento e que lhe foi exigido o amadurecimento e a decisão de tornar-se um adulto. Talvez Holden também suspeitasse que esta queda, esta indefinição, tem seu tempo de ser. Sua própria travessia pelo abismo foi inexorável, e para as crianças, como sua irmã Phoebe, mesmo desejando fazer o papel da Apanhador, de guardião, admitia que elas deveriam aventurar-se para agarrar a "argola dourada" nas voltas do carrossel. Ele estaria lá observando-a sem interferir, mesmo sob o risco dela cair, pois *com as crianças o melhor é deixar elas fazerem do troço e não dizer nada. Se caírem, caíram, mas o errado é dizer alguma coisa para elas.*

IV. TESSITURAS ENTRE “O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO” E AS INTIMAÇÕES DO IMAGINÁRIO PARA A (AUTO)FORMAÇÃO HUMANA

> É um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer e ordenar um livro.Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu.Consequente.Vai à publicidade sem nenhuma pretensão. Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair. É um livro das conseqüências. De conseqüências. De uma estou certa, muitas dirão: essas coisas também se passaram comigo. Este livro foi escrito no tarde da vida, procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos de uma dura caminhada.
>
> Cora Coralina

Ao refletir sobre a necessidade intransponível, quase um exagero, de citações e recitações é como se não possuísse sentidos próprios esta escrita. Porém os sentidos próprios são sempre intimados pelo outro. Como nos diz Josso (2009), somos seres singulares e plurais ao mesmo tempo e o imaginário é sempre coletivo, embora sempre tenha algo de singular e próprio na ação de cada um de nós. Então me atrevo a dizer, atrevida que sou...O excesso de autorias deste estudo é intencional e necessário, pois jamais poderia falar de sentidos tão preciosos de forma tão original, contundente e bela como os autores dos quais me socorri.

Necessito da avaliação de uma banca examinadora para obter meu título de mestra. Contudo, sinto-me estranhamente alegre e me conto muito feliz se a exemplo de Cora Coralina, como na epígrafe, que a consequência deste estudo seja a de identificação, acolhimento e algum alento para quem eventualmente possa lê-la.

Não tenho a pretensão de fazer diferença, porém com certeza me toma um sentimento de privilégio e agradecimento aos leitores por emprestarem sua atenção e cuidado a este escrito, o qual não me pertence em absoluto. É um simples produto das pluralidades e singularidades que me habitam.

Nesta altura do trabalho percebo quanta angústia guardam as respostas mesmo que provisórias. É preciso render-me a uma possibilidade, um vaticínio fatal de estar enganada e não conseguir responder com este trabalho questões fundamentais para que o mesmo seja considerado uma dissertação de mestrado. Então como se fosse apenas um denso envelope contendo um imenso bilhete de esperança vou tentar com todas as minhas forças...

Estas considerações finais, nascem aqui e agora, no momento da escrita, permeadas pelas tessituras das páginas que as antecederam, e com a intenção de concluir provisoriamente onde cheguei com a “pergunta detonadora” (PERES,1996): Que imagens, símbolos e representações emergem da obra literária “O Apanhador no Campo de Centeio” para a (auto)formação humana?

As imagens, símbolos e representações emergidas de “O Apanhador no Campo de Centeio” foram agrupadas nos quatro “mitemas”. São eles: O ser humano pode (auto) formar-se entre o conflito e a loucura na busca do tesouro interior, nosso “peixinho dourado”. Em minha análise e percepção encontro a ressonância do Apanhador como romance de formação, no sentido de que a (auto)formação humana pode se dar nesse conflito e busca de sentidos para a própria existência.

Tais conflitos internos e quase indizíveis de cada ser humano são tão próprios e solitários que nos fazem transitar nesta linha tênue entre a sanidade e a loucura. Dai a importância de nos identificarmos, nos sentirmos pertencentes através dos rituais de leitura, ou seja, de interpretação do mundo. E ainda é nos atos de leitura do romance de formação e na escrita (auto) biográfica que exercitamos nossa necessidade de eufemizar, suavizar a dureza da vida, curar as feridas da insanidade e das quedas nos abismos. Acima de tudo tomar as vicissitudes da vida e seus tombos como um tônico que revigora e fortalece.

Como uma singela contribuição, atrevo-me a dizer que a Escola, através da Educação formal e mesmo a Educação não formal, poderá ampliar o sentido da leitura não apenas como ato de ler a palavra escrita, mas como ação de simbolizar, representar, construir imagens próprias e compartilháveis. Nesta busca de pertencimento, esculpimos nosso tesouro interior, nosso “peixinho dourado”, fecundamos, recriamos a vida, a partir do conflito... Nesse sentido a referida Educação poderia ter uma função mais (auto) formadora e menos transmissora. E no ato de (auto) formar-se através dos processos de narrativa pela escrita e pela leitura, atrevo-me a desejar que as pessoas que fazem a educação e exercem o ofício de formador possam co-

locar-se no lugar do outro, ter compaixão e compreensão com a dor e a delícia dos seres humanos em formação.

Através de diversos estados de ânimo e sentimentos me conduzi ao segundo “mitema”; a (auto) formação pode dar-se na evasão e no confronto. Esta passagem me chacoalhou, me deixou mareada, embora submersa. Então pude compreender de onde vem o temor do mar e suas profundezas. São nas planícies abissais do fundo do oceano interior, nas quais o protagonista, Holden Caufield, se encontra, em confronto com a força das ondas gigantes da superfície, do mundo exterior, que podemos esculpir nossa riqueza como ser humano. Nos confrontos com os desejos próprios e dos outros, da ingenuidade com a crueza do mundo, da necessidade do desassossego através de incursões no mundo adulto dá-se o crescimento, e a transformação de criança e adolescente em adulto, destino inescapável do processo de (auto) formação humana.

Rumo ao terceiro “mitema”; a (auto) formação humana ocorre pela iniciação e a transmigração. Tal “mitema” está intrinsecamente ligado ao anterior, porém avança no sentido de que no processo de (auto) formação humana faz-se imprescindível a viagem iniciática através do desconhecido. Enfrentando os perigos dos mares nunca dantes navegados há um pacto de morte, de renúncia do que fomos para transformar-me em quem se está sendo. É preciso além de navegar, nadar, engolir um pouco de água, ter indigestão, ficar mareada. Despir-se de uma pele protetora com feições de criança e adolescente para assumir a complexidade do ser adulta.

No quarto e último “mitema”; a queda no abismo como ato de viver e (auto) formar-se e deste advém o desejo de ser anjo, protetor, guardião do tesouro interior, do peixe dourado da infância. Talvez por conhecer a dor de tornar-se outro, e das perdas e renúncias em que este ato implica vem o desejo de Holden de salvar as crianças da queda no abismo. Mesmo ciente da necessidade deste mergulho, desta queda, desta vertigem para se tornar adulto, também enseja uma espécie da mensagem de esperança com seu desejo de salvaguardar, proteger a criança interior que lhe habita.

É desejável que toda a criança antes de cair no abismo possa passear nas veredas do campo de centeio e que seu mergulho para a transformação possa lhe trazer crescimento, transformação sem traumas profundos, que marcam a alma para sempre. A queda violenta muitas vezes amputa a possibilidade de emergir do caos do abismo. Parece-me que este é um cuidado que devem ter as pessoas

responsáveis pela formação do outro. Neste caso, os professores na escola e os pais e irmãos na família.

Deste desejo profano de ser anjo de preparar os pequenos e cada um para o mundo adulto provém a profunda relação do romance de formação como o Apanhador no Campo de Centeio com o papel da Educação. Ao menos a Educação na concepção que tentei demonstrar ao longo deste trabalho, ou seja, como processo totalmente imbricado, conectado com os sentidos e vivências do ser em (auto) formação.

O “romance de formação” tem uma potência para fazer pensar, refletir, sentir o que se é e tomar consciência do que se está tornando. Movimenta sentidos, imaginários amorosos, sociais, culturais e políticos que habitam nossos trajetos (PERES, 2009). Através destes movimentos penso ser possível fazer uma educação capaz de fazer emergir um sentido para a vida. E assim nesta revivescência de sentidos vai se criando a realidade, enfeitando-a, tornando-a suportável. Agora falo da Educação em todos os lugares... Não desde o lugar de professor, mas do lugar de SER apreendente, de SER em constante (auto) formação. Papel este destinado às criaturas mundanas, mesmo as sem formação acadêmica. Todo o ser humano pode (auto) formar-se. Neste sentido a educação está em dívida com os indivíduos e suas experiências e vivências pessoais. Penso que o “romance de formação” ao ser utilizado como suporte, como objeto de estudo pode contribuir para o processo ao qual venho me referindo. A educação ao incorporar tais elementos far-se-á potente para formar indivíduos mais preparados para a produção de uma ciência viva, processual, a serviço da preservação da vida, da paz, e do amor.

Por tantos aprendizados ao longo das leituras dos autores que compõem este trabalho, e pela leitura dos colegas, em algumas dissertações e teses, especialmente do grupo de pesquisa do qual participo, as quais me antecederam, não poderia deixar de mencionar o que segue.

Cito alguns trabalhos já concluídos que mais me envolveram, embora não os tenha citado como referências bibliográficas, pois foram mais da ordem do vivido, do compartilhado, de seus processos de feitura e não de citações teóricas. Contudo, fazem parte de meus repertórios e dos sentidos que nos habitam. São os seguintes: Imaginários além do tempo: Os vínculos afetivos na sala de aula do ensino fundamental, (Dissertação de mestrado,defesa em 2010), de Márcia Knabah Neumann. Lugares memórias de uma professora: espaços e experiências de busca-

formação e reinvenção de si, de Ana Paula Alba Widt (Dissertação de mestrado,defesa em 2010). Imaginários além do tempo: Revisitando guardados das minhas primeiras vivências escolares, de Annanda Diléia Jablonski (Dissertação de mestrado, defesa em 2011). Ensaio sobre a dor na docência, de Deonir Luís Kurek (Tese de Doutorado, defesa em 2010). A simbólica do Espaço Escolar: Narrativas Topoanalíticas, de Alexandre Vergínio Assunção (Tese de Doutorado,defesa em 2011).

E assim ouso afirmar...Suspeito fortemente que um trabalho acadêmico, por certo, deve ter a capacidade de lançar questões e respondê-las de modo a fazer-se importante de ser lido. Penso que cheguei próximo deste objetivo primordial e não transpus os limites ao menos tentei alargar as margens que os contém!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A.F.R.de A. ***Quando o imaginário se diz educacional****.* Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v.91, nº: 229, set/dez. Brasília, D.F, 2010.

BACHELARD, G. ***A Chama de uma Vela****.* Rio de Janeiro, R.J. Ed. Bertrand do Brasil S.A, 1989.

CHEVALIER, J e GHEERBRANT, A. ***Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números****.* Rio de Janeiro, R.J. Ed. José Olimpo S.A, 1997.

CORALINA, C. ***Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha****.* São Paulo, S.P. Ed. Global Editora e Distribuidora Ltda, 1995.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação:Figuras do indivíduo-projeto.** São Paulo: Ed. Paulus, 2008.

DOMINICÉ, P. *O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais In*: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação***.* São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

DURAND, G. Imaginação Simbólica. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

EGGERT, E. e PERES, L. M. V. **Conversando com Josso: encontros autoformadores**. Cadernos de Educação, Ano 17, nº 30, janeiro/junho. Pelotas: UFPEL, 2008.

FROTA, A. J. de S. ***O Bildungroman e a Perda da Inocência em O Apanhador no Campo de Centeio, de J. D. Salinger***. REVISTA DE LETRAS NORTEAMENTOS, volume 1, ano de publicação online 2009.

JOSSO, M. C. **A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurísticos que agem em nossas vida.** Essas coisas do imaginário....São Leopoldo, R.S: Editora Oikos Ltda, 2009.

_____. *Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação* In NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação***.* São Paulo: Ed. Paulus, 2010.
LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, *(Copyright)*,1964.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo. Perspectiva,1969.

KUREK, D. L. **Essas coisas do imaginário.** In Peres, L.M.V; Eggert, E;Kurek, D.L. Essas coisas do Imaginário*.* São Leopoldo, R.S: Ed. Oikos, 2009.

MACHADO DA SILVA, J. **As Tecnologias do Imaginário**. 2a ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MAFFESOLI, M. **A Parte do Diabo: Resumo da Subversão Pós-Moderna**. Rio de Janeiro,R.J: Ed. Record, 2004.

OLIVEIRA, R. D. de. **Elogio a Diferença: O feminino emergente.** São Paulo, S.P: Editora Brasiliense, 1991.

PERES, L. M. V. **Dos Saberes Pessoais à Visibilidade de uma Pedagogia Simbólica**. Porto Alegre, FACED/UFRGS, 1999.

_____. (org). **Imaginário: O "Entre-Saberes" Do Arcaico e do Cotidiano.** Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2004**.**

_____. **Os Saberes Pessoais "no tempo" de uma Pedagogia Simbólica**. Cadernos de Educação, Edição Especial. Cuiabá: Editora da Universidade de Cuiabá, 2005.

_____. **Artes e Ofícios do Gepiem: Dialogar com os processo (auto)formadores à luz das interfaces do Imaginário e da memória**. In Souza, E.C. de, Passegi, M. da C. Pesquisa (auto) biográfica: cotidiano, imaginário e memória. São Paulo, S.P: Ed Paulus, 2008.

_____. **O Imaginário como matéria sutil e fluida fermentadora do viver humano.** In Peres, L.M.V; Eggert, E;Kurek, D.L. Essas coisas do Imaginário. São Leopoldo, R.S: Ed. Oikos, 2009.

PERES, L. M. V.; KUREK, D. L. **Teias de anima: contribuições dos estudos do imaginário para a educação.** Revista @mbienteeducação, volume 1, número 1, janeiro/julho 2008.

VON ZUBEN, N. A. **A Fenomenologia em questão, Capítulo VII.** In Carvalho, M.C.M. (Org.)Paradigmas Filosóficos da atualidade. São Paulo. Papirus, 1989.

O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO

ROMANCE

Jerome David Salinger

Coletivo

SABOTAGEM

http://www.sabotagem.cjb.net/

Tradução de

ALVARO ALENCAR
ANTONIO ROCHA
JORIO DAUSTER

Direitos Autorais e de Tradução Desprezados
No Copyright - Este livro pode e deve ser reproduzido, no todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição. Não havendo necessidade de permissão de qualquer tipo por parte do Coletivo Sabotagem.

Violação declarada do art. 5º, incisos XXVII e XXVIII da atual Constituição Federal; da Lei Federal 9610/98; dos artigos 184 e 186 do Código Penal vigentes em todo território nacional. E da mais recente lei de combate à pirataria: a Lei nº 10.695/2003, que modifica os artigos do já referido Código Penal. Indo de encontro aos interesses da Associação Brasileira de Editores, da Associação Brasileira de Propriedade Intelectual e da Organização Mundial de Propriedade Intelectual; assim como da Organização Mundial do Comércio (OMC).

À minha mãe

1

Se querem mesmo ouvir o que aconteceu, a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a porcaria da minha infância, o que meus pais faziam antes que eu nascesse, e toda essa lengalenga tipo David Copperfield, mas, para dizer a verdade, não estou com vontade de falar sobre isso. Em primeiro lugar, esse negócio me chateia e, além disso, meus pais teriam um troço se eu contasse qualquer coisa íntima sobre eles. São um bocado sensíveis a esse tipo de coisa, principalmente meu pai. Não é que eles sejam ruins - não é isso que estou dizendo - mas são sensíveis pra burro. E, afinal de contas, não vou contar toda a droga da minha autobiografia nem nada. Só vou contar esse negócio de doido que me aconteceu no último Natal, pouco antes de sofrer um esgotamento e de me mandarem para aqui, onde estou me recuperando. Foi só isso o que contei ao D.B., e ele é meu irmão e tudo. Ele está em Hollywood. Não é muito longe deste pardieiro, e ele vem me visitar quase todo fim de semana. Quando eu voltar para casa, talvez no mês que vem, é ele quem vai me levar de carro. Comprou há pouco tempo um Jaguar, um desses carrinhos ingleses que fazem uns trezentos quilômetros por hora e que custou uns quatro mil dólares. D.B. agora vive nadando em dinheiro, mas antigamente a coisa era outra. Quando morava conosco era apenas um escritor. Se é que nunca ouviram falar nele, foi D.B. quem escreveu aquele livro de contos fabuloso, O Misterioso Peixinho Dourado. O melhor conto do livro era a estória do garotinho que não deixava ninguém ver seu peixe dourado, só porque o tinha comprado com seu próprio dinheiro. Achei o máximo. Agora D.B. está em Hollywood, se prostituindo. Se há coisa que eu odeie, é cinema. Não posso nem ouvir falar de cinema perto de mim.

Vou começar a contar do dia em que saí do Internato Pencey. O Pencey é aquele colégio em Angerstown, na Pennsylvania. Já devem ter ouvido falar nele, ou pelo menos visto os anúncios. Eles fazem propaganda em mais de mil revistas, mostrando sempre um sujeito bacana, a cavalo, saltando uma cerca. Parece até que lá no Pencey a gente passava o tempo todo jogando pólo. Pois nunca vi um cavalo por lá, nem mesmo para amostra. E, embaixo do desenho do sujeito a cavalo, vem sempre escrito: "Desde 1888 transformamos meninos em rapazes esplêndidos e atilados". Pura conversa fiada. Não transformam ninguém mais do que qualquer outro colégio. E não vi ninguém por lá que fosse esplêndido e atilado. Talvez dois sujeitos, se tanto. E esses, com certeza, já chegaram lá assim.

De qualquer modo, era o sábado do jogo de futebol com o Saxon Hall, considerado um grande acontecimento no Pencey. Último jogo do ano, era caso para suicídio ou coisa parecida se o Pencey não vencesse. Lembro-me que eram umas três horas da tarde, e eu, em pé, lá em cima do morro, bem ao lado de um canhão maluco da Guerra da Independência. Dali podia ver o campo todo, os dois times se massacrando por toda a parte. Não dava para ver direito as arquibancadas, mas dava para se ouvir os gritos da torcida, fortes e terríveis do lado do Pencey, porque o colégio em peso estava lá - menos eu - e débeis e desanimados do pessoal do Saxon Hall, porque o time visitante quase nunca trazia muita gente.

Pouquíssimas garotas iam aos jogos de futebol. Só os veteranos tinham permissão de levar suas pequenas. Era um colégio horrível, sob todos os pontos-de-vista. Gosto de estar num lugar onde, pelo menos, a gente possa ver umas garotas de vez em quando, mesmo que elas estejam apenas coçando o braço, assoando o nariz, rindo à toa ou coisa que o valha. A tal Selma Thurmer - que era filha do diretor - costumava ir muito aos jogos, mas não era exatamente um tipo que deixasse a gente com água na boca. Mas era muito boazinha. Uma vez sentei ao lado dela no ônibus de Angerstown e começamos a bater papo. Simpatizei com ela. Tinha um nariz enorme, as unhas eram todas roídas e avermelhadas, usava um desses seios postiços que apontam para todo lado, mas no fim a gente sentia um pouco de pena dela. O que eu gostava nela é que não vinha com aquela conversa de que o pai era um grande sujeito. Com certeza sabia o cretinaço que ele era.

Eu estava ali no alto do morro, e não no campo, porque tinha acabado de chegar de Nova York com a equipe de esgrima. Eu era a droga do capitão da equipe. Grande merda. Tínhamos ido a Nova York, de manhã, para uma competição com o colégio Mc-Burney. Só que não houve competição nenhuma. Esqueci os floretes, o equipamento e a porcaria toda no metrô. Também, a culpa não foi só minha. Tinha que ficar me levantando o tempo todo para olhar o mapa e saber onde a gente tinha que saltar. Por isso voltamos para o Pencey lá pelas duas e meia, em vez de chegar na hora do jantar. Na viagem de volta o time me deu o maior gelo. Até que foi engraçado.

Também não fui assistir ao jogo porque ia me despedir do velho Spencer, meu professor de História. Ele estava gripado e por isso imaginei que não o veria de novo até o começo das férias de Natal. Havia escrito um bilhete, dizendo que queria me ver antes de eu voltar para casa. É que sabia que eu não ia voltar para o Pencey.

Esqueci de falar sobre isso - eu tinha sido chutado do colégio. Não ia mesmo voltar depois das férias de Natal porque tinha sido reprovado em quatro matérias e não estava estudando nada. Eles tinham me avisado mais de uma vez que eu devia me dedicar aos estudos - principalmente na época das parciais, quando meus pais foram chamados para uma conversa com o velho Thurmer - mas nem liguei. E aí fui reprovado. Eles reprovam um bocado de gente no Pencey, porque o colégio tem um alto nível de ensino. Tem mesmo, no duro.

Enfim era dezembro, estava fazendo um frio de rachar, principalmente no alto daquele morro idiota. Eu estava só com um paletó, sem luvas nem nada. Uma semana antes alguém tinha entrado no meu quarto e roubado meu casaco de pêlo de camelo, com as luvas forradas de pele no bolso e tudo. O Pencey estava cheio de vigaristas. A maioria dos alunos vinha de famílias riquíssimas, mas assim mesmo o colégio estava cheio de ladrões. Quanto mais caro um colégio, mais gente safada tem, no duro. De qualquer maneira, eu continuava ao lado daquele canhão maluco, olhando o jogo lá embaixo, e gelado até o rabo. Só que não estava prestando muita atenção à partida. Só estava zanzando por ali para ver se conseguia sentir uma espécie qualquer de despedida, porque já deixei uma porção de colégios e lugares sem ao menos saber que estava indo embora. Odeio isso. Não importa que seja uma despedida ruim ou triste, mas, quando saio de um lugar, gosto de saber que estou dando o fora. Se a gente não sabe, se sente pior ainda.

Mas dessa vez dei sorte. De repente pensei num troço que me ajudou a sentir que estava dando o fora. Lembrei de um dia, por volta de outubro, em que eu, Robert Tichener e Paul Campbell estávamos batendo bola em frente das salas de aula. Bons sujeitos, especialmente o Tichener. Era pouco antes da hora do jantar e já estava escurecendo, mas continuamos a jogar assim mesmo. Foi ficando cada vez mais escuro, a gente quase não via mais a bola, mas não queríamos parar nossa brincadeira. Afinal tivemos que parar. Um tal de Zambesi, professor de biologia, pôs a cabeça para fora da janela e mandou que fôssemos para o dormitório, nos preparar para o jantar. Se dou a sorte de lembrar um troço desses, consigo preparar uma despedida - pelo menos é o que basta na maioria das vezes. Feito isto, dei meia volta e saí correndo morro abaixo, na direção da casa do velho Spencer. Ele não morava no colégio; a casa dele era na Avenida Anthony Wayne.

Corri até o portão principal do colégio e aí parei um instante, até retomar fôlego. Para dizer a verdade, não tenho fôlego nenhum. Primeiro, porque fumo demais - quer dizer, fumava, pois eles me fizeram parar. Segundo, porque cresci dezesseis centímetros e meio no ano passado. Foi por isso que quase fiquei tuberculoso e tive que vir para cá, fazer essa droga desses exames e tudo. Mas tenho um bocado de saúde.

De qualquer maneira, logo que recuperei o fôlego atravessei correndo a estrada. O chão estava coberto de gelo e quase me esborrachei todo. Nem sei porque estava correndo - acho que era só porque me tinha dado vontade. Depois de atravessar a estrada senti um negócio esquisito, como se eu estivesse desaparecendo. Era uma dessas tardes meio malucas, fria pra burro, sem sol nem nada, e a gente se sentia como se estivesse desaparecendo toda vez que atravessava uma estrada.

Quando cheguei na casa do velho Spencer toquei a campainha pra valer. Estava gelado dos pés à cabeça. Minhas orelhas doíam e quase não podia mexer os dedos. - Vamos, vamos - disse quase gritando - vê se alguém abre logo essa porta! Finalmente a velha Spencer abriu a porta. Não têm empregada nem nada, por isso são eles mesmos que vêm sempre abrir a porta. É que o dinheiro lá não anda sobrando.

- Holden! - disse ela. - Que prazer ver você aqui! Entra meu querido, você deve estar morto de frio!

Acho que ela ficou mesmo satisfeita em me ver. A velhinha gostava de mim, pelo menos é o que eu acho.

Tratei de entrar o mais depressa que pude e fui perguntando: - Como vai a senhora? Como vai o Professor Spencer?

- Deixa-me guardar seu paletó, meu filho - disse ela. Era meio surda e nem me ouviu perguntar como estava o professor.

Enquanto ela pendurava meu paletó no armário do vestíbulo, puxei o cabelo para trás, com a mão mesmo. Eu uso o cabelo à escovinha e por isso nunca tenho de me pentear muito.

- Como tem passado a senhora? - perguntei outra vez, só que agora um bocado mais alto para ver se ela me ouvia.

- Vou passando bem, Holden - respondeu, enquanto fechava a porta do armário. - E você, como vai? - Pelo jeito que ela perguntou vi logo que o velho Spencer já lhe tinha falado da minha expulsão.

- Tudo bem comigo. Como vai o Professor? Continua gripado?

- Se continua, Holden! Também, da maneira que ele está se tratando... Pode entrar, meu filho, ele está lá no quarto.

2

Cada um deles tinha seu próprio quarto e tudo. Deviam andar beirando os setenta anos, ou até mais. No entanto, apesar da idade, sentiam prazer em qualquer coisinha, ainda que, naturalmente, fosse um prazer meio besta. Sei que parece maldade falar assim deles, mas não é por maldade que eu falo. O negócio é que costumava pensar um bocado no velho Spencer, e, se a gente pensasse muito nele, começava a imaginar por que cargas d'água ele ainda continuava a viver. Já estava todo torto, empenado, e, na sala de aula, sempre que deixava cair um pedaço de giz, um sujeito qualquer da primeira fila tinha que se levantar para apanhar o giz do chão. Na minha opinião, um troço desses é realmente doloroso. Mas se a gente pensasse nele apenas o suficiente, em vez de ficar pensando demais, acabava vendo que, afinal de contas, ele não estava se arranjando tão mal. Por exemplo, um domingo em que eu e outros sujeitos tínhamos ido à casa dele tomar chocolate, ele nos mostrou uma manta, toda velha e usada, que tinha comprado de um índio navajo no Parque de Yellowstone. Via-se que o velho Spencer tinha vibrado com aquela compra. É isso que eu queria dizer: tem gente velha pra chuchu, como o velho Spencer, que fica na maior felicidade só porque comprou um cobertor.

A porta do quarto estava aberta, mas bati assim mesmo só para bancar o educado e tudo. Do corredor, podia ver onde ele estava, sentado numa baita poltrona de couro, todo enrolado naquele cobertor que eu acabei de falar. Olhou na minha direção quando bati.

- Quem é? - gritou de lá - Caulfield? Entre, rapaz -. Fora da sala de aula ele estava sempre gritando. Isso às vezes me enchia um pouco.

Foi só entrar e fui ficando logo meio arrependido de ter ido. Ele estava lendo a revista Atlantic Monthly, havia pílulas e remédios espalhados por todo canto e o quarto inteiro cheirava a vick-vaporub. Era um bocado deprimente. Já não morro de amores por gente doente, mas o negócio era ainda mais deprimente porque o velho Spencer estava usando um roupão tão velho e surrado que parecia já ter nascido dentro dele. De qualquer maneira, não me agrada muito ver um sujeito velho de pijama ou roupão. Fica sempre aparecendo o peito, todo ossudo e encalombado. E as pernas. Perna de gente velha na praia é sempre branca e sem cabelo.

- Como vai o senhor? - eu disse. - Recebi seu bilhete e quero lhe agradecer. (Ele tinha me mandado um bilhete pedindo que eu aparecesse para dizer adeus antes das férias de Natal, mas era tudo porque eu não ia voltar mesmo.) – O senhor nem precisava escrever, vinha mesmo aqui me despedir.

- Senta aí, meu filho - disse o velho Spencer, mostrando a cama.

Sentei e fui tratando de perguntar: - O senhor melhorou da gripe?

- Meu filho, se me sentisse um pouquinho melhor ia ter que chamar um médico - Pronto, foi o que bastou. Teve o maior acesso de riso. Afinal, se endireitou e disse:

- Por que é que você não foi ao jogo? Pensei que hoje fosse o dia da grande partida.

- É hoje, sim. Estive lá, mas acontece que estou voltando agorinha mesmo de Nova York com a equipe de esgrima. (Puxa, a cama dele era dura como uma pedra.)

Ele aí começou a ficar sério pra diabo. Eu sabia que ia ser assim.

- Quer dizer que você vai nos deixar, não é?

- É, sim senhor, acho que sim.

Nesse instante, ele começou com aquele negócio de balançar a cabeça. Duvido que haja alguém que sacuda mais a cabeça que o velho Spencer. A gente ficava sem saber se ele balançava a cabeça porque estava pensando muito, ou se era apenas porque já estava ficando gagá.

- O que é que o Doutor Thurmer lhe disse, meu filho? Soube que vocês tiveram uma boa conversinha.

- É, tivemos sim. Uma conversa e tanto. Acho que fiquei mais de duas horas no escritório dele.

- E o que foi que ele disse a você?

- Ah... esse negócio de que a Vida é um jogo e tudo mais. E que a gente precisa jogar de acordo com as regras. Ele até que foi simpático, quer dizer, não subiu pelas paredes nem nada. Só ficou falando que a Vida é um jogo e tudo. O senhor sabe.

- E a vida é um jogo, meu filho. A vida é um jogo que se tem de disputar de acordo com as regras.

- Sim, senhor, sei que é. Eu sei.

Jogo uma ova. Bom jogo esse. Se a gente está do lado dos bacanas, aí sim, é um jogo - concordo plenamente. Mas se a gente está do outro lado, onde não tem nenhum cobrão, então que jogo é esse? Qual jogo, qual nada.

- O Doutor Thurmer já escreveu para seus pais?

- Disse que ia escrever segunda-feira.

- E você, por acaso, já se comunicou com eles?

- Não senhor, não me comuniquei porque acho que vou vê-los na quarta-feira de noite, quando chegar em casa.

- E como é que você acha que eles vão receber a notícia?

- Bem... vão ficar um bocado aborrecidos, lá isso vão. Acho que esse já é o quarto colégio em que estive. (Sacudi a cabeça. Eu costumo sacudir a cabeça um bocado.) - Puxa! - disse. Eu também vivo dizendo "Puxa!", em parte porque tenho um vocabulário horroroso, e em parte porque às vezes me comporto como se fosse um garoto. Naquele tempo eu tinha dezesseis anos - estou com dezessete agora - mas de vez em quando me comporto como se tivesse uns treze. E a coisa é ainda mais ridícula porque tenho um metro e oitenta e cinco e já estou cheio de cabelos brancos. Estou mesmo. Um lado da minha cabeça - o direito - tem milhões de cabelos brancos desde que eu era um garotinho. Apesar disso, às vezes me comporto como se tivesse doze anos. É o que todo mundo diz, principalmente meu pai. Até certo ponto é verdade, mas não é totalmente verdade. As pessoas estão sempre pensando que alguma coisa é totalmente verdadeira. Eu nem ligo, mas tem horas que fico chateado quando alguém vem dizer para me comportar como um rapaz da minha idade. Outras vezes, me comporto como se fosse bem mais velho - no duro - mas aí ninguém repara. Ninguém nunca repara em coisa nenhuma.

O velho Spencer começou a sacudir a cabeça de novo. Começou também a limpar o nariz. Fingiu que estava só coçando, mas enfiou mesmo o dedão lá dentro. Acho que ele pensou que não fazia mal, porque só eu estava no quarto. Não que eu me importasse, só que é um bocado desagradável ficar olhando alguém limpar o nariz. Aí ele disse:

- Tive o privilégio de conhecer seu pai e sua mãe quando eles tiveram aquela conversinha com o Doutor Thurmer algumas semanas atrás. São excelentes pessoas.

- É sim, eles são muito bons.

Excelente. Se há uma palavra que eu odeio é essa. Falsa como quê. Só de ouvir me dá vontade de vomitar.

Então, de repente, o velho Spencer ficou com cara de quem tinha uma coisa especial, algo de verdadeiramente fabuloso, para me dizer. Endireitou-se todo na poltrona e virou mais para o meu lado. Mas não passou de um rebate falso. Só fez mesmo apanhar o Atlantic Monthly do colo e tentar jogá-lo em cima da cama, ao meu lado. Só tem que errou. Por uns cinco centímetros, mas errou. Levantei, apanhei a revista do chão e pus sobre a cama. De uma hora para outra me deu uma vontade danada de dar o fora. Estava para chegar um sermão daqueles. Isso eu ainda agüentava, mas ter de ouvir o sermão sentindo cheiro de vick-vaporub e vendo o velho Spencer de pijama e roupão, tudo ao mesmo tempo, isso também já era demais. Mas o negócio começou mesmo.

- O que é que há com você, rapaz? - disse o velho Spencer, com uma voz um bocado severa, o que não era muito do estilo dele. - Quantas matérias você tinha neste semestre?

- Cinco.

- Cinco. E está sendo reprovado em quantas?

- Quatro. (Mexi a bunda na cama, um pouquinho para o lado. Era a cama mais dura em que eu já havia sentado em toda a minha vida.) - Passei em Inglês - disse - já tinha estudado esse troço todo de literatura quando estava no Colégio Whooton. Quer dizer, não tinha quase nada para fazer em Inglês, a não ser escrever umas redações de vez em quando.

Ele nem estava me escutando. Quase nunca prestava atenção quando a gente dizia alguma coisa.

- Reprovei-o em História porque você não sabia absolutamente nada.

- Eu sei disso, Professor. O senhor não podia fazer nada.

- Absolutamente nada - repetiu. Isto é um troço que me deixa maluco, quando uma pessoa repete a mesma coisa, desse jeito, depois que a gente já concordou na primeira vez. Ele aí disse pela terceira vez: - Mas absolutamente nada. Duvido mesmo que você tenha aberto o livro uma única vez durante todo o ano. Então, abriu ou não abriu? Vamos, rapaz, diga a verdade.

- Bem, dei umas lidas de vez em quando - respondi-lhe. Não queria magoar o velho, ele era biruta por História.

- Deu umas lidas, não foi? - disse ele com uma voz sarcástica pra chuchu. - Sua prova está ali, em cima da cômoda. Bem no alto da pilha. Traga ela aqui, por favor.

Era mesmo um golpe sujo, mas fui até lá e entreguei a folha a ele - não tinha mesmo outra saída. Sentei outra vez na cama de cimento. Puxa, ninguém pode imaginar como eu estava arrependido de ter ido até lá me despedir do velho. Pegou na prova como se fosse titica ou coisa que o valha.

- Estudamos os Egípcios de 4 de novembro a 2 de dezembro. Você mesmo escolheu os egípcios como tema de dissertação. Você se importa de ouvir o que escreveu?

- Não precisa, não senhor.

Mas ele começou a ler assim mesmo. Ninguém consegue parar um professor quando eles resolvem fazer alguma coisa. Vão fazendo de qualquer maneira.

> Os egípcios eram uma raça antiga de caucasianos que habitava uma das regiões do norte da África. A África, como todos sabem, é o maior continente do hemisfério oriental.

Eu tinha que ficar lá sentado, ouvindo aquela baboseira toda. Era mesmo sujeira dele.

> Os egípcios são extremamente interessantes para nós, nos dias de hoje, por várias razões. A ciência moderna ainda gostaria de saber quais os ingredientes secretos que os egípcios empregavam quando embrulhavam os mortos, para que seus rostos não apodrecessem ao longo dos séculos sem fim. Esse interessante enigma permanece ainda, no século XX, como um desafio à ciência moderna.

Parou de ler e pôs a prova no colo. Eu estava começando a ficar com uma raiva danada dele. - Sua dissertação, se é que devemos chamá-la assim, acaba aqui - disse ele naquela voz sarcástica. Ninguém imaginaria que um cara tão velho pudesse ser tão sarcástico e tudo. - Entretanto, você escreveu-me um bilhetinho no pé da página.

- Eu sei, Professor - fui dizendo bem depressa para ver se ele não começava a ler também aquilo. Mas ninguém podia fazer ele parar. O homem estava mais aceso que um buscapé.

> Caro Professor Spencer (começou a ler em voz alta): Isto é tudo o que sei sobre os egípcios.
>
> Não consigo me interessar muito por eles, embora suas aulas tivessem sido muito interessantes. Mas o senhor não precisa se incomodar se eu for reprovado; fui mesmo ao pau em todas as matérias, menos Inglês. Respeitosamente, Holden Caulfield.

Baixou a droga do papel e olhou para mim como se tivesse acabado de me dar uma surra danada num jogo de pingue-pongue ou coisa parecida. Acho que nunca poderei perdoar o velho por ter lido aquela porcaria toda em voz alta. Eu não teria lido para ele, se fosse ele quem tivesse escrito aquele bilhete nojento para que ele não se sentisse mal por ter de me reprovar.

- Você me culpa por tê-lo reprovado, rapaz?

- Não senhor, claro que não! -. Bem que ele podia parar de me chamar de rapaz o tempo todo.

Quando tinha acabado, tentou jogar a prova em cima da cama. Só que errou outra vez, naturalmente. Tive que me levantar de novo, catar o papel do chão e pôr em cima do Atlantic Monthly. É chato ter que fazer isso de dois em dois minutos.

- Que faria você em meu lugar? Diga a Verdade, rapaz.

A gente podia ver que ele estava realmente sentido por ter de me reprovar. Por isso, resolvi entrar com uma conversinha mole. Disse a ele que eu era mesmo um preguiçoso e tudo. Que eu, no lugar dele, teria feito a mesma coisa e que a maioria das pessoas não imagina como é difícil ser professor - em resumo, a maior embromação. Toda a velha conversinha fiada.

Mas o gozado é que, enquanto ia metendo a conversa mole, eu estava pensando no laguinho do Central Park, aquele que fica lá pro lado sul. Imaginava se ele estaria gelado quando eu voltasse para casa e, se estivesse, para onde teriam ido os patos. Estava pensando para onde iam os patos quando o lago ficava todo gelado, se alguém ia lá com um caminhão e os levava para um jardim zoológico ou coisa que o valha, ou se eles simplesmente iam embora voando.

Até que tenho sorte, poder ficar dizendo aquilo tudo ao velho Spencer e, ao mesmo tempo, pensar naqueles patos. Não é preciso pensar muito quando se fala com um professor. De repente, entretanto, ele interrompeu minha conversa fiada. Ele estava sempre interrompendo a gente.

- Como é que você está se sentindo em relação a isso tudo, rapaz? Gostaria muito de saber, muito mesmo.

- O senhor quer dizer, esse negócio de ser expulso do Pencey e tudo? -. Bem que ele podia cobrir o peito encalombado. Não era uma vista das mais agradáveis.

- Se não me engano, você também teve umas dificuldades no Colégio Whooton e no Elkton Hills, não é? -. Além da vozinha sarcástica, ele falava agora com uma pontinha de maldade.

- Em Elkton Hills, não. Lá não tive dificuldade nenhuma, não fui reprovado nem nada. Só que resolvi ir embora...

- Pode-se saber por quê?

- Por quê? Bem, é uma estória muito comprida, Professor. Quer dizer, é um bocado complicada.

Eu não estava era com vontade de discutir o assunto com ele. De qualquer jeito, não ia mesmo me compreender, estava fora do alcance dele. Uma das razões mais importantes para minha saída do Elkton Hills foi que o colégio estava entupido de hipócritas. Só isso, tinha um cretino em cada canto. Por exemplo, tinha o diretor, um tal Sr. Haas, que era o filho da mãe mais fingido que já vi. Dez vezes pior que o velho Thurmer. Nos domingos, por exemplo, o Haas saía apertando a mão dos pais dos alunos que tinham ido ao colégio visitar os filhos. Aí era simpático pra burro e tudo mais. Exceto se os pais de algum garoto fossem meio esquisitos. Era preciso ver o que ele fazia com os pais de meu colega de quarto. Se a mãe de um menino fosse meio gordona ou suburbana, ou se o pai fosse um desses sujeitos que usam ternos com ombreira ou sapatos de duas cores, aí então o velho Haas dava-lhes um simples aperto de mão, um sorriso hipócrita e passava adiante para conversar, às vezes durante quase meia hora, com os pais de outro aluno qualquer. Não tolero um troço desses, fico maluco de raiva. Uma coisa dessas me deprime tremendamente. Eu odiava aquela droga daquele colégio.

O velho Spencer perguntou alguma coisa, mas não ouvi. Estava pensando no velho Haas.

- O que, Professor?

- Você não sente nenhum remorso por deixar o Pencey?

- Ah, sinto sim, de verdade... Mas não muito. Pelo menos até agora não. Acho que a coisa ainda não me tocou de fato. É preciso algum tempo para que um troço me atinja realmente. Só estou pensando agora em voltar para casa quarta-feira. Sei que não tenho jeito mesmo.

- Você não se preocupa nem um pouco com o seu futuro, rapaz?

- Me preocupo, sim, evidentemente. Pensei um bocado no assunto. Mas não muito, eu acho. Não muito.

- Pois você ainda vai se preocupar. Vai mesmo, rapaz. Você vai se preocupar quando já for tarde demais.

Não gostei de ouvi-lo dizer isso. Era como se eu estivesse morto ou coisa que o valha. Deprimente pra burro.

- É, acho que sim - respondi.

- Eu gostaria de pôr um pouco de juízo nesta sua cabeça, rapaz. Estou tentando ajudá-lo. Estou tentando ajudá-lo, tanto quanto posso.

E estava mesmo, isso a gente podia ver. Mas o caso é que vivíamos em mundos diferentes.

- Sei que o senhor está tentando me ajudar, Professor. Muito obrigado. No duro, estou muito agradecido ao senhor -. Aí tratei de me levantar da cama. Puxa, não agüentava ficar sentado ali mais dez minutos, nem que fosse para salvar minha vida. - Acontece que eu preciso ir andando, agora. Tenho uma porção de troços no ginásio e preciso apanhar tudo para levar pra casa.

Ele olhou para mim e começou a sacudir a cabeça outra vez, com aquele olhar muito sério no rosto. De repente senti uma pena danada do velho. Mas não podia continuar ali, do jeito que nós estávamos em mundos diferentes, do jeito que ele continuava a errar a cama toda vez que jogava alguma coisa em cima dela, com aquele roupão velho e triste, o peito de fora, o cheiro penetrante de vick-vaporub enchendo o quarto todo...

- Olha, Professor. Não se preocupe por minha causa. No duro. Tudo vai acabar bem. Só que agora estou atravessando uma crise. Todo mundo tem suas crises e tudo, não é?

- Não sei, rapaz. Não sei.

Fico danado quando alguém me responde assim.

- Não, é assim mesmo. Todo mundo tem suas fases. No duro, Professor. Não se preocupe por minha causa.

Pus a mão no ombro dele, assim meio sem jeito.

- Não quer tomar uma xícara de chocolate quente antes de ir embora? A patroa teria...

- Bem que gostaria, no duro, mas o negócio é que tenho de ir andando. Tenho que ir direto ao ginásio. Mas, obrigado, Professor. Muito obrigado.

Aí trocamos um aperto de mão e essa coisa toda. O troço me deixou triste pra diabo.

- Vou escrever para o senhor. Agora vê se o senhor fica logo bom dessa gripe.

- Adeus, rapaz.

Depois que fechei a porta e fui andando para a sala ele ainda gritou alguma coisa para mim, mas não pude entender direito. Tenho certeza quase absoluta que ele gritou "boa sorte!". Espero que não. Tomara que não tenha sido isso. Eu nunca gritaria "boa sorte" para ninguém. Se a gente pensa um pouquinho na coisa, vê que um troço desses soa um bocado mal.

3

Sou o maior mentiroso do mundo. É bárbaro. Se vou até a esquina comprar uma revista e alguém me pergunta onde é que estou indo, sou capaz de dizer que vou a uma ópera. É terrível. Por isso, quando disse ao velho Spencer que tinha de ir ao ginásio apanhar o meu equipamento, era pura mentira. Nem costumo deixar a droga de meu equipamento no ginásio.

Meu quarto no Pencey ficava no Pavilhão Ossenburger, uma ala nova de dormitórios. Era reservada para alunos do terceiro e do quarto ano. Eu era terceiranista e meu colega de quarto estava no último ano. O Pavilhão tinha sido batizado em homenagem a um ex-aluno do Pencey, um tal de Ossenburger, que tinha ganho um montão de dinheiro como agente funerário depois que saiu do colégio. Foi ele quem lançou em todo o país aquelas agências funerárias em que a gente pode enterrar qualquer membro da família por cinco dólares cada. Valia a pena ver o tal de Ossenburger. Pelo jeito, ele provavelmente enfiava os cadáveres num saco e jogava tudo no rio. De qualquer maneira, havia doado uma fortuna ao Pencey e batizaram nossa ala com o nome dele. No dia do primeiro jogo de futebol do ano ele apareceu no colégio, metido numa baita duma Cadillac, e todo mundo teve que ficar de pé na arquibancada e lhe dar uma bruta salva de palmas. No dia seguinte, na capela, fez um discurso que durou umas dez horas. Começou com umas cinqüenta piadas cretinas, só para provar que era um grande praça. Grande merda. Aí começou a contar como nunca se envergonhava de se ajoelhar e rezar a Deus, sempre que estava numa enrascada ou coisa parecida. Mostrou-nos como devíamos rezar a Deus - conversando com Ele e tudo - onde quer que estivéssemos. Disse que devíamos pensar em Jesus Cristo como se Ele fosse um camaradinha nosso. Contou que ele conversava com Jesus o tempo todo, mesmo quando estava guiando o automóvel. Essa foi a maior! Podia imaginar o filho da puta engrenando uma primeira e pedindo a Deus para lhe mandar mais alguns defuntos. A única coisa boa do discurso foi bem no meio. Ele estava contando que ótima pessoa que era, que sujeito bacana e tudo, quando de repente um cara que estava sentado na minha frente, o Edgar Marsalla, soltou um peido infernal. Era o tipo da coisa grosseira de se fazer numa capela e tudo, mas foi um bocado engraçado. O sacana do Marsalla por pouco não mandou o teto pelos ares. Quase ninguém riu alto, e o velho Ossenburger fingiu que nem tinha ouvido, mas o velho Thurmer, o diretor, estava sentado bem ao lado dele no tablado, e a gente podia ver que ele tinha ouvido. Puxa, o homenzinho ficou fulo de raiva. Na hora não disse nada, mas na noite seguinte decretou estudo obrigatório e apareceu para fazer um discurso. Disse que o rapaz que havia causado o distúrbio era indigno de pertencer ao Pencey. Tentamos convencer o Marsalla a soltar outro, bem no meio do discurso do velho Thurmer, mas ele não estava no estado de espírito necessário. De qualquer modo, lá é que era meu quarto: Pavilhão Ossenburger, nova ala de dormitórios.

Foi um bocado bom voltar para o quarto depois de sair da casa do velho Spencer, porque todo mundo estava no jogo e, para variar, o sistema de aquecimento estava funcionando em nosso quarto. Tirei o paletó, a gravata, desabotoei o colarinho e pus na cabeça um chapéu que tinha comprado em Nova York. de manhã. Era um desses chapéus de caça, vermelho, com a pala bem comprida. Eu o tinha visto na vitrina de uma loja de artigos esportivos quando saímos do metrô, logo depois que descobri que havia perdido a porcaria dos floretes e tudo. Só custou um dólar. Usava o chapéu com a pala virada para trás - de um jeito meio ridículo, mas era assim mesmo que eu gostava. Aí apanhei o livro que estava lendo e sentei na minha poltrona. Havia duas poltronas em cada quarto. Eu tinha uma e meu colega de quarto, Ward Stradlater, tinha outra. Os braços estavam em petição de miséria, porque todo mundo sentava sempre em cima deles, mas eram umas poltronas um bocado confortáveis.

Estava lendo um livro que tinha apanhado por engano na biblioteca. Me deram o livro errado e só notei quando já estava de volta no quarto. Haviam me dado Fora da África, de Isak Dinesen. Pensei que ia ser uma droga, mas não era não. Até que era um livro muito bom. Sou bastante ignorante, mas leio um bocado. Meu autor preferido é meu irmão D.B. e, em segundo lugar, Ring Lardner. Meu irmão me deu um livro do Ring Lardner no meu aniversário, antes de eu ir para o Pencey. Tinha uma porção de peças malucas, engraçadas pra burro, e um conto sobre um guarda de trânsito que se apaixona por uma garota muito bonita, que dirigia sempre em excesso de velocidade. Só que o guarda era casado, e por isso não podia casar com ela nem nada. Aí a garota acaba morrendo, porque dirigia sempre em excesso de velocidade. Achei essa estória infernal. O que eu gosto mesmo é de um livro que seja engraçado, pelo menos de vez em quando. Li uma porção de livros clássicos, como A Volta do Nativo, e tudo, e gostei deles; li também vários livros de guerra e de mistério, mas nenhum desses me deixou maluco. Bom mesmo é o livro que quando a gente acaba de ler

fica querendo ser um grande amigo do autor, para se poder telefonar para ele toda vez que der vontade. Mas isso é raro de acontecer. Eu até que gostaria de telefonar para esse tal de Ring Lardner, só que o D. B. me disse que ele já morreu. Mas, por exemplo, esse livro do Somerset Maugham, A Servidão Humana, que li no verão passado. É um livro bom pra chuchu e tudo, mas não me dá vontade de telefonar para o Somerset Maugham. Sei lá. Não é o tipo de sujeito que a gente tenha vontade de telefonar para ele, essa é que é a verdade. Preferiria telefonar para o Thomas Hardy. Gosto muito da tal de Eustacia Vye.

Seja lá como for, pus meu chapéu novo na cabeça, sentei e comecei a ler o tal do Fora da África. Não tinha lido nem umas três páginas quando ouvi alguém atravessando as cortinas do chuveiro. Mesmo sem olhar já sabia quem era. Era o Robert Ackley, que morava no quarto ao lado do meu. Na nossa ala havia um chuveiro entre cada dois quartos, e o tal do Ackley encarnava em mim umas oitenta e cinco vezes por dia. Era provavelmente o único cara em todo o dormitório, além de mim, que não estava vendo o jogo. Ele quase nunca ia a lugar nenhum. Era um sujeito um bocado esquisito. Já estava no último ano, tinha feito o curso inteiro lá mesmo no Pencey, mas todo mundo só chamava ele de Ackley. Nem mesmo o Herb Gale, seu companheiro de quarto, chamava ele de Bob ou mesmo Ack. Se é que algum dia ele vai se casar, aposto que a mulher dele também vai chamá-lo de Ackley. Era um desses camaradas altos pra burro, de ombros largos - devia ter um metro e oitenta e sete - com uns dentes podres. O tempo todo que morou no quarto ao lado do meu, não o vi escovar os dentes nem uma única vez. Os dentes dele estavam sempre meio esverdeados, parecia até que já tinham criado musgo, e dava nojo vê-lo no refeitório, com a boca cheia de purê de batatas, ervilha ou coisa que o valha. Além disso, tinha um bocado de espinhas. Não era só na testa ou no queixo, como a maioria dos sujeitos, mas pela cara toda. E não era só isso, tinha um gênio dos diabos, o tipo do indivíduo desagradável. Confesso que não ia lá muito com as fuças dele.

Podia sentir que ele estava em pé, na borda do chuveiro, bem detrás da minha poltrona, dando uma olhada para ver se o Stradlater andava por perto. Ackley não topava o Stradlater, e nunca entrava no quarto com ele por lá. No duro mesmo, acho que o safado não topava era ninguém.

Desceu da borda do chuveiro e entrou no quarto. - Oba - disse. Ele sempre dizia isso como se estivesse terrivelmente chateado ou terrivelmente cansado. Não queria que os outros pensassem que ele estava fazendo uma visita, ou coisa parecida; queria que a gente imaginasse que ele tinha entrado por engano!

- Oba - respondi, mas nem levantei a cabeça do livro. Com um sujeito como o Ackley, a gente estava perdido se levantasse a cabeça do livro. Estaria perdido de qualquer jeito, mas não tão depressa como se houvesse logo olhado para ele.

Começou a zanzar pelo quarto, devagarinho e tudo, como sempre fazia, mexendo nos objetos pessoais da gente que estivessem por cima das escrivaninhas ou das mesas. Estava sempre apanhando um objeto pessoal de alguém para dar uma olhada. Puxa, tinha horas que botava a gente nervoso.

- Como é que foi a competição de esgrima? - perguntou. Mas era só para me obrigar a parar de ler e deixar de me divertir. - Ganhamos, ou como é que foi?

- Ninguém ganhou - respondi. Mas sem olhar para ele.

- O quê?

Ele estava sempre obrigando a gente a dizer as coisas duas vezes.

- Isso mesmo. Ninguém ganhou.

Dei uma olhadela para ver o que é que ele estava fazendo na minha escrivaninha. Estava olhando o retrato de uma garota com quem eu costumava sair em Nova York, Sally Hayes. Ele já devia ter apanhado e olhado aquela droga daquele retrato umas cinco mil vezes desde o dia em que o recebi. Quando tinha se fartado de mexer numa coisa, punha sempre de volta no lugar errado. Fazia isso de propósito, evidentemente.

- Ninguém ganhou, não é? Como é que pode?

- Esqueci a droga dos floretes e do equipamento no metrô.

Continuava com a cara enfiada no livro.

- No metrô, essa é boa! Quer dizer que você perdeu tudo?

- Nós tomamos o trem errado e eu tinha que ficar me levantando para olhar a porcaria do mapa na parede.

Chegou para perto de onde eu estava e se postou bem em frente da luz. Aí eu disse: - Puxa, já li essa mesma frase umas vinte vezes desde que você chegou.

Qualquer um teria entendido a indireta, menos o Ackley. Menos ele.

- E você acha que vão te fazer pagar o equipamento? - perguntou.

- Sei lá, e estou pouco ligando. Que tal você se sentar ou coisa que o valha, hem, meu menino? Você está bem na frente da minha luz.

Ficava possesso quando alguém o chamava de menino. Estava sempre dizendo que eu era criança, porque eu tinha dezesseis anos e ele dezoito. Ficava maluco quando eu o chamava de meu menino.

Nem com isso saiu do lugar. Era exatamente o tipo do sujeito que não sai da frente da luz se a gente pedir. Depois de algum tempo acabava saindo, mas sempre demorava mais um pouco se a gente tivesse pedido a ele para sair.

- O que é que você está lendo?

- Uma droga dum livro.

Deu um empurrão no livro para ver o título e perguntou:

- Como é? Vale alguma coisa?

- Essa frase que eu estou lendo é genial.

Às vezes, quando me dá vontade, consigo ser um bocado sarcástico. Mas ele nem entendeu a ironia. Começou a andar outra vez pelo quarto, mexendo em todos os meus objetos pessoais e do Stradlater. Afinal, pus meu livro no chão. Ninguém consegue ler mais nada com um sujeito como o Ackley por perto. É totalmente impossível. Deixei o corpo escorregar até lá em baixo da poltrona, e fiquei olhando o sacana do Ackley se pondo à vontade, como se estivesse em casa. Estava começando a me sentir um pouco cansado da viagem a Nova York e tudo, e comecei a bocejar. Aí comecei a bancar o maluco pra fazer hora. De vez em quando eu banco o maluco uma porção de tempo, só para não ficar chateado. O que fiz foi puxar a pala do meu chapéu para a frente e dobrar para baixo, tapando os olhos. desse jeito não conseguia ver porcaria nenhuma.

- Acho que estou ficando cego - eu disse, numa voz rouca pra chuchu. - Mãezinha querida, está ficando tudo tão escuro aqui.

- Juro que você é maluco - disse o Ackley.

- Mãezinha querida, me dá a tua mão. Por que é que você não me dá a tua mão?

- Oh, por favor. Vê se cresce, tá?

Comecei a tatear na minha frente, como se fosse cego, mas sem me levantar nem nada. - Mãezinha querida, por que é que você não me dá a tua mão? - continuei dizendo, mas estava só bancando o maluco, naturalmente. Às vezes um negócio desses me diverte um bocado, e além disso eu sabia que o Ackley ficava danado com a brincadeira. Ele sempre despertava em mim uma.ponta de sadismo. De vez em quando eu era um bocado sádico com ele. Acabei parando. Puxei a pala de volta para trás e sosseguei.

- De quem é isso? - Ackley perguntou. Estava me mostrando a joelheira do meu companheiro de quarto. O sacaneta do Ackley mexia em qualquer troço. Era até capaz de apanhar a culhoneira da gente, ou qualquer outra coisa. Disse que era do Stradlater e ele aí jogou a joelheira em cima da cama dele. Tinha apanhado em cima da escrivaninha, por isso é que jogava em cima da cama.

Aproximou-se e sentou no braço da poltrona do Stradlater. Nunca sentava numa poltrona, tinha que ser sempre no braço da poltrona.

- Onde é que você arranjou esse chapéu?

- Em Nova York.

- Quanto foi?

- Um dólar.

- Então você foi roubado.

Começou a limpar a droga das unhas com a ponta de um fósforo. Estava sempre limpando as unhas. De certo modo, era até engraçado. Os dentes dele estavam sempre esverdeados de sujeira, as orelhas eram uma imundície, mas ele não passava um dia sem limpar as unhas. Acho que pensava que isso o tornava um sujeito muito limpo. Deu outra olhadela para meu chapéu enquanto limpava as unhas.

- Lá onde eu moro a gente usa esse tipo de chapéu para caçar veado, por Deus do céu. Esse chapéu só serve para caçar veado.

- Nada disso.

Tirei o chapéu e olhei para ele, com um dos olhos meio fechado, como se estivesse fazendo mira.

- Esse chapéu aqui é para caçar gente. Eu uso ele para caçar gente.

- Teu pessoal já sabe que você levou bomba?

- Neca.

- Onde é que se meteu o Stradlater, afinal de contas?

- Está lá no jogo. Arranjou uma guria.

Bocejei outra vez, não parava mais de bocejar. Também, o quarto estava estupidamente quente, dava um sono danado na gente. No Pencey, ou a gente morria gelado ou derretia de tanto calor.

- O grande Stradlater - disse o Ackley. - Êi, me empresta tua tesourinha um minuto? Ela está à mão?

- Não, já botei na mala, e a mala está lá em cima do armário.

- Apanha ela um instante, tá bom? Tem um fiapo de pele aqui que eu quero cortar.

Para ele não fazia diferença se a gente tivesse posto um troço na mala e tivesse que ir apanhar em cima do armário. Mas fui pegar a tesourinha, assim mesmo, e quase morri por causa disso. Na hora em que abri a porta do armário, a raquete de tênis do Stradlater - com a guarnição de madeira e tudo - caiu bem na minha cabeça. Fez um barulho tremendo e doeu pra chuchu. Me deu vontade de esganar o filho da mãe do Ackley. Ele deu uma gargalhada que mais parecia um cacarejo e ficou se esbaldando o tempo todo, enquanto eu apanhava a mala e tirava a tesourinha para dar a ele. Bastava acontecer uma coisa dessas - um sujeito levar uma pedrada na cabeça ou coisa que o valha - que o Ackley se mijava de tanto rir.

- Você tem um senso de humor fenomenal, meu menino. Sabe disso? - fui falando enquanto entregava a tesourinha a ele. Deixa eu ser teu empresário, te arranjo um contrato para você trabalhar no rádio.

Sentei de novo na minha poltrona, e ele começou a cortar aquelas unhas que mais pareciam uns cascos.

- Que tal você usar a mesa, hem? Vê se corta essa porcaria dessas unhas em cima da mesa, tá? Não tenho a mínima vontade de andar hoje de noite por cima do resto das tuas unhas.

Nem deu bola, continuou cortando as unhas e deixando as aparas cair no chão. Vai ser mal-educado assim no inferno.

- Quem é a namorada do Stradlater? - perguntou. Ele estava sempre querendo saber com quem o Stradlater saía, embora não fosse com a cara dele.

- Sei lá. Por quê?

- Por nada. Rapaz, eu não suporto aquele filho da puta. Se há um filho da puta que eu não suporto, é ele.

- Pois ele te adora. Me disse que te acha um príncipe.

Tenho a mania de chamar os outros de príncipes, quando me dá vontade de aporrinhar o sujeito. Só para não ficar chateado nem nada.

- Ele está o tempo todo com aquela atitude superior - continuou o Ackley. - Não topo aquele filho da puta. Parece até que ele...

- Você se importa de cortar as unhas em cima da mesa, hem? Já te pedi umas cinqüenta vezes...

- Está sempre com aquele ar superior. Nem acho o sacana inteligente. Ele pensa que é. Acho ele o maior...

- Ackley! Que merda! Quer fazer o favor de cortar a porcaria das tuas unhas em cima da mesa? Merda, já te pedi umas cinqüenta vezes...

Só para variar ele começou a cortar as unhas em cima da mesa. A única maneira dele fazer alguma coisa era berrando com ele. Fiquei olhando para ele algum tempo e aí disse:

- Você tá danado com o Stradlater porque ele falou aquele negócio que você devia escovar os dentes de vez em quando. Ele não queria te ofender quando disse aquilo. Ele bem que podia ter falado de outro jeito e tudo, mas não estava querendo te ofender. O que ele queria dizer é que você ficaria com uma aparência melhor, e se sentiria melhor, se desse uma escovada nos dentes de vez em quando.

- Eu escovo os dentes. Não me vem com essa.

- Escova nada. Tenho reparado e sei que você não escova.

Não disse isso de maneira a magoá-lo, até que sentia pena dele, de certo modo. Claro que não é agradável alguém dizer à gente que se deve escovar os dentes.

- O Stradlater não é má pessoa. O caso é que você não conhece ele direito.

- Continuo achando que ele é um filho da puta. Um filho da puta metido a besta.

- Metido a besta ele é, mas em algumas coisas é um bocado generoso. No duro. Olha, se ele estiver usando uma gravata e a gente disser que gosta dela, por exemplo... Digamos que ele esteja usando uma gravata que você achou um bocado bonita. Sabe o que ele faria? Provavelmente tirava do pescoço e dava para você. Dava mesmo. Ou sabe o que ele podia fazer também? Deixava a gravata em cima da tua cama ou coisa parecida. Mas dava a droga da gravata. A maioria dos sujeitos provavelmente...

- Ora, com o dinheiro que ele tem, até eu dava.

- Dava nada - falei, sacudindo a cabeça. - Dava coisa nenhuma, meu menino. Se você tivesse o dinheiro que ele tem, você seria um dos maiores...

- Pára de me chamar de meu menino. Que merda! Com a idade que eu tenho podia ser a porcaria do teu pai.

- Não, não podia não.

Puxa, às vezes ele era mesmo insuportável. Não perdia uma chance de repetir que a gente tinha dezesseis anos e ele dezoito.

- Em primeiro lugar, eu não deixaria você fazer parte da droga da minha família.

- Bom, então pára de me chamar...

De repente a porta se abriu e o Stradlater entrou pelo quarto a dentro, com uma pressa danada. Estava sempre com uma pressa danada. Tudo para ele era uma maravilha. Chegou para perto de mim e me deu um tapinha amigável em cada face - coisa que às vezes consegue ser um bocado aporrinhativa.

- Escuta - disse - você vai a algum lugar especial hoje à noite?

- Não sei. Talvez. Está nevando lá fora?

O casaco dele estava coberto de neve.

- Tá sim. Escuta, se você não vai a nenhum lugar especial, que tal me emprestar teu paletó novo?

- Quem ganhou o jogo? - perguntei.

- Está na metade ainda, mas nós vamos sair. Sem brincadeira, você vai usar teu casaco novo ou não? Meu paletó de flanela cinza está todo borrado.

- Não vou usar não, mas você vai alargar o casaco todo com a droga dos teus ombros.

Nós éramos praticamente da mesma altura, mas ele pesava umas duas vezes mais do que eu. E tinha uns ombros larguíssimos.

-Não alargo não.

Correu para o armário e disse: - Como vai, Ackley?

Ele era, pelo menos, um sujeito um bocado simpático. Quase sempre era uma simpatia meio fingida, mas pelo menos ele cumprimentava o Ackley e tudo.

Ackley, em resposta, deu uma espécie de grunhido. Responder ele não respondia, mas também não tinha coragem para deixar de, pelo menos, soltar um grunhido. Para mim ele disse: - Acho que vou indo. Te vejo mais tarde.

- Tá bem - respondi. Ackley nunca deixava saudade quando tratava de voltar para o quarto dele.

Stradlater começou a tirar o paletó, a gravata e tudo.

- Acho que é melhor eu fazer uma barba rápida - disse. Ele tinha uma barba um bocado cerrada.

- Onde é que você deixou tua namorada?

- Está me esperando no Anexo.

Saiu do quarto levando o aparelho de barbear e uma toalha em baixo do braço, sem camisa nem nada. Andava sempre nu da cintura para cima, porque achava que tinha um físico fabuloso. E tinha mesmo, isso eu não posso negar.

4

Não tinha nada de especial para fazer, por isso acompanhei o Stradlater até o banheiro, para bater papo enquanto ele fazia a barba. Éramos as únicas pessoas no banheiro, porque todo mundo ainda estava no jogo. Estava quente como o diabo, as janelas todas embaciadas. Havia umas dez pias, encostadas na parede. Stradlater ocupava a do centro; sentei numa, ao lado dele, e comecei a abrir e fechar a torneira de água fria - um hábito nervoso que eu tenho. Stradlater assoviava a "Canção da Índia" enquanto fazia a barba. Tinha um desses assobios agudos pra chuchu, que praticamente não estão nunca afinados, e escolhia sempre uma dessas músicas difíceis até para um bom assobiador, como a "Canção da Índia", ou "Assassinato na Décima Avenida". Era realmente capaz de esculhambar qualquer música.

Há pouco eu disse que o Ackley era um porcalhão nos seus hábitos pessoais. Pois bem, o Stradlater também era, embora de um modo diferente. Stradlater era mais um desleixado secreto. Estava sempre com uma aparência de limpeza, mas se a gente fosse ver o aparelho de barbear que ele usava... Estava sempre enferrujado pra diabo, cheio de sabão e fiapos de barba, uma imundície. Ele nunca limpava aquilo. Quando acabava de se aprontar, ele parecia sempre muito asseado, mas para quem o conhecia como eu, era mesmo um porcalhão secreto. E a única razão por que se emperiquitava todo era porque estava perdidamente apaixonado por si próprio. Pensava que era o sujeito mais bonito do Hemisfério Ocidental. De fato, era bonitão, isso eu admito. Mas era mais o tipo de sujeito bonito que, se os pais da gente vissem o retrato dele no Álbum do Colégio, perguntariam logo "Quem é esse rapaz?" Em outras palavras, ele era mais o bonitão tipo Álbum de Colégio. Eu conhecia uma porção de sujeitos no Pencey mais bonitos que o Stradlater, mas eles não ficariam bonitos no Álbum do Colégio. Ia parecer que eles tinham nariz grande ou orelhas de abano. Já tive essas experiências muitas vezes.

De qualquer maneira, lá estava eu, sentado na pia ao lado de onde o Stradlater se barbeava, abrindo e fechando a torneira sem parar. Estava ainda com o chapéu de caça vermelho na cabeça, a aba virada para trás e tudo. Eu vibrava mesmo com aquele chapéu.

- Êi - disse Stradlater - quer me fazer um grande favor?

- Que favor? - respondi. Sem muito entusiasmo. Ele estava sempre pedindo à gente para lhe fazer um grande favor. Basta um sujeito ser bonitão, ou pensar que é o cara mais bacana do mundo, e está sempre pedindo aos outros que lhe façam um grande favor. Só porque eles se acham fabulosos, pensam que todo mundo também os acha fabulosos, e que a gente está doido para fazer-lhes um favor. De certo modo, até que é engraçado.

- Você vai sair hoje de noite? - perguntou.

- Talvez sim, talvez não. Sei lá. Por quê?

- Eu tenho que ler ainda umas cem páginas para a aula de História na segunda-feira. Que tal você escrever uma redação para mim? Vou me estrepar todo se não entregar a redação na segunda-feira. Como é, topa?

Era mesmo um bocado irônico, no duro.

- Eu é que vou ser expulso dessa merda desse colégio, e você é que me pede para escrever uma porcaria duma redação.

- É, eu sei. Mas o negócio é que vou me danar todo se não entregar o troço. Você é meu chapa e não vai me deixar na mão, não é?

Não respondi logo. Um pouco de suspense é bom para um filho da mãe como o Stradlater.

- Sobre o que é? - perguntei.

- Qualquer coisa. Qualquer coisa descritiva. Um quarto, uma casa, um lugar em que você viveu ou coisa que o valha, você sabe. O importante é ser descritivo pra chuchu -. Deu um baita dum bocejo enquanto falava. Isso é o tipo da coisa que me deixa aporrinhado. Um sujeito bocejar bem na hora que está pedindo à gente um grande favor. - Só não quero que você faça um troço muito caprichado - continuou. - Esse filho da puta desse Hartzell acha você o máximo em Inglês e sabe que você é meu companheiro de quarto. Por isso, vê lá se você vai botar todas as vírgulas no lugar e tudo.

Isso é outro negócio que me aporrinha um bocado. A gente escrever bem e o sujeito começar a falar em vírgulas. Era o que o Stradlater estava fazendo. Queria que se pensasse que as redações dele eram umas drogas só porque botava todas as vírgulas no lugar errado. Nisso ele era um pouco como o Ackley. Uma vez sentei ao lado do Ackley num jogo de basquete. Nós tínhamos um sujeito infernal no time, o Howie Coyle, que encestava lá do meio do campo sem a bola tocar na tabela nem nada. Ackley passou a droga do jogo todo dizendo que o Coyle tinha um corpo perfeito para jogar basquete. Puxa, que raiva que eu tenho disso.

Acabei me cansando de ficar sentado naquela pia, e aí me levantei e comecei a sapatear, só de farra. Não sei sapatear nem nada, mas o piso do banheiro era de pedra e por isso dava um som perfeito. Comecei a imitar um desses sujeitos do cinema, num desses musicais. Odeio o cinema como se fosse um veneno, mas me divirto imitando os filmes. O Stradlater me olhava pelo espelho, enquanto se barbeava. Tudo de que eu preciso é de uma platéia. Sou um exibicionista.

- Sou o filho da droga do Governador - eu disse. Estava me espalhando, sapateando pelo banheiro todo. - Ele não quer que eu seja sapateador. Quer que eu vá para Oxford. Mas o sapateado está no meu sangue. (Stradlater riu. Até que o senso de humor dele não era dos piores.) - Hoje é a noite da estréia do Ziegfeld Follies. (A essa altura eu já estava ficando sem fôlego, não tenho resistência nenhuma.) - O artista principal não pode entrar em cena. Está bêbado como um gambá. Então, sabe quem é que eles escolhem para substituí-lo? Eu, naturalmente. O filhinho da droga do Governador.

- Onde é que você arranjou esse troço? - perguntou Stradlater. Referia-se a meu chapéu, era a primeira vez que o via.

Eu já estava mesmo sem fôlego, por isso parei com a brincadeira. Tirei o chapéu e o olhei talvez pela nonagésima vez.

- Comprei em Nova York hoje de manhã. Um dólar. Gosta dele?

Stradlater acenou com a cabeça: - Legal - respondeu. Só para me agradar, porque foi logo dizendo: - Escuta, você vai escrever aquela redação pra mim? Quero saber.

- Se tiver tempo, escrevo. Se não tiver, não escrevo -. Fui me sentar outra vez na pia ao lado da dele. - Com quem você vai sair? - perguntei. - Com a Fitzgerald?

- Não, claro que não! Já te disse, acabei com aquela galinhona.

- É? Então dá ela pra mim, sem brincadeira. Ela é o meu tipo.

- Pode ficar... Ela é muito velha pra você.

- De repente - na verdade sem nenhuma razão, a não ser que estava com vontade de fazer movimento - me deu vontade de pular da pia e dar uma gravata no Stradlater. Caso alguém não saiba, uma gravata é um golpe de jiu-jitsu em que a gente pega um sujeito pelo pescoço e pode estrangulá-lo se quiser. E foi o que fiz. Aterrissei em cima dele como se fosse uma pantera.

- Pára com isso, Holden, que droga! - disse Stradlater. Ele não estava com vontade de brincar, estava fazendo a barba e tudo. - Que é que há? Tá querendo me degolar?

Mas não o soltei. Tinha encaixado uma gravata bem apertada. - Tente livrar-se deste golpe magistral.

- Será possível! - foi o que ele disse. Pôs o barbeador na pia e, de repente, jogou os braços para cima e conseguiu sair do golpe. Ele era um sujeito forte pra burro e eu sou um bocado fraco. - Agora vê se pára com essa titica -. Disse isso e começou a se barbear todo outra vez. Ele sempre se barbeava duas vezes, pra ficar bem bonito. Com aquela nojeira daquele barbeador.

- Se não é com a Fitzgerald, com quem você vai sair? - perguntei. Sentei de novo na pia. - Aquela belezinha da Phylis Smith?

- Não, era para ser, mas acabou dando uma confusão danada. Afinal fiquei com a companheira de quarto da namorada do Bud Thaw... Êi, ia quase esquecendo. Ela conhece você.

- Quem me conhece? - perguntei.

- Essa garota com quem vou sair.

- É? Qual é o nome dela? - perguntei. Estava um bocado interessado.

- Deixa eu me lembrar... Ah, Jean Gallagher.

Puxa, quase tive um troço quando ele disse o nome.

- Jane Gallagher - repeti. Cheguei até a me levantar da pia quando ele disse quem era. Quase caí duro. - Se conheço! Ela praticamente morou ao lado da minha casa, nas férias de verão há dois anos. Tinha um baita dum cachorrão Dobermann. Foi por causa dele que eu a conheci. O cachorro dela costumava vir no nosso...

- Você tá bem na minha luz, Holden, que porcaria. Será que você tem que ficar postado bem aí?

Puxa, que eu estava excitado. No duro mesmo.

- Onde é que ela está? No Anexo?

- É.

- Como é que ela falou em mim? Em que colégio que ela está? Tinha me dito que talvez fosse para o Shipley. Pensei que tivesse ido. Como foi que ela falou em mim?

Eu estava mesmo excitado pra chuchu.

- Sei lá, ora. Levanta daí, tá? Você está bem em cima da minha toalha - disse ele. Eu estava sentado em cima da porcaria da toalha dele.

- Jane Gallagher - repeti. Não conseguia vencer minha surpresa. Vejam só, logo quem.

A essa altura o Stradlater estava pondo Vitalis no cabelo. Meu Vitalis.

- Ela estuda dança - continuei. - Ballet e tudo. Costumava treinar umas duas horas todo dia, mesmo quando estava o maior calor. Ela tinha medo de ficar com as pernas feias - assim grossas e tudo. Eu costumava jogar damas com ela o tempo todo.

- Você costumava jogar o quê com ela o tempo todo?

- Damas.

- Damas! Essa é a maior!

- É. Ela nunca mexia nas damas. Toda vez que ela fazia uma dama, deixava na última casa. Nunca usava nenhuma, só porque gostava de ver todas as damas enfileiradas nas últimas casas.

Stradlater não disse nada. Pouca gente se interessa por esse tipo de coisa.

- A mãe dela era sócia do mesmo clube que nós - continuei. - De vez em quando eu trabalhava de caddy, só para ganhar algum dinheirinho. Eu trabalhei de caddy para a mãe dela umas duas vezes. Nunca vi ninguém jogar golfe tão mal, ela costumava fazer nove buracos numas cento e setenta tacadas.

Stradlater mal escutava. Estava penteando suas belas melenas.

- Tenho que ir lá e dar um abraço nela.

- Por que não vai logo?

- Já vou, daqui a pouco.

Começou a repartir o cabelo todo outra vez. Ele levava uma hora se penteando.

- A mãe dela tinha se divorciado do pai. Casou outra vez com um beberrão. Um cara magricela, de perna cabeluda. Me lembro dele. Andava de calção o tempo todo. Jane disse que ele escrevia para o teatro ou uma porcaria qualquer dessas, mas a única coisa que via ele fazer era beber como uma esponja e escutar tudo que era programa de mistério no rádio. E ainda costumava andar pela casa nu em pêlo. Com a Jane por lá e tudo.

- É? - perguntou Stradlater. Isso realmente interessava a ele. Esse troço do porrista andar nu pela casa, com a Jane por lá. O filho da mãe só pensava em sexo.

- Ela teve uma infância miserável. Sem brincadeira.

Mas isso já não interessava ao Stradlater. Só ligava mesmo se o assunto fosse sexo.

- Veja só, Jane Gallagher -. Não conseguia tirá-la da minha cabeça. Não conseguia mesmo. - Tenho que ir lá e pelo menos dar um abraço nela.

- Por que é que você não vai logo, em vez de ficar aí dizendo que vai?

Fui até a janela, mas não se via nada do lado de fora, estava toda embaciada por causa do calor do banheiro. - Não estou com vontade de ir agora - respondi. E não estava mesmo. A gente tem que estar no estado de espírito propício para fazer um troço desses. - Pensei que ela tivesse ido para o Shipley -. Fiquei andando pelo banheiro um bocado. Não tinha outra coisa para fazer. - Ela gostou do jogo? - perguntei.

- Acho que gostou. Não sei.

- Ela te contou que nós costumávamos jogar damas o tempo todo?

- Não sei. Mas puxa, mal me encontrei com ela.

Ele tinha acabado de pentear seus maravilhosos cabelos e estava guardando aquela nojeira de barbeador.

- Escuta, dá lembranças minhas a ela, tá bom?

- Tá bem - respondeu, mas eu sabia que provavelmente não daria coisa nenhuma. Um sujeito como o Stradlater é incapaz de dar lembranças da gente a quem quer que seja.

Voltou para o quarto, mas eu fiquei ainda um pouco pelo banheiro, pensando na Jane. Afinal voltei também para o quarto.

Quando cheguei, Stradlater estava dando o laço na gravata, em frente ao espelho. Passava metade da vida dele em frente de um espelho. Sentei na minha poltrona e fiquei algum tempo apreciando o cretino.

- Êi - eu disse - não diz a ela que eu fui expulso, tá bom?

- Está certo.

Isso era uma coisa boa no Stradlater. A gente não tinha que explicar cada merdinha a ele, como tinha de fazer com o Ackley. Acho que, principalmente, porque ele não estava nunca interessado. Essa é que era a razão. Com o Ackley era diferente. Ackley era um filho da mãe dum metido.

Stradlater vestiu meu paletó novo.

- Opa, vê lá se vai me esculhambar o paletó todo. Só usei ele duas vezes.

- Pode deixar que eu não vou não. Onde é que estão a droga dos meus cigarros?

- Em cima da escrivaninha -. Ele nunca sabia onde tinha deixado nada. - Embaixo do cachecol -. Pôs os cigarros no bolso do paletó - no bolso do meu paletó.

De repente, só pra variar, puxei para a frente a aba do meu chapéu de caça. Estava começando a ficar meio nervoso, assim de repente. Eu sou um sujeito um bocado nervoso.

- Escuta, onde é que vocês vão hoje de noite? - perguntei. - Já marcaram?

- Sei lá. Nova York, se der tempo. Ela tem que estar de volta às nove e meia, veja só.

Não gostei do jeito com que ele disse isso, e aí falei: - É porque ela não sabia que você era um cara tão bonito, tão cheio de charme. Se ela soubesse, teria arranjado um jeito de poder voltar às nove e meia da manhã.

- Isso mesmo - ele disse. Não era muito fácil aporrinhá-lo. Era vaidoso demais. - Agora, sem brincadeira, faz aquela redação pra mim -. Já tinha vestido o casaco e estava pronto para sair. - Vê se não capricha demais nem nada, é só fazer o troço bem descritivo, tá?

Não respondi. Não estava com vontade nenhuma de responder. Tudo que disse foi: - Pergunta a ela se ainda deixa as damas nas últimas casas.

- Tá bem - ele disse, mas eu sabia que não ia perguntar nada. - Até logo - e disparou do quarto.

Fiquei por lá, sentado, ainda uma meia hora depois que ele saiu. Sentado na minha poltrona, sem fazer nada. E pensando na Jane, e em Stradlater saindo com ela e tudo. Fui ficando cada vez mais nervoso. É porque o filho da mãe do Stradlater só pensava em sexo.

De repente, Ackley deu as caras outra vez, atravessando as cortinas do chuveiro, como sempre. Pela primeira vez, em toda a minha vida, tive realmente prazer em vê-lo. Afastou meus pensamentos de outras coisas.

Ele ficou zanzando por ali até a hora do jantar, falando sobre todos os sujeitos no Pencey de quem ele tinha raiva e espremendo uma baita espinha no queixo. E nem usava o lenço. Para dizer a verdade, acho até que o sacana nem tinha lenço. Pelo menos, nunca vi ele usar nenhum.

5

O jantar aos sábados era sempre o mesmo lá no Pencey. Devia ser considerado algo de fabuloso, pois era o único dia em que serviam bife. Aposto que só faziam isso porque uma porção de pais de alunos visitavam o colégio aos domingos, e o velho Thurmer com certeza imaginava que a mãe de todo mundo ia perguntar ao filhinho querido o que é que ele tinha comido no jantar - e ele responderia: "Bife". Eram uns safados. Valia a pena ver os tais bifes: umas porcariazinhas duras, sem caldo, que a gente mal conseguia partir. Vinham sempre acompanhados de um purê de batata todo encalombado, e a sobremesa era um pudim nojentérrimo que ninguém comia, a não ser talvez os meninos do primário, por inexperiência, ou sujeitos como o Ackley, que comiam qualquer droga.

Mas até que estava bonito quando saímos do refeitório. já havia uns dez centímetros de neve no chão e continuava a nevar pra cachorro. Estava um bocado bonito, e nós todos começamos a jogar bolas de neve e fazer uma porção de maluquices. Pensando bem, era um bocado infantil, mas todo mundo estava se divertindo pra valer.

Eu não tinha namorada nem nada, por isso combinei com um amigo meu que era do time de luta-livre, o Mal Brossard, da gente tomar um ônibus para Agerstown, comer qualquer coisa por lá e talvez assistir a uma droga dum filme. Nenhum de nós dois estava com vontade de passar a noite inteira sentado em cima do rabo. Perguntei ao Mal se ele se importava que o Ackley fosse conosco, porque o chato nunca fazia nada nas noites de sábado, a não ser ficar trancado no quarto espremendo as espinhas ou coisa que o valha. Mal respondeu que não se importava, mas que também não se entusiasmava muito com a idéia. Ele não gostava muito do Ackley. De qualquer modo, cada um foi para seu quarto se arrumar e tudo, e enquanto eu calçava minhas galochas gritei na direção do quarto do Ackley, perguntando se ele queria ir ao cinema. Bem que ele podia me escutar através das cortinas do banheiro, mas não respondeu logo. Era o tipo do sujeito que odeia responder imediatamente. Afinal veio até meu quarto, atravessando as cortinas, parou na borda do chuveiro e perguntou quem ia, além de mim. Tinha sempre que saber quem ia sair com ele. Juro que se um dia ele sofresse, um naufrágio e alguém fosse socorrê-lo numa porcaria dum bote, o Ackley não saía da água antes de saber quem estava remando. Eu disse que o Mal Brossard também ia, e ele respondeu:

- Aquele cretino... Tá bem, me espera um minuto.

Parecia que estava nos fazendo um grande favor. Demorou umas cinco horas para se aprontar. Enquanto esperava, fui até a janela, abri uma banda e comecei a fazer uma bola de neve, sem luva nem nada. A neve estava um bocado boa pra isso, mas não joguei a bola em coisa nenhuma. Cheguei a começar a jogar, num carro que estava estacionado do outro lado da rua. Mas mudei de idéia, porque o carro estava bonito pra chuchu, todo coberto de branco. Aí fiz pontaria num hidrante, mas o hidrante também estava com um jeitão simpático, todo de branco. Afinal resolvi não jogar em lugar nenhum. Fechei a janela e fiquei andando pelo quarto, endurecendo ainda mais a bola de neve. Algum tempo depois, quando o Brossard, o Ackley e eu tomamos o ônibus, ainda estava com ela na mão. O motorista abriu uma janela e me disse para jogá-la fora. Expliquei a ele que não ia atirar a bola em ninguém, mas não houve jeito dele me acreditar. Ninguém nunca acredita na gente.

O Brossard e o Ackley já tinham visto o filme que estava passando, por isso a única coisa que fizemos foi comer uns sanduíches, dar uma voltinha pelas ruas e tomar o ônibus de volta para o Pencey. De qualquer maneira, pouco me importava de não ver o filme. Parece que era uma comédia, com o Cary Grant e essa droga toda, e, além disso, já tinha ido uma vez ao cinema na companhia daqueles dois. Ambos costumavam rir como hienas por causa de qualquer besteira, mesmo que não tivesse a mínima graça. Não dava nem prazer sentar ao lado deles no cinema.

Quando voltamos para o dormitório deviam ser umas quinze para as nove. O Brossard era maníaco por bridge e começou a procurar parceiros para uma partida. O chato do Ackley, pra variar, plantou-se no meu quarto. Só que, em vez de se sentar no braço da poltrona do Stradlater, deitou na minha cama, com a cara bem em cima do meu travesseiro e tudo. Começou a falar, com aquela voz monótona, ao mesmo tempo que espremia as espinhas. Dei-lhe mil indiretas, mas não consegui me livrar dele. Ficou lá falando, naquela voz monótona, sobre uma garota com quem ele dizia ter tido relações sexuais no verão passado. Já tinha me contado essa estória umas cem vezes, mas cada vez que contava era diferente. Numa hora, a coisa tinha acontecido no Buick do primo dele, na hora seguinte já era na praia. Naturalmente, era tudo mentira. Se alguma vez vi alguém virgem, esse alguém era ele. Duvido mesmo que tivesse alguma vez chegado a bolinar uma garota. Fosse como fosse, afinal tive que chegar para ele e dizer que tinha de escrever uma redação para o Stradlater e que por isso ele tinha de dar o fora porque senão eu não conseguia me concentrar. Acabou indo,

mas demorou um bocado, como sempre. Depois que saiu, vesti meu pijama e meu roupão, pus o chapéu de caça na cabeça e comecei a escrever a redação.

O problema é que não consegui imaginar uma sala ou uma casa para descrever, tal como o Stradlater tinha me dito que devia ser. De qualquer maneira, não sou lá muito chegado a esse negócio de descrever salas ou casas. Então resolvi escrever sobre a luva de beisebol do meu irmão Allie. Era um assunto um bocado descritivo, no duro. Meu irmão Allie era canhoto, e por isso tinha uma luva de beisebol para a mão esquerda. Mas o que havia de descritivo nela é que tinha uma porção de poemas escritos em todos os dedos, na cova da luva, por todo canto. Em tinta verde. Ele copiava os poemas na luva porque só assim tinha alguma coisa para ler durante o jogo, quando não havia ninguém arremessando. Ele agora está morto. Teve leucemia e morreu quando nós estávamos em Maine, no dia 18 de julho de 1946. Qualquer um teria que gostar dele. Era dois anos mais moço do que eu, mas umas cinqüenta vezes mais inteligente. Os professores dele estavam sempre escrevendo cartas para minha mãe, dizendo que era um grande prazer ter um menino como o Allie na turma. E não era simples conversa mole, era mesmo pra valer. O caso é que ele não era só o mais inteligente da família. Era também o melhor de todos, em muitos sentidos. Nunca ficava aborrecido com ninguém. Dizem que as pessoas de cabelo vermelho estão sempre se irritando com a maior facilidade, mas o Allie nunca brigava, e tinha o cabelo um bocado vermelho. Para mostrar como o cabelo dele era vermelho, eu me lembro que uma vez, nas férias de verão, quando eu tinha uns doze anos, estava jogando golfe (comecei a jogar golfe quando tinha dez anos) e, assim sem mais nem menos, tive a impressão de que se me virasse de repente veria o Allie. Olhei para trás e, batata, lá estava ele sentado na bicicleta, do outro lado da cerca - havia uma cerca que corria em volta de todo o campo - a mais de cem metros, me olhando dar a tacada. Isso mostra como o cabelo dele era vermelho. Mas ele era mesmo um menino bom. Às vezes, na mesa de jantar, lembrava de um troço qualquer e ria tanto que quase caía da cadeira. Eu só tinha uns treze anos, e meus pais resolveram que eu precisava ser psicanalisado e tudo, porque quebrei todas as janelas da garagem. Mas realmente acho que eles tinham razão. Dormi na garagem na noite em que ele morreu e quebrei a droga dos vidros todos com a mão, sei lá porquê. Tentei até arrebentar os vidros da camioneta que nós tínhamos naquele verão, mas a essa altura minha mão já estava quebrada e tudo, e não consegui. Reconheço que foi o tipo da coisa estúpida de se fazer, mas eu nem sabia direito o que estava fazendo, e vocês não conheciam o Allie. Minha mão ainda dói de vez em quando, nos dias de chuva e tudo, e nunca mais consegui fechar direito a mão - assim bem apertada - mas, fora isso, não me importo muito. De qualquer jeito, sei que não vou mesmo ser um cirurgião ou um violinista, ou droga nenhuma.

Foi sobre isto que escrevi a redação do Stradlater - a luva de beisebol do Allie. Por acaso, a luva estava na minha mala, por isso fui apanhá-la e copiei os poemas que estavam escritos nela. Tudo que precisei fazer foi mudar o nome do Allie, para ninguém saber que era meu irmão, e não o do Stradlater. Não fiquei lá muito satisfeito com a redação, mas não conseguia pensar em nenhum outro assunto descritivo. Além disso, eu gostava mesmo de escrever sobre a luva do Allie. A coisa me tomou uma hora, porque tive de usar a máquina de escrever do Stradlater, que enguiçava de dois em dois minutos. Só não usei a minha porque estava emprestada a um sujeito que também morava na minha ala.

Acho que deviam ser umas dez e meia quando acabei. Mas não estava cansado, por isso fui até a janela e fiquei algum tempo olhando para fora. Tinha parado de nevar, mas de vez em quando a gente escutava um carro que não conseguia pegar. Também dava para escutar o Ackley roncando, mesmo através da porcaria das cortinas do chuveiro. Ele tinha sinusite, e não podia respirar lá muito bem quando estava dormindo. Aquele sujeito tinha quase tudo que é possível alguém ter: sinusite, espinhas, dentes podres, mau hálito, unhas esculhambadas. A gente tinha de acabar sentindo um pouco de pena do filho da puta.

6

Tem coisas difíceis da gente lembrar. Por exemplo, a volta do Stradlater do encontro com a Jane. Quer dizer, não consigo lembrar direito o que é que eu estava fazendo quando ouvi a droga dos passos dele no corredor. Talvez ainda estivesse olhando pela janela, mas juro quê não me lembro. Estava preocupado demais, é por isso. Não brinco em serviço quando me preocupo com alguma coisa. Fico até precisando ir ao banheiro. Só que não vou, porque minha preocupação é tão grande que não quero interrompê-la só para ir lá. Qualquer um que conhecesse o Stradlater também ficaria preocupado. Já tínhamos saído juntos com garotas algumas vezes, e sei o que estou dizendo. Ele não tinha escrúpulos. Nem um pouco.

Seja como for, o corredor era forrado de linóleo e tudo, e a gente ouvia a porcaria dos passos dele se aproximando do quarto. Não me lembro mais nem onde estava quando ele entrou - se na janela, ou na minha cadeira, ou na dele. Juro que não me lembro.

Chegou se queixando do frio lá fora. Aí disse:

- Onde é que se meteu o pessoal? Isso aqui tá parecendo mais uma droga dum necrotério.

Nem me dei ao trabalho de responder. Se a burrice dele não lhe permitiu ver que era sábado de noite e que quem não tinha ido passar o fim de semana em casa já estava dormindo - não era eu que ia perder meu tempo para ensinar isso a ele. Começou a tirar a roupa. Não disse nem uma porcaria duma palavra sobre a Jane. Nem umazinha. Nem eu, que fiquei só olhando para ele. Limitou-se a me agradecer pelo casaco que eu tinha emprestado. Pendurou-o num cabide e guardou no armário.

Aí, enquanto tirava a gravata, perguntou se eu havia escrito a droga da redação para ele. Respondi que estava em cima da porcaria da cama. Apanhou-a e foi lendo enquanto desabotoava a camisa. Ficou ali, de pé, lendo e alisando o peito e a barriga, com a maior cara de boçal. Ele vivia alisando o peito ou a barriga. Ele se adorava.

De repente, falou:

- Que negócio é esse, Holden? Você escreveu sobre uma droga duma luva de beisebol!

- E daí? - eu disse, com a maior frieza.

- E daí o quê? Eu te disse que tinha que ser sobre uma porcaria duma sala, uma casa ou outro troço assim.

- Você disse que tinha de ser descritiva. Qual é a diferença se é sobre uma luva de beisebol?

- Merda!

Ele estava com uma raiva dos diabos. Furioso mesmo.

- Por que é que tudo que você faz é enrolado, hem? - falou virando-se para mim. - Não é à toa que você vai ser chutado daqui do colégio. Não há uma merda duma coisa que você faça direito. É isso mesmo. Nem uma única porcaria.

- Tá bem, então me dá aí a redação - falei. Fui até lá, arranquei o papel da mão dele e rasguei em pedacinhos.

- Pra quê que você fez isso?

Nem respondi. Apenas joguei os pedacinhos na cesta de papéis. Aí me deitei na cama e nenhum de nós falou durante muito tempo. Ele tirou toda a roupa, ficando só de cuecas, e eu acendi um cigarro, ainda na cama. Era proibido fumar no dormitório, mas àquela hora da noite, com todo mundo dormindo ou na rua, ninguém podia sentir o cheiro e não tinha importância. Mas fumei mesmo só para chatear o Stradlater, que ficava doente quando a gente não cumpria o regulamento. Ele nunca fumava no dormitório, era sempre eu.

Ainda não tinha dito nem uma palavra sobre a Jane. Não me agüentei:

- Você está chegando um bocado tarde, se é que ela só tinha mesmo licença para voltar às nove e meia. Ela chegou atrasada por tua causa?

Quando perguntei, ele estava sentado na beirada da cama, cortando a porcaria das unhas dos pés.

- Só uns dois minutos. Também é o tipo da idéia infeliz ir dormir às nove e meia numa noite de sábado.

Puxa vida, como eu detestava aquele sujeito.

- Vocês foram a Nova York? - perguntei.

- Tá maluco? Como é que a gente podia ir a Nova York se às nove e meia ela tinha que estar de volta?

- É, é meio difícil mesmo.

Olhou para mim.

-Escuta aqui - ele disse. - Se você está com vontade de fumar, que tal dar uma chegadinha no banheiro, bem? Você está indo embora daqui, mas eu ainda preciso agüentar a mão até me formar.

Não dei pelota. Não dei mesmo. Continuei a fumar como uma chaminé. Só fiz me virar meio de lado e ficar olhando para ele, enquanto aparava a droga das unhas. Que colégio! A gente passava o tempo todo vendo alguém cortar a porcaria das unhas ou espremer as espinhas, ou coisa que o valha.

- Você deu minhas lembranças a ela? - perguntei.

- Dei.

Aposto que não deu, o sacana.

- E aí, o quê que ela disse? Você perguntou a ela se ainda guarda todas as damas na última fila?

- Não! Como é que ia perguntar um troço desses? Que é que você pensa que nós ficamos fazendo a noite inteira? Jogando damas, é? Essa não!

- Se você não foi a Nova York, então pra onde foi? - perguntei um pouco depois. Minha voz já estava saindo trêmula pra burro. Puxa, como eu estava nervoso. Tinha a impressão de que havia acontecido alguma coisa esquisita entre eles dois.

Stradlater acabou de cortar a porcaria das unhas. Levantou-se, só de cuecas e tudo, e começou a bancar o brincalhão. Chegou junto da minha cama, se abaixou e ficou dando uns murros de brincadeira no meu ombro.

- Pára com isso - eu disse. - Se não foi a Nova York, pra onde é que você levou a Jane?

- Pra lugar nenhum. Ficamos no carro mesmo - respondeu e me deu novamente um daqueles murrinhos idiotas no ombro.

- Pára com isso! No carro de quem?

- Do Ed Banky.

Ed Banky era o técnico de basquete do Pencey. O Stradlater era protegido dele porque jogava de pivô no time. Por isso o carro do Ed Banky estava sempre à sua disposição. Era proibido aos alunos dirigir os carros dos professores, mas os sacanas que praticavam esporte eram um bocado unidos. Em todos os colégios onde estive, esses sacanas formavam sempre a sua panelinha.

Stradlater continuava a dar aqueles saquinhos de brincadeira no meu ombro. Botou na boca a escova de dentes que estava segurando.

- Você mandou brasa nela dentro do carro do Ed Banky? - perguntei, com a voz tremendo mais do que gelatina.

- Isso é coisa que se diga? Tá querendo que eu lave a tua boca com sabão?

- Mandou ou não mandou?

- Isso é segredo profissional, meu chapa.

Não me lembro direito do que aconteceu depois. Só sei que me levantei da cama, como se fosse para o banheiro ou coisa parecida, e tentei dar-lhe um murro de surpresa, com toda força, bem ali na escova de dentes, para furar a droga da garganta dele. Só que errei. Não consegui acertar direito. Quando muito, peguei-o no lado da cabeça. Talvez tivesse machucado um pouquinho, mas não como eu queria. Teria machucado de verdade, se eu não tivesse usado a direita, que é a minha mão fraca. Por causa daquele defeito de que eu já falei.

Afinal, quando vi já estava deitado no chão, e o Stradlater, com o rosto vermelho pra diabo, sentado em cima do meu peito. Quer dizer, a droga dos joelhos dele estavam fincados no meu peito e o safado pesava mais de uma tonelada. Meus pulsos também estavam presos, por isso não podia lhe dar outro murro. Tive vontade de matá-lo.

- Quê que há com você? - ele repetia, a cara estúpida cada vez mais vermelha.

- Tira essa merda desses joelhos de cima de mim - falei, quase urrando. Urrando mesmo. - Vamos, sai de cima de mim, seu filho da puta!

Mas ele não saiu. Continuou prendendo meus pulsos, e eu continuei a chamá-lo de filho da puta e tudo, durante mais de dez horas. Nem me lembro direito do que eu disse a ele. Disse que ele pensava que podia mandar brasa em quem bem entendesse. Disse que não fazia a menor diferença para ele se uma pequena deixava todas as damas na última fila ou não, e que ele só não se importava com isso porque era um imbecil total. Ele ficava furioso quando era chamado de imbecil. Todos os imbecis detestam ser chamados de imbecis.

- Cala a boca, Holden! - ele disse, com a carona imbecil toda vermelha. - Cala a boca!

- Você nem ao menos sabe se o nome dela é Jane ou Jean, seu boçalão!

- Cala essa boca, Holden, que merda! Estou avisando - ele disse. O cara estava alucinado. - Se você não calar a boca vou te dar uma porrada.

- Tira a droga desses joelhos de idiota de cima de mim.

- Se eu te soltar, você fica calado?

Nem respondi. Ele repetiu:

- Se eu te soltar, você vai ficar calado, Holden?

- Vou.

Ele se levantou e eu também. Meu peito estava doendo pra chuchu do peso dos joelhos dele.

- Você é um filho da puta dum imbecil - falei.

Aí o Stradlater virou fera de verdade. Ficou sacudindo o dedão na minha cara.

- Porra, Holden, tou te avisando. Pela última vez. Se você não fechar a matraca, vou te...

- Pra quê? - perguntei, quase gritando. - Esse é que é o problema com os imbecis como você. Nunca querem discutir coisa nenhuma. É assim que a gente descobre quem é boçal. Não discutem nunca um troço com inteligên...

Aí ele me mandou um murro tremendo e eu capotei. Não me lembro se cheguei a perder os sentidos, mas acho que não. Não é nada fácil nocautear uma pessoa, a não ser no cinema. Mas meu nariz pingava sangue pelo quarto todo. Quando abri os olhos, o Stradlater estava em pé, bem ao meu lado.

- Por que diabo você não cala a boca quando eu mando? - perguntou.

Ele estava um bocado nervoso. Acho que estava apavorado, com medo que eu tivesse fraturado o crânio ou coisa parecida quando bati com a cabeça no chão. É pena que isso não tenha acontecido.

- A culpa é tua, toda tua - ele disse.

Puxa, estava preocupado pra burro.

Nem me dei ao trabalho de levantar do chão. Continuei espichado ali mesmo, chamando-o de imbecil e filho da puta. Minha raiva era tanta que eu estava quase berrando.

- Quer saber de uma coisa, vai lavar a cara - ele falou. - Tá ouvindo?

Disse que ele, se quisesse, que fosse lavar sua cara de boçal. Era o tipo da resposta infantil, mas eu estava com uma raiva desgraçada. Disse ainda que, no caminho do banheiro, desse uma parada e mandasse uma brasinha na Sra. Schmidt. A Sra. Schmidt era a mulher do zelador. Andava aí pelos sessenta e cinco anos.

Fiquei sentado no chão até ouvir o Stradlater fechar a porta e seguir para o banheiro, no fim do corredor. Então me levantei. Não conseguia achar a droga do meu chapéu de caça em lugar nenhum. Procurei um pouco mais e acabei encontrando, debaixo da cama. Botei-o na cabeça e virei a aba para trás, até ficar como eu gostava. Aí fui até o espelho dar uma olhada na minha cara de imbecil. Garanto que ninguém nunca viu ferimento igual àquele. Tinha sangue espalhado pela boca e pelo queixo, e até no pijama e no roupão. Fiquei meio assustado e meio fascinado. Todo aquele sangue me dava um jeitão de machão. Na minha vida inteira só tinha entrado numas duas brigas, e apanhei nas duas vezes. Não sou muito de briga. Para dizer a verdade, eu sou é pacifista.

Tinha a impressão de que o Ackley tinha ouvido a bagunça toda e estava acordado. Por isso atravessei as cortinas do banheiro que ficavam entre o quarto dele e o nosso, só para ver o que ele estava fazendo. Eu quase nunca ia ao quarto dele, porque o sacana era tão relaxado em seus hábitos pessoais que o quarto dele sempre tinha um fedor meio esquisito.

7

Do nosso quarto chegava um fiapo de luz, através das cortinas do chuveiro, o bastante para ver o Ackley deitado na cama. Podia jurar que ele estava bem acordado.

- Ackley, tá acordado?

- Tou.

Estava um bocado escuro. Tropecei num sapato e por pouco não dei de cara no chão. Ackley ergueu-se na cama, apoiado num braço. Estava com a cara toda coberta de um troço branco, remédio para as espinhas. No escuro, parecia até um fantasma.

- O que é que você está fazendo aí? - perguntei.

- Pomba, que estória é essa de que é que eu estou fazendo? Estava tentando dormir, quando vocês começaram aquele barulhão todo. Afinal, por quê que vocês brigaram?

- Onde é a luz?

Já tinha passado a mão pela parede toda e não conseguia encontrar o interruptor.

- Pra quê que você quer acender a luz? Aí, bem junto da tua mão.

Achei finalmente o interruptor e acendi a luz. Ackley cobriu os olhos com a mão, protegendo-os contra a claridade.

- Puxa! Quê que houve contigo? - ele perguntou. Estava se referindo ao sangue e tudo.

- Saí no braço com o Stradlater.

Aí sentei no chão. Eles nunca tinham nem uma cadeira no quarto, não sei que diabo faziam com elas.

- Escuta, que tal uma partidinha de canastra? - perguntei. Ele era tarado por canastra.

- Pomba, você ainda está sangrando. É melhor pôr um remédio aí nisso.

- Isso passa. Escuta, você topa uma partidinha de canastra ou não topa?

- Que canastra, que nada. Sabe que horas são, por acaso?

- Cedo. Só umas onze ou onze e meia.

- Só umas onze! Escuta aqui, tenho que me levantar cedo amanhã para ir à Missa. Vocês dois começam a berrar e a se arrebentar no meio da porcaria da... Afinal, por que foi a briga?

- É uma longa estória, Ackley. Não quero te aporrinhar com o troço todo. Estou pensando no teu próprio bem-estar.

Nunca conversei com ele sobre a minha vida íntima. Primeiro, porque o Ackley era ainda mais burro que o Stradlater. Perto dele o Stradlater era um verdadeiro gênio.

- Escuta aqui, você se incomoda se eu dormir hoje na cama do Ely? Ele só volta amanhã de noite, não é?

Sabia muito bem que o Ely não ia voltar, porque costumava passar quase todo fim de semana em casa.

- Sei lá quando é que ele vai voltar - respondeu o Ackley.

Puxa, essa me encheu.

- Como é que você não sabe quando que o Ely vai voltar? Ele nunca volta antes de domingo à noite, volta?

- Tá bem, eu sei, mas não é por isso que vou deixar todo mundo dormir na droga da cama dele.

Com essa não me agüentei. Me estiquei de onde estava, sentado no chão, e dei um tapinha na porcaria do ombro dele.

- Você é um príncipe, garoto. Sabia disso? Um príncipe.

- Não, é sério... Não posso dizer a todo mundo para dormir...

- Você é um verdadeiro príncipe. Bem educado e culto pra burro, garoto.

E era mesmo.

- Será que você tem um cigarro aí, por acaso? Diz que não, ou eu caio duro aqui mesmo.

- Pra falar a verdade, não tenho. Escuta, por que diabo vocês brigaram, hem?

Não respondi. Só fiz me levantar, ir até a janela e ficar olhando para fora. De repente, me senti muito só. Quase tive vontade de morrer.

- Mas por que diabo vocês brigaram afinal? - o Ackley perguntou pela milionésima vez. Já estava ficando chato com essa pergunta.

- Por tua causa - acabei dizendo.

- Por minha causa? No duro?

- É. Estava defendendo a porcaria da tua honra. O Stradlater disse que você tem um péssimo caráter. Acha que eu podia engolir um troço desses?

Ackley vibrou.

- Foi mesmo? Sério? Ele disse isso, é?

Falei que era brincadeira, e fui me deitar na cama do Ely. Puxa, eu me sentia podre. Estava me sentindo tremendamente só.

- Como fede este quarto - falei. - Daqui de onde estou sinto o cheiro das tuas meias. Você nunca manda tua roupa para a lavanderia?

- Os incomodados que se mudem - respondeu-me. Que sujeito espirituoso!

- Que tal apagar a droga da luz, hem? - ele continuou.

Mas não apaguei logo. Fiquei ali espichado na cama do Ely, pensando na Jane e tudo. Ficava alucinado só de pensar nela e no Stradlater parados em algum canto escuro, no carro daquele bundudo do Ed Banky. Cada vez que pensava nisso tinha vontade de saltar pela janela. O negócio é que ninguém conhece o Stradlater como eu conheço. A maioria dos caras no Pencey só fazia falar o tempo todo sobre relações sexuais com as garotas - como o Ackley, por exemplo - mas o Stradlater era pra valer. Eu conhecia pessoalmente pelo menos duas garotas com quem ele tinha andado. Essa é que é a verdade.

- Me conta a história fascinante da tua vida, meu caro Ackley.

- Que tal apagar a droga da luz? Tenho que acordar cedo para ir à Missa.

Levantei e apaguei a luz, para lhe dar um pouco de felicidade. Tornei a me deitar na cama do Ely.

- Que é que você vai fazer... dormir na cama do Ely? - o Ackley me perguntou. Puxa, ele devia ser eleito anfitrião do ano.

- Talvez sim, talvez não. Não se preocupe com isso.

- Não estou preocupado com coisa nenhuma. Só que ia ser chato pra burro se o Ely entrasse de repente e desse com um sujeito...

- Calminha. Não vou dormir aqui. Não iria abusar da droga da tua hospitalidade.

Dois minutos depois ele já estava roncando como um louco. Fui ficando por ali, espichado no escuro, procurando não pensar na Jane e no Stradlater dentro da porcaria do carro do Ed Banky. Mas era quase

impossível. O problema é que eu conhecia a técnica daquele sujeito. Uma vez nós saímos com duas garotas, no carro do Ed Banky, ele no banco de trás com a pequena dele, e eu na frente com a minha. Puxa, o cara tinha uma classe bárbara. Ele começou a cantar a menina, com uma vozinha mansa e sincera pra burro, como se, além de um sujeito simpático, fosse também bom e sincero. Quase vomitei, só de ouvir. A garota só fazia dizer: "Não, por favor. Não faz isso não, por favor". Mas o Stradlater continuava a passar a cantada com aquela -voz mais sincera do que a do Abraão Lincoln, e no fim houve um silêncio horrível no banco de trás. Foi realmente embaraçoso. Não acredito que ele tenha feito o serviço na garota naquela noite, mas chegou perto. Perto mesmo.

Ainda estava deitado ali, fazendo força para não pensar, quando escutei o Stradlater voltar do banheiro e entrar no quarto. Dava para ouvir perfeitamente enquanto ele guardava aquela escova e aquele pente imundos e depois abria a janela. O imbecil era tarado por ar puro. Aí, pouco depois, apagou a luz, sem nem ao menos dar uma olhadela para ver onde eu estava.

Lá fora, a rua estava até deprimente. Não se ouvia nem um carro passando. Fiquei me sentindo tão podre e soninho que me deu até vontade de acordar o Ackley.

- Ackley - chamei, numa espécie de cochicho, para que o Stradlater não me ouvisse através das cortinas do chuveiro. Mas ele não ouviu.

- Êi, Ackley!

Nem assim me ouviu. Dormia como uma pedra.

- Êi, Ackley!

Dessa vez ele escutou.

- Pomba, quê que há contigo? Já estava dormindo, poxa.

- Escuta, como é que a gente faz pra entrar num convento? - perguntei. Estava começando a estudar a idéia de ser monge. - É preciso ser católico e tudo?

- Claro que tem que ser católico. Ô seu veado, você me acordou só para fazer essa pergunta idio...

- Vai, vai dormir, tá. Não vou mesmo entrar pra droga de convento nenhum. Tenho tanta sorte, que ia acabar entrando para um convento cheio da pior espécie de monges. Todos uns sacanas imbecis. Ou só sacanas.

Quando disse isso, o Ackley sentou na cama como se fosse de mola.

- Escuta aqui, tou pouco ligando para o que você falar de mim ou seja lá o que for, mas se começar a fazer piadinhas sobre a porcaria da minha religião, aí...

- Sossega. Ninguém está fazendo piada nenhuma com a porcaria da tua religião.

Levantei da cama do Ely e andei em direção à porta. Não queria ficar nem mais um minuto naquele ambiente idiota. Mas parei no caminho, segurei a mão do Ackley e dei-lhe um baita dum aperto de mãos fingido. Ele puxou a mão e perguntou:

- Que negócio é esse?

- Nada. Só queria te agradecer, porque você é um verdadeiro príncipe. Só isso, - falei, com uma voz sincera pra chuchu. - Você é o fino, garoto. Sabia disso?

- Muito engraçadinho. Qualquer dia desses vão te arrebentar a...

Não perdi tempo ouvindo o resto. Fechei a droga da porta e saí para o corredor. Todo o mundo estava dormindo, tinha saído ou ido passar o fim de semana em casa, e por isso o corredor estava silencioso e deprimente pra burro. Na porta do quarto do Leahy e do Hoffman tinha uma caixa de Kolynos vazia, que fui chutando pelo corredor, com meu chinelo de pêlo de carneiro, enquanto caminhava para a escada.

Estava pensando em dar um pulo lá embaixo para ver o que o Mal Brossard estava fazendo. Mas de repente mudei de idéia. Decidi que ia sumir do Pencey, dar o fora naquela noite mesmo e tudo. Nada de esperar até quarta-feira. Não queria mais ficar zanzando por lá. O troço todo estava me deixando triste e solitário pra burro. Por isso resolvi ir para um hotel em Nova York - um hotelzinho barato e tudo - e ficar flanando até quarta-feira. Aí, na quarta-feira, ia para casa descansado e me sentindo cem por cento. Calculei que, antes de terça ou quarta-feira, meus pais dificilmente receberiam a carta do velho Thurmer, com a notícia de que eu tinha sido chutado. Não queria ir para casa nem nada antes que tivessem recebido a notícia, digerido completamente tudo. Não queria estar por perto na hora em que eles recebessem a carta. Minha mãe fica muito histérica. Mas melhora bastante depois que digere um troço completamente. Além disso, eu estava mesmo precisando de umas féria zinhas. Meus nervos estavam abalados. No duro.

De qualquer maneira, foi o que resolvi fazer. Por isso, voltei para o quarto e acendi a luz, para arrumar as malas e tudo. Já tinha muita coisa arrumada. O Stradlater nem acordou. Acendi um cigarro e me vesti. Aí, botei tudo nas minhas duas malas. Em dois minutos já estava pronto. Faço minhas malas um bocado depressa.

Só uma coisa me deprimiu enquanto arrumava as malas. Tive de guardar os patins de gelo, novinhos em folha, que minha mãe tinha mandado uns dias antes. Isso me deprimiu. Imaginei minha mãe entrando na loja e perguntando um milhão de besteirinhas ao vendedor - e cá estava eu levando bomba outra vez. O troço me deixou um bocado chateado. Minha mãe tinha comprado os patins errados - eu havia pedido patins de corrida e ela comprou patins de hóquei - mas fiquei triste de qualquer jeito. Quase todo presente que me dão acaba me deixando triste.

Depois de arrumar tudo, contei minha grana. Não me lembro exatamente quanto era, mas estava abonado. Minha avó tinha me mandado uma bolada uma semana antes. Minha avó é um bocado mão-aberta. Já está meio caduca - é velha como o diabo - e manda dinheiro pelo meu aniversário umas quatro vezes por ano. De qualquer maneira, embora estivesse com a erva, achei que não havia mal algum em levar um dinheirinho extra. A gente nunca sabe. Por isso, atravessei o corredor e acordei o Frederick Woodruff, o sujeito a quem eu havia emprestado minha máquina de escrever, e perguntei quanto ele dava por ela. Era um cara um bocado rico. Disse que não sabia, e que não estava muito interessado. Mas acabou comprando. A máquina tinha custado uns noventa dólares e ele só me deu vinte por ela. Estava aborrecido porque eu o havia acordado.

Quando já estava pronto para partir, com as malas e tudo, parei no alto da escada e dei uma última olhada pela droga do corredor. Acho que chorei, nem sei porquê. Pus o chapéu de caça vermelho na cabeça, virei a aba para trás, como gostava, e aí dei um berro, com toda a força:

- Durmam bem, seus imbecis!

Aposto que acordei todos os filhos da mãe daquele andar. Aí tratei de dar o fora. Um cretino qualquer tinha espalhado uma porção de cascas de amendoim nos degraus e por um triz não me arrebentei todo.

8

Era muito tarde para chamar um táxi ou coisa parecida, por isso fui mesmo a pé até a estação. Não era tão longe, mas fazia um frio danado, a neve dificultava a caminhada e as malas iam chacoalhando como umas desgraçadas de encontro a minhas pernas. Mas, de qualquer maneira, até que me sentia bem com o ar puro e tudo. O único problema era que o frio fazia meu nariz doer, e aumentava a dor que eu já estava sentindo na parte de dentro do meu lábio superior, onde o safado do Stradlater tinha me acertado. Ele tinha arrebentado meu lábio contra os dentes, e estava doendo pra chuchu. Mas minhas orelhas estavam bem quentinhas. Aquele chapéu que eu havia comprado tinha protetores de orelha, que eu tratei de abaixar. Estava pouco ligando para minha aparência.

Tive bastante sorte quando cheguei na estação, porque só precisava esperar uns dez minutos pelo próximo trem. Enquanto esperava, apanhei um bocado de neve e lavei minha cara, que ainda estava cheia de sangue.

Normalmente, eu gosto de andar de trem, principalmente de noite, com as luzes acesas e as janelas tão escuras, e um desses sujeitos passando pelo corredor, vendendo café, sanduíches e revistas. Normalmente eu compro um sanduíche de presunto e mais ou menos quatro revistas. Num trem, de noite, sou até capaz de ler uma dessas estórias imbecis sem vomitar de nojo. Uma dessas estórias com uma porção de machões de queixo ossudo, chamados David, e uma porção de garotas bestas, chamadas Linda ou Márcia, que estão sempre acendendo os cachimbos dos David para eles. Normalmente, consigo ler até mesmo uma dessas estórias cretinas se estou andando de trem, de noite. Mas dessa vez foi diferente. Pura e simplesmente, não estava no estado de espírito necessário. Fiquei só sentado, sem fazer nada. A única coisa que fiz foi tirar meu chapéu de caça e guardá-lo no bolso.

De repente, uma dona tomou o trem em Trenton e sentou ao meu lado. Já era um bocado tarde e tudo, e por isso o vagão estava praticamente vazio, mas ela sentou bem ao meu lado, e não em qualquer banco vazio, porque vinha carregando uma mala enorme e eu estava logo no primeiro banco. Deixou a mala bem no meio do corredor, onde o condutor ou qualquer um podia tropeçar nela. Estava usando umas orquídeas, como se tivesse acabado de sair de uma baita duma festa ou coisa parecida. Acho que ela devia ter uns quarenta ou quarenta e cinco anos, mas era um bocado bonita. Sou doido por mulher. No duro. Não que eu seja nenhum tarado nem nada, embora seja bastante macho. O negócio é que eu gosto mesmo das mulheres. Elas estão sempre deixando a porcaria das malas delas bem no meio dos corredores.

De qualquer modo, nós estávamos sentados lá e, de repente, ela me perguntou:

- Desculpe, mas essa etiqueta não é do Colégio Pencey?

Ela estava olhando para minhas malas, em cima da prateleira.

- É sim - respondi. Ela tinha razão. Havia mesmo uma droga duma etiqueta do Pencey em uma das minhas malas. Reconheço que era o tipo do negócio idiota de se usar.

- Ah, você estuda no Pencey? - perguntou. Ela tinha uma voz agradável. Era mais uma voz agradável de telefone. Ela bem que devia carregar uma porcaria dum telefone com ela por toda parte.

- É, eu estudo lá, sim - respondi.

- Ah, que interessante. Então talvez você conheça meu filho, o Ernest Morrow. Ele também está lá no Pencey.

- Conheço sim. Ele é da minha turma.

O filho dela era sem dúvida o maior sacana que já tinha passado pelo Pencey, em toda a infeliz história do colégio. Ele estava sempre andando pelo corredor, depois de tomar banho, batendo com a toalha encharcada na bunda dos outros. É esse o tipo de cara que ele era.

- Ah, que interessante! - ela disse, mas sem ser besta nem nada. Estava só querendo ser simpática. - Vou contar ao Ernest que nós nos encontramos - continuou ela. - Posso saber o seu nome, meu filho?

- Rudolph Schmidt - respondi. Não estava com a mínima vontade de contar a ela toda a história da minha vida. Rudolph Schmidt era o nome do zelador do nosso dormitório.

- Você gosta do Pencey? - ela perguntou.

- O Pencey? Não é de todo mau. Não é nenhum paraíso nem nada, mas é tão bom quanto a maioria dos colégios. Alguns professores são um bocado conscienciosos.

- O Ernest adora o Pencey.

- É, eu sei que ele gosta de lá - eu disse. Aí comecei a embromar um pouco. - Ele se adapta muito bem às coisas. No duro. Ele realmente sabe se adaptar ao meio.

- Você acha? - ela perguntou. Parecia interessada pra burro.

- O Ernest? Claro que sim.

Aí fiquei olhando enquanto ela tirava as luvas. Puxa, a mulherzinha estava coberta de pedraria.

- Acabei de quebrar uma unha saindo do táxi.

Olhou para e mim e sorriu. Ela tinha um sorriso tremendamente simpático. Verdade. A maioria das pessoas ou não sabem sorrir ou têm um sorriso pavoroso.

- Eu e o pai do Ernest às vezes nos preocupamos com ele. Às vezes pensamos que ele não faz amigos com facilidade.

- Como assim?

- Bem, ele é um rapaz muito sensível. Ele nunca foi de ter muitos amigos. Talvez porque encara as coisas com seriedade demais para a idade dele.

Sensível. Essa era a maior. O tal do Morrow tinha tanta sensibilidade quanto um assento de privada.

Olhei bem para ela. Não me parecia nenhuma imbecil. Parecia mesmo que era capaz de saber direitinho que bom sacana que era o filho dela. Mas não se sabe nunca, quando se trata da mãe de alguém. Todas as mães são um pouquinho amalucadas. Mas o fato é que eu estava simpatizando com a mãe do Morrow. Ela era cem por cento.

- A senhora aceita um cigarro?

Ela olhou em volta: - Acho que não se pode fumar neste carro, Rudolph - ela disse. Rudolph. Essa foi infernal!

- Não faz mal não. A gente pode fumar até eles começarem a reclamar - respondi.

Aceitou um cigarro, que eu acendi para ela. Fumava de uma maneira simpática. Tragava e tudo, mas não engolia a fumaça, como a maioria das mulheres da idade dela. Tinha um bocado de charme. Para dizer mesmo a verdade, ela era um bocado atraente sexualmente.

Ela estava me olhando de um jeito meio esquisito. – Pode ser que eu esteja enganada - ela disse, de repente - mas acho que seu nariz está sangrando, meu filho.

Acenei com a cabeça e apanhei meu lenço.

- Me acertaram uma bola de neve - falei. – Uma dessas bem geladas.

Eu provavelmente teria contado a ela tudo que tinha de fato acontecido, mas ia tomar muito tempo. Mas eu simpatizava com ela. Estava começando a me sentir chateado de haver dito que meu nome era Rudolph Schmidt.

- O Ernie - eu disse - ele é um dos sujeitos mais populares do Pencey. A senhora sabe disso?

- Não, não sabia.

Sacudi a cabeça afirmativamente.

- Na verdade, custou um bocado até o pessoal todo conhecer bem o Ernie. Ele é um sujeito engraçado. Um sujeito estranho, de certo modo - a senhora compreende? Por exemplo, a primeira vez que eu encontrei com ele. Nessa primeira vez, pensei que ele era um sujeito meio metido a besta. Foi o que eu pensei. Mas ele não é, não. O caso é que ele tem uma personalidade muito original, e a gente custa um pouco a conhecer ele bem.

A mãe dele não disse nada, mas, puxa, valia a pena ver a cara dela. Parecia colada na poltrona. É sempre assim, a gente fala com a mãe de alguém, e a única coisa que elas querem ouvir é como o filho delas é bacana pra chuchu.

Aí eu comecei a embromar mesmo.

- Ele falou à senhora sobre as eleições? - perguntei. - As eleições na turma?

Ela fez que não com a cabeça. Tinha posto a mulherzinha em transe. No duro.

- Bem, muitos de nós queríamos que o Ernie fosse o chefe da turma. Era realmente uma escolha unânime. Quer dizer, ele era o único sujeito realmente capaz de ocupar o cargo - eu disse. Puxa, agora ninguém me segurava mais. - Mas quem acabou sendo eleito foi outro cara, o Harry Fencer. E sabe por quê? Pela única e exclusiva razão de que o Ernie não quis ser candidato. Só porque ele é tão modesto, tão tímido e tudo. Ele recusou... Puxa, ele é modesto mesmo. A senhora deve procurar fazer com que ele se modifique um pouco nesse ponto.

Olhei para ela.

- Ele falou à senhora sobre isso?

- Não, não me disse nada.

Sacudi a cabeça. - O Ernie é assim mesmo. É evidente que não ia contar. Esse é o defeito dele - ser tão tímido e modesto. A senhora deve realmente tentar fazer com que ele seja um pouco mais desembaraçado.

Nesse exato instante, o condutor apareceu para conferir a passagem dela, e me deu uma chance de parar com a embromação. Mas até que eu estava satisfeito de ter dito aquelas besteiras. Um sujeito assim como o Morrow, que está sempre batendo com a toalha na bunda dos outros - pra machucar mesmo - não é safado só quando é garoto. É safado a vida toda. Mas aposto que, depois de toda aquela baboseira que eu falei, a mãe dele vai pensar sempre nele como o sujeito tímido e modesto pra burro, que não deixou a gente elegê-lo chefe da turma. Certamente vai pensar, não se sabe nunca. As mães não são lá muito espertas nesse tipo de coisa.

- A senhora aceita um drinque? - perguntei. Estava com vontade de beber um troço qualquer. - Podemos ir até o carro-restaurante. Vamos?

- Meu filho, você tem idade para pedir bebidas alcoólicas? - ela perguntou. Mas sem ser desagradável. Ela era simpática demais para ser desagradável.

- Poder não posso, lá isso é verdade, mas normalmente me servem por causa da minha altura - respondi. - E, além disso, eu tenho um bocado de cabelo branco.

Virei de lado e mostrei a ela os meus cabelos brancos. Ela ficou fascinada com o troço.

- Vamos, a senhora não quer me acompanhar? - insisti. Eu bem que gostaria que ela fosse comigo.

- Acho que não, mas muito obrigada, meu filho. E, de qualquer maneira, o carro-restaurante deve estar fechado. Já é muito tarde sabe?

Ela tinha razão. Eu já havia até esquecido da hora. Aí ela olhou para mim e perguntou aquilo que eu estava mesmo com medo que ela perguntasse.

- O Ernest me escreveu dizendo que voltava para casa na quarta-feira, que as férias de Natal iam começar na quarta-feira. Espero que você não tenha sido chamado para casa de repente por causa de doença na família.

Ela realmente parecia preocupada. Era evidente que não estava perguntando só porque era enxerida nem nada.

- Não, todo mundo vai bem lá em casa - respondi. - Sou eu mesmo. Tenho que fazer uma operação.

- Oh! Que pena! - disse ela. E estava com pena mesmo. Me arrependi imediatamente de ter dito aquilo, mas agora já era tarde demais.

- Não é nada sério, não. Estou só com um tumorzinho no cérebro.

- Ah, não! - ela falou. Levantou a mão até a boca e tudo.

- Ah, vai correr tudo bem. É bem perto da superfície, e é bem pequenininho e tudo. Eles podem tirar o troço em dois minutos.

Aí eu comecei a ler um horário de trem que tinha trazido no bolso. Só para parar de mentir. Quando eu começo, posso ficar mentindo horas a fio, se me dá vontade. Sem brincadeira. Horas.

Não conversamos muito depois disso. Ela começou a ler o Vogue que tinha trazido, e eu fiquei olhando algum tempo pela janela. Ela desceu em Newark. Desejou que tudo corresse bem na operação. Sempre me

chamando de Rudolph. Aí me convidou para visitar o Ernie durante o verão em Gloucester, Massachussets. Disse que a casa deles era bem em frente da praia e tinha quadra de tênis e tudo, mas eu só agradeci e disse a ela que ia para a América do Sul com minha avó. Essa era mesmo de amargar, porque minha avó quase nunca sai nem de casa, a não ser talvez para ir a uma porcaria duma matinée ou coisa que o valha. Mas eu não ia visitar aquele filho da puta do Morrow nem por'todo o dinheiro do mundo, nem que eu estivesse desesperado.

9

Assim que cheguei à Estação Pennsylvania fui entrando na primeira cabine telefônica que encontrei. Me deu vontade de telefonar para alguém. Deixei as malas do lado de fora, junto à cabine, para poder vigiá-las, mas, lá dentro, não consegui pensar em ninguém para telefonar. Meu irmão D. B. mora em Hollywood. Minha irmã menor, a Phoebe, vai para a cama lá pelas nove horas - por isso não podia ligar para ela. Ela não se importaria nem um pouquinho se eu a acordasse, mas o problema é que não era ela quem ia atender; ia ser meu pai ou minha mãe, e isso estava fora do programa. Aí tive a idéia de ligar para a mãe da Jane Gallagher e saber quando começavam as férias dela, mas a idéia não me entusiasmou muito. Além disso, era um bocado tarde. Aí pensei em telefonar para essa garota com quem eu costumava sair, a Sally Hayes, que já estava em casa para as férias de Natal - ela tinha me escrito uma baita duma carta, cretina pra chuchu, me convidando para ajudá-la a arrumar a árvore de Natal e tudo - mas fiquei com medo que a mãe dela atendesse. A mãe dela e a minha se conheciam e a imaginei logo correndo para o telefone para contar à minha velha que eu estava em Nova York. Além disso, não morria de desejos de falar com a velha Hayes: uma vez ela tinha dito a Sally que eu era maluquinho e desorientado. Aí pensei em ligar para um antigo colega do Colégio Whooton, o Carl Luce, mas não ia muito com a cara dele. No fim das contas, acabei sem telefonar para ninguém. Depois de ficar uns vinte minutos lá dentro, saí da cabine, apanhei as malas e andei até o túnel onde param os táxis.

Sou tão distraído que dei ao motorista o endereço lá de casa, por causa do hábito e tudo. Esqueci completamente que ia acampar num hotel por uns dias e só voltaria para casa depois do começo das férias. Já estávamos no meio do Parque quando dei pela coisa. Aí disse ao chofer:

- Êi, você se importa de dar a volta assim que puder? Dei o endereço errado. Quero ir para o centro.

O chofer era metido a engraçadinho:

- Não posso virar aqui, meu chapa. Essa rua é mão-única. Agora vamos ter que seguir até a rua Noventa.

Não queria me meter numa discussão e respondi:

- Tá bom.

Aí me lembrei duma coisa, de repente.

- Escuta aqui, você sabe onde ficam aqueles patos que vivem no lago lá pro lado sul do Parque? Aquele laguinho? Você sabe por acaso para onde eles vão, os patos, quando fica tudo congelado? Será que você tem uma idéia?

Calculei que era uma chance num milhão. Ele se virou para trás e me olhou como se eu fosse maluco.

- Quê que há, ó meu, tá querendo me gozar?

- Não, só que eu estava interessado em saber. Só isso.

Ele se calou e eu também, até que saímos do Parque, na rua Noventa. Aí me disse:

- Prontinho, meu chapa. Pra onde a gente vai agora?

- Bem, o negócio é o seguinte: não quero me hospedar em nenhum hotel do lado leste, onde possa dar de cara com algum conhecido. Estou viajando incógnito.

Odeio dizer coisas quadradas, assim como "viajando incógnito", mas quando estou com gente burra fico burro também.

- Você sabe, por acaso, quais são as orquestras que estão tocando no Taft ou no New Yorker?

- Não manjo nada disso, meu chapa.

- Tá bem, então me deixa no Edmont. Escuta, você se importa de dar uma paradinha no caminho e tomar qualquer coisa comigo? Eu pago, tou com a nota.

- Não posso, meu chapa. Sinto muito.

Aquele sujeito era certamente uma grande companhia. Uma dessas personalidades irresistíveis.

Chegamos ao Edmont e assinei o registro. No táxi, eu tinha posto só de farra meu chapéu de caça vermelho, mas tirei-o da cabeça na hora de entrar no hotel. Não queria passar por doido ou coisa que o valha. Aí é que está a ironia da estória. Nem sabia que o hotel estava cheio de malucos e de pervertidos. Havia um tarado em cada canto.

Me deram um quarto muito vagabundo. A única vista que eu tinha era a outra ala do hotel. Não que eu ligasse para isso. Estava deprimido demais para me preocupar se a vista do meu quarto era boa ou não. O empregado que me levou até o quarto devia andar pelos sessenta e cinco anos e conseguia ser mais deprimente do que o próprio quarto. Era um desses carecas que penteiam todo o cabelo do lado por cima da cabeça para tapear. Eu preferia ser careca de uma vez a fazer um troço desses. De qualquer jeito, que emprego fabuloso para um sujeito de sessenta e cinco anos: carregar a mala dos outros e ficar esperando uma gorjeta. Acho que ele não era muito inteligente nem nada, mas o troço não deixava de ser doloroso.

Quando ele foi embora, fiquei olhando pela janela, ainda de paletó e tudo. Não tinha nada de melhor Para fazer. Aí é que reparei o que estava acontecendo do outro lado do hotel. Não se davam nem ao trabalho de baixar a veneziana. Vi um sujeito de cabelos grisalhos e ar muito distinto, só de cuecas, fazendo um troço de cair o queixo. Primeiro pôs a mala em cima da cama. Aí tirou uma porção de roupas de mulher e começou a vesti-las. Roupa de mulher mesmo: meias de seda, soutien e uma dessas cintas com elásticos, pendurados e tudo. Aí se enfiou num vestido de noite preto, justo pra chuchu. Juro por Deus. Depois ficou andando pra lá e pra cá, no quarto, com uns passinhos miudinhos assim como as mulheres fazem, fumando um cigarro e se olhando no espelho. E o pior é que estava sozinho, a não ser que houvesse alguém no banheiro - isso não dava para ver de onde eu estava. Quase em cima da janela dele, um homem e uma mulher estavam se encharcando: cada um esguichava um bocado de água em cima do outro. Talvez fosse uma bebida qualquer, e não água, mas não dava para saber o que estava nos copos. Seja lá o que for, ele tomava um gole e esguichava em cima dela toda, e aí era a vez dela fazer o esguicho em cima dele. Dou minha palavra de honra, os sacanas se revezavam. Era um troço digno de ser apreciado. O tempo todo pareciam uns histéricos e riam como se estivessem fazendo a coisa mais engraçada do mundo. Não estou brincando, não, o hotel estava repleto de tarados. Acho que, provavelmente, eu era o único sacana normal nas imediações - e isso não é lá muita vantagem. Me deu uma vontade bárbara de passar um telegrama para o Stradlater, mandando ele tomar o primeiro trem para Nova York. Ele ia ser o rei do hotel.

O diabo é que esse tipo de porcaria é meio fascinante da gente olhar, mesmo que não queira. Por exemplo, essa garota que estava levando os esguichos na cara, ela era um bocado bonita. Aí é que está o problema. Na imaginação, sou provavelmente o maior tarado sexual que existe. De vez em quando sou capaz de inventar uns troços um bocado indecentes que não me importaria de fazer se aparecesse uma oportunidade. Até compreendo que pode ser bastante divertido, dum jeito meio esquisito, a gente arranjar uma garota e ficar esguichando água ou qualquer troço, um na cara do outro, se os dois estão de pifa e tudo. Mas o caso é que a idéia não me agrada. Pensando bem é nojento. A meu ver, se a gente não gosta de verdade de uma garota, não deve de jeito nenhum ficar fazendo um troço desses com ela. E, se gosta mesmo, então é porque deve gostar também do rosto dela, e aí não se vai fazer uma porcaria dessas, esguichar água na cara dela e tudo. É pena que um troço imundo desses às vezes possa ser um bocado divertido. E as garotas também não ajudam muito quando a gente faz força para evitar muita sujeira, quando a gente procura evitar que se estrague uma coisa boa de verdade. Há uns dois anos conheci uma garota que era ainda mais safada do que eu. Safada é apelido. Mas, durante algum tempo, nos divertimos pra valer. De uma maneira meio marota, é claro. Sexo é o tipo da coisa que não consigo entender direito. A gente nunca sabe em que ponto está. Vivo estabelecendo uma série de regras sexuais para mim e aí, não demora muito, desobedeço a todas elas. No ano passado resolvi nunca mais ficar me esfregando com nenhuma pequena que, no fundo, eu achasse uma chata. Na mesma semana quebrei a regra - para dizer a verdade, na mesma noite. Passei a noite toda atracado com uma cretina terrível, chamada Anne Louise Sherman. Sexo é um troço que não entendo mesmo. Juro que não entendo.

Enquanto estava ali, em pé, fiquei pensando em dar um telefonema para a Jane - quer dizer, pedir interurbano para seu colégio e saber quando ela ia chegar, em vez de perguntar à mãe dela. Era proibido telefonar tarde da noite para as alunas, mas eu tinha bolado tudo. Ia dizer que era o tio dela. Ia dizer que a tia dela havia acabado de morrer num desastre de automóvel e que eu precisava falar imediatamente com a Jane. Tenho certeza que teria dado certinho. Só não fui em frente porque não estava com disposição. É impossível fazer um troço desses direito se a gente não está disposto.

Depois de algum tempo, sentei numa cadeira e fumei uns dois cigarros. Estava me sentindo o último dos mortais, essa é que é a verdade. Aí de repente, me deu um estalo. Apanhei a carteira e comecei a procurar um endereço que me havia sido dado por um sujeito da Universidade de Princeton, que eu tinha conhecido

numa festa no verão anterior. Acabei encontrando. O papel já tinha ficado com uma cor esquisita, por causa da carteira, mas dava para ler. Era o telefone de uma garota que o cara da Princeton tinha me dito que não era propriamente uma prostituta nem nada, mas topava uma brincadeira de vez em quando. Uma vez ele a levou a um baile em Princeton e quase foi expulso da Universidade. Ela fazia strip-tease em revistas musicais ou coisa parecida. De qualquer jeito, peguei o telefone e disquei o número dela. Chamava-se Faith Cavendish e vivia no Hotel Stanford Arms, na esquina da rua Sessenta e Cinco com a Broadway. Na certa uma espeluncazinha.

Por um momento cheguei a pensar que ela não estava em casa ou coisa que o valha. Ninguém respondia. Finalmente, alguém atendeu.

- Alô? - falei. Arranjei uma voz bastante grossa, para que ela não desconfiasse da minha idade nem nada. Mesmo sem forçar tenho uma voz um bocado grossa.

- Alô - respondeu uma voz de mulher, num tom que não chegava a ser de muitos amigos.

- É a senhorita Faith Cavendish?

- Quem é que está falando, hem? Quem é que quer falar comigo numa droga duma hora dessas?

A reação me pegou meio desprevenido.

- Bem, eu sei que é um bocado tarde - respondi, numa voz macia à bessa. - Espero que me desculpe, mas estava muito ansioso para falar com você.

No duro, eu disse isso com a voz mais macia do mundo.

- Mas quem é que está falando?

- Bem, você não me conhece, mas aqui é um amigo do Eddie Birdsell. Ele me sugeriu que, quando viesse a Nova York, procurasse você para tomarmos uns drinques.

- Quem? Você é amigo de quem?

Puxa, ela estava uma onça no telefone. Estava praticamente berrando comigo.

- Edmund Birdsell. Eddie Birdsell - respondi.

Não me lembrava direito se o nome dele era Edmund ou Edward. Só vi o cara uma única vez, numa droga duma festa idiota.

- Não conheço ninguém com esse nome. E se você pensa que fico muito satisfeita de ser acordada no meio da noite...

- Não conhece? O Eddie Birdsell? De Princeton?

A gente podia adivinhar que ela estava folheando o seu fichário mental e tudo para localizar o nome.

- Birdsell, Birdsell... de Princeton... da Universidade de Princeton?

- Isso mesmo - respondi.

- Você também é da Universidade de Princeton?

- Bem, mais ou menos...

- Ah... Como vai o Eddie? Mas que hora que você foi arranjar para telefonar...

- Ele vai indo bem. Lhe mandou muitas lembranças.

- Muito obrigada. Dê a ele minhas lembranças também. Ele é uma ótima pessoa. O que é que ele anda fazendo atualmente?

De um minuto para outro ela estava ficando simpática pra chuchu.

- Ah, você sabe, as coisas de sempre - respondi. Como é que eu ia lá saber o que é que ele andava fazendo? Mal o conhecia, nem sabia se ele ainda continuava em Princeton nem nada.

- Queridos pais, tal nos encontrarmos em algum lugarzinho para um drinque, hem?

- Por acaso você tem uma idéia de que horas são? - ela falou. - Afinal, como é seu nome, se é que posso perguntar?

De uma hora para outra ela começou a falar toda afetada, querendo bancar a gente bem.

- Você está me parecendo meio sobre o moço.

- Obrigado pelo elogio - respondi, novamente com a voz macia pra diabo. - Meu nome é Holden Caulfield.

Devia ter dado um nome falso, mas nem pensei nisso.

- Escuta, Cawffle. Não tenho o hábito de marcar encontros no meio da noite. Sou uma moça que trabalha.

- Amanhã é domingo.

- Bem, de qualquer maneira, preciso repousar para manter a forma. Você sabe como é...

- Pensei que nós podíamos tomar pelo menos um drinque juntos. Não é tão tarde assim.

- Olha, você é muito bonzinho - ela disse. - Afinal, de onde você está telefonando? Onde é que você está?

- Eu? Numa cabine telefônica.

- Ah... - respondeu. Aí houve uma longa pausa. - Bem, eu gostaria muito de encontrá-lo um dia desses, Cawffle. Você me parece muito atraente. Deve ser uma pessoa muito simpática, mas hoje já está um bocado tarde.

- Eu poderia ir à sua casa...

- Olha, normalmente eu acharia ótimo. Adoraria que você aparecesse para tomar alguma coisa, mas acontece que a minha companheira de quarto está doente. Passou a noite inteira sem conseguir pegar no sono. Há uns dois minutos ela conseguiu adormecer. Sinceramente.

- Ah, que pena.

- Em que hotel você está hospedado? Talvez nós pudéssemos nos encontrar amanhã...

- Amanhã eu não posso - respondi. - Só posso hoje à noite.

Que trouxa que eu sou. Não devia ter dito isso.

- Ora, sinto muito.

- Darei lembranças suas ao Eddie.

- Você me faz esse favor? Espero que você aproveite bem seu passeio a Nova York. É um lugar formidável.

- Sei que é. Obrigado. Boa noite - respondi. E aí desliguei.

Puxa, tinha feito uma besteira das grandes. Pelo menos devia ter marcado um encontro para um drinque ou coisa que o valha.

10

Ainda era bem cedo. Não me lembro da hora, mas não era muito tarde. Se há uma coisa que detesto é ir para cama sem estar nem ao menos cansado. Então abri as malas, tirei uma camisa limpa e fui para o banheiro, me lavei e mudei a camisa. Me deu vontade de descer e ver se estava acontecendo algum troço no Salão Lavanda. O tal Salão Lavanda era a buate do hotel.

Enquanto mudava a camisa, por pouco não dei um telefonema para minha irmã caçula, a Phoebe. Vontade de falar com ela não faltou. Ela tem um bocado de bom-senso e tudo. Mas não podia me arriscar, porque ela é muito criança e não ia estar acordada, muito menos por perto do telefone. Pensei que poderia desligar se meus pais atendessem, mas isso também não ia dar certo. Eles iam logo ver que era eu. Minha mãe sempre sabe que sou eu. Ela tem um sexto sentido, no duro. Mas bem que gostaria de bater um papinho com a Phoebe.

Valia a pena conhecê-la. Juro que ninguém nunca viu uma criança mais bonitinha e esperta do que ela. É esperta mesmo. Por exemplo, na escola ela tira cem em tudo. Na verdade, sou o único burro da família. Meu irmão D. B. é escritor e tudo, e meu irmão Allie, aquele que morreu, de quem já falei, era um crânio. O único burro sou eu mesmo. Mas valia a pena ver a Phoebe. Ela tem um cabelo meio ruivo, parecido com o do Allie, e usa um penteado bem curto no verão, com os cabelos puxados para trás das orelhas. As orelhas dela são muito bonitinhas. No inverno ela usa o cabelo comprido. Às vezes minha mãe faz tranças no cabelo dela, outras vezes não. Fica bonita mesmo. Ela só tem dez anos e é magricela como eu, mas de um magro bonito. Magrinha como uma patinadora. Uma vez fiquei olhando da janela enquanto ela atravessava a Quinta Avenida, para ir ao Central Park, e é assim que ela é, magrinha como uma patinadora. É impossível não gostar dela. Por exemplo, quando a gente conta alguma coisa, ela sabe direitinho de que diabo é que a gente está falando. A gente pode até levá-la a qualquer lugar. Se a gente leva ela para ver um filme vagabundo, por exemplo, ela sabe direitinho que é um abacaxi. Se é um bom filme, ela sabe que é um bom filme. D. B. e eu a levamos para ver um filme francês, "A Mulher do Padeiro", com Raimu. Ela vibrou. Mas o favorito dela é "Os 39 Degraus", com Robert Donat. Ela sabe a porcaria do filme todo de cor, porque já a levei para ver o troço mais de dez vezes. Por exemplo, quando o Donat chega àquela fazenda escocesa, fugindo da polícia e tudo, a Phoebe diz bem alto no cinema, ao mesmo tempo que o tal escocês na tela: "Você gosta de arenque?" Ela sabe todo o diálogo de cor. E quando o professor, aquele que no duro é um espião alemão, vai levantando o dedo mindinho aleijado, para denunciar o Robert Donat, a Phoebe é mais ligeira: levanta o dedinho no escuro, bem na frente da minha cara.

Ela é cem por cento. Todo mundo tem que gostar dela. O único problema é que, às vezes, ela é um pouco afetiva demais. Para uma criança ela é muito emotiva. É mesmo. E tem outra coisa, ela escreve livros o tempo todo, embora não termine nenhum. São todos sobre uma menina chamada Hazel Weatherfield - só

que a Phoebe escreve "Hazle". A tal da Hazel Weatherfield é uma garota-detetive que é órfã, mas o pai dela vive aparecendo. O pai é sempre um "cavalheiro alto e simpático, de uns vinte anos de idade". Eu vibro com um troço desses. Juro por Deus que ninguém pode deixar de gostar dela. Já era esperta em pequenina, quando eu e o Allie a levávamos ao parque nos domingos. Allie tinha um barquinho à vela e aos domingos costumava brincar com ele. Phoebe ia conosco. Usava luvas brancas e caminhava entre nós, como uma grande dama. Quando eu e o Allie conversávamos sobre assuntos gerais ela ficava só escutando. Às vezes, por causa do tamanho dela, a gente até esquecia que ela estava por perto. Mas não era por muito tempo. Ela interrompia a conversa de dois em dois minutos, dava uma cutucada no Allie ou em mim, e perguntava:

- Quem? Quem é que disse isso? Bobby ou a moça?

Nós respondíamos e ela dizia "Ah", e continuava prestando atenção. O Allie também vibrava com ela, quer dizer, também gostava um bocado da Phoebe. Agora ela está com dez anos já não é tão pequena, mas todo mundo ainda se esbalda com ela - todo mundo com um pouquinho de inteligência, bem entendido.

De qualquer forma, era uma pessoa com quem se tinha sempre vontade de falar pelo telefone. Mas eu estava com muito medo de que meus pais atendessem e ficassem sabendo que eu estava em Nova York, expulso do Pencey e tudo. Por isso, acabei de vestir a camisa. Aí, me aprontei e tomei o elevador para ver o movimento no saguão.

A não ser por uns caras com pinta de gigolôs e umas louras com pinta de vagabundas, o saguão estava meio deserto. Mas vinha música do Salão Lavanda, por isso fui para lá. Apesar de meio vazio, me deram uma mesa horrível, bem no fundo. Eu devia ter sacudido uma nota no nariz do maître. Em Nova York, a gente fica sabendo que é verdade essa estória de que o dinheiro fala - é sério.

A orquestra era o fim. Buddy Singer. Uma porção de metais, mas metal ruim como o quê. Também havia muito pouca gente da minha idade lá dentro. No duro mesmo, não vi ninguém da minha idade. Quase tudo coroa, desfilando com suas garotas. Menos na mesa à minha direita, onde estavam três pequenas que deviam andar beirando os trinta anos. Todas as três eram um bocado feias e, pelo tipo de chapéu que usavam, estava na cara que não eram de Nova York. Uma delas, a loura, não era de todo má. Era engraçadinha, a loura, e comecei a dar em cima dela, devagar, mas aí o garçon veio me atender. Pedi uísque com soda e disse para não misturar - falei depressa pra burro, porque se a gente gagueja eles percebem que a gente tem menos de vinte e um, e não vendem bebida alcoólica. Mesmo assim me estrepei.

- Desculpe, cavalheiro - ele disse - mas o senhor tem alguma prova de idade? Sua carteira de motorista, por exemplo?

Joguei um olhar frio pra chuchu em cima do sujeito, como se ele tivesse me ofendido, e perguntei:

- Eu lá tenho cara de ser menor de idade?

- Desculpe, cavalheiro, mas temos nossas...

- Está bem, está bem - fui logo dizendo. Resolvi deixar o negócio de lado. - Me trás uma Coca-Cola.

Ele foi saindo, mas chamei-o novamente.

- Vê se taca um pouco de rum nesse negócio, tá? - pedi. Falei com muito jeito. - Não posso ficar num lugar micha como esse completamente a seco... Vê se taca um pouco de rum, tá?

- Desculpe, cavalheiro... - ele disse, e foi-se embora.

Não fiquei com raiva, porque eles não têm culpa. Perdem o emprego se forem apanhados vendendo bebida alcoólica a menor. E a droga toda é que eu sou mesmo menor.

Comecei novamente a dar em cima das três bruxas da mesa ao lado. Quer dizer, da loura. As outras duas só numa ilha deserta. Mas não engrossei nem nada. Só castiguei na direção delas um olhar macio e sedutor. Aí, as três começaram a rir feito imbecis. Com certeza me acharam garoto demais para dar um lance desses. Aquilo me chateou pra burro. Parecia até que eu estava interessado em casar com elas ou coisa parecida. Devia ter dado uma fria nelas, mas o problema é que eu estava com vontade de dançar. Gosto muito de dançar, de vez em quando, e aquela era uma dessas vezes. Por isso, de repente, me inclinei para a frente e convidei:

- Alguma de vocês gostaria de dançar?

Não fui grosso nem nada. Com muita classe, até. Mas, puxa, também acharam isso engraçado e desandaram a rir de novo. No duro, eram três autênticas imbecis.

- Vambora - falei. - Vou dançar com vocês, uma de cada vez. Tá bom? Que tal? Vambora!

Afinal a loura se levantou para dançar, porque estava na cara que era com ela que eu estava falando, e nos dirigimos para a pista. As duas outras donas quase tiveram um ataque histérico quando nós saímos. Era preciso mesmo ser muito tapado para querer qualquer coisa com elas.

Mas valeu a pena. Como dançava a loura! Conheço muito pouca gente que dance como ela. No duro, algumas dessas garotas burras deixam a gente doido, num salão. Se a gente vai dançar com uma garota

esperta, ela passa o tempo todo se esforçando para guiar o par, ou então dança mal pra chuchu, e a melhor coisa que se tem a fazer é ficar enchendo a cara na mesa com ela.

- Você dança pra burro - falei para a loura. - Você devia ser profissional. Sério. Dancei com uma profissional uma vez, e você é cem vezes melhor do que ela. Já ouviu falar em Marco e Miranda?

- O quê?

Ela nem estava prestando atenção. Estava olhando para outro lado.

- Perguntei se você já ouviu falar em Marco e Miranda.

- Sei lá. Acho que não. Não sei.

- Bem, são dois dançarinos, ela é dançarina. Mas não é nenhum estouro. Faz tudo certinho, mas não é nenhum estouro. Sabe quando é que se vê se uma garota é uma grande dançarina?

- Quê que é?

Ela nem estava me ouvindo. A atenção dela vagava pelo resto do salão.

- Perguntei se você sabe quando é que uma garota dança bem pra burro.

- Hum, hum...

- Bem, aqui onde estou com a mão, nas tuas costas. Se eu tenho a impressão de que não tem nada debaixo, nem corpo, nem pernas, nem nada, aí é porque a garota é mesmo um estouro de dançarina.

Mas ela não estava prestando atenção. Então resolvi parar de assuntar e ficamos só dançando. Puxa, como dançava a imbecil! Buddy Singer e sua orquestra horrível estavam tocando "Just One of Those Things", e nem eles conseguiam estragar completamente a música. É mesmo o tipo da música bacana. Eu não quis dar nenhum passo complicado - detesto esses caras que ficam fazendo exibição no salão - mas levava ela pra cá e pra lá. E ela não se perdia. O mais engraçado é que pensei que ela também estivesse gostando, até que, de repente, ela me saiu com essa idiotice:

- Eu e minhas amigas vimos o Peter Lorre ontem à noite. O artista de cinema. Em carne e osso. Estava comprando um jornal. Ele é um amoreco.

- Você tem muita sorte - falei. - Você tem sorte mesmo, sabe disso?

Ela era a própria imbecilidade, mas como dançava! Não pude deixar de dar uma espécie de beijo no alto daquela testa de ignorante, bem ali onde ela repartia o cabelo. Ficou danada.

- Êi, que estória é essa?

- Nada. Estória nenhuma. Você dança um bocado. Tenho uma irmã que ainda está na titica do curso primário. Você é tão boa quanto ela, e ela é a melhor dançarina que eu conheço.

-Veja como fala, por favor.

Que finura, rapaz. Uma fidalga, pôxa.

- Vocês são de onde? - perguntei.

Mas ela não respondeu. Estava muito ocupada, observando o salão. Acho que esperava que o Peter Lorre aparecesse a qualquer instante.

- De onde vocês são? - perguntei de novo.

- O quê?

- Vocês são de onde? Não precisa responder, se não quiser. Não quero que você se canse.

- De Seattle, Washington - respondeu. Parecia até que estava me fazendo o maior favor.

- Você é um grande papo - falei. - Sabe disso?

- O quê?

Deixei pra lá. Ela não ia entender mesmo.

- Você topa dançar puladinho, se eles tocarem um número bem rápido? Sem muita palhaçada, sem virada nem nada, bem de mansinho?... Todo mundo vai sentar quando eles tocarem música rápida, menos os velhos e os gordos, e vai ter espaço de sobra, tá?

- Tanto faz - respondeu. - Êi, afinal, quantos anos você têm?

Alguma coisa nessa pergunta me irritou, sei lá o quê.

- Que droga, vê se não estraga tudo, tá? Tenho doze anos, pomba! Sou muito crescido para a minha idade.

- Escuta, já te disse. Não gosto desse teu modo de falar. Se você continuar a falar assim, vou me sentar com minhas amigas, ouviu?

Me desculpei feito um louco, porque a orquestra estava começando naquela horinha mesma uma música rápida. Ela começou a dançar um puladinho comigo - mas bem de mansinho, sem palhaçada nenhuma. Ela era boa de verdade. Bastava tocar nela. E, quando ela rodava, rebolava a bundinha de um jeito que dava gosto olhar. Ela me deixou doido. Palavra. Quando nos sentamos eu já estava meio apaixonado. Aí é que está o problema com as garotas. Toda vez que elas fazem um troço bonito, mesmo que não sejam lá nenhum tipo de

beleza ou mesmo que sejam meio burras, a gente fica apaixonado por elas, e aí não sabe mais a quantas anda. Garotas. Puxa vida, elas deixam a gente louco. Deixam mesmo.

Não me convidaram para sentar - eram ignorantes demais para isso - mas sentei assim mesmo. O nome da loura com quem eu estava dançando era Bernice qualquer coisa - Crabs ou Krebs. As duas feiosas se chamavam Marty e Laverne. Só de farra eu disse que meu nome era Jim Steele. Aí tentei começar um papo inteligente, mas era praticamente impossível. Só torcendo o braço delas. Era difícil dizer qual das três era a mais burra. E todas não paravam de se virar para tudo quanto era canto, como se esperassem que um bando de artistas de cinema fosse entrar a qualquer momento. Com certeza pensavam que os artistas de cinema, quando iam a Nova York, freqüentavam sempre o Salão Lavanda, em vez do Stork Club ou do El Morocco. Enfim, levei mais de meia hora para descobrir onde elas trabalhavam e tudo, lá em Seattle. Eram colegas de escritório em uma companhia de seguros. Perguntei se gostavam do emprego, mas até sobre um troço desses era impossível obter uma resposta inteligente daquelas três imbecis. Pensei que as duas feias, Marty e Laverne, fossem irmãs, mas ficaram muito ofendidas quando perguntei. Estava na cara que nenhuma das duas queria ser parecida com a outra, o que era compreensível. Mas, de qualquer maneira, não deixava de ser engraçado.

Dancei com todas elas - todas as três - uma de cada vez. Uma das feiosas, a Laverne, não dançava mal de todo, mas dançar com a tal de Marty era o mesmo que arrastar a Estátua da Liberdade pelo salão. A única maneira de me divertir enquanto arrastava ela para um lado e para o outro era fazendo uma horinha. Então disse a ela que tinha acabado de ver o Gary Cooper, o artista de cinema, do outro lado do salão.

- Onde? - ela perguntou, entusiasmada como o quê. - Onde?

- Que pena, você perdeu por pouco. Saiu neste justo instante. Por quê que você não olhou logo na hora que eu falei?

Ela praticamente parou de dançar, e começou a olhar por cima da cabeça de todo mundo, na esperança de afinal ver o Gary Cooper.

- Ah, que azar! - ela disse. Eu tinha partido o coração da infeliz, no duro. Fiquei com pena de ter feito aquela brincadeira. Não se deve brincar com certas pessoas, mesmo que elas mereçam.

O mais gozado veio depois. Quando voltamos para a mesa, a tal de Marty disse às outras duas que o Gary Cooper tinha acabado de sair. Puxa, a tal da Laverne e a Bernice quase se suicidaram quando ouviram aquilo. Ficaram todas nervosas, e perguntaram à Marty se ela tinha visto. Aí a danada respondeu que só tinha visto de relance. Quase não me agüentei com essa.

Estava na hora de fecharem o bar, por isso pedi dois drinques para cada uma e mais duas Coca-Colas para mim. A droga da mesa estava entupida de copos. Uma das feias, a tal da Laverne, ficou me dando o gozo porque eu só bebia Coca-Cola. O senso de humor dela era fabuloso. Ela e a tal de Marty estavam tomando Tom Collins - em pleno inverno, tá bom? Eram grossas mesmo. A loura, a Bernice, bebia uísque com água e entornava direitinho. Todas as três não pararam nem um instante de procurar artistas de cinema. Quase não abriam a boca - nem mesmo para conversar entre elas. A Marty falava um pouquinho mais do que as outras duas. Ficava dizendo umas coisinhas chatinhas e cretinas, assim como, por exemplo, chamar o toalete de mulheres de "quartinho das menininhas"; e achava que o clarinetista da orquestra, um velho entregue às baratas, era simplesmente um estouro quando se levantava e soprava um daqueles solos desanimados de dar pena. Disse que a clarineta dele era uma "flauta de mel". Que cretina. A outra bruxa, a Laverne, se achava muito espirituosa. Ficou o tempo todo me pedindo para telefonar para meu pai e perguntar se ele estava livre. Ficou perguntando se meu pai tinha algum programa naquela noite. Ela me fez essa pergunta umas quatro vezes - era espirituosa pra burro. A tal de Bernice, a loura, quase não falava. Toda vez que eu dizia alguma coisa, ela perguntava "O quê?". Isso é o tipo do troço que enche, depois de algum tempo.

De repente, quando terminaram os drinques, todas as três se levantaram na minha cara e disseram que precisavam ir para a cama. Iam levantar-se cedo para a primeira sessão do Radio City Music Hall. Tentei uma conversa para ver se ficavam mais um pouco, mas não colou. Aí nos despedimos e tudo. Eu disse que, qualquer dia desses, ia procurar por elas em Seattle, se fosse lá, mas duvido muito que eu vá. Procurar por elas, é claro.

Com os cigarros e tudo, a conta chegou a uns treze dólares. Achei que deviam ao menos se oferecer para pagar os drinques que tomaram antes de eu chegar - eu não ia aceitar, é claro, mas elas deviam ao menos se oferecer. Também não dei muita bola. Elas eram tão ignorantes, e ainda por cima usavam aqueles chapéus pavorosos, uma tristeza. E esse negócio de levantar cedo para ver a primeira sessão no Radio City Music Hall, isso me deprimia. Se alguém, alguma pequena com um chapéu horrível, vem a Nova York - lá de Seattle, Estado de Washington, pôxa - e acaba se levantando de madrugada para ir à droga da primeira sessão do Radio City Music Hall, isso me deprime tanto que não agüento. Eu teria pago cem drinques para elas se simplesmente não me tivessem dito aquilo.

Saí logo depois do Salão Lavanda. Já estava fechando mesmo, e fazia muito tempo que a orquestra tinha ido embora. Antes de mais nada, o Salão Lavanda era um desses lugares horríveis de se ficar, a não ser que se esteja com alguém que dance bem, ou que o garçon deixe a gente tomar uma bebida decente, em vez de Coca-Cola. Não há uma buate no mundo onde a gente possa ficar muito tempo, a não ser que tome umas e outras e fique logo de porre. Ou então, a não ser que a gente esteja com alguma garota que deixe o sujeito maluco.

11

De repente, no caminho para o vestíbulo, comecei a pensar novamente na Jane Gallagher. Aí não houve mais jeito de tirá-la da cabeça. Quando cheguei lá, me sentei numa poltrona caindo aos pedaços e fiquei pensando na Jane e no Stradlater, metidos na porcaria do carro do Ed Banky. Por mais certeza que tivesse de que o Stradlater não tinha conseguido nada com ela - conheço a Jane como a palma da minha mão - mesmo assim não conseguia tirar o troço da cabeça. Conhecia a Jane como a palma da minha mão, no duro. Além de jogar damas, ela gostava de esportes e, depois que ficamos amigos, passamos o verão todo juntos, jogando tênis de manhã e golfe de tarde. Chegamos mesmo a ter bastante intimidade. Não que tenha havido qualquer coisa de físico nem nada - porque não houve mesmo - mas nós passávamos o dia todo juntos. A gente não precisa entrar sempre nesse negócio de sexo para conhecer direito uma garota.

Nós nos conhecemos por causa do cachorro dela, um Dobermann, que vinha se aliviar todo dia no nosso gramado. Minha mão ficava danada da vida, e um dia telefonou para a mãe de Jane e fez um escândalo daqueles por causa do cachorro. Minha mãe é capaz de fazer um bruto escândalo por causa de uma besteira dessas. Aí, alguns dias depois, vi a Jane deitada de bruços na beira da piscina do clube. Cheguei e dei um olá para ela. Sabia que era nossa vizinha, mas nunca tínhamos conversado nem nada. Ela me deu um gelo tremendo no começo, e depois tive um trabalhão para convencê-la de que pouco me importava onde o cachorro dela ia se aliviar. Por mim, podia ser até na sala de visitas. De qualquer maneira, depois disso acabamos amigos e naquela mesma tarde jogamos golfe juntos. Me lembro que ela isolou oito bolas. Oito. Minha maior dificuldade foi convencê-la a pelo menos abrir os olhos na hora de dar a tacada, mas, no fim, consegui que ela fizesse progressos fabulosos. Jogo golfe muito bem. Tem gente que nem acredita quando digo qual é o meu escore normal. Uma vez, quase entrei num curta metragem sobre golfe, mas mudei de idéia no último minuto. Pensei cá comigo que uma pessoa que odeia o cinema tanto quanto eu seria um cretino se aceitasse aparecer num filme.

A Jane era uma garota muito engraçada. Não se podia dizer que fosse propriamente bonita. Para mim era um estouro. Quando ela começava a falar sobre um troço qualquer e ficava excitada, costumava mover a boca em cinqüenta direções ao mesmo tempo, lábios e tudo. Era o máximo. E ela nunca fechava a boca completamente. Estava sempre entreaberta, principalmente quando ela se preparava para dar uma tacada ou estava lendo um livro. Lia sem parar, e bons livros. Costumava ler um bocado de poesia e tudo. Foi a única pessoa, fora de minha família, a quem mostrei a luva de beisebol do Allie, com os poemas escritos por todo o lado. Ela não chegou a conhecer o Allie nem nada, porque aquele era o primeiro verão que passava no Maine - antes disso ela costumava ir para Cape Cod - mas contei a ela uma porção de coisas sobre o Allie. Ela se interessava por esse tipo de coisa.

Minha mãe não gostava muito dela. Achava que a Jane e a mãe dela eram metidas a besta, porque não a cumprimentavam quando se encontravam na cidadezinha. E isso acontecia a toda hora, porque a Jane também ia lá com a mãe dela num La Salle conversível, fazer compras no mercado. Minha mãe nem achava a Jane bonita. Mas eu achava. O caso é que eu gostava do jeitinho dela, só isso.

Me lembro de uma tarde. Foi a única vez em que quase nos beijamos. Era um sábado. Eu estava na varanda da casa dela e lá fora chovia que não acabava mais. Estávamos jogando damas. De vez em quando eu gostava de mexer com ela por causa da mania de não tirar nunca as damas da última fila. Mas eu nunca tinha vontade de mexer muito com ela. Bem que eu gosto de gozar uma guria quando tenho uma chance, mas acontece um troço engraçado comigo. As garotas de quem mais gosto são aquelas que nunca me dão muita vontade de mexer com elas. De vez em quando, acho até que elas gostariam duma bobagem dessas - pra dizer a verdade, tenho certeza de que gostariam - mas é difícil começar, depois de se conhecer uma garota por algum tempo sem nunca ter dado um gozo nela. Seja lá como for, eu estava falando sobre aquela tarde quando a Jane e eu quase nos beijamos. Chovia pra diabo. Nós estávamos na varanda quando, de repente, apareceu na porta o beberrão que era casado com a mãe dela e perguntou à Jane se havia cigarros em casa. Eu mal conhecia o sujeito, mas parecia o tipo do cara que só fala com a gente se estiver precisando de alguma coisa.

Era um péssimo caráter. De qualquer maneira, a Jane nem respondeu quando ele perguntou se ela sabia onde estavam os cigarros. O cara perguntou de novo, mas ela continuou calada. Nem tirou os olhos do tabuleiro. Finalmente, o sujeito voltou para dentro. Aí perguntei a ela o que é que estava havendo. Nem a mim ela respondeu. Fingiu que estava se concentrando no lance seguinte e tudo. Aí, de repente, estalou uma lágrima no tabuleiro. Foi num dos quadrados vermelhos - me lembro como se fosse agora. E ela esfregou a lágrima no tabuleiro com o dedinho. Não sei por que, mas o negócio me chateou pra caralho. Aí me levantei e me sentei ao lado dela no sofá - para falar a verdade, quase me sentei no colo dela. Aí ela começou a chorar mesmo, e só me lembro que comecei a beijá-la toda - em qualquer lugar - olhos, nariz, testa, sobrancelhas e tudo, as orelhas - o rosto todo menos a boca. Não sei como, mas ela sempre arranjava um jeitinho de não me dar a boca. De qualquer maneira, nunca mais estivemos tão perto um do outro. Pouco depois ela se levantou, entrou e voltou com um suéter vermelho e branco que eu achava o máximo. Aí fomos à porcaria dum cinema. No caminho, perguntei a ela se o tal de Cudahy - era assim que se chamava o porrista - tinha alguma vez se metido a engraçadinho com ela. Jane era muito garota, mas tinha um corpo infernal, e eu esperava qualquer coisa dum filho da mãe como aquele cara. Mas ela disse que não, e nunca pude descobrir qual era o problema. Tem garotas que a gente não consegue nunca saber qual é o problema delas.

Também não quero dar a impressão de que ela era uma porcaria dum iceberg ou coisa parecida, só porque nunca ficamos de agarramento. Não é isso. Vivíamos o tempo todo de mãos dadas, por exemplo. Não parece grande coisa, reconheço, mas era fabuloso ficar de mãos dadas com ela. Quando estão de mãos dadas com a gente, a maioria das garotas deixam a mão morrer dentro da mão da gente, ou então acham que têm de ficar mexendo os dedos o tempo todo, como se estivessem com medo de estar chateando a gente ou coisa que o valha. Com a Jane era diferente. Nós entrávamos numa droga dum cinema e imediatamente ficávamos de mãos dadas até o filme acabar. E isso sem ficar mudando de posição, sem fazer nenhuma complicação. Com a Jane a gente nem se preocupava se a mão estava suada ou não. Só sabia uma coisa, estava feliz, no duro.

Tem outra coisa que me lembrei agora. Quando estávamos no cinema, aquele dia, a Jane fez um troço que me deixou maluco. Estava ainda no jornal ou coisa parecida, quando, de repente, senti a mão dela no meu pescoço. Foi um gesto engraçado, esse dela. Jane era muito garota e tudo, e as moças que a gente vê pondo a mão no pescoço de alguém têm, quase todas, uns vinte e cinco ou trinta anos, e geralmente fazem isso com o marido ou um filho pequeno. Eu, por exemplo, de vez em querido faço isso com minha irmã menor, a Phoebe. Mas se uma garota é um bocado moça e faz um troço desses, é tão bonito que a gente nem sabe o que fazer.

De qualquer jeito, era nisso que eu estava pensando, sentado naquela poltrona caindo aos pedaços, no vestíbulo do hotel. Pensando na Jane. Por pouco não ficava doido toda vez que chegava na estória dela com o Stradlater na porcaria do carro do Ed Banky. Eu sabia que ela não ia deixar o Stradlater chutar em gol, mas mesmo assim ficava furioso. Pra ser sincero, nem gosto de falar nisso.

Não havia mais ninguém no vestíbulo. Até as louras com pinta de vigaristas já tinham sumido e, de repente, me deu uma bruta vontade de ir embora. O lugar era meio deprimente, e eu não estava cansado nem nada. Por isso, subi até o quarto e vesti o casaco. Aproveitei para dar uma olhada pela janela e ver se todos os tarados continuavam em ação, mas as luzes já estavam apagadas. Peguei o elevador outra vez, desci, chamei um táxi e disse ao chofer para me levar ao Ernie's. O Ernie's é uma buate em Greenwich Village onde meu irmão D. B. ia muito antes de ir se prostituir em Hollywood. De vez em quando me levava com ele. O Ernie é um pretão gordo que toca piano. É metidíssimo a besta e mal cumprimenta as pessoas, a não ser que seja um figurão, um cara famoso ou coisa que o valha, mas toca piano de verdade. É sério, ele é tão bom que chega quase a ser chato. É difícil de explicar, mas é isso mesmo. É claro que gosto de ouvi-lo tocar, mas, de vez em quando, dá vontade de arrebentar a porcaria do piano dele. Acho que é porque, quando está tocando, ele dá a impressão de ser o tipo do camarada que só fala com uma pessoa quando sabe que ela é um figurão.

12

O táxi que tomei era velho pra chuchu e cheirava como se alguém tivesse acabado de vomitar ali mesmo. Sempre que tomo um táxi de madrugada, tem que estar fedendo a vômito. E o pior é que a rua estava um bocado silenciosa e deserta, embora fosse uma noite de sábado. Não se via quase ninguém. Aqui e ali tinha um homem e uma mulher atravessando a rua, abraçados pela cintura e tudo, ou um grupo de imbecis com as namoradas, todos rindo como umas hienas de qualquer coisa que, aposto, não tinha a menor graça. Nova York é terrível quando alguém ri de noite na rua; pode-se ouvir a gargalhada a quilômetros de distância. É o tipo do troço que faz a gente se sentir só e deprimido. Continuava com vontade de ir para casa e fazer um pouco de

hora com a Phoebe. Mas afinal, depois de algum tempo no táxi, eu e o chofer começamos a conversar. O nome dele era Horwitz. Era um sujeito muito mais simpático do que o outro motorista com quem eu tinha andado antes. Seja como for, pensei que ele talvez soubesse alguma coisa sobre os patos.

- Êi, Horwitz. Você conhece aquele laguinho no Central Park? Aquele lá pro lado sul?

- Conheço o quê?

- O laguinho. Aquele lago pequeno que tem lá. Sabe qual é, onde ficam os patos...

- Sei, mas quê que tem?

- Bom, sabe aqueles patos que ficam nadando nele? Na primavera e tudo? Será que por acaso você sabe pra onde eles vão no inverno?

- Pra onde vai quem?

- Os patos. Será que você sabe, por um acaso? Será que alguém vai lá num caminhão ou sei lá o quê, e leva eles embora, ou será que eles voam sozinhos, pro sul ou coisa que o valha?

O tal do Horwitz virou para trás e me olhou. Era um sujeito do tipo impaciente pra burro. Mas não era má pessoa.

- Como é que vou saber? Como é que vou saber um negócio idiota desses, pomba?

- Tá bem, não precisa se aborrecer - falei. Ele ficou danado com aquilo, sei lá por quê.

- Quem é que está aborrecido? Ninguém tá aborrecido.

Se era para o sujeito ficar assim todo chateado, preferi suspender a conversa. Mas ele mesmo puxou assunto outra vez. Virou-se de novo para trás e disse:

- Os peixes não vão pra lugar nenhum. Ficam lá mesmo onde estão, os peixes. Na droga do lago mesmo.

- Com os peixes é diferente. Aí são outros quinhentos. Tou falando dos patos.

- O quê que é diferente com eles? Não vejo nada de diferente - ele respondeu. Tudo que ele falava parecia que estava aporrinhado com alguma coisa. E continuou: - É muito pior pros peixes, no inverno e tudo, do que pros patos, não vê logo? Usa a cabeça, pôxa!

Fiquei calado mais ou menos um minuto. Aí falei:

- Tá bem. Então, o que é que os peixes fazem quando o laguinho vira um bloco de gelo e tem uma porção de gente patinando nele e tudo?

O Horwitz se virou para trás de novo.

- O quê que os peixes fazem? - gritou para mim. - Pomba, ficam ali mesmo onde estão, ora essa!

- Mas eles não podem simplesmente ignorar o gelo. Não podem só fazer de conta que não tem gelo.

- Mas quem é que ignora o gelo? Ninguém tá ignorando nada!

O sujeito estava tão excitado e tudo que pensei que ele ia se arrebentar em cima dum poste ou coisa parecida.

- Vivem ali mesmo, dentro da porcaria do gelo. Já são feitos assim mesmo, por natureza. Ficam congelados o inverno todo na mesma posição.

- É? Então quê que eles comem, hem? Quer dizer, se ficam congelados, durinhos, então não podem nadar e procurar comida nem nada.

- O corpo deles, pomba... Quê que há contigo? O corpo deles retira a nutrição e tudo da droga das algas e da merda toda que tem no gelo. Eles ficam com os poros abertos o tempo todo. São assim mesmo por natureza. Tá entendendo agora? - ele falou, e virou outra vez no banco para me olhar.

- Tá bom - respondi. Deixei o assunto morrer. Estava com medo que ele arrebentasse a droga do táxi. Além disso, era um cara tão estourado que não dava prazer nenhum conversar com ele.

- Você se incomoda de dar uma paradinha e tomar um trago comigo em algum lugar? - perguntei.

Mas não me respondeu. Acho que ainda estava pensando. De qualquer maneira, perguntei de novo. Era um sujeito um bocado simpático. Muito divertido e tudo.

- Não tenho tempo pra andar bebendo, ô meu. E, afinal, qual é a tua idade, hem? Por que é que você já não está dormindo a esta hora?

- Não estou cansado.

Quando desci na frente do Ernie's e paguei a corrida, o tal Horwitz puxou o assunto do peixe outra vez. O troço não saía mesmo da cabeça do homenzinho.

- Escuta. Se você fosse um peixe, a Natureza ia tomar conta de você, não ia? É ou não é? Ou você acha que tudo quanto é peixe morre quando chega o inverno, hem?

- Não, mas...

- É claro que não, pomba - ele falou, e arrancou com o carro como se fosse o diabo fugindo da cruz. Era um dos sujeitos mais invocados que eu encontrei até hoje na minha vida. Tudo que a gente dizia deixava ele furioso.

Embora já fosse um bocado tarde, o Ernie's estava entupido de gente. Na maioria eram esses palhações das universidades. Em quase todas as drogas dos colégios do mundo as férias de Natal começam antes do que nos colégios em que eu estou. A gente quase não podia pendurar o sobretudo, de tão cheio. Mas era um silêncio danado, porque o Ernie estava tocando. Parecia que era um troço sagrado, no duro, a hora em que ele sentava para tocar. Ninguém pode ser tão bom assim. Ao meu lado estavam três casais, esperando vagar mesa, e ficaram todos na ponta dos pés, se empurrando, só para dar uma olhada no Ernie, enquanto ele tocava. Tinha um baita espelho em frente do piano e um refletor bem em cima do Ernie, para que todo mundo pudesse ver a cara dele enquanto tocava. Não dava para ver os dedos, só a droga da cara do safado. Grande coisa. Não sei direito o nome da música que ele estava tocando quando entrei, mas só sei que ele estava esculhambando mesmo o troço pra valer. Dando uma porção de floreios imbecis nos agudos e outras palhaçadas que me aporrinham pra chuchu. Mas valia a pena ver os idiotas quando ele acabou. Era de vomitar. Entraram em órbita, igualzinho aos imbecis que riem como umas hienas, no cinema, das coisas sem graça. Juro por Deus que, se eu fosse um pianista, ou um autor, ou coisa que o valha, e todos aqueles bobalhões me achassem fabuloso, ia ter raiva de viver. Não ia querer nem que me aplaudissem. As pessoas sempre batem palmas pelas coisas erradas. Se eu fosse pianista, ia tocar dentro de um armário. Seja como for, na hora que ele acabou e todo mundo estava aplaudindo como uns alucinados, o safado do Ernie deu uma volta no banquinho e fez uma reverência fingida, bancando o humilde. Como se, além de ser um pianista bom pra burro, fosse também um sujeito um bocado humilde. Era um troço cretino pra diabo aquilo dele ser metido a besta e tudo. Mas, de um jeito meio engraçado, senti pena dele quando acabou a música. Acho que ele nem sabe mais quando está tocando bem ou não. A culpa não é toda dele. Em parte, os culpados são aqueles bobalhões que batem palmas como uns alucinados: eles são capazes de enganar qualquer um, se tiverem uma chance. De qualquer maneira, o troço me fez sentir deprimido e podre outra vez, e quase apanhei meu casaco e voltei para o hotel, mas era cedo demais e eu não estava com muita vontade de ficar sozinho.

Afinal me arranjaram uma mesa nojenta, encostada à parede e bem atrás de uma droga duma coluna, de onde não dava para ver nada. Era uma dessas mesinhas pequenininhas que, se o pessoal da mesa ao lado não se levanta para dar passagem - e os filhos da mãe nunca se levantam - a gente tem praticamente de fazer uma escalada para chegar na cadeira. Mandei vir um uísque e soda, que é o drinque que eu prefiro se não tiver daiquiri. Qualquer sujeito com uns seis anos de idade pode pedir bebida alcoólica no Ernie's. Primeiro, porque o lugar é tão escuro e tudo, e depois porque ninguém está mesmo dando a mínima bola para a idade da gente. O sujeito pode ser até viciado em entorpecente que ninguém se importa.

Eu estava cercado de imbecis. Fora de brincadeira. Na outra mesinha, bem do meu lado esquerdo, praticamente em cima de mim, tinha um casal com umas caras feiosas pra burro. Tinham mais ou menos a minha idade, ou um pouquinho mais. Era engraçado. A gente via logo que eles estavam tomando um cuidado tremendo para não beber a consumação mínima muito depressa. Fiquei ouvindo algum tempo a conversa deles, porque não tinha mesmo mais nada para fazer. Ele estava contando a ela uma droga dum jogo de futebol que tinha visto naquela tarde. E descreveu todas as jogadas da droga da partida, da primeira à última! - fora de brincadeira. Era o sujeito mais chato que já encontrei em toda a minha vida. E dava para ver que a garota dele nem estava interessada na droga do jogo, mas ela era ainda mais feiosa do que ele, por isso eu acho que ela tinha mesmo de ouvir. O negócio não é mole para as garotas feias. Às vezes, elas me dão muita pena, nem gosto de olhar para elas, especialmente quando estão com um idiota que fica contando toda uma porcaria duma partida de futebol. Mas, à minha direita, a conversa ainda estava pior. Tinha um sujeito metido a besta, com um terno de flanela cinza e um desses coletes afrescalhados. Todos esses filhos da mãe das universidades se vestem igual. Meu pai quer que eu vá para uma dessas universidades metidas a bem, Yale ou talvez Princeton, mas juro que não me pegam nesses lugares cretinos nem morto, no duro mesmo. Seja como for, esse sujeito com pinta de aluno da Yale estava com uma garota espetacular. Puxa, ela era um estouro. Mas valia a pena ouvir a conversa dos dois. Em primeiro lugar, os dois já estavam meio altos. Ele estava passando a mão nas coxas dela, por baixo da mesa e tudo, e ao mesmo tempo contando a estória dum colega dele que tinha engolido um vidro inteiro de aspirina e quase se suicidou. Ela ficava só dizendo para ele: "Que horrível... Não, querido. Por favor. Não, aqui não..." Imagina só, passar a mão numa garota e ao mesmo tempo contar a ela o caso de um cara que tentou se suicidar! Era o máximo!

Mas acabei me sentindo meio jogado fora, sentado ali sozinho. Não tinha nada para fazer senão fumar e beber. Acabei dizendo ao garçon para convidar o safado do Ernie para tomar um drinque comigo. Mandei dizer ao Ernie que eu era o irmão do D. B. Mas acho que nem deu o meu recado. Esses sacanas nunca dão os recados da gente a ninguém.

De repente, uma garota veio andando na minha direção e disse:

- Holden Caulfield!

O nome dela era Lillian Simmons. Meu irmão D. B. andou saindo com ela algum tempo. Tinha uns peitões enormes.

- Como vai - respondi. Naturalmente, tentei me levantar, mas era impossível ficar em pé num lugar daqueles. Ela estava acompanhada de um oficial da Marinha que parecia ter engolido um cabo de vassoura.

- Que maravilhoso encontrar com você! - ela falou. Puro fingimento. - Como vai teu irmão? - perguntou. Era só isso que ela queria saber.

- Está bem. Ele está em Hollywood.

- Em Hollywood! Que fabuloso! Que é que ele está fazendo?

- Sei lá... Escrevendo - respondi. Não estava com vontade de discutir o troço. Era evidente que ela achava um negócio espetacular, aquilo dele estar em Hollywood. Quase todo mundo acha, principalmente as pessoas que nunca leram nenhum dos contos que ele escreveu. Mas a coisa me deixa furioso.

- Que formidável - ela continuou. Aí me apresentou ao cara da Marinha, um tal de Comandante Blop ou coisa que o valha. Era um desses sujeitos que acham que vão parecer veados se não quebrarem uns quarenta dedos da mão da gente na hora de serem apresentados. Pôxa, eu tenho ódio desse tipo de troço.

- Você está sozinho, meu querido? - a safada da Lillian perguntou. Ela estava interrompendo a droga do trânsito todo na passagem. A gente via logo que ela gostava um bocado de parar o trânsito. Tinha um garçon esperando que ela saísse da frente, mas ela nem reparou no sujeito. Era engraçado. Estava na cara que o garçon não gostava dela e que nem o cara da Marinha gostava muito dela, embora estivesse saindo com ela. E eu não gostava muito dela. Ninguém gostava. De certa maneira, a gente tinha que sentir pena da infeliz.

- Você não está acompanhado, meu bem? - ela me perguntou. A essa altura eu já estava em pé e ela nem me disse para sentar. Era do tipo que deixa a gente de pé horas a fio.

- Ele não é bonitão? - ela perguntou ao sujeito da Marinha. - Holden, você está ficando cada vez mais bonitão.

O cara da Marinha disse a ela para seguir em frente, que estava bloqueando a passagem toda.

- Holden, vem sentar conosco. Traz o teu drinque.

- Não, obrigado. Já estava saindo - respondi. - Tenho um encontro marcado.

Era claro que ela estava só querendo bancar a boazinha comigo para eu contar tudo depois ao D.B.

- Está bem, seu bandido. Divirta-se. Quando encontrar teu irmão, diz a ele que eu tenho ódio dele.

Aí foi embora. O cara da Marinha e eu dissemos que tinha sido um prazer conhecer um ao outro. Esse é um troço que me deixa maluco. Estou sempre dizendo: "Muito prazer em conhecê-lo" para alguém que não tenho nenhum prazer em conhecer. Mas a gente tem que fazer essas coisas para seguir vivendo.

Depois que eu disse a ela que tinha um encontro marcado, não podia mesmo fazer droga nenhuma senão sair. Nem podia ficar por lá para ouvir o Ernie tocar alguma coisa minimamente decente. Mas não ia de jeito nenhum sentar numa mesa com a Lillian Simmons e com aquele cara da Marinha e morrer de chateação. Por isso saí. Mas fiquei danado quando apanhei meu sobretudo. As pessoas estão sempre atrapalhando a vida da gente.

13

Voltei a pé para o hotel. Quarenta e um gloriosos quarteirões. Não que eu estivesse com vontade de andar nem nada. Foi mais porque não queria entrar e sair de outro táxi. De vez em quando a gente se cansa de andar de táxi, da mesma maneira que se cansa de andar de elevador. De repente, a gente sente que tem de ir a pé, qualquer que seja a distância ou a altura. Quando eu era menor, costumava subir para nosso apartamento pelas escadas. Doze andares.

Nem parecia que tinha nevado, as calçadas já estavam quase limpas. Mas fazia um frio de rachar e tratei de tirar do bolso meu chapéu vermelho e botei na cabeça - estava pouco ligando para minha aparência. Cheguei até a baixar os protetores de orelha. Bem que gostaria de saber qual o safado que tinha roubado minhas luvas no Pencey, porque minhas mãos estavam geladas. Não que eu fosse fazer muita coisa se soubesse. Sou um desses sujeitos covardes pra chuchu. Procuro não demonstrar, mas sou. Por exemplo, se tivesse descoberto quem roubou minhas luvas no Pencey, provavelmente teria ido até o quarto do vigarista e diria: "Muito bem. Que tal ir me passando as luvas?" Aí, o vigarista que as tinha roubado provavelmente responderia, com a voz mais inocente do mundo: "Que luvas?" Aí eu provavelmente ia até o armário dele e encontrava as luvas num canto qualquer, escondidas na porcaria das galochas ou coisa que o valha. Apanhava as luvas, mostrava a ele e perguntava: "Quer dizer que essas luvas são tuas, não é?" Aí o filho da mãe

provavelmente olharia para mim, com a maior cara de anjinho, e diria: "Nunca vi essas luvas em toda a minha vida. Se são tuas, pode levar. Não quero mesmo essa droga pra nada." Aí eu provavelmente teria ficado uns cinco minutos de pé, no mesmo lugar, com as luvas na mão e tudo. Ia me sentir na obrigação de dar um soco no queixo do sujeito, quebrar a cara dele. Só que não ia ter coragem de fazer nada. Ia só ficar ali, de pé, tentando fazer cara de mau. Talvez dissesse alguma coisa bem cortante e sarcástica, para aporrinhar o sujeito - em vez de lhe dar um soco no queixo. Seja lá como for, se eu dissesse alguma coisa bem cortante e sarcástica, ele provavelmente se levantaria, chegaria perto de mim e perguntaria: "Escuta, Caulfield. Você tá me chamando de ladrão?" Aí, em vez de dizer que era isso mesmo, que ele era um filho da mãe dum ladrão, eu provavelmente só teria dito: "Só sei é que a droga das minhas luvas estavam na droga das tuas galochas." A essa altura o sujeito já saberia com certeza que eu não ia mesmo dar um soco nele e diria: "Olha, vamos deixar esse negócio bem claro. Você tá me chamando de ladrão?" Eu então provavelmente responderia: "Ninguém está chamando ninguém de ladrão. Só sei que as minhas luvas estavam na porcaria das tuas galochas." O negócio podia continuar assim durante horas. Finalmente eu iria embora sem ter dado nem um sopapo nele. Provavelmente ia para o banheiro, acendia um cigarro e ficava me olhando no espelho, fazendo cara de valente. De qualquer maneira, era nisso que eu estava pensando enquanto voltava para o hotel. Não é nada engraçado ser covarde. Talvez eu não seja totalmente covarde. Sei lá. Acho que talvez eu seja apenas em parte covarde, e em parte o tipo do sujeito que está pouco ligando se perder as luvas. Um de meus problemas é que nunca me importo muito quando perco alguma coisa - quando eu era pequeno minha mãe ficava danada comigo por causa disso. Tem gente que passa dias procurando alguma coisa que perdeu. Eu acho que nunca tive nada que me importaria muito de perder. Talvez por isso eu seja em parte covarde. Mas isso não é desculpa. Sei que não é. O negócio é não ser nem um pouquinho covarde. Se é hora de dar um soco na cara de alguém, e dá vontade mesmo de fazer isso, a gente não devia nem conversar. Mas não consigo ser assim. Eu preferia empurrar um sujeito pela janela, ou cortar a cabeça dele com um machado, do que dar um soco no queixo dele. Odeio briga de soco. Não que me importe muito de apanhar - embora, naturalmente, não seja fanático por pancada - mas o que me apavora mais na briga é a cara do outro sujeito. Não consigo ficar olhando a cara do outro sujeito, esse é que é o meu problema. Não seria tão ruim se a gente estivesse com os olhos vendados, ou coisa que o valha. Pensando bem, é um tipo gozado de covardia, mas não deixa de ser covardia. E eu não procuro me iludir.

Quanto mais eu pensava nas minhas luvas e na minha covardia, mais deprimido ficava, e por isso decidi, no meio do caminho, entrar em algum canto para tomar um drinque. Só tinha tomado três doses no Ernie's, e nem tinha acabado a última. Se há um troço que eu tenho é resistência para bebida. Quando me dá na veneta, sou capaz de beber a noite inteira e ficar cem por cento. Uma vez, no Colégio Whooton, eu e um outro garoto, o Raymond Goldfard, compramos uma garrafa de uísque e fomos beber na Capela, num sábado de noite, porque lá ninguém ia ver a gente. Ele ficou na maior água, mas eu acabei inteirinho. Só fui ficando cada vez mais superior, mais indiferente. Vomitei antes de dormir, mas na verdade não precisava - tive mesmo que fazer força para vomitar.

De qualquer modo, antes de chegar ao hotel resolvi entrar num bar de aparência infecta, mas dois sujeitos vinham saindo, bêbados que nem gambá, e queriam saber onde era a entrada do metrô. Um deles, com pinta de cubano, ficou respirando com um hálito podre em cima da minha cara, enquanto eu dava a informação. Perdi até a vontade de entrar na porcaria do bar e tratei de seguir direto para o hotel.

O vestíbulo estava inteiramente deserto, cheirando a cinqüenta milhões de cigarros apagados. Eu não estava com sono nem nada, mas estava me sentindo um bocado mal. Deprimido e tudo. Tive vontade de estar morto.

Aí, mais que de repente, me meti numa enrascada dos diabos.

Mal entrei no elevador, o cabineiro perguntou: - Que tal uma diversãozinha, meu chapa? Ou já está muito tarde pra você?

- Como é que é? - perguntei. Não sabia aonde ele queria chegar nem nada.

- Tá interessado num rabo de saia pra hoje de noite?

- Eu? - respondi. Era o tipo da resposta idiota, mas a gente fica sem jeito quando um sujeito pergunta um troço desses assim de surpresa.

- Qual é tua idade, chefe? - perguntou o cabineiro.

- Por quê? Vinte e dois.

- Hum, hum. Bom, como é que é? Tá interessado? Cinco pacotes uma bimbada. Quinze pacotes a noite toda. Cinco pacotes uma bimbada, quinze pacotes até meio-dia.

- Tá bom - eu disse. Era contra meus princípios e tudo, mas eu estava me sentindo tão deprimido que nem pensei. Esse é que é o problema. Quando a gente está se sentindo muito deprimido não consegue nem pensar.

- Tá bom o quê? Uma hora ou até o meio-dia? Tenho que saber.

- Só uma hora.

- Tá bem, qual é o seu quarto?

Olhei o trocinho vermelho, pendurado na chave, que tinha o número do meu quarto. - Mil duzentos e vinte e dois - falei. Já estava me sentindo meio aporrinhado de ter embarcado naquela estória, mas agora era tarde.

- Perfeito. Vou mandar uma garota lá daqui a quinze minutos.

Abriu a porta do elevador e eu saí.

- Êi, ela é boa? - perguntei. - Não quero nenhum bagulho.

- Que bagulho nada, pode ficar tranqüilo, chefe.

- A quem que eu pago?

- A ela - respondeu. - Vambora, chefe.

Fechou a porta quase na minha cara.

Fui para o quarto e passei uma água no cabelo, mas é realmente impossível pentear um cabelo cortado à escovinha. Aí procurei ver se estava com mau hálito, de tantos cigarros e uísques, que tinha fumado e bebido no Ernie's. Basta por a mão em baixo da boca e soprar para cima em direção ao nariz. Até que não estava muito ruim, mas escovei os dentes assim mesmo. Aí vesti uma camisa limpa. Sabia que não precisava caprichar tanto por causa duma prostituta e tudo, mas era alguma coisa para me ocupar. Estava um pouco nervoso. Estava começando a me sentir muito sensual e tudo, mas estava meio nervoso de qualquer jeito. Pra dizer a verdade, eu sou virgem. No duro. Já tive algumas oportunidades de perder minha virgindade e tudo, mas até agora nunca cheguei ao fim da linha. Sempre acontece alguma coisa. Por exemplo, se a gente está na casa de uma garota, os pais dela sempre chegam na hora errada - ou a gente fica com medo que eles cheguem. Ou, se a gente está no banco de trás do carro de alguém, tem sempre a namoradinha do outro sujeito, no banco da frente, que quer saber o que está acontecendo no carro todo. E fica virando para ver o que está se passando lá atrás. Seja lá como for, sempre acontece alguma coisa. Mas já andei muito perto de fazer o troço algumas vezes. Uma vez, eu me lembro bem, fiquei por pouco. Mas alguma coisa desandou - nem sei mais o que foi. O caso é o seguinte: na maioria das vezes que a gente está quase fazendo o negócio com uma garota - uma garota que não seja uma prostituta nem nada, evidentemente - ela fica dizendo para a gente parar. Meu problema é que eu paro. A maioria dos sujeitos não pára, mas eu não consigo ser assim. A gente nunca sabe se elas realmente querem que a gente pare, ou se estão apenas com um medo danado, ou se estão pedindo que a gente pare só para que, se a gente continuar mesmo, a culpa seja só nossa, e não delas. De qualquer jeito, eu estou sempre parando. O problema é que acabo sentindo pena delas, porque quase todas as garotas são tão burrinhas... Basta um pouquinho de bolinação, e a gente vê que elas estão perdendo a cabeça. Quando uma garota fica excitada mesmo, a gente vê logo que ela está completamente desmiolada. Sei lá. Elas me pedem para parar, e eu paro. Quando volto para casa sempre me arrependo de ter parado, mas continuo a fazer a mesma coisa.

De qualquer maneira, enquanto vestia uma camisa limpa, pensei cá comigo que essa era, de certo modo, minha grande chance. Pensei que, sendo ela uma prostituta e tudo, eu podia treinar um pouco para o caso de vir a me casar um dia ou coisa que o valha. Eu me preocupo com isso de vez em quando. Uma vez, no colégio Whooton, li um livro que tinha um sujeito muito experiente e sensual, um bocado sofisticado. O nome dele era Monsieur Blanchard. O livro era uma droga, mas esse Blanchard até que era bem razoável. Tinha um baita dum castelo na Riviera, na Europa, e sua distração nas horas vagas era bater nas mulheres com uma bengala. Era um cretino e tudo, mas as mulheres ficavam doidinhas por ele. A certa altura ele diz que o corpo da mulher é como um violino, e que a gente precisa ser um grande artista para tocá-lo bem. Era um livro um bocado imbecil - disso eu sei - mas de qualquer maneira não conseguia tirar da cabeça esse negócio do violino. E é por isso que eu queria mais ou menos treinar um pouco, para o caso de vir a me casar algum dia. Caulfield e seu Violino Mágico, que tal? É ridículo, não há dúvida, mas não é tão ridículo assim. Eu até que gostaria de ser bamba nesse troço. Para ser franco, quando estou me badalando com uma garota, perco metade do tempo só para encontrar aquilo que estou procurando, se é que vocês entendem o que eu quero dizer com isso. Por exemplo, essa garota com quem eu quase tive relações sexuais. Passei quase uma hora só para tirar a droga do soutien dela. Quando afinal consegui, a menina já estava a ponto de cuspir em cima de mim.

De qualquer forma, continuei a andar pelo quarto, esperando que a prostituta aparecesse. E desejando que ela não fosse um bagulho. Mas até que não me importava muito. Só queria mesmo era acabar logo com o

troço todo. Afinal, alguém bateu à porta e, quando ia abrir, minha mala estava bem no meio do caminho, tropecei e quase quebrei a droga do joelho. Escolho sempre as ocasiões mais formidáveis para tropeçar numa mala ou coisa parecida.

Quando abri a porta, a tal prostituta estava lá esperando. Com um casaco três-quartos e sem chapéu. Era mais para o louro, mas via-se logo que ela pintava os cabelos. Mas não era nenhum bagulho.

- Como vai? - perguntei, com a voz mais melosa do mundo.

- Você é o sujeito que o Maurice falou? - perguntou. Não parecia lá muito amigável.

- O cabineiro?

- É - respondeu.

- Sou eu sim. Quer fazer o favor de entrar?

Estava me sentindo cada vez mais superior, no duro mesmo. Ela entrou, foi logo tirando o casaco e jogando na cama. Por baixo estava com um vestido verde. Aí ela sentou de lado na cadeira em frente da escrivaninha e começou a balançar o pé para cima e para baixo. Cruzou as pernas e começou a balançar o mesmo pé para cima e para baixo. Para uma prostituta, ela era um bocado nervosa. Era mesmo. Talvez porque fosse tão moça, devia ter mais ou menos a minha idade. Sentei numa poltrona ao lado dela e lhe ofereci um cigarro.

- Eu não fumo - respondeu. Tinha uma voz fininha e fraca, a gente quase não escutava o que ela dizia. Mas nem agradecia quando alguém lhe oferecia alguma coisa. Acho que por simples ignorância.

- Permita que eu me apresente. Meu nome é Jim Steele.

- Você tem um relógio aí? - ela perguntou. Evidentemente, estava pouco ligando para o meu nome. - Êi, espera aí, quantos anos você tem?

- Eu? Vinte e dois.

- Ah, essa não!

Era o tipo da coisa gozada dela dizer, parecia uma criança. A gente espera que uma prostituta responda "não aporrinha", ou "vai à merda", em vez de "essa não".

- E quantos anos você tem? - perguntei.

- O bastante para não ser tapeada - foi a resposta que me deu. Era realmente um bocado espirituosa. - Você tem um relógio aí? - insistiu, e aí se levantou e tirou o vestido por cima da cabeça.

Tenho de confessar que me senti meio esquisito quando ela fez isso. É de se esperar que a gente fique todo excitado quando alguém se levanta e tira o vestido por cima da cabeça, mas não fiquei não. Excitado era talvez a última coisa que eu estava me sentindo. Estava muito mais deprimido do que excitado.

- Êi, você tem ou não tem um relógio aí contigo?

- Não, não tenho não - respondi. Puxa, estava me sentindo esquisito. - Qual é o teu nome? - perguntei. Ela estava só com uma combinação vermelha. Era um bocado embaraçoso, era mesmo.

- Sunny - respondeu. - Vamos logo, tá?

- Não está com vontade de conversar um pouco? - perguntei. Era o tipo da coisa infantil de dizer, mas estava me sentindo um bocado esquisito. - Você está com muita pressa?

Olhou para mim como se eu fosse um maluco.

- Afinal, você quer conversar sobre o quê?

- Sei lá. Nada de especial. Só pensei que você talvez quisesse bater um papo.

Ela sentou de novo na cadeira ao lado da escrivaninha. Mas via-se logo que ela não estava gostando. Começou a balançar o pé outra vez - puxa, que garota nervosa.

- Você gostaria de fumar um cigarro agora? - perguntei. Esqueci que ela não fumava.

- Eu não fumo. Escuta, se você quer falar, fala logo. Eu tenho mais o que fazer.

Mas eu não conseguia pensar em nada para dizer. Pensei em perguntar como é que ela havia se tornado uma prostituta e tudo, mas fiquei com medo de fazer uma pergunta dessas. De qualquer maneira, provavelmente ela não teria me respondido.

- Você não é de Nova York, é? - acabei dizendo. Não consegui pensar em outra coisa.

- Hollywood - respondeu. Aí se levantou e foi até onde tinha deixado o vestido, em cima da cama. - Tem um cabide aí? Não quero que o meu vestido fique todo amassado, está saindo da lavanderia.

- Perfeitamente - respondi depressa. Fiquei muito feliz de poder me levantar e fazer alguma coisa. Levei o vestido até o armário e pendurei. Foi engraçado. Me senti meio triste quando pendurei o vestido. Pensei nela entrando numa loja para comprá-lo, sem ninguém saber que ela era uma prostituta e tudo. Provavelmente, o vendedor pensou que ela era uma garota direita. Não sei bem por que, mas o troço me deixou um bocado triste.

Sentei de novo e procurei manter a conversa acesa. Ela era uma péssima interlocutora.

- Você trabalha toda noite? - perguntei, mas, mal tinha acabado de falar, a coisa me soou horrível.

- Trabalho.

Ela estava andando pelo quarto. Apanhou o menu de cima da escrivaninha e ficou lendo.

- Que é que você faz durante o dia?

Sacudiu os ombros. Era um bocado magricela.

- Durmo, vou a um cinema... - deixou de lado o menu e olhou para mim: - Vamos logo, tá? Não vou ficar aqui...

- Olha - eu disse - não estou me sentindo muito bem hoje. Tive uma noite desgraçada. No duro. Eu te pago e tudo. Você se importa se a gente não fizer o troço? Você se importa?

O problema é que, pura e simplesmente, eu não queria fazer o troço. Para ser sincero, estava mais deprimido do que excitado. Ela era deprimente. O vestido verde pendurado no armário e tudo. E, além disso, acho que eu não poderia nunca fazer esse troço com alguém que passa o dia inteiro sentada numa porcaria dum cinema. Acho que não poderia mesmo.

Ela se aproximou de mim, assim com um olhar engraçado, como se não estivesse me acreditando: - Quê que há? - perguntou.

- Não há nada - respondi. Puxa, já estava começando a ficar nervoso. - Acontece que eu fui operado há pouco tempo.

- É? Aonde?

- No meu... como é que se chama... no meu clavicórdio.

- Como é que é? Onde é que fica isso?

- O clavicórdio? Bem, para dizer a verdade, é na coluna vertebral. Quer dizer, é bem lá embaixo na espinha.

- É mesmo? - ela disse. - Que pena.

Aí ela sentou na droga do meu colo.

- Você é bonitinho.

Ela me punha tão nervoso que eu continuei mentindo como um louco.

- Ainda estou em fase de recuperação.

- Você se parece com um sujeito que trabalha no cinema. Você sabe... Como é que é o nome dele? Você sabe quem eu estou falando. Qual é o nome dele mesmo, hem?

- Sei lá - respondi. E ela nada de sair da droga do meu colo.

- Sabe sim. Ele trabalhou naquele filme com o Melvine Douglas, era o irmão menor do Melvine Douglas. Aquele que cai do bote. Você sabe quem eu estou falando.

- Não, não sei não. Só vou ao cinema quando não tenho outro jeito.

Aí ela começou a se fazer de engraçadinha. Pra valer.

- Você se importa de parar com isso? Não estou com vontade, já disse. Acabei de fazer essa operação.

Nem assim saiu do meu colo, mas me jogou um olhar furioso.

- Olha, eu estava dormindo quando esse maluco desse Maurice foi me acordar. Se você pensa que eu...

- Já disse que vou te pagar e tudo por você ter vindo. Vou pagar mesmo. Tenho um bocado de dinheiro. O problema é que ainda estou me recuperando de uma séria...

- Então pra quê que você disse que queria uma garota a esse maluco do Maurice? Se você acabou de fazer uma droga duma operação na porcaria do teu negócio... Hem?

- Pensei que estaria me sentindo muito melhor do que estou. Fui um pouco prematuro nos meus cálculos. Sem brincadeira, me desculpe. Se você se levantar só um segundo vou apanhar minha carteira. No duro.

Ela estava danada da vida, mas levantou do meu colo para que eu pudesse ir buscar minha carteira em cima da cômoda. Apanhei uma nota de cinco dólares e entreguei a ela.

- Muito obrigado - falei. - Muitíssimo obrigado.

- Aqui só tem cinco. É dez.

Ela estava começando a bancar a engraçadinha, a gente via logo. Eu estava adivinhando que ia acontecer um troço desses.

- O Maurice me disse que era cinco. Disse que era quinze até o meio-dia e só cinco por uma bimbada.

- Uma bimbada é dez.

- Ele disse cinco. Me desculpe, mas é só isso que eu vou dar.

Ela deu uma sacudidela de ombros, como já havia feito antes, e aí disse, muito friamente: - Você se importa de apanhar meu vestido? Ou seria muito incômodo?

Era uma garotinha um bocado invocada. Mesmo com aquela vozinha de nada ela conseguia deixar a gente meio assustado. Se fosse uma baita duma prostituta velha, com um bocado de pintura na cara e tudo, não teria metade daquela arrogância.

Fui apanhar o vestido para ela. Ela se vestiu e tudo, e apanhou o casaco de cima da cama.

- Até logo, bobalhão.

- Até logo - respondi. Não agradeci nem nada. Ainda bem que não agradeci.

14

Depois que a tal de Sunny foi embora, me sentei numa cadeira e fumei uns dois cigarros. O dia estava começando a clarear. Puxa, eu estava nas últimas. Ninguém imagina como eu estava deprimido. Foi então que comecei a falar mais ou menos em voz alta com o Allie. Às vezes, quando estou muito deprimido, costumo fazer isso. Fico dizendo a ele para apanhar a bicicleta em casa e me encontrar em frente da casa do Bobby Fallon. O Bobby Fallon morava bem pertinho de nós no Maine - isto é, há muitos anos atrás. Um dia, Bobby e eu combinamos ir de bicicleta até o Lago Sedebego. Íamos levar um lanche e tudo, e nossas espingardinhas de ar comprimido - éramos garotos e estávamos pensando em dar uns tiros. Afinal o Allie ouviu nossa conversa e quis ir também, mas eu não deixei, dizendo que ele era muito criança. Por isso, hoje em dia, de vez em quando - quando estou muito deprimido - fico dizendo a ele: "Tá bem, vai em casa, apanha a bicicleta e me encontra em frente da casa do Bobby. Vai depressa". Não é que eu não costumasse levá-lo comigo quando ia a esses lugares. Eu levava. Mas naquele dia não deixei. Ele não ficou magoado por isso - nunca ficava magoado por coisa alguma - mas, mesmo assim, penso sempre nisso quando estou muito deprimido.

Afinal, tirei a roupa e me deitei. Na cama, me deu uma bruta vontade de rezar ou coisa parecida. Mas não consegui. Não é sempre que consigo rezar quando tenho vontade. Em primeiro lugar, sou meio ateu. Gosto de Jesus e tudo, mas não dou muita bola para a maioria das outras coisas da Bíblia. Os Apóstolos, por exemplo. Pra falar a verdade, os Apóstolos são uns chatos. Depois que Jesus morreu e tudo eles trabalharam direitinho, mas, enquanto Ele estava vivo, não serviam pra nada. Deixavam Ele na mão o tempo todo. Gosto de todo mundo na Bíblia mais que dos Apóstolos. Pra dizer a verdade, o cara que eu mais gosto na Bíblia é aquele maluco que morava nos túmulos e vivia se cortando com as pedras. Gosto dez vezes mais daquele filho da mãe do que dos Apóstolos. Quando eu estudava no Colégio Whooton, discutia um bocado sobre isso com um garoto chamado Arthur Childs, que morava no fim do corredor. O tal do Childs era Quaker e tudo, e não largava a Bíblia. Era um bom menino e eu gostava dele, mas nunca chegamos a um acordo sobre uma porção de troços da Bíblia, principalmente os Apóstolos. Ele cansou de repetir que, se eu não gostava dos Apóstolos, então não gostava de Jesus nem nada. Se foram escolhidos por Jesus, a gente tinha que gostar deles. Eu respondia que sabia que tinha sido Jesus quem tinha escolhido, mas que a escolha tinha sido feita ao acaso, porque Ele não teve tempo de andar por aí analisando meio mundo. Eu não culpava Jesus nem nada. Ele não tinha culpa de não ter tido tempo. Me lembro que um dia eu perguntei ao tal de Childs se ele achava que Judas, o cara que traiu Jesus e tudo, tinha ido para o inferno depois que se suicidou. Childs respondeu que não tinha nem dúvida. Aí é que discordei dele. Eu disse que era capaz de apostar um milhão que Jesus não tinha mandado Judas para o inferno. Até hoje eu botava dinheiro, se tivesse um milhão. Acho que qualquer um dos Apóstolos teria mandado ele para o inferno - e o mais depressa possível - mas aposto qualquer coisa como Jesus não mandou. O tal de Childs disse que o problema comigo é que eu não ia à missa nem nada. De certo modo, ele tinha razão. Não vou mesmo. Em primeiro lugar, meus pais são de religiões diferentes e por isso nós lá em casa somos todos ateus. Pra falar a verdade, não suporto padre. Todos os que conheci, nas escolas por onde andei, tinham essa voz de juízo final quando faziam os sermões. Juro por Deus que detesto isso. Não sei por que diabo eles não falam com uma voz normal. E é por isso que soam tão cretinos quando falam.

De qualquer maneira, não consegui rezar droga nenhuma. Era só começar e me lembrava logo da tal Sunny me chamando de bobalhão. Acabei sentando na cama e fumando mais um cigarro. Estava com um gosto horrível. Acho que já tinha fumado uns dois maços desde que havia saído do Pencey.

Eu ainda estava sentado ali na cama, fumando, quando de repente alguém bateu na porta. Fiquei torcendo para que as pancadas não fossem na minha porta, mas sabia muito bem que eram. Não sei como é que eu sabia, mas o fato é que eu sabia. E também sabia quem era. Sou meio vidente.

- Quem é? - perguntei. Eu estava meio apavorado. Sou um bocado medroso para esse tipo de negócio.

Ninguém respondeu. Bateram de novo, com mais força. Acabei me levantando, só de pijama, e abri a porta. Nem precisei acender a luz, porque já era dia. Dei de cara com a Sunny e o Maurice, o cafetão do elevador.

- Quê que há? Quê que vocês querem? - perguntei com uma voz que não era lá das mais firmes.

- Pouca coisa - o tal de Maurice disse. - Só cinco dólares.

Maurice era o único a falar. A tal de Sunny só ficava lá em pé, de boca aberta e tudo.

- Já paguei. Dei cinco dólares a ela. Pode perguntar.

Puxa, como minha voz estava tremendo.

- São dez, chefe. Dez por uma bimbada e quinze até meio-dia. Eu te avisei.

- Não foi isso que você disse. Você disse cinco dólares por uma bimbada. Quinze até o meio-dia está certo, mas ouvi perfeitamente...

- Abre aí, chefe.

- Pra quê? - perguntei.

Puxa, meu coração batia tanto que por pouco não me derrubava no chão. Queria, pelo menos, estar vestido. É horrível a gente estar só de pijama quando acontece um troço desses.

- Vamos logo, chefe - Maurice disse. Aí me deu um empurrão, com aquela mão nojenta. Quase caí sentado. O filho da puta era forte pra burro. Quando dei por mim, os dois já estavam dentro do quarto. Pareciam até os donos daquela droga. Ela sentou no peitoril da janela. O Maurice sentou na poltrona e afrouxou o colarinho do uniforme de ascensorista. Puxa, como eu estava nervoso.

- Pronto, chefe, vai passando a nota. Tenho que voltar pro trabalho.

- Já disse mais de dez vezes. Não devo um centavo a ninguém. Já dei cinco a ela...

- Como é... Chega de conversa. Vai passando a nota.

- Por que é que eu tenho que te dar mais cinco dólares? - falei, com uma voz de cana rachada. - Você está querendo me tapear.

O tal do Maurice desabotoou a túnica, do primeiro ao último botão. A única coisa que ele tinha embaixo era um colarinho falso, sem camisa nem nada, e uma barrigona cabeluda.

- Ninguém tá querendo te tapear. Vai passando a nota, chefe.

- Não.

Quando disse isso, o Maurice se levantou da cadeira e começou a andar na minha direção e tudo. Parecia que ele estava muito, muito cansado, ou então muito, muito chateado. Puxa, que medão. Me lembro que eu estava de braços cruzados. Acho que não teria sido tão ruim se eu não estivesse só com a droga do pijama.

- Vai passando a nota, chefe.

Ele veio direto para onde eu estava. Não sabia dizer outra coisa. Era só: "Vai passando a nota, chefe". Era um imbecil total.

- Não.

- Chefe, você assim vai me obrigar a engrossar um pouco. Não queria fazer isso, mas tou vendo que não tem outro jeito. Você deve cinco dólares à gente.

- Não te devo nada. Se você me bater, vou fazer um barulhão danado. Vou acordar o hotel inteiro. Até a polícia e tudo.

Minha voz tremia feito uma filha da mãe.

- Então começa. Pode se esgoelar à vontade. Ótimo - ele falou. - Quer que seus velhos fiquem sabendo que você passou a noite com uma puta? Um garoto da alta sociedade, como você?

Ele era um bocado vivo, lá à moda dele. Era mesmo.

- Me deixa em paz. Se você tivesse dito dez ainda vá lá. Mas ouvi perfeitamente...

- Como é, vai dar ou não vai?

Me imprensou contra a porta. Estava praticamente em cima de mim, com aquela barrigona imunda e cabeluda e tudo.

- Me deixa em paz. Dá o fora do meu quarto - respondi. Eu continuava de braços cruzados e tudo. Puxa, como eu era trouxa.

Aí a Sunny falou pela primeira vez:

- Ô, Maurice, quer que eu apanhe a carteira dele? Está ali bem em cima daquele troço.

- Quero, apanha duma vez.

- Êi, deixa a minha carteira aí!

- Pronto, já peguei - Sunny disse. Ela acenou para mim com os cinco dólares. - Tá vendo? Tou tirando só os cinco que você me deve. Não sou nenhuma vigarista.

De repente, comecei a chorar. Dava tudo para não ter chorado, mas chorei.

- Não, vocês não são vigaristas, não - eu disse. - Só estão roubando cinco...

- Cala a boca - o tal do Maurice disse, me dando um empurrão.

- Deixa esse cara aí e vambora, anda - a Sunny disse. - Anda, vambora. Já tamos com a grana que ele deve. Vem, vambora, anda.

- Tou indo - disse o tal do Maurice. Mas não foi.

- Tou falando sério, Maurice, anda. Deixa ele pra lá.

- Nem tou tocando nele - disse o Maurice, inocente como um anjinho. Foi aí que ele me deu um peteleco com toda a força no meu pijama. Não vou dizer onde foi, mas o peteleco doeu pra chuchu. Eu aí chamei ele de imbecil.

- Quê que você disse? - ele perguntou, com a mão atrás da orelha, como se fosse surdo. - Que que é? O que é que eu sou?

Eu ainda estava mais ou menos chorando. Continuava nervoso é com raiva.

- Você é um idiota - falei. - Você é um vigarista dum imbecil nojento e não dou dois anos para ver você aí pela rua, igual a esses vagabundos raquíticos que atracam a gente pra pedir dinheiro prum café. Você vai andar com um paletó imundo, todo sujo de catarro, e vai ser um...

Aí ele me acertou. Nem tentei sair do caminho, ou me esquivar, nem nada. Só senti aquele murro tremendo no estômago.

Mas não desmaiei nem nada, porque me lembro que ainda estava no chão quando vi os dois saírem e fecharem a porta. Aí fiquei deitado uma porção de tempo, mais ou menos como aconteceu da outra vez com o Stradlater. Só que dessa vez pensei que ia morrer mesmo. No duro. Pensei que estivesse me afogando ou coisa parecida. O caso é que eu mal podia respirar. Quando afinal levantei, tive que ir até o banheiro todo dobrado, apertando a barriga e tudo.

Mas eu sou doido. Verdade. Juro por Deus. Na metade do caminho para o banheiro, comecei a fingir que estava com uma bala no bucho. O tal de Maurice tinha me chumbado. Por isso eu estava indo para o banheiro tomar uma bruta talagada de uísque ou coisa parecida, para acalmar os nervos e me ajudar a entrar mesmo em ação. Me imaginei saindo da porcaria do banheiro de terno e tudo, com minha pistola no bolso e cambaleando um pouco. Aí, em vez de usar o elevador, eu descia pela escada, me agarrando no corrimão e tudo, enquanto um filete de sangue escorria pelo canto da minha boca. Ia descer alguns andares - apertando a barriga, sangue pingando por todo lado - e aí chamava o elevador. Assim que o tal do Maurice abrisse a porta, dava de cara comigo, de pistola na mão, e ia começar a gritar, com aquela voz esganiçada de quem está apavorado, me pedindo para deixar ele em paz. Mas eu chumbava ele assim mesmo. Seis tiros bem no meio daquela barrigona cabeluda. Aí eu jogava a pistola no poço do elevador - depois de apagar as impressões digitais e tudo. Aí me arrastava escada acima até o quarto e chamava a Jane para vir fazer um curativo na minha barriga. Fiquei imaginando a Jane botando um cigarro aceso na minha boca e segurando para eu tragar, enquanto o sangue continuava a correr e tudo.

A culpa é da droga dos filmes de bandido. Por mais que a gente evite, acaba influenciado. Fora de brincadeira.

Fiquei no banheiro quase uma hora, tomando banho e tudo. Depois voltei para a cama. Levei muito tempo para dormir, não estava nem cansado, mas acabei pegando no sono. A vontade que tive foi de me matar: tive vontade de me atirar pela janela. Provavelmente teria pulado mesmo, se tivesse a certeza de que alguém ia me cobrir assim que eu me esborrachasse no chão. Não queria é que um bando de imbecis curiosos ficassem me olhando quando eu estivesse todo ensangüentado.

15

Dormi pouco, porque eram só umas dez horas quando acordei. Fumei um cigarro e logo depois senti uma fome desgraçada. Não tinha comido nada desde aqueles dois hamburgers com o Brossard e o Ackley, quando fomos ao cinema em Agerstown. Já fazia um bocado de tempo, parecia que tinha sido uns cinqüenta anos antes. O telefone estava pertinho de mim e tive vontade de pedir o café no quarto, mas fiquei com medo que mandassem o Maurice trazer. Para ser franco, não estava lá muito ansioso por vê-lo de novo. Por isso, fiquei rolando na cama algum tempo e acendi outro cigarro. Pensei em dar um telefonema para a Jane, para ver se ela já estava em casa e tudo, mas a idéia não chegou a me entusiasmar.

O que fiz foi ligar para a Sally Hayes. Ela estudava no Colégio Mary A. Woodruff e eu sabia que já devia ter voltado para casa, por causa da carta que eu tinha recebido umas duas semanas antes. Ela não me atraía muito, embora eu a conhecesse há anos. Antigamente eu achava a Sally muito inteligente, mas só de burro que eu sou. Só porque ela entendia de teatro, e peças, e literatura e todo esse negócio. Quando as pessoas sabem um bocado sobre essas coisas, a gente leva um tempão para descobrir se são burras ou não. No caso da Sally eu levei anos. Com certeza teria descoberto muito antes, se nós não tivéssemos namorado tanto. O meu problema é que eu sempre acho inteligente a pequena com quem estou me esfregando no momento. Uma coisa não tem droga nenhuma a ver com a outra, mas continuo pensando assim.

De qualquer maneira, liguei para a casa dela. Primeiro me respondeu a empregada. Depois o pai. Depois veio ela.

- Sally?

- Sim... Quem fala? - ela perguntou. Era uma cretinazinha de marca maior. Eu já tinha dito ao pai dela que era eu.

- É Holden Caulfield. Como vai?

- Holden! Vou bem, e você?

- Muito bem. Escuta. Como vai você? Quer dizer, como vai de colégio?

- Vou bem - ela disse. - Quer dizer, sabe como é, né?

- Ótimo. Bem, escuta aqui. Será que você tem algum compromisso para hoje? É domingo, mas sempre tem uma ou duas matinês no domingo. De caridade, ou coisa que o valha. Quer ir?

- Gostaria muito. Grande idéia. Magnífico!

Magnífico. Se há uma palavra que eu odeie é magnífico. É tão cretina. Por um segundo tive vontade de dizer que era melhor desistir da matinê. Mas batemos papo durante algum tempo. Isto é, ela bateu. Não consegui encaixar nem uma palavra. Primeiro me falou de um camarada de Harvard que andava doido atrás dela - um calouro, com certeza, mas é claro que isso ela não ia dizer. O cara telefonava dia e noite. Dia e noite - não agüento. Depois contou que outro cara, um cadete de West Point, também estava gamado por ela. Grande vantagem. Afinal, mandei que ela me encontrasse debaixo do relógio de Biltmore, às duas horas, e que não se atrasasse, porque a peça ia começar às duas e meia. Ela sempre se atrasava. Aí desliguei. Ela era chata pra burro, mas era um bocado bonita.

Depois de marcar o encontro, levantei, me vesti e arrumei a mala. Espiei pela janela antes de ir embora, para ver como iam os tarados, mas todas as venezianas estavam baixadas. Eram um padrão de decência pela manhã. Aí tomei o elevador e paguei a conta. Não vi o tal do Maurice em parte alguma. Claro que não me danei a procurar por ele, o filho da mãe.

Peguei um táxi na porta do hotel, mas não tinha a mínima idéia para onde ir. Não tinha mesmo para onde ir. Era domingo ainda e eu só podia ir para casa na quarta-feira. Ou, no mínimo, na terça. E, no duro mesmo, não estava com vontade nenhuma de me meter noutro hotel para me quebrarem a cara. Por isso, mandei o motorista me levar para a Estação Grand Central. Era juntinho do Biltmore, onde ia encontrar a Sally mais tarde, e calculei que o melhor era deixar as malas guardadas num daqueles armários de aço que a gente leva a chave, e depois, ir tomar café. Estava com fome. Enquanto o táxi seguia, tirei a carteira e mais ou menos contei o dinheiro que me sobrava. Não me lembro exatamente quanto tinha, mas não era nenhuma fortuna. Tinha jogado fora um dinheirão naquelas duas miseráveis semanas. Tinha mesmo. No fundo, eu sou um tremendo esbanjador. E o que não gasto, acabo perdendo. A maioria das vezes, até esqueço de apanhar meu troco nos restaurantes, buates e tudo. Meus pais ficam furiosos com isso e, afinal de contas, têm razão. Mas meu pai é bastante rico. Não sei quanto ele ganha - nunca conversamos sobre isso - mas sei que é um bocado. Ele é advogado de uma companhia. Esses camaradas faturam uma nota alta. Outra prova de que ele está muito bem de vida é que está sempre investindo em peças da Broadway. As peças sempre fracassam e minha mãe fica maluca quando ele faz isso. Desde que meu irmão Allie morreu ela não tem estado muito bem. É muito nervosa. Por isso também, por causa dela, é que fiquei meio chateado de ter levado bomba outra vez.

Depois de deixar minhas malas num armário da estação, entrei num barzinho e tomei café. Para mim foi um vastíssimo café - suco de laranja, bacon e ovos, torrada e café. Em geral, fico só no suco de laranja. Como muito pouco. Verdade mesmo. É por isso que sou tão esquelético. Eu devia fazer uma espécie de super-alimentação, para aumentar o peso e tudo, mas nunca fiz. Quando estou fora de casa, geralmente só como sanduíches de queijo e leite maltado. Não é muita coisa, mas o leite maltado tem um monte de vitaminas. H. V. Caulfield. Holden Vitamina Caulfield.

Enquanto comia meus ovos, entraram duas freiras, com valises e tudo - achei que estavam se mudando de convento ou coisa parecida e esperavam um trem -, e sentaram no balcão. Pareciam não saber que diabo fazer com as valises, por isso dei uma mãozinha. As valises eram daquelas baratas pra burro - das que não são

de couro de verdade nem nada. Isso não tem grande importância, eu sei, mas odeio ver alguém com essas malas ordinárias. É chato confessar, mas sou capaz de odiar alguém, só de olhar, se a pessoa estiver carregando umas valises iguais àquelas. Uma vez me aconteceu um troço enjoado. Foi quando eu estava no Elkton Hills e meu companheiro de quarto, um tal de Dick Slagle, tinha uma dessas malas muito vagabundas. Ele guardava a mala debaixo da cama e não no porta-malas, para que ninguém a visse junto das minhas. Isso me deprimia pra burro. Eu tinha vontade de jogar fora as minhas malas ou coisa parecida, ou até mesmo fazer uma troca com ele. Minhas malas tinham sido compradas numa loja de classe, eram de couro de bezerro e tudo mais, e acho que custaram um dinheirão. No fim, acabei escondendo também as minhas malas debaixo da minha cama, em vez de botá-las no porta-malas, para que o Slagle não ficasse com complexo de inferioridade. Sabe o quê que ele fez? No dia seguinte tirou minhas malas de baixo da minha cama e pôs tudo de novo no porta-malas. E fez isso - levei algum tempo para descobrir - porque queria dar a impressão a todo mundo de que as minhas malas eram dele. Queria mesmo. Era um sujeito gozado. Por exemplo, vivia falando sobre as minhas valises, que eram novas e burguesas demais. Essa era a palavra predileta dele. Tudo meu era burguês pra diabo. Até minha caneta-tinteiro era burguesa. Vivia pedindo a caneta emprestada, mas nem por isso ela deixava de ser burguesa. Só moramos juntos uns dois meses. Depois nós dois pedimos para mudar de quarto. O mais engraçado é que, depois da mudança, eu senti falta dele, porque o safado tinha um senso de humor infernal e, de vez em quando, nós nos divertíamos à bessa. Não me admiraria se ele também sentisse saudade de mim. No começo, ele chamava minhas coisas de burguesas só de brincadeira, e eu não dava bola. Achava até meio engraçado. Depois de algum tempo, ficou evidente que ele não estava mais brincando. O negócio é que é um bocado duro ser companheiro de quarto de um sujeito se as malas da gente são muito melhores que as dele - se as da gente são boas mesmo e as dele não. A gente ainda pensa que, se o outro é inteligente e tudo mais, e se tem senso de humor, não vai dar pelota para esse negócio das malas. Mas o fato é que dá. Dá mesmo. É por isso que fui morar com um filho da mãe imbecil feito o Stradlater. Pelo menos as malas dele eram tão boas quanto as minhas.

Afinal as duas freiras se sentaram ao meu lado e nós acabamos conversando. A que estava junto de mim carregava uma daquelas cestinhas em que as freiras e as donas do Exército da Salvação coletam dinheiro na época do Natal. Essas que a gente encontra pelas esquinas, principalmente na Quinta Avenida, em frente das grandes lojas e tudo. A cestinha da que estava ao meu lado caiu no chão e me abaixei para apanhar. Perguntei se ela estava recolhendo dinheiro para as obras de caridade e tal. Ela disse que não. Disse que a cesta tinha sobrado na hora de arrumar as malas e, por isso, a havia trazido na mão. Ela tinha um sorriso simpático quando olhava para a gente. Tinha um nariz grande e usava óculos, daqueles com uma espécie de aro de ferro, que não são lá muito elegantes, mas tinha uma cara bondosa pra chuchu.

- Se a senhora estivesse recolhendo dinheiro - falei - eu talvez pudesse fazer uma pequena contribuição. Ou então a senhora podia guardar o dinheiro para quando for a época.

- Oh, que bondade a sua - ela disse, e a outra, a amiga dela, olhou para mim.

A outra estava lendo um livrinho de capa preta enquanto bebia o café. Parecia uma Bíblia, mas era fininho demais. Mas era como uma Bíblia. As duas estavam tomando só café com torradas. Já isso me deprimiu. Odeio estar comendo bacon com ovos ou qualquer outra coisa, e ver outra pessoa tomar só café com torradas.

Elas acabaram aceitando uma contribuição de dez dólares. Ficaram perguntando se eu tinha certeza de que não ia me fazer falta e tudo. Eu disse que tinha bastante dinheiro, mas elas pareciam não acreditar muito. Mas acabaram aceitando o dinheiro. E continuaram a me agradecer tanto que chegava a encabular. Levei a conversa para assuntos gerais e perguntei para onde elas iam. Contaram que eram professoras e estavam chegando de Chicago para começar a ensinar num convento da rua 168 ou 186, uma daquelas ruas lá nos cafundós do Judas. A que estava sentada ao meu lado, com os óculos de aro de ferro, disse que ensinava inglês e a amiga dela ensinava história e política americana. E eu comecei a pensar o que é que aquela que estava ao meu lado e ensinava inglês devia pensar, sendo freira e tudo, quando lia certos livros como parte de seu trabalho de professora. Livros que não são só sobre esses troços de sexo, mas com estórias de amantes e tudo. Assim como a tal de Eustacia Vye, em "A Volta do Nativo", de Thomas Hardy. Embora o livro não tivesse sexo demais, a gente não pode deixar de imaginar o que é que uma freira pensa quando lê sobre a tal da Eustacia. Não falei nada, claro. Só disse que inglês era o meu forte.

- É mesmo? Ah, que bom! - falou a de óculos, que ensinava inglês. - Que foi que você leu este ano? Gostaria muito de saber.

Ela era boazinha mesmo.

- Bem, passamos quase o tempo todo nos Anglo-Saxões, Beowulf e Grendel e Lord Randal My Son, e tudo isso. Mas tivemos que ler alguns livros fora do currículo, para melhorar as notas. Eu li "A Volta do Nativo", de Thomas Hardy, e "Romeu e Julieta" e "Júlio..."

- Ah, "Romeu e Julieta"! Que beleza! Você não adorou?

Na verdade ela não falava muito como uma freira.

- Gostei. Gostei muito. De umas coisas eu não gostei, mas, no todo, achei muito comovente.

- De que não gostou? Lembra-se?

Para dizer a verdade, era meio esquisito falar com ela de "Romeu e Julieta". Quer dizer, a peça é meio cheia de sexo, em alguns pedaços, e ela era uma freira e tudo, mas ela perguntou, e por isso discuti um pouco o assunto.

- Bem, não sou maluco pelo Romeu e pela Julieta. Quer dizer, gosto deles, mas... sei lá. Às vezes os dois conseguem ser meio irritantes. Quer dizer, tive muito mais pena quando mataram o tal de Mercúrio do que quando Romeu e Julieta morreram. O negócio é que nunca simpatizei muito com o Romeu, depois que aquele outro homem, o primo de Julieta - como é mesmo o nome dele? - apunhalou o Mercúrio.

- Tebaldo.

- Isso mesmo. Tebaldo - repeti. Eu sempre esqueço o nome desse cara. - Foi culpa do Romeu. Quer dizer, o tal do Mercúrio era de quem, eu mais gostava na peça. Não sei. Eles eram bons, todos aqueles Montecchios e Capuletos - principalmente a Julieta - mas o Mercúrio era... É difícil explicar. Ele era esperto e divertido e tudo. O negócio é que fico danado quando alguém morre - principalmente alguém esperto e divertido e tudo - e por culpa de outro sujeito, ainda por cima. Pelo menos, com o Romeu e a Julieta foi culpa deles mesmos.

- Em que colégio você está? - ela perguntou. Provavelmente queria sair do assunto Romeu e Julieta.

Disse que estava no Pencey e ela conhecia o colégio. Ela disse que era muito bom. Deixei pra lá. Então a outra, a que ensinava história e política, disse que precisavam ir embora. Apanhei a conta delas, mas não deixaram que eu pagasse. A que usava óculos me fez devolver a nota.

- Você já foi muito generoso. Você é um rapaz muito distinto.

Ela era mesmo muito boazinha. Me fazia lembrar um pouco a mãe do tal Ernest Morrow, aquela que conheci no trem. Principalmente quando sorria.

- Gostamos muito de conversar com você - ela disse.

Falei que também tinha gostado muito de conversar com elas. E era verdade mesmo. E acho que ainda teria gostado mais se o tempo todo não estivesse preocupado com que, de repente, elas quisessem saber se eu era católico ou não. Os católicos estão sempre procurando descobrir se a gente é católico. Isso me acontece muito, em parte, eu sei, porque o meu sobrenome é irlandês, e quase todos os descendentes de irlandeses são católicos. Realmente, meu pai era católico. Mas abandonou a religião quando casou com minha mãe. Mas os católicos estão sempre querendo saber se a gente é católico, mesmo sem saber o sobrenome. No colégio Whooton, conheci um camarada católico, Louis Shaney. Foi o primeiro garoto que eu conheci lá. Nós estávamos sentados nas duas primeiras cadeiras, do lado de fora da droga da enfermaria, esperando a chamada para o exame médico e, não sei como, começamos a conversar sobre tênis. Ele se interessava por tênis e eu também. Ele me disse que nunca perdia o torneio de Forest Hills, e eu disse que também não perdia. Aí ficamos falando de alguns cobras durante algum tempo. Ele entendia um bocado de tênis, para um garoto da idade dele. Entendia mesmo. Aí, logo depois, bem no meio da droga da conversa, ele me perguntou:

- Você reparou, por acaso, onde fica a igreja católica aqui na cidade?

Acontece que, pelo jeito de falar, a gente via logo que o que ele queria mesmo era descobrir se eis era católico. Queria mesmo. Não porque ele tivesse preconceito religioso ou coisa parecida, mas só porque queria saber. Ele estava gostando da conversa sobre tênis, mas a gente via logo que ele ia gostar mais ainda se eu fosse católico e tudo. Esse negócio me deixa maluco. Isso não quer dizer que o troço tenha estragado a nossa conversa nem nada - não estragou, não - mas melhorar é que não melhorou. Por isso fiquei contente das duas freiras não me perguntarem se eu era católico. Não teria estragado a conversa, mas provavelmente ia tornar tudo diferente. Não que eu reprove os católicos. Não. Se eu fosse católico, com toda a certeza faria o mesmo. Mas, de certo modo, é parecido com o negócio das valises. O que eu quero dizer é que não contribui para tornar uma conversa agradável. É só isso.

Quando elas se levantaram para ir embora - as duas freiras - fiz uma coisa idiota, que me deixou um bocado sem jeito. Eu estava fumando e, quando levantei para me despedir, sem querer soprei fumaça no rosto delas. Não foi de propósito, mas soprei. Pedi um milhão de desculpas, e elas se mostraram muito educadas e boazinhas, mas assim mesmo fiquei encabulado.

Depois que foram embora, comecei a ficar arrependido de só ter dado dez dólares. Mas acontece que eu tinha aquele encontro com a Sally Hayes e precisava de dinheiro para comprar as entradas e tudo. Mas fiquei arrependido de qualquer maneira. Dinheiro é uma droga. Acaba sempre fazendo a gente se sentir triste pra burro.

16

Depois do café, como o meu encontro com a Sally era às duas horas e ainda não havia passado de meio-dia, resolvi dar um passeio a pé. Não conseguia parar de pensar nas duas freiras. Não me saía da cabeça aquela bolsa de palha surrada em que elas coletavam dinheiro quando não estavam dando aula. Tentei imaginar minha mãe ou outra pessoa, minha tia ou aquela doida da mãe da Sally Hayes, paradas na porta de uma grande loja, catando dinheiro numa cesta de palha. Era difícil. Minha mãe nem tanto, mas as outras duas... Minha tia é um bocado caridosa. Trabalha muito para a Cruz Vermelha e tudo. Mas ela anda sempre muito elegante, e toda vez que faz alguma caridade está sempre podre de chic, de baton e todos esses troços. Era impossível imaginá-la fazendo caridade sem pintura nem nada e toda vestida de preto. E a mãe da Sally Hayes! Puxa vida. Só via um jeito dela sair recolhendo dinheiro numa cesta: era se todo mundo ainda tivesse que fazer a maior reverência, se dobrar até o chão, cada vez que entregasse um donativo. Só botar o dinheiro na cesta e ir em frente, sem dizer nada, isso não bastava. Ela assim desistia em menos de uma hora. Ia ficar chateada, devolvia a cesta e se mandava para algum lugar elegante para almoçar. Era isso que eu apreciava naquelas freiras. A gente podia jurar que elas nunca tinham comido num lugar bacana. Só de pensar que nunca tinham posto os pés num lugar grã-fino para almoçar me deixou triste. Sabia que isso não tinha nenhuma importância, mas fiquei triste de qualquer maneira.

Comecei a andar na direção da Broadway, só de farra, porque fazia mais de um ano que eu não ia lá. Além disso, queria achar uma loja de discos aberta. Queria comprar para a Phoebe um disco chamado "Little Shirley Beans". Era um disco difícil de encontrar. Era a estória de uma menininha que não queria sair de casa porque dois dentes da frente tinham caído e ela tinha vergonha de sair assim. Foi no Pencey que eu ouvi esse disco. Quem tinha era um garoto que morava em outro andar. Fiz tudo para comprar dele, porque sabia que a Phoebe ia vibrar com o troço, mas o garoto não quis vender. O disco tinha sido gravado há uns vinte anos por uma cantora negra, a Estella Fletcher. Ela canta com muita bossa e num estilo de cabaré, sem nenhum sentimentalismo barato. Se fosse cantado por uma branca ia sair água com açúcar, mas a Estella Fletcher sabia o que estava fazendo, e o disco é um dos melhores que eu conheço. Minha idéia era comprá-lo, se achasse alguma loja aberta, e depois levá-lo para o parque. Era domingo, e quase todo domingo a Phoebe vai patinar lá. Conheço bem o roteiro dela.

Não estava tão frio quanto na véspera, mas o sol não havia aparecido e o dia não era dos mais agradáveis para se andar a pé. Mas vi uma coisa boa. Bem na minha frente caminhava uma família que, pelo jeito, estava vindo da igreja. O pai, a mãe e um garotinho de uns seis anos. Pareciam meio pobres. O pai estava usando um desses chapéus de feltro cinzento que o pessoal pobre usa quando quer ficar elegante. Ele e a mulher caminhavam despreocupados, conversando, sem ligar para o garoto. O guri era o máximo. Tinha descido da calçada e vinha andando pela rua, juntinho ao meio-fio. Fazia de conta que estava andando bem em cima de uma linha reta, como todos os meninos fazem, e cantarolava o tempo todo. Cheguei perto para ver se escutava o quê que ele estava cantando. Era aquela música "Se alguém agarra alguém atravessando o campo de centeio". A vozinha dele até que era afinada. Estava cantando só por cantar, via-se logo. Os carros passavam por ele zunindo, os freios rangiam em volta, os pais não davam a mínima bola para ele, e o menino continuava a andar colado ao meio-fio, cantando - "Se alguém agarra alguém atravessando o campo de centeio". Isso me fez sentir melhor. Deixei de me sentir tão deprimido.

A Broadway estava uma bagunça, de tanta gente. Era domingo, mais ou menos meio-dia, e já estava entupida de gente. Todo mundo estava indo para o cinema - Paramount, ou Astor, ou Capitol, ou qualquer droga parecida. Todo mundo estava enfatiotado, só porque era domingo, e isso ainda piorava a coisa. O pior mesmo de tudo é que a gente via logo que todo mundo queria ir ao cinema. Eu não conseguia nem olhar para aquela gente. Compreendo que uma pessoa vá ao cinema porque não tem nenhum programa melhor, mas ver alguém querendo mesmo ir, e até andar mais depressa para chegar logo lá, isso me deprime pra chuchu. Principalmente se vejo milhões de pessoas em pé numa dessas filas compridas como o diabo, de dar volta no quarteirão, esperando com a maior paciência sua vez de comprar a entrada e tudo. Puxa, eu só queria sair dali o mais depressa possível. Tive sorte. Encontrei o disco na primeira loja em que entrei. Pediram cinco

dólares, porque era muito raro, mas não me importei. Puxa, o troço me fez ficar feliz assim de repente. Mal podia esperar até chegar no parque e ver se a Phoebe estava por lá, para dar o disco a ela.

Quando saí da loja, passei por uma farmácia e resolvi entrar. Estava pensando em dar um telefonema para a Jane e saber se ela já tinha vindo de férias. Entrei numa cabine e disquei. O problema é que a mãe dela atendeu e desliguei depressa. Não estava com nenhuma vontade de me meter numa conversa comprida com ela. Não me entusiasmo muito com a idéia de ficar conversando pelo telefone com a mãe de garota nenhuma. Eu devia pelo menos ter perguntado se a Jane já estava em casa. Isso não ia me arrancar nenhum pedaço. Só que não estava com vontade. E a gente precisa estar com disposição para fazer um troço desses.

Ainda não tinha comprado a droga das entradas, por isso fui ver no jornal as peças em cartaz. Como era domingo e tudo, só três teatros estavam abertos. O que fiz foi comprar duas poltronas, na platéia, para "Conheço meu amor". Era um espetáculo de caridade ou coisa que o valha. Eu não tinha o menor interesse em ver a tal peça, mas conhecia bem a Sally, a rainha da cretinice, e tinha certeza de que ela ia se babar toda assim que soubesse onde é que nós íamos, porque os artistas eram os Lunts e tudo. Sally só gostava das peças consideradas muito sofisticadas e metidas a besta, com os Lunts e tudo. Eu, não. Para ser franco, não gosto muito de teatro. Não é tão ruim quanto o cinema, mas não é coisa que me faça vibrar. Pra começo de conversa, detesto os atores. Nunca se comportam como gente normal. Só pensam que se comportam. Alguns dos bons conseguem, mas ligeiramente, e de uma forma que não dá prazer de ver. E, se um ator é bom mesmo, a gente percebe logo que ele sabe que é bom, e isso estraga tudo. Sir Lawrence Olivier é um exemplo. Eu o vi trabalhar em "Hamlet". O D. B. me levou com a Phoebe, no ano passado. Primeiro nos levou para almoçar e depois fomos ver o filme. O D. B. já tinha visto uma vez e, pelo jeito que ele falou na hora do almoço, fiquei realmente ansioso para ver também. Mas não gostei muito. Não consigo descobrir o quê que é tão fabuloso em Sir Lawrence Olivier, só isso. Tem uma voz infernal e é um sujeito simpático pra diabo, e muito bom da gente olhar quando está andando ou duelando ou coisa parecida, mas não era nada parecido com a descrição que o D. B. tinha feito do Hamlet. Ele mais parecia uma porcaria dum general do que um camarada meio triste e confuso. A melhor parte do filme foi quando o irmão da tal Ofélia - aquele que trava um duelo com o Hamlet no final - estava de partida e o pai dele fica dando uma porção de conselhos. Enquanto o pai estava dando os maiores conselhos, a Ofélia estava fazendo uma hora bárbara com o irmão, tirando o punhal da bainha e implicando com ele, enquanto o cara faz uma força danada para parecer interessado nos assuntos do velho. Isso foi cem por cento e me divertiu pra burro. Mas não é o tipo da coisa que a gente vê muito por aí. A Phoebe só gostou de uma coisa, foi quando o Hamlet fez carinho na cabeça dum cachorrinho. Ela achou o troço engraçado e bonito, e era mesmo. Uma coisa que eu tenho que fazer é ler essa peça. o problema comigo é que sempre tenho de ler esses negócios sozinho, por conta própria. Se vejo um ator representando, mal consigo escutar direito. Fico preocupado, achando que ele vai fazer um troço cretino e falso a qualquer instante.

Com as entradas para os Lunts no bolso, tomei um táxi para o parque. Devia ter apanhado o metrô ou coisa parecida, porque estava começando a ficar curto de dinheiro, mas queria dar o fora da droga da Broadway o mais rápido possível.

Estava horrível no parque. O frio até que não era de matar, mas o sol não tinha saído ainda, e não parecia haver nada no parque a não ser bosta de cachorro e poças de cuspe e pontas de charutos dos velhos, e todos os bancos onde a gente ia sentar pareciam molhados. Além de deprimente, de vez em quando - e sem o menor motivo - a gente ficava todo arrepiado. Nem parecia que estava tão próximo do Natal. Não parecia que estava próximo de coisa nenhuma. Continuei a andar na direção da pista de patinação, que é onde a Phoebe costumava ficar. Ela gosta de patinar perto do coreto. Engraçado. É o mesmo lugar onde eu também gostava de patinar quando era garoto.

Mas neca da Phoebe quando cheguei lá. Havia uns meninos patinando e tudo, e dois deles jogavam bola, mas nada da Phoebe. Vi uma garota mais ou menos da idade dela, sentada sozinha num banco, apertando o patim. Pensei que talvez conhecesse a Phoebe e pudesse me dizer onde ela estava ou qualquer coisa assim, por isso fui me sentar no banco ao lado dela e perguntei:

- Por acaso você conhece a Phoebe Caulfield?

- Quem?

Ela estava vestida só com uma calça blue-jeans e uns vinte suéteres. Estava na cara que tinham sido feitos pela mãe dela, porque eram um bocado mal-ajambrados.

- Phoebe Caulfield. Ela mora na Rua Sessenta e Um. Está no quarto ano da...

- Você conhece a Phoebe?

- Conheço sim. Sou irmão dela. Sabe onde é que ela está?

- Ela é da classe de Miss Callon, não é? - perguntou.

- Não sei. Acho que é.
- Ela deve estar no museu. Nós fomos lá no sábado passado.
- Qual museu?
Ela sacudiu os ombros.
- Sei lá. O museu.
- Isso eu sei. O que eu estou perguntando é se é o museu que tem os quadros ou o que tem os índios.
- O que tem os índios.
- Obrigado - falei.
Me levantei e comecei a andar, mas aí me lembrei de repente que era domingo.
- Hoje é domingo - disse à menina.
Ela levantou os olhos para mim.
- Ah, é. Então ela não está lá.

Ela estava tendo um trabalhão dos diabos para apertar os patins. Não tinha luvas nem nada, e as mãos dela estavam vermelhas de frio. Dei-lhe uma ajuda. Puxa, fazia não sei quantos anos que eu não segurava uma chave de patins. Mas não estranhei nem um pouquinho. Sou capaz de apostar que, se puserem uma chave de patins na minha mão daqui a uns cinqüenta anos, e na maior escuridão do mundo, ainda sou capaz de dizer o quê que é. Ela me agradeceu e tudo quando acabei. Era uma garotinha muito simpática e bem educada. No juro, fico um bocado feliz quando uma criança sabe ser simpática e educada na hora em que eu acabo de apertar os patins dela ou coisa parecida. A maioria das crianças é assim. É mesmo. Perguntei se ela queria tomar um chocolate quente comigo ou outra coisa qualquer, mas ela disse que não, muito obrigada. Disse que tinha de se encontrar com uma amiguinha. Criança tem sempre um encontro marcado com algum amigo. Eu me esbaldo com isso.

Mesmo sendo domingo e já sabendo que a Phoebe não estava no museu - e apesar do tempo estar tão úmido e ruim - atravessei o parque a pé até lá. Era do Museu de História Natural que a menina tinha falado. Eu conhecia aquele museu como a palma de minha mão. Eu tinha sido da mesma escola da Phoebe, quando era garoto, e íamos muito lá. Tínhamos uma professora, a Miss Aigletinger, que nos levava lá quase todo sábado. Às vezes íamos ver os animais, outras vezes os troços feitos pelos índios nos tempos antigos. Cerâmica e cestas de palha e outros troços assim. Fico feliz só de me lembrar. Até hoje. Me lembro que, depois de olhar as coisas dos índios, a gente quase sempre ia ver um filme qualquer num auditório enorme. Colombo. Eles viviam mostrando à gente o Colombo descobrindo a América, e dando um duro danado para convencer o velho Fernando e a Isabel a emprestarem a grana para comprar os navios, e depois os motins da tripulação e tudo. Ninguém ligava muito para o pobre do Colombo, mas a gente sempre levava uma porção de balas e chicletes e outros troços, e o auditório tinha um cheiro muito gostoso. Sempre cheirava como se estivesse chovendo lá fora, mesmo quando não estava, e a gente se sentia como se estivesse no único lugar bonito, seco e gostoso do mundo. Eu adorava aquela droga daquele museu. Me lembro que a gente tinha que passar pelo Salão dos Índios para chegar ao auditório. Era um salão muito comprido e a gente só podia falar aos cochichos. A professora ia na frente, a turma atrás, formando duas colunas. Cada um de nós tinha um companheiro e eu quase sempre ficava ao lado de uma menina chamada Gertrudes Levine. Ela vivia o tempo todo segurando a mão da gente, e a mão dela era sempre pegajosa ou suada ou sei lá o quê. O chão era todo de pedra e, se a gente levava umas bolas de gude e deixava cair uma de repente, a danada saía quicando como o diabo pelo salão, fazendo um barulho infernal. Aí a professora parava o pessoal e voltava para ver o que é que estava acontecendo, mas nem por isso ficava zangada. Aí a gente passava por uma canoa de guerra dos índios, comprida pra chuchu, do tamanho de uns três cadilaques juntos, com uns vinte índios dentro - uns remando, outros sem fazer nada, fazendo pose de machão, mas todos com pintura de guerra. Lá atrás, sentado, tinha um cara estranho, com uma máscara de meter medo. Era o curandeiro. Ele me deixava arrepiado, mas eu até que gostava dele. Outra coisa: se a gente punha a mão num dos remos ou noutro troço qualquer, um dos guardas dizia logo:

- Não peguem em nada, crianças.

Mas sempre com uma voz simpática, não como uma droga dum tira nem nada.

Aí a gente passava por um baita dum mostruário, todo de vidro. Lá dentro, uns índios esfregavam paus para fazer fogo e uma índia tecia um cobertor. A índia que tecia o cobertor estava meio curvada e dava para a gente ver os seios dela e tudo. Todos nós dávamos uma olhada caprichada, até mesmo as meninas, porque elas ainda eram crianças e tinham tanto seio quanto qualquer um de nós. Aí, quase na porta do auditório, passava-se por um esquimó. Ele estava sentado perto de um buraco, cortado na superfície gelada de um lago, e pescava dentro dele. Bem na borda do buraco havia dois peixes que ele já tinha apanhado. Aquele museu estava cheio de mostruários de vidro. E tinha mais alguns lá em cima, com veados lá dentro bebendo água

nuns laguinhos pequenos, e os pássaros voando, para o sul no outono. Os pássaros que ficavam mais perto da gente eram empalhados e presos por arames, e os outros, mais longe, eram pintados na parede, mas todos davam mesmo a impressão de estar voando para o sul. E, se a gente se curvasse e olhasse bem de baixo para cima, parecia que eles estavam com mais pressa ainda de voar para o sul. Mas a melhor coisa do museu é que nada lá parecia mudar de posição. Ninguém se mexia. A gente podia ir lá cem mil vezes, e aquele esquimó ia estar sempre acabando de pescar os dois peixes, os pássaros iam estar ainda a caminho do sul, os veados matando a sede no laguinho, com suas galhadas e suas pernas finas tão bonitinhas, e a índia de peito de fora ainda ia estar tecendo o mesmo cobertor. Ninguém seria diferente. A única coisa diferente seríamos nós. Não que a gente tivesse envelhecido nem nada. Não era bem isso. A gente estaria diferente, só isso. Podia estar metido num sobretudo, dessa vez. Ou o outro garoto, companheiro de fila da visita anterior, não tinha vindo porque estava com caxumba e a gente teria outro companheiro. Ou então a substituta de Miss Aigletinger é que estaria levando a turma. Ou então a gente tinha ouvido o pai e a mãe da gente terem a maior briga no banheiro. Ou então a gente tinha acabado de passar, na rua, por uma poça d'água com um arco-íris de gasolina dentro dela. Quer dizer, a gente estaria diferente, de um jeito qualquer - não sei explicar direito, mas o negócio é assim mesmo. E, mesmo que eu soubesse, acho que não ia ter muita vontade de explicar.

Enquanto andava, fui tirando o chapéu de caça do bolso e pus na cabeça. Tinha certeza que não ia encontrar nenhum conhecido e estava uma umidade desgraçada. Andei e andei, e continuei pensando na Phoebe, indo todo sábado ao museu assim como eu ia antigamente. Fiquei pensando que ela ia ver todos aqueles troços que eu tinha visto antigamente, e que ela estaria diferente cada vez que fosse lá. Não cheguei a ficar deprimido de pensar nisso, mas não vou dizer que tenha ficado alegre como o diabo. Há coisas que deviam ficar do jeito que estão. A gente devia poder enfiá-las num daqueles mostruários enormes de vidro e deixá-las em paz. Sei que isso não é possível, mas é uma pena que não seja. De qualquer maneira, continuei a pensar em tudo isso enquanto ia andando.

Passei por um playground e parei para ver dois garotinhos bem pequenos numa gangorra. Um deles era meio gorducho, e eu quis dar uma ajuda ao magricela para ver se equilibrava o peso. Mas estava na cara que eles não me queriam por ali, por isso deixei os dois sozinhos.

Aí aconteceu uma coisa engraçada. Quando eu cheguei ao museu, de repente, senti que não entraria lá nem por um milhão de dólares. O museu simplesmente não me atraía - e ali fiquei eu, depois de ter atravessado toda a droga do parque, pensando em visitar de novo o museu e tudo. Se a Phoebe estivesse lá eu provavelmente ainda teria entrado, mas ela não estava. O que fiz foi tomar um táxi na frente do museu e seguir para o Biltmore. Já não tinha a mínima vontade de ir. Mas o fato é que tinha marcado aquela droga daquele encontro com a Sally.

17

Cheguei lá cedo demais e, por isso, me sentei num daqueles sofás de couro, bem pertinho do relógio do saguão, e fiquei olhando as garotas. Muita gente já tinha chegado de férias e acho que havia mais ou menos um milhão de pequenas por ali, sentadas ou em pé esperando os namorados. Garotas de pernas cruzadas, garotas de pernas descruzadas, garotas com pernas fabulosas, garotas com pernas pavorosas, garotas que pareciam boazinhas, garotas que, se a gente fosse conhecer, ia ver que eram umas safadas. Era realmente uma paisagem interessante. De certo modo, também era meio deprimente, porque a gente ficava pensando no que ia acontecer com todas elas. Quer dizer, depois que terminassem o ginásio e a faculdade. A maioria ia provavelmente casar com uns bobalhões. Esses sujeitos que vivem dizendo quantos quilômetros fazem com um litro de gasolina. Sujeitos que ficam doentes de raiva, igualzinho umas crianças, se perdem no golfe ou até mesmo num jogo besta como pingue-pongue. Sujeitos que são um bocado perversos. Sujeitos que nunca na vida abriram um livro. Sujeitos chatos pra burro. Mas é preciso ter cuidado com isso, com essa mania de chamar certos caras de chatos. Não entendo bem os chatos. Juro que não. No Elkton Hills, durante uns dois meses fui companheiro de quarto dum garoto, o Harris Macklin. Ele era muito inteligente e tudo, mas era um dos maiores chatos que já encontrei na minha vida. Tinha uma dessas vozes de taquara rachada e praticamente não parava nunca de falar. Não havia jeito de se calar, e o pior de tudo é que, em primeiro lugar, nunca dizia uma única coisa que a gente tivesse interesse em ouvir. Mas tinha uma coisa que ele fazia como ninguém: o filho da puta assoviava como gente grande. Ele ficava fazendo a cama ou pendurando seus trecos no armário - vivia pendurando alguma coisa no armário, me deixava maluco - e, quando não estava tagarelando com aquela voz de taquara rachada, ficava assoviando o tempo todo. Ele era capaz de assoviar até troços clássicos, mas

quase sempre assoviava músicas de jazz. Era capaz de pegar um negócio em como, por exemplo, "Tin Roof Blues", e assoviar tão fácil e bonito - sem parar de pendurar os trecos no armário - que deixava a gente doido. Claro que eu nunca disse a ele que o achava um assoviador fabuloso. Ninguém vai chegar junto de um cara e dizer: "Você é um assoviador fabuloso". Mas morei com ele uns dois meses, apesar de toda a chatura, só porque ele assoviava bem pra burro. Por isso, tenho minhas dúvidas quanto aos chatos. Talvez a gente não deva sentir tanta pena de ver uma garota legal se casar com um deles. A maioria não faz mal a ninguém e talvez, sem que a gente saiba, sejam todos uns assoviadores fabulosos ou coisa parecida. Nunca se sabe...

Afinal, avistei a Sally subindo a escada e comecei a descer para encontrá-la. Ela estava um estouro. No duro, mesmo. Estava com um casaco preto e uma espécie de boina preta. Ela quase nunca usava chapéu, mas aquela boina ficava cem por cento. O mais engraçado é que, na hora que a vi, me deu uma bruta vontade de casar com ela. Sou biruta. Nem ao menos gostava muito dela e, apesar disso, de repente, me senti como se estivesse apaixonado e quisesse casar com ela. Juro por Deus que sou biruta. Reconheço.

- Holden! - ela gritou. - Que bom te encontrar! Faz séculos que não nos vemos!

Ela tinha uma dessas vozes altas pra chuchu, que encabulam a gente. Podia dar-se ao luxo de fazer aquele escândalo porque era mesmo bonita pra cachorro, mas aquela maneira de falar sempre me aporrinhava.

- Que bom encontrar com você - falei. Era verdade mesmo. - Como vai você?

- Maravilhosamente bem. Estou atrasada?

Disse que não, mas, para falar a verdade, ela estava atrasada uns dez minutos. Mas eu estava pouco ligando para isso. Toda aquela besteira que vem nas piadas do "Saturday Evening Post" e tudo, mostrando uns caras esperando pela namorada na esquina, furiosos porque ela está atrasada - isso é tudo conversa fiada. Se uma garota está bonita quando chega, qual é o sujeito que vai se importar por causa do atraso? Ninguém se importa.

- É melhor a gente andar depressa - falei. - A peça começa às duas e quarenta.

Começamos a descer as escadas em direção ao ponto de táxis.

- O que é que nós vamos ver? - ela perguntou.

- Sei lá. Os Lunts. Só consegui arranjar entrada para eles.

- Os Lunts! Oh, que maravilhoso!

Tinha certeza que ela ia ficar maluca quando soubesse que ia ver os Lunts.

Ficamos nos esfregando um pouco no táxi, a caminho do teatro. No começo ela não queria, por causa do baton e tudo, mas eu estava sedutor pra diabo e ela não teve outra alternativa. Duas vezes, quando a porcaria do táxi teve que frear de repente, por causa do tráfego, por pouco não caí do assento. Essas drogas desses motoristas nunca olham por onde vão, palavra de honra. Aí, só mesmo de doido que eu sou, quando estávamos saindo dum apertão daqueles, eu disse a ela que estava apaixonado e tudo. Claro que era mentira, mas o caso é que eu estava sendo sincero na hora que falei. Sou louco mesmo. Juro que sou.

- Meu querido, também gosto muito de você - ela disse. E aí engrenou uma segunda: - Me promete que vai deixar teu cabelo crescer. Esse cabelo à escovinha está ficando fora de moda. E teu cabelo é tão bonito...

Bonito uma ova.

A peça não era tão ruim. Eu já tinha visto piores. Mas era meio morrinha. Era a estória de uns quinhentos mil anos na vida de um casal velho. Começa quando os dois são jovens e os pais da moça são contra o casamento, mas ela acaba mesmo casando com o cara. E aí eles vão envelhecendo. O marido vai para a guerra e a mulher tem um irmão que é porrista. Não consegui me interessar muito. Quer dizer, não dei muita bola quando morria alguém na família ou coisa que o valha. Eles eram apenas um bando de atores. O marido e a mulher até que formavam um casal simpático - os dois eram muito espirituosos e tudo - mas não consegui me interessar muito por eles. Em parte porque ficaram a peça inteirinha tomando chá ou coisa parecida. Toda vez que apareciam, lá vinha um mordomo empurrando um carrinho de chá para eles, ou então a mulher estava servindo chá a alguém. E todo o mundo estava sempre entrando ou saindo o tempo todo. A gente ficava tonto só de ver o pessoal se sentar e se levantar. O Alfred Lunt e a Lynn Fontanne faziam o papel do casal velho e trabalhavam muito bem, mas não gostei muito deles. Que eles eram diferentes, isso eram. Não agiam feito gente, mas não representavam como atores. É difícil de explicar. Agiam assim como se soubessem que eram famosos e tudo. Quer dizer, eram bons, mas eram bons demais. Quando um deles acabava de dizer sua parte, imediatamente o outro tratava de falar alguma coisa bem depressa. Queriam parecer gente de verdade, conversando e se interrompendo e tudo. Mas o problema é que pareciam demais com gente conversando e se interrompendo. Era um pouco como o Ernie tocando lá no Village. Se a gente faz uma coisa bem demais, aí, depois de algum tempo, se não tiver muito cuidado, começa a se exibir. E aí a gente deixa de ser bom de verdade. De qualquer modo, eles eram as únicas pessoas na peça - os Lunts, é claro - que pareciam ter algum miolo. Isso eu tenho que admitir.

No fim do primeiro ato, saímos com todos os outros trouxas para fumar um cigarro. Uma palhaçada completa. Nunca vi tanto cretino junto de uma vez só, todos fumando como umas chaminés e falando alto sobre a peça para que os outros vissem como eles eram inteligentes. O bestalhão de um artista de cinema estava fumando perto de nós. Não sei o nome dele, mas é o tal que faz sempre o papel dum cara que, na guerra, se borra todo de medo na hora de enfrentar o fogo. Estava com uma loura do barulho, e os dois estavam tentando bancar o blasé e tudo, como se não soubessem que todo mundo estava olhando para ele. Modesto pra burro. Me diverti um bocado com a estória. A Sally não falou muito, a não ser para se babar com os Lunts, porque estava ocupada em achar tudo bacana e em ser simpática. Aí, de repente, descobriu do outro lado do saguão um imbecil qualquer que ela conhecia. O cara estava de terno de flanela cinza-escuro e um desses coletes de xadrez. Completamente metido a besta. Crente que estava abafando. Ele estava encostado na parede, fumando pra chuchu, dando a impressão de que estava mortalmente aporrinhado. A Sally ficou repetindo: "Conheço aquele rapaz de algum lugar". Ela sempre conhecia alguém, em qualquer lugar que estivesse, ou pelo menos pensava que conhecia. Ficou repetindo tanto, que me enchi e disse:

- Se conhece, porque não vai até lá e dá um beijinho nele? Aposto que ele vai gostar.

Ela ficou furiosa comigo. Finalmente, o bobalhão nos viu e veio cumprimentá-la. Valia a pena ver os dois se cumprimentando. Parecia até que não se viam há uns vinte anos. Parecia até que os dois tomavam banho juntos, na mesma banheira, quando eram crianças. Velhos faixas. Era nojento. O mais engraçado é que eles, provavelmente, só se haviam encontrado uma única vez, em alguma festa cretina. Afinal, quando deram a baboseira por terminada, a Sally resolveu me apresentar. O nome do cara era George qualquer coisa - nem me lembro - e estudava no Andover. Grande coisa. Dava gosto ver a cara do sujeito quando a Sally pediu a opinião dele sobre a peça. Tratava-se de um desses cretinos que precisam de espaço quando começam a falar. Deu um passo para trás e pisou em cheio no pé de uma dona que estava bem ali. Acho que não sobrou um dedo inteiro no pé da infeliz. Disse que a peça em si não era nenhuma obra-prima, mas os Lunts, evidentemente, eram uns anjos. Anjos, pomba! Anjos. Era o fim. Aí, ele e a Sally começaram a falar de uma porção de gente que os dois conheciam. Era a conversa mais cretina do mundo. Ficavam pensando no nome dum lugar, o mais depressa que podiam, e então soltavam o nome de alguém que morava no tal lugar. Eu estava a ponto de vomitar quando chegou a hora de sentar outra vez. Estava mesmo. E então, quando acabou o segundo ato, os dois continuaram a tal conversa morrinha. Ficaram pensando em outros lugares e outros nomes de pessoas que moravam lá. Para piorar, o palhação tinha uma dessas vozes bem cretinas e pedantes, como se estivesse cansado pra burro. Parecia uma moça, com aquela voz de fresco. Mas o filho da mãe não teve o menor escrúpulo de se meter com minha pequena. Quando saímos do teatro pensei até que ele ia entrar conosco na droga do táxi, porque andou uns dois quarteirões com a gente, mas acabou dizendo que tinha de tomar uns drinques com uma turma de cretinos. Imaginei os caras sentados num bar, cada um metido numa droga dum colete xadrez, comentando peças, livros e mulheres com aquelas vozes cansadas e esnobes. Esses caras me enchem.

Quando tomamos o táxi, depois de ouvir aquele filho da mãe do Andover bem umas dez horas seguidas, eu já estava odiando a Sally. Estava decidido a levá-la para casa - estava mesmo - quando ela disse:

- Tenho uma idéia maravilhosa!

Ela vivia tendo idéias maravilhosas.

- Escuta. A que horas você precisa estar em casa para jantar? Você está com muita pressa? Tem hora certa para chegar em casa? - ela continuou.

- Eu? Não. Não tenho hora certa - respondi. Puxa, nunca falei uma coisa mais verdadeira na minha vida. - Por quê?

- Vamos patinar no gelo na Radio City?

Esse era o tipo de idéia maravilhosa que ela vivia tendo.

- Patinar na Radio City? Agora? Agorinha mesmo?

- Só uma hora, mais ou menos. Você não quer? Se não quiser...

- Não disse que não queria. Claro. Se você quer...

- Verdade? Não precisa dizer sim só para me agradar. Francamente, ir ou não ir é a mesmíssima coisa para mim.

A mesmíssima coisa uma ova.

- A gente pode alugar aqueles amores de saiotes de patinar - ela disse. - A Jeannette Cultz alugou um, na semana passada.

Era por isso que ela estava tão seca para ir. Estava louca para se ver num daqueles saiotinhos que mal dão para cobrir a bundinha e tudo.

E lá fomos nós. Depois que nos deram os patins, entregaram à Sally um saiotinho azul justíssimo. Para falar a verdade, ela ficou ótima com aquilo. E o pior é que ela sabia. Ficou o tempo todo andando na minha frente, para que eu visse como a bundinha dela era bonitinha. E era bonitinha mesmo. Confesso que era.

O mais gozado é que nós dois éramos os piores patinadores na droga do ringue. Mas os piores mesmo. E olha que tinha cada cara ruim... Os tornozelos da Sally se entortavam tanto que só faltavam encostar no gelo. Não só tinham uma aparência grotesca, mas também deviam estar doendo pra burro. Sei que os meus estavam. Os meus estavam acabando comigo. Nós devíamos estar uma gracinha. Para piorar ainda mais, tinha no mínimo uns duzentos desocupados sem nada de melhor para fazer do que ficar ali parados, vendo a gente cair uns por cima dos outros.

- Vamos sentar numa mesa lá dentro e tomar um troço qualquer? - perguntei finalmente.

- Foi a idéia mais maravilhosa que você teve hoje - ela disse. A infeliz estava se matando. Era de doer. Juro que tive pena dela.

Tiramos a porcaria dos patins e fomos para aquele bar onde a gente pode tomar uma bebida e espiar os patinadores, só de meias nos pés. Assim que sentamos, a Sally tirou as luvas e eu lhe dei um cigarro. Ela não estava com cara de muito feliz. Veio o garçon e eu pedi uma coca-cola para ela - ela não bebia - e um uísque com soda para mim, mas o sacana não quis trazer, e então eu pedi uma coca para mim também. Aí comecei a riscar fósforos. Eu faço muito isso, quando estou num certo estado de espírito. Deixo o fósforo queimar até eu não poder mais segurar, e então jogo no cinzeiro. É um tique nervoso.

Aí, de repente, sem mais nem menos, a Sally disse:

- Escuta, preciso saber de uma coisa. Você vem ou não vem me ajudar a arrumar a árvore de Natal? Preciso saber.

Estava sendo malcriada, ainda por causa dos tornozelos.

- Escrevi dizendo que ia. Você já me perguntou esse troço umas vinte vezes. Vou, sim, já disse.

- Preciso saber mesmo - ela falou.

Começou a olhar em volta da porcaria do salão. De repente, parei de acender fósforos e me debrucei sobre a mesa, na direção dela. Eu tinha uns assuntos na cachola.

- Êi, Sally - falei.

- O que é? - ela perguntou. Estava olhando para uma garota do outro lado da sala.

- Você já se sentiu alguma vez cheia de tudo? - perguntei. - Quer dizer, você alguma vez na vida já ficou com medo de que tudo vai dar errado, a menos que você faça alguma coisa? Quer dizer, você gosta do colégio e desse negócio todo?

- É uma chatice.

- Quer dizer, você detesta o colégio? Sei que é uma chatice, mas estou perguntando se você detesta mesmo.

- Bem, detestar mesmo, não detesto. Você vive sempre...

- Bom, eu odeio a escola. Pôxa, como detesto o troço - falei. - E não é só isso. É tudo. Detesto viver em Nova York e tudo. Táxis, ônibus da Avenida Madison, com os motoristas gritando sempre para a gente sair pela porta de trás, e ser apresentado a uns cretinos que chamam os Lunts de anjos, e subir e descer em elevadores quando a gente só quer sair, e os sujeitos ajustando as roupas da gente nas lojas, e as pessoas sempre...

- Não grita, por favor - Sally falou. O que era muito engraçado, porque eu nem estava gritando.

- Os carros, por exemplo - eu disse. E falei numa voz muito calma. - A maioria das pessoas, são todos malucos por carros. Ficam preocupados com um arranhãozinho neles, e estão sempre falando de quantos quilômetros fazem com um litro de gasolina e, mal acabam de comprar um carro novo, já estão pensando em trocar por outro mais novo ainda. Eu não gosto nem de carros velhos. Quer dizer, nem me interesso por eles. Eu preferia ter uma droga dum cavalo. Pelo menos o cavalo é humano, pôxa. Pelo menos, o cavalo você pode...

- Não sei nem de que é que você está falando. Você pula de uma coisa...

- Sabe de um troço? - perguntei. - Só estou agora aqui em Nova York por tua causa. Se você não estivesse por aqui, eu provavelmente estaria numa porcaria dum lugar qualquer, lá pro fim do mundo. No mato ou em qualquer outra droga de lugar. Praticamente só estou aqui por tua causa.

- Você é um amor - ela disse. Mas via-se que ela estava querendo que eu mudasse de assunto.

- Você devia ir a um colégio de rapazes, só pra ver. Experimenta só - falei. - Estão entupidos de cretinos, e você só faz estudar bastante para poder um dia comprar uma droga dum cadilaque, e você é obrigado a fingir que fica chateado se o time de futebol perder, e só faz falar de garotas e bebida e sexo o dia inteiro, e todo mundo forma uns grupinhos nojentos. Os caras do time de basquete formam um grupinho, os

camaradas que jogam bridge formam um grupinho. Até os que são sócios da porcaria do Clube do Livro formam um grupinho. Se você tenta bater um papo inteligente...

- Escuta aqui - ela disse. - Muitos rapazes encontram mais do que isso no colégio.

- Concordo! Concordo, alguns deles encontram mesmo. Mas eu só encontro isso. Compreendeu? Esse é que é o caso. É exatamente o meu problema. Não encontro praticamente nada em nada. Estou mal de vida. Estou péssimo.

- E está mesmo.

Aí, de repente, tive uma idéia.

- Olha aqui - falei. - Escuta a minha idéia. Que tal a gente dar o fora? Escuta só minha idéia. Conheço um camarada que mora lá em Greenwich Village que pode me emprestar o carro dele por uns quinze dias. Ele era meu colega na escola, até hoje me deve dez dólares. Podíamos fazer o seguinte: podíamos sair em direção a Massachusetts e Vermont, amanhã de manhã, e por aí tudo, sabe. É bonito pra burro por lá. É mesmo.

Quanto mais pensava no troço, mais excitado ficava, e cheguei a me esticar e pegar a droga da mão da Sally. Que idiota que eu era.

- Fora de brincadeira - continuei. - Tenho uns 180 dólares no banco. Posso tirar o dinheiro amanhã, quando o banco abrir, e então a gente vai e pega o carro dele. Fora de brincadeira. Vamos ficar numa daquelas casinhas de campo e tudo, até acabar o dinheiro. Aí então, quando terminar a grana, posso arranjar um emprego e nós vamos viver num lugar qualquer, com um riacho, e depois a gente pode se casar e tudo. Eu mesmo ia rachar a lenha no inverno. Palavra de honra, ia ser bom mesmo! Quê que você acha? Vambora! Que tal? Você vem comigo! Por favor!

- A gente não pode fazer uma coisa dessas - ela disse. Parecia danada da vida.

- Por que não? Por quê que não pode?

- Pára de gritar comigo, por favor - ela falou, mas era conversa, porque eu nem estava gritando com ela nem nada.

- Por quê que não pode? Hem? Por quê?

- Porque não pode, só por isso. Em primeiro lugar, praticamente ainda somos crianças. E você já parou para pensar no quê que ia acontecer se você não arranjasse um emprego quando o dinheiro acabasse? Íamos morrer de fome. Esse negócio todo é tão maluco, que nem é...

- Não vejo nada de maluco. Eu arranjava um emprego, não se preocupe com isso. Não precisa se preocupar com isso. Quê que há? Não quer ir comigo? Se não quiser, diz logo.

- Não é isso. Não é isso, absolutamente.

De certa maneira, eu já estava começando a ficar com raiva dela.

- Nós vamos ter um mundo de tempo para fazer essas coisas, todas essas coisas. Quer dizer, depois que você acabar a universidade e tudo, e se a gente se casar. Vai ter um mundo de lugares maravilhosos para a gente ir. Você está...

- Não, não vai ter mundo nenhum de lugares maravilhosos para a gente ir. Ia ser completamente diferente - falei. Estava começando novamente a ficar deprimido como o diabo.

- O quê? - ela perguntou. - Não estou ouvindo direito. Uma hora você grita, na outra você...

- Eu disse que não, que não vai ter lugar maravilhoso nenhum para se ir, depois que eu terminar a universidade e tudo. Vê se escuta direito. Ia ser completamente diferente. Teríamos que descer de elevador, com as malas e a tralha toda. Íamos ter que telefonar para todo mundo, dizendo "até à volta", e mandar cartões postais dos hotéis e tudo. E eu estaria trabalhando em algum escritório, ganhando um dinheirão, e indo para o trabalho de táxi ou nos ônibus da Avenida Madison, e lendo jornais, e jogando bridge o tempo todo, e indo ao cinema, e vendo uma porção de documentários idiotas e traillers e jornais. Jornais cinematográficos. Puxa vida. Tem sempre uma corrida de cavalos imbecil, e uma dona quebrando uma garrafa no casco de um navio, e um chipanzé andando numa droga duma bicicleta, vestido de calças. Não ia ser a mesma coisa nem um pouquinho. Você não entendeu nada do que eu falei.

- Talvez não! Talvez nem você também entenda - ela respondeu. Já estávamos um com raiva do outro. Estava na cara que não adiantava tentar uma conversa inteligente. Eu estava danado de ter começado o troço.

- Vamos, vambora daqui - falei. - Pra falar a verdade, você enche o meu saco.

Pôxa, ela foi bater lá no teto quando eu disse isso. Sei que não devia ter dito, e provavelmente não teria dito em outra situação, mas ela estava me fazendo ficar tremendamente deprimido. Em geral, nunca digo esse tipo de coisa a uma garota. Pôxa, ela subiu a serra. Eu me desculpei como um doido, mas ela não quis aceitar minhas desculpas. Estava até chorando. Isso me deixou meio apavorado, porque fiquei com medo que ela fosse para casa e contasse ao pai que eu tinha dito que ela enchia meu saco. O pai dela era um daqueles filhos

da mãe enormes e caladões, e nunca tinha ido muito com a minha cara. Ele uma vez disse a Sally que eu era muito barulhento.

- Fora de brincadeira. Me desculpe - eu continuava a repetir.

- Desculpe. Desculpe. É muito engraçado - ela disse. Ela ainda estava meio chorando e, de repente, acho que me senti arrependido mesmo de ter dito aquilo.

- Vambora. Vou te levar em casa. Fora de brincadeira.

- Sei ir pra casa sozinha, muito obrigada. Se pensa que vou deixar você me levar em casa, está louco. Nenhum rapaz nunca me disse isso em toda a minha vida.

Pensando bem, o negócio todo era de certo modo meio cômico e, de repente, fiz uma coisa que não devia ter feito. Ri. E eu tenho uma dessas gargalhadas imbecis, altas pra burro. Dessas assim que, se eu sentasse atrás de mim num cinema ou coisa parecida, eu provavelmente me debruçaria e diria a mim mesmo para fazer o favor de calar a boca. A Sally ficou ainda mais danada.

Fiquei por ali algum tempo, pedindo desculpas e tentando fazer com que ela me desculpasse, mas não houve jeito. Continuava a me dizer para ir embora e deixá-la em paz. Acabei fazendo isso mesmo. Fui lá dentro, apanhei meus sapatos e meus trecos, e fui embora sem ela. Não devia ter feito isso, mas nessas alturas eu já estava mesmo cheio.

Para ser franco, nem sei porque comecei aquela estória toda com ela. Quer dizer, aquele troço de ir para algum canto, para Massachusetts e Vermont e tudo. Provavelmente não a levaria comigo, nem que ela quisesse. Ela não era o tipo de garota que valesse a pena levar para um negócio daqueles. Mas o pior de tudo é que eu estava falando sério na hora que fiz o convite. Isso é que é o pior. Juro por Deus que sou maluco.

18

Quando saí do ringue de patinação me senti meio com fome, por isso entrei num bar e pedi um sanduíche de queijo e um leite maltado. Depois fui até o telefone público. Minha idéia era dar outro telefonema para a Jane e saber se ela já estava em casa. O caso é que eu estava mesmo com a noite inteira livre e pensei que, se ela estivesse em casa, podia levá-la para dançar ou qualquer outra coisa em algum lugar. Nunca tinha dançado com ela nem nada, desde que nos conhecemos. Uma vez a vi dançando e tive a impressão de que dançava muito bem. Foi num baile de 4 de julho, lá no clube. Naquele tempo eu ainda não a conhecia direito, e não achei um jeito de tirá-la para dançar. Ela estava com um cara horroroso, um tal de Al Pike, que estudava em Choate. Eu só conhecia o sujeito de vista, porque ele não arredava pé dali de perto da piscina. Usava uma dessas sungas brancas, justíssimas no corpo, e vivia se atirando do trampolim mais alto. Dava a mesma porcaria de mergulho o dia inteiro. Era o único que ele sabia dar, mas se achava o máximo. Só tinha músculos e nenhum miolo. De qualquer forma, ele é que era o par da Jane naquele baile. Não entendi o troço. Juro que não. Depois que começamos a, andar juntos, perguntei à Jane como é que ela agüentava sair com um sacana exibicionista feito o Al Pike. Respondeu-me que ele não era exibicionista e que tinha um complexo de inferioridade. Parecia estar mesmo com pena dele ou coisa que o valha, e não era fingimento, não. Estava falando sério. Isso é uma coisa engraçada com as garotas. Sempre que a gente fala com uma garota sobre algum camarada que é um perfeito sacana - um mau caráter ou muito mascarado e tudo - ela vai logo dizendo que o sujeito tem um complexo de inferioridade. Talvez tenha, mas isso não impede, na minha opinião, que o cara também seja um bom filho da puta. Garotas. A gente nunca sabe o que elas estão pensando. Uma vez combinei um encontro dum amigo meu com a companheira de quarto de uma tal de Roberta Walsh. O nome dele era Bob Robinson e ele tinha mesmo um complexo de inferioridade. A gente via logo que ele morria de vergonha dos velhos dele e tudo, porque eles falavam "a gente vamos" e "nós faz" e coisas assim, e não eram muito ricos. Mas ele não era nenhum sacana nem nada. Era muito boa praça. Mas a companheira de quarto da Roberta Walsh não foi com a cara dele. Disse à Roberta que ele era muito mascarado - e o motivo para achá-lo mascarado foi ele ter dito que era capitão do time de debates. Uma coisinha assim, e ela achou o sujeito convencido! O problema com as garotas é que, quando elas gostam de um camarada, por mais sacana que seja, dizem que ele tem um complexo de inferioridade, e, se não gostam dele, por melhor que o cara seja ou por maior que seja o seu complexo de inferioridade, chamam ele logo de mascarado. Até mesmo as garotas inteligentes fazem isso.

De qualquer maneira, liguei de novo para a casa da Jane, mas não respondiam e desisti. Aí tive que procurar no meu caderninho de endereços alguém que estivesse livre naquela noite. O diabo é que no meu caderno de endereços só tem uns três números: o da Jane, o do Sr. Antolini, que foi meu professor no Elkton

Hills, e o do escritório do meu pai. Sempre me esqueço de anotar nele os nomes das pessoas. Por isso, acabei telefonando mesmo para o Carl Luce. Ele se formou no Colégio Whooton depois que saí de lá. Era uns três anos mais velho do que eu, e não era nada simpático, mas era um desses camaradas intelectuais pra chuchu - tinha o QI mais alto de todo o colégio - e achei que talvez pudéssemos jantar juntos em algum lugar e ter uma conversinha um pouco intelectual. Às vezes ele dizia uns troços muito edificantes. Por isso, liguei para ele. Estava estudando agora na Universidade de Colúmbia, mas morava na Rua 65 e tudo, e eu tinha certeza de que ele estava em casa. Quando atendeu, disse que não podia jantar comigo, mas que me encontraria para um drinque, às dez horas, no Wicker Bar, na Rua 54. Acho que ficou muito surpreendido de eu ter telefonado para ele. Uma vez o chamei de cretino e bundudo.

Tinha muito tempo para matar até às dez horas, por isso acabei me metendo no cinema, na Radio City. Foi provavelmente o pior programa que eu podia ter arranjado, mas o troço era perto e não consegui pensar em coisa melhor.

Quando entrei, estava no meio do espetáculo de palco. As Roquetes estavam dando chutes para o alto, como fazem sempre que ficam em fila, com os braços passados pela cintura umas das outras. A platéia aplaudia loucamente, e um cara atrás de mim ficava repetindo o tempo todo para a mulher dele: "Isso é que é precisão!" Eu me esbaldava por dentro. Depois das Roquetes veio um camarada de patins, vestido a rigor, e começou a patinar por debaixo de uma porção de mesinhas, enquanto contava piadas. Patinava bem e tudo, mas não consegui gostar muito do troço porque fiquei imaginando o sujeito treinando para ser patinador de palco. Parecia tão idiota. Acho que eu é que não estava com o espírito para aquilo. Aí, depois dele, veio aquele negócio que eles fazem todos os anos na Radio City, na época do Natal. Aqueles anjos todos começam a sair das caixas e de todo canto, e vêm uns camaradas carregando crucifixos pelo palco, e a curriola toda - são milhares - começa a cantar "Vinde Todos, ó Fiéis!" como um bando de alucinados. Grande coisa. Dizem que é religioso pra diabo - eu sei - e muito bonito e tudo, mas não consigo ver nada de religioso ou bonito, pôxa, num bando de atores carregando crucifixos pelo palco afora. Quando acabaram e começaram a sair de novo, via-se logo que eles estavam loucos para fumar um cigarro ou coisa parecida. Eu tinha visto o troço no ano anterior com a Sally Hayes, e ela ficou dizendo como era lindo, as roupas e tudo. Eu disse que o velho Jesus com certeza ia vomitar se visse aquilo, aquelas fantasias e tudo mais. A Sally disse que eu era um ateu sacrílego. Vai ver que sou. Mas Jesus teria gostado mesmo era do sujeito que toca tambor na orquestra. Desde os oito anos venho observando esse cara. Meu irmão Allie e eu, quando estávamos com os nossos pais e tudo, saíamos das poltronas para vê-lo melhor, lá na frente. É o melhor tocador de tambor que eu já vi na minha vida. Ele só tem chance de tocar o troço umas duas vezes durante uma música inteira, mas nunca parece chateado quando não está tocando. E quando afinal bate no tambor, bate de um modo tão gostoso e suave, com aquela expressão nervosa no rosto. Uma vez, quando fomos a Washington com meu pai, o Allie mandou um cartão postal para ele, mas aposto que nunca chegou. Não sabíamos direito que nome íamos botar no envelope.

Depois que acabou o negócio do Natal começou a porcaria da fita. Era tão ruim que eu nem pude despregar os olhos da tela. Era sobre um camarada inglês, Alec qualquer coisa, que vai para a guerra e perde a memória no hospital e tudo. Depois sai do hospital de bengala e mancando por tudo quanto é lado, por Londres toda, sem saber quem é ou onde está. Na verdade, ele é um duque, mas não sabe de nada. Aí encontra num ônibus uma garota boazinha, caseira e sincera pra chuchu. A droga do chapéu dela voa e ele apanha e, depois que sobem, começam a conversar sobre Charles Dickens. É o escritor predileto dos dois e tudo. Ele está com o "Oliver Twist" debaixo do braço e ela também. Quase vomitei. De qualquer forma, se apaixonam de estalo, só porque os dois são tarados pelo Charles Dickens, e ele vai ajudá-la a dirigir uma editora. A moça é editora. Só que o negócio não está indo bem, porque o irmão dela é porrista e mete o pau no dinheiro todo. Era um camarada amargo pra diabo, o irmão; ele era médico, mas depois da guerra não podia mais operar porque ficou com os nervos em pandarecos. Por isso vivia enchendo a cara, mas era muito espirituoso e tudo mais. Seja como for, o tal do Alec escreve um livro, a moça publica e os dois ganham um caminhão de dinheiro. Estão com tudo pronto para casar, quando aí aparece uma tal de Márcia. A Márcia era noiva do Alec antes dele perder a memória, e o reconhece quando ele está na loja autografando o livro. Ela diz ao Alec que ele é Duque, mas ele não acredita e não quer ir com ela visitar a mãe dele e tudo. A velhinha é cega como um morcego. Mas a outra garota, que é muito simples, manda ele ir. Ela é muito altruísta e tudo mais. Aí ele vai. Mas nem assim recupera a memória, nem quando o cachorro dinamarquês pula em cima dele, e a mãe passa os dedos pelo rosto dele todo e traz o ursinho que ele carregava pra todo o lado quando era menino. Então, um dia, uns garotos estão jogando críquete no parque e ele leva uma bolada na cabeça. Aí, na mesma hora, ele recupera a droga da memória e vai lá dentro beijar a testa da mãe e tudo. E começa a ser um duque normal, e se esquece da garota boazinha que tem a editora. Eu podia contar o resto da estória, se não

me desse tanta vontade de vomitar. Não que eu fosse estragar o filme para ninguém nem nada. No duro, não há o que estragar. De qualquer forma, acaba com o Alec e a garota boazinha se casando, e o irmão que é porrista fica bom dos nervos e opera a mãe do Alec, restituindo-lhe a visão, e aí o irmão beberrão e a Márcia se apaixonam. Termina todo mundo numa baita mesa de jantar, rindo como uns idiotas porque o dinamarquês entra com uma ninhada de cachorrinhos. Acho que todo mundo pensava que o cachorro era macho ou qualquer droga parecida. Só sei dizer que, quem não quiser vomitar até morrer, não deve nem entrar no cinema quando estiver passando essa fita.

O que me impressionou é que, bem ao meu lado, tinha uma dona que chorou durante a droga do filme todo. Quanto mais cretinice acontecia, mais ela chorava. A gente podia pensar que ela estava chorando porque era bondosa pra cachorro, mas eu estava perto dela e sei que não era. Tinha um menininho com ela, chateado pra burro e com vontade de ir ao banheiro, mas ela não o levou de maneira nenhuma. Ficou o tempo todo dizendo para ele ficar sentado quieto e se comportar. Era tão bondosa quanto uma porcaria dum lobo. De cada dez pessoas que choram de se acabar com alguma cretinice no cinema, nove são, no fundo, uns bons sacanas. Fora de brincadeira.

Quando acabou o filme, fui andando até o Wickey Bar, onde tinha combinado encontrar com o Luce. Enquanto andava, fui pensando sobre a guerra e tudo. Esses filmes de guerra sempre me dão isso. Acho que não ia agüentar se tivesse que ir para a guerra. No duro que não agüentava. Não seria tão ruim se pegassem logo a gente e matassem ou coisa parecida, mas a gente tem que ficar um tempão na droga do exército. Esse é que é o problema. Meu irmão D. B. ficou no exército quatro anos. Esteve na guerra mesmo - participou do desembarque do dia D e tudo - mas acho que ele detestava mais o exército do que a própria guerra. Naquele tempo eu era praticamente uma criança, mas me lembro que, quando ele vinha para casa de licença e tudo, passava o tempo todo praticamente na cama. Quase que nem vinha na sala de visitas. Depois, quando seguiu para a Europa e para a guerra, não foi ferido nem nada, e nem teve que atirar em ninguém. O único troço que ele tinha que fazer era dirigir o dia inteiro o carro de combate de um general de araque. Uma vez ele disse a mim e ao Allie que, se tivesse de atirar em alguém, não ia saber para que lado apontar. Disse que o exército estava praticamente tão cheio de filhos da puta quanto os nazistas. Me lembro que uma vez o Allie perguntou a ele se até que não era bom ter estado na guerra, porque ele era escritor e assim teria um bocado de assunto para escrever. Ele mandou o Allie ir buscar a luva de beisebol dele e perguntou quem era o melhor poeta da guerra, se o Rupert Brooke ou a Emily Dickinson. O Allie respondeu que era a Emily Dickinson. Não entendo muito do assunto, porque não leio muito poesia, mas sei que eu ia ficar maluco se tivesse que ir para o exército e aturar, o tempo todo, a companhia de um bando de sujeitos como o Ackley, o Stradlater e o tal do Maurice, marchando com eles e tudo. Uma vez fui escoteiro, mais ou menos durante uma semana, e já não agüentava mais nem olhar para a nuca do camarada na minha frente. Os monitores ficavam o tempo todo mandando a gente olhar para a nuca do companheiro da frente. Juro que, se houver outra guerra, é melhor me pegarem logo e me botarem na frente de um pelotão de fuzilamento. Juro que não ia protestar. O que eu não entendo no D.B. é que ele, mesmo detestando tanto a guerra, me disse para ler "Adeus às Armas" nas últimas férias. Disse que o livro era o máximo. É isso que eu não entendo. Tinha no livro um sujeito chamado Tenente Henry que era considerado um bom sujeito e tudo. Não sei como o D.B. podia detestar tanto o exército e a guerra e tudo, e ao mesmo tempo gostar de um cretino daqueles. Não entendo, por exemplo, como ele pode gostar de um livro cretino daqueles e ainda gostar daquele do Ring Lardner, ou daquele outro que ele gostava pra chuchu, "O Grande Gatsby". O D. B. ficou ofendido quando eu disse isso e respondeu que eu era muito garoto e tudo para apreciar o livro, mas não concordo. Disse a ele que gostava do Ring Lardner e de "O Grande Gatsby" e tudo. Gostava mesmo. Eu era tarado pelo "O Grande Gatsby". O Gatsby velho de guerra - eu vibrava com ele. De qualquer maneira, até que achei bom eles terem inventado a bomba atômica. Se houver outra guerra, vou me sentar bem em cima da droga da bomba. E vou me apresentar como voluntário para fazer isso, juro por Deus que vou.

19

Quem mora em Nova York sabe que o Bar Wicker funciona no Hotel Seton, um hotel metido a grã-fino. Eu costumava ir muito lá, mas agora parei de ir. Fui deixando aos pouquinhos. É um desses lugares considerados muito sofisticados e tudo, e tinha cretinos aos montes. Havia duas belezocas francesas, Tina e Janine, que tocavam piano e cantavam umas três vezes por noite. Uma delas tocava piano - mal pra burro - e a

outra cantava, e a maioria das canções ou eram um bocado indecentes ou eram em francês. A que cantava, a tal de Janine, cochichava sempre na droga do microfone antes de começar a cantar:

- Agorra vamos lhes oferrecerr uma pequena amostrra do jeitinho frrancês. É a histórria de uma frrancesinha que vem parra uma cidade grrande, assim como Nova York, e se apaixona porr um rapazinho de Brronklyn. Esperramos que vocês aprreciem.

Aí, quando ela acabava de cochichar e de ser engraçadinha pra diabo, cantava uma canção boba, meio em inglês e meio em francês, e deixava completamente alucinados todos os cretinos que lotavam a casa. Se a gente ficasse um pouco por lá e ouvisse todos os cretinos aplaudindo e tudo, tinha que acabar odiando todo mundo que existe na terra, juro que tinha. O barman também era uma besta. Um esnobe tremendo. Só falava com a gente se fosse um cara importante pra burro, ou uma celebridade, ou coisa parecida. E se a gente fosse um cara importante ou uma celebridade ou coisa parecida, aí ele era ainda mais nojento. Ia até onde a gente estava e dizia, com um daqueles sorrisos encantadores, como se ele fosse um cara fabuloso, para os conheci,dos dele: "Então! Como vão as coisas em Connecticut?" ou então "Como vai a Flórida?". Era um lugar horrível, fora de brincadeira. Aos pouquinhos fui deixando de ir lá completamente.

Cheguei lá muito cedo, me sentei no bar - estava entupido de gente - e tomei uns dois uísques enquanto esperava o Luce. Fiquei em pé na hora de pedir os uísques, para eles verem meu tamanho e tudo, e não pensarem que eu era menor de idade. Aí fiquei espiando os cretinos. Um cara perto de mim estava dando a maior cantada na garota que estava com ele, dizendo que ela tinha mãos aristocráticas. Me esbaldei. Do outro lado do bar, só tinha veado. Até que não eram muito afrescalhados - quer dizer, não usavam os cabelos muito compridos nem nada - mas estava na cara que eram veados. Até que afinal o Luce apareceu.

O Luce velho de guerra. Que sujeito! Foi indicado para ser o meu conselheiro no Whooton. Mas a única coisa que fez o tempo todo, foi fazer conferências sobre sexo, altas horas da noite, quando uma turma grande se reunia no quarto dele. Entendia um bocado de sexo, principalmente de tarados e esse negócio todo. Estava sempre contando a estória de uns camaradas perturbados que tinham casos com ovelhas, e outros que andam com calcinhas de mulher costuradas no forro dos chapéus e tudo. E veados, e lésbicas. O safado do Luce conhecia todos os veados e lésbicas em atividade no território dos Estados Unidos. Bastava a gente dizer um nome - qualquer nome - e o Luce dizia se era veado ou não. Às vezes era difícil acreditar nas pessoas que ele dizia que eram veados e mulher macho e tudo, artistas de cinema e coisas assim. Alguns caras que ele dizia que eram veados eram até casados, pomba. A gente dizia para ele: "Quer dizer que o Joe Blow é veado? O Joe Blow? Aquele cara grandalhão e machão, que faz sempre o papel de gangster e de cowboy?" E o Luce respondia: "Lógico". Ele vivia falando "Lógico". Dizia que não tinha a menor importância o fato dum cara ser casado ou não, e que a metade dos sujeitos casados, no mundo inteiro, eram veados sem saber. Dizia que a gente podia virar fresco da noite pro dia, se tivesse as características e tudo. Deixava a gente apavorado. Eu ficava esperando virar veado ou coisa parecida. O engraçado no Luce é que eu achava ele próprio meio afrescalhado. Por exemplo, vivia dizendo: "Experimenta desse tamanho", e mexia com a gente quando encontrava no corredor. E, toda vez que íamos ao banheiro, ele sempre deixava a droga da porta aberta e ficava conversando, enquanto a gente escovava os dentes ou coisa que o valha. Esse tipo de negócio é meio aveadado. É mesmo. Conheci uma porção de veados de verdade, nos colégios e tudo, e eles estão sempre fazendo uns troços assim, e é por isso que sempre tive minhas dúvidas sobre o Luce. Mas era um cara um bocado inteligente. Era mesmo.

Ele nunca dizia "Como vai" ou coisa parecida quando encontrava com a gente. A primeira coisa que ele disse, assim que se sentou, foi que só podia ficar uns dois minutos. Disse que tinha um encontro. Aí pediu um martini seco. Mandou o barman fazer o troço bem seco mesmo, e sem azeitona.

- Êi, tenho um veado pra você - falei. - Lá no fim do bar. Não olha agora. Guardei ele pra você.

- Muito engraçadinho - ele disse. - O mesmo Caulfield de sempre. Quando é que você vai crescer, hem?

Eu o chateava pra burro. Chateava mesmo. Mas ele me divertia. Era um desses camaradas que me divertem um bocado.

- Como vai tua vida sexual? - perguntei. Ele detestava que a gente perguntasse uns troços assim.

- Calma - ele falou. - Puxa, senta bonitinho e fica calmo.

- Estou calmo - respondi. - Como vai a Colúmbia? Tá gostando de lá?

- Lógico que gosto. Se não gostasse não teria ido estudar lá - respondeu. De vez em quando ele também sabia ser chato.

- Em quê que você vai se especializar? Tarados?

Eu estava só fazendo hora.

- E você, está tentando o quê? Ser engraçado?

- Não. Estou só brincando - respondi. - Escuta aqui, Luce. Você é um desses caras intelectuais. Preciso de seu conselho. Estou numa atrapalhada...

- Escute, Caulfield - ele falou, e parecia mais um gemido. - Se você quer se sentar aqui para uns drinques quieto e tranqüilo, e uma conversa quieta e tran...

- Está bem. Está bem - falei. - Calminha.

Estava na cara que ele não queria discutir nada sério comigo. É isso que me chateia nesses caras intelectuais. Não querem nunca discutir troços sérios, a não ser quando eles estão com vontade. Por isso, puxei uma conversa sobre assuntos gerais.

- Sem brincadeira, como vai a tua vida sexual? - perguntei. - Você ainda continua com aquele broto dos tempos do Whooton? Aquela com uma tremenda...

- Puxa vida, lógico que não.

- Por quê? Quê que houve com ela?

- Não tenho a menor idéia. Já que você pergunta, pelo que sei, nessas alturas ela deve ser a Puta de New Hampshire.

- Não fica nada bem você falar um troço desses. Se ela foi bastante legal para te deixar tirar casquinha dela quando queria, você pelo menos não devia falar assim dela.

- Ora, faça-me o favor! Será que vamos ter uma típica conversa à la Caulfield? Quero saber, agorinha mesmo.

- Não - respondi. - Mas, de qualquer modo, não fica nada bem. Se ela foi bastante legal e boazinha a ponto de deixar você...

- Será que nós vamos ter de manter esse abominável tipo de conversa?

Não falei nada. Fiquei com medo que ele se levantasse e fosse embora se eu não calasse a boca. Em vez de falar, pedi mais um uísque. Estava com vontade de tomar um pileque homérico.

- Com quem você está andando agora? Se é que você quer me contar...

- Não é ninguém que você conheça.

- Sei, mas quem é? Talvez eu conheça.

- Uma pequena que mora no Village. Escultora, já que você precisa saber.

- É mesmo? Sério? Quantos anos ela tem?

- Ah, pelo amor de Deus, nunca perguntei isso a ela.

- Mas que idade você calcula?

- Acho que pelos trinta e muitos.

- Trinta e muitos? É mesmo? E você tá gostando? Gosta de mulher dessa idade?

Fiz essa pergunta porque ele entendia mesmo um bocado de sexo. Era um dos poucos sujeitos que eu conheço que entende pra valer do troço. Ele perdeu a virgindade quando tinha só quatorze anos, em Nantucket. Verdade mesmo.

- Gosto de pessoas maduras, se é isso que você quer saber. Lógico.

- Gosta mesmo? Por quê? No duro, são melhores para esse troço de sexo e tudo?

- Escuta. Vamos deixar uma coisa bem clara. Me recuso a responder qualquer pergunta do tipo Caulfield. Que droga, quando é que você vai crescer?

Fiquei algum tempo calado. Deixei o assunto um pouco de lado. Aí o Luce pediu outro martini e mandou o barman preparar ainda mais seco.

- Escuta, há quanto tempo você anda com essa pequena, a escultora? - perguntei. Estava mesmo interessado. - Você já conhecia ela quando estava no Whooton?

- Era difícil. Ela chegou aos Estados Unidos há alguns meses apenas.

- É mesmo? De onde é que ela é?

- Acontece que ela é de Xangai.

- Sério? Ela é chinesa? No duro, mesmo?

- Lógico.

- Não brinca. Você gosta disso? Dela ser chinesa?

- Claro.

- Por quê? Gostaria de saber... Gostaria mesmo.

- Já que você pergunta, acontece simplesmente que eu acho filosofia oriental mais satisfatória do que a ocidental.

- Acha mesmo? O quê que você quer dizer com filosofia? Sexo e tudo? Você acha que é melhor na China? É isso que você quer dizer?

- Não necessariamente na China, pôxa. Eu disse oriental. Será que precisamos mesmo continuar com essa conversa inútil?

- Escuta, tou falando sério - eu disse. - Sem brincadeira. Por quê que é melhor no Oriente?

- Olha, o negócio é muito complicado para se entrar nele assim de repente - respondeu. - Acontece simplesmente que eles consideram o sexo como uma experiência ao mesmo tempo física e espiritual. Se você pensa que eu...

- Eu também! Eu também considero o sexo como uma... como-é-mesmo?... uma experiência ao mesmo tempo física e espiritual. Considero mesmo. Mas depende da droga da pessoa com quem eu estou fazendo o troço. Se é com alguém que nem...

- Fala mais baixo, por favor, Caulfield. Se você não consegue falar baixo, vamos mudar de...

- Tá bem, mas escuta - falei. Eu estava ficando excitado e estava mesmo falando um pouco alto. Às vezes falo um pouco alto quando fico excitado. - Mas o que estou querendo dizer é o seguinte, sei que deve ser físico e espiritual, e artístico e tudo. Mas o negócio é que a gente não pode fazer o troço com todo mundo - toda garota com quem a gente se esfrega e tudo - e conseguir esse resultado. Você consegue?

- Vamos mudar de assunto - ele disse. - Você se importa?

- Está bem, mas escuta. Pega por exemplo o teu caso com essa pequena chinesa. O quê que é tão bom entre vocês dois?

- Chega, já falei.

Concordo que estava começando a me intrometer muito na vida dele. Mas isso era uma das coisas irritantes no Luce. Quando estávamos no Whooton, ele exigia uma descrição dos troços mais íntimos que tinham acontecido com a gente, mas, se a gente começava a fazer perguntas sobre ele, aí ficava aborrecido. Esses camaradas intelectuais não gostam de ter uma conversa intelectual com ninguém, a não ser que estejam controlando a coisa toda. Querem sempre que a gente se cale quando eles se calam, e volte para o quarto quando eles voltam para os quartos deles. No Whooton, o Luce ficava uma fera - a gente via logo que ficava - quando ele acabava mais uma de suas conferências sobre sexo para um bando de caras no quarto dele, e nós ainda resolvíamos esticar o papo mais um pouco. Quer dizer, eu e alguns colegas. No quarto de outra pessoa. O Luce ficava tinindo de raiva. Queria que todo mundo voltasse para seus próprios quartos e calasse a boca depois que ele acabava de deitar falação. Ele tinha era medo de que alguém dissesse alguma coisa mais inteligente do que ele. Ele me divertia um bocado.

- Acho que vou para a China. Minha vida sexual é uma porcaria - falei.

- Naturalmente. Sua mente é imatura.

- É. É mesmo. Sei que é - falei. - Sabe qual é o problema comigo? Não consigo nunca ficar excitado - excitado mesmo - com uma garota de quem eu não goste muito. Você entende, tenho que gostar dela um bocado. Se não gosto, perco a droga do desejo por ela e tudo. Puxa, isso arrasa com a minha vida sexual. Minha vida sexual é um nojo.

- Naturalmente que é, ora essa. Da última vez que estivemos juntos eu te disse o que é que você precisa.

- Aquele troço de ir a um psicanalista e tudo? - perguntei. Era isso que ele tinha dito que eu precisava. O pai dele era psicanalista.

- O problema é teu, essa é boa. Não tenho nada a ver com o que você vai fazer da tua vida.

Fiquei sem dizer nada durante algum tempo. Estava pensando.

- Suponhamos que eu fosse falar com o teu pai e ele me psicanalisasse e tudo. Como é que ia ser? Quer dizer, o que é que ele ia fazer comigo?

- Não ia fazer nada com você. Apenas ia falar com você, e você ia falar com ele. Uma coisa é certa, ele ia te ajudar a reconhecer teus padrões mentais.

- Reconhecer o quê?

- Teus padrões mentais. A mente humana funciona... Escuta. Não vou te dar nenhum curso de psicanálise elementar. Se você está interessado, telefona para ele e marca uma consulta. Se não está, não telefona. Francamente, a mim pouco me importa.

Pus a mão no ombro dele. Puxa, ele me divertia.

- Você é um sacana um bocado simpático - falei. - Você sabe disso?

Ele estava olhando o relógio.

- Tenho que me arrancar - ele disse, e se levantou. - Foi um prazer te encontrar.

Chamou o barman e pediu a conta.

- Escuta - perguntei antes dele ir embora - teu pai já te psicanalisou?

- A mim? Por que é que você quer saber?

- Por nada. Só pra saber. Ele já fez psicanálise em você?

- Psicanálise, propriamente, não. Ele me ajudou a me ajustar, até certo ponto, mas não foi preciso uma psicanálise completa. Por quê que você perguntou isso?

- Por nada. Estava só pensando.

- Tá bom. Te cuida - ele disse.

Deixou a gorjeta e tudo, e já ia saindo.

- Toma mais um drinque - falei. - Faz favor. Estou me sentindo sozinho pra diabo. Sem brincadeira.

Mas ele disse que não podia ficar. Disse que estava atrasado e foi embora.

O safado do Luce. Pra falar a verdade, ele me enchia o saco, mas tinha realmente um bom vocabulário. Quando estávamos no Whooton, o Luce era o sujeito que tinha o maior vocabulário. Foi o primeiro colocado num teste que houve.

20

Continuei sentado ali, enchendo a cara, enquanto esperava que a Tina e a Janine viessem fazer o número delas, mas as duas não trabalhavam mais lá. Um cara com pinta de veado e cabelo ondulado tocou um pouco de piano, e depois apareceu a nova cantora, uma tal de Valência. Era bem ruinzinha, mas mesmo assim era melhor do que a Tina e a Janine. Pelo menos cantava umas músicas bonitas. O piano era bem ao lado do bar, onde eu estava sentado e tudo, e a Valência cantava praticamente junto de mim. Joguei-lhe um olhar de mormaço, mas ela fingiu que nem me via. Acho que normalmente não teria dado bola para ela, mas eu já estava num tremendo pileque. Mal acabou de cantar, ela deu o fora tão depressa que nem pude convidá-la para um drinque comigo, por isso chamei o garçon. Mandei-o perguntar à Valência se ela gostaria de tomar um drinque comigo. Ele disse que ia, mas acho que nem deu meu recado. Esse pessoal nunca dá os recados da gente a ninguém.

Puxa, fiquei sentado naquela droga daquele bar até mais ou menos uma hora, bebendo como uma esponja. Já nem enxergava mais direito. Mas tomei o maior cuidado para não dar nenhum vexame nem nada. Não queria que ninguém notasse e viesse a perguntar a minha idade. Mas, pôxa, não via um palmo adiante do nariz. Quando fiquei de porre mesmo, comecei novamente com aquela estória imbecil de que estava com uma bala na barriga. Eu era o único sujeito no bar com uma bala no bucho. Fiquei botando a mão debaixo do paletó, em cima do estômago, para evitar que pingasse sangue pelo chão todo. Não queria que ninguém soubesse nem que eu estava ferido. Tinha que ocultar aquilo de qualquer maneira. Afinal, me deu vontade de bater um fio para a Jane e ver se ela já estava em casa. Aí paguei minha conta e tudo, e fui até à cabine telefônica. Continuei com a mão embaixo do paletó para impedir que o sangue pingasse pelo chão. Puxa, que porre!

Mas, quando entrei na cabine, já estava quase sem vontade de falar com Jane. Acho que estava bêbado demais. Em vez disso, telefonei mesmo para a Sally Hayes.

Tive de discar umas vinte vezes até acertar. Eu mal enxergava os números.

- Alô - falei, quando alguém atendeu a porcaria do telefone. Acho que estava gritando, de tão bêbado.

- Quem fala? - perguntou uma voz de mulher, fria pra burro.

- Sou eu. Holden Caulfield. Quero falar com a Sally, por favor.

- Sally está dormindo. Aqui é a avó dela. Isso é hora de telefonar, Holden? Sabe que horas são?

- Sei sim. Quero falar com a Sally. É um troço importante. Chama ela aí, tá?

- A Sally está dormindo, mocinho. Telefone amanhã. Boa noite.

- Acorda ela! Quê que há? Acorda ela!

De repente ouvi uma voz diferente.

- Holden, sou eu - falaram do outro lado. Era a Sally. - Que estória é essa?

- Sally? É você?

- Sou... pára de gritar. Você está bêbado?

- Tou sim. Escuta. Escuta aqui. Pode contar comigo na véspera de Natal, tá bem? Vou enfeitar a droga da árvore pra você. Tá? Hem, Sally, tá bem?

- Está bem. Você está bêbado. Agora vai se deitar. Onde é que você está? Quem é que está aí?

- Ninguém. Eu e eu mesmo - respondi. Puxa, que pileque! Ainda estava até segurando as tripas. - Eles me pegaram. A gang do Rocky me apanhou. Sabe disso, Sally? Sabe?

- Não estou conseguindo te ouvir. Vai para a cama agora. Tenho que desligar. Me telefona amanhã.

- Êi, Sally! Quer que eu vá enfeitar tua árvore? Quer que eu vá enfeitar a tua árvore? Quer que eu vá? Hem?

- Quero. Até amanhã. Vai para casa dormir.

Desligou na minha cara.

- Té amanhã. Té amanhã, Sallyzinha. Sally, amoreco querido.

Eu estava mesmo na maior água. Desliguei também. Imaginei que ela devia estar chegando em casa, de volta de algum encontro. Podia imaginá-la em algum lugar com os Lunts e tudo, e aquele bestalhão do Andover. Todos eles nadando num bule de chá, e dizendo umas besteiras sofisticadas, e sendo muito encantadores e cretinos. Me arrependi tremendamente de ter telefonado para ela. Só faço burrada quando estou de pileque.

Continuei um tempão na cabine telefônica, meio agarrado no telefone para não desabar no chão. Para dizer a verdade, não estava me sentindo lá muito bem. Mas acabei saindo e fui para o banheiro, cambaleando como um filho da mãe, e enchi de água fria uma das pias. Aí mergulhei a cabeça na água, até as orelhas. Nem me preocupei de enxugar a cabeça nem nada, deixei a porcaria da água escorrer à vontade. Aí fui até o aquecedor junto à janela e me sentei nele. Estava quentinho. Me senti bem pra chuchu, porque a essa altura eu já estava tremendo de frio. É uma coisa engraçada, fico sempre tremendo como uma besta quando estou de porre.

Não tinha mesmo nada para fazer, por isso fui ficando por ali, sentado no aquecedor, contando os quadradinhos brancos no chão. Estava ficando ensopado. Uns cinco litros de água escorriam pelo meu pescoço, empapavam o colarinho, a gravata e tudo, mas eu nem dava bola. Estava bêbado demais para dar bola. Aí, aquele cara que acompanhava a Valência ao piano, o tal de cabelo ondulado e pinta de fresco, entrou no banheiro para pentear suas madeixas douradas. Batemos um papinho enquanto ele se penteava. Só que o cara não era lá muito de conversa.

- Escuta aqui, você vai ver aquela garota, Valência, quando voltar para o bar?

- É muito provável - respondeu. Sacana engraçadinho. Vivo encontrando esses filhos da mãe metidos a espertinhos.

- Escuta. Diz a ela que eu mandei meus parabéns. Pergunta a ela se a porcaria do garçon deu o meu recado, tá?

- Por quê que você não vai para casa, hem, meu chapa? E, por falar nisso, quantos anos você tem?

- Oitenta e seis. Escuta. Dá a ela meus parabéns, tá?

- Por quê que você não vai para casa, bem?

- Fazer o quê? Puxa, você toca um bocado de piano - falei. Era só para agradar o safado. Pra dizer a verdade, ele tocava piano como a cara dele. - Você devia tocar no rádio. Um camarada boa pinta como você, com todas essas ondas douradas... Tá precisando de um empresário?

- Vai para casa, meu chapa, que é o melhor que você faz. Vai pra casa e se mete na cama.

- Não tenho casa para ir. Fora de brincadeira, você está precisando de um empresário?

Nem me respondeu. Foi embora. Tinha acabado de pentear e alisar o cabelo e tudo, aí saiu. Igualzinho ao Stradlater. Esses sujeitos bonitões são todos iguais. É só acabarem de pentear a droga do cabelo, e dão o fora na gente.

Afinal, quando resolvi descer do aquecedor e ir ao vestiário, estava chorando e tudo. Não sei por quê, mas estava. Acho que era porque estava me sentindo tão deprimido e sozinho. Aí, quando cheguei no vestiário, não consegui encontrar a droga da ficha. Mas a dona que tomava conta de lá era muito boazinha e me deu o sobretudo assim mesmo. E o disco "Little Shirley Beans", que ainda estava comigo. Dei um dólar a ela, porque tinha sido tão boazinha, mas ela não quis aceitar. Ficou dizendo que eu devia ir para casa dormir. Tentei marcar um encontro, quando ela largasse o trabalho, mas não topou. Disse que tinha idade para ser minha mãe e tudo. Mostrei os meus cabelos brancos e falei que tinha quarenta e dois anos - só de brincadeira, é claro. Mas ela era boazinha. Mostrei também a droga do meu chapéu vermelho de caça, e ela gostou dele. Me obrigou a pôr o chapéu na cabeça antes de sair, porque o meu cabelo ainda estava um bocado molhado. Ela era cem por cento.

Quando cheguei na rua não estava mais me sentindo muito bêbado, mas fazia um frio de rachar outra vez e comecei a bater queixo como um desgraçado. Não conseguia parar. Andei até a Avenida Madison e comecei a esperar um ônibus, porque minha grana já estava no fim e eu tinha que começar a economizar nos táxis e tudo. Mas não estava com nenhuma vontade de me meter numa droga dum ônibus e, além disso, nem sabia para onde ir. Por isso comecei a andar em direção ao parque. Me lembrei de ir até o laguinho e ver que diabo os patos estavam fazendo, se continuavam por ali. Ainda não sabia se eles ficavam por lá ou não. O

parque não era muito longe e eu não tinha mesmo nada de muito melhor para fazer - nem sabia ainda onde é que eu ia dormir - por isso fui para lá. Não me sentia cansado nem nada. Só chateado pra burro.

Aí, mal entrei no parque, aconteceu uma coisa horrível. Deixei cair o disco da Phoebe. Quebrou-se em mais de cinqüenta pedaços. O disco estava dentro dum envelope grande e tudo, mas quebrou assim mesmo. Quase chorei, tão chateado me senti, mas o que fiz mesmo foi tirar os pedaços do envelope e botar tudo no bolso do meu sobretudo. Não serviam mais para nada, mas não tive coragem de jogá-los fora. Aí entrei no parque. Puxa, que escuridão!

Moro em Nova York desde que nasci e conheço o Central Park como a palma da minha mão, porque, quando eu era garoto, costumava ir muito lá andar de patins ou de bicicleta. Mas tive um trabalhão danado para encontrar o laguinho naquela noite. Sabia exatamente onde ele ficava - bem pertinho do Central Park Sul e tudo - mas mesmo assim não conseguia encontrar o desgraçado. Eu devia estar mais bêbado do que pensava. Andei pra cá e pra lá, e o lugar ia ficando cada vez mais escuro e mais soturno. Não encontrei vivalma durante o tempo todo que fiquei no parque. Antes assim, porque se desse de cara com alguém provavelmente teria levado o maior susto. Aí, finalmente, achei o lago. Estava metade congelado e metade não. Mas não vi nenhum pato por ali. Dei a volta na droga toda do lago - aliás, quase caí dentro dele uma vez - mas não consegui ver um único pato. Achei que, se houvesse algum por ali, devia estar dormindo ou coisa parecida, bem pertinho da margem ou no gramado. Foi aí que quase caí dentro d'água. Mas não encontrei nenhum.

Acabei me sentando num banco, num canto um pouquinho menos escuro. Puxa, ainda estava tiritando como um filho da mãe e na parte de trás da cabeça, apesar de eu estar de chapéu, tinha uma porção de pedacinhos de gelo. Isso me preocupou. Achei que provavelmente ia apanhar uma pneumonia e morrer. Fiquei imaginando milhões de chatos indo ao meu enterro e tudo. Meu avô de Detroit, aquele que fica lendo alto o nome das ruas quando a gente anda numa porcaria dum ônibus com ele, e minhas tias - tenho umas cinqüenta tias - e todos os nojentos dos meus primos. A tropa toda ia estar lá. Estavam todos lá quando o Allie morreu, a cambada toda de imbecis. Tenho uma tia imbecil, que tem mau hálito, que não parava de repetir que ele estava tão sereno no caixão. O D. B. é que me contou, eu não fui lá. Ainda estava no hospital. Tive que ir para o hospital e tudo quando machuquei minha mão. Seja como for, fiquei com medo de apanhar uma pneumonia e morrer, por causa daqueles flocos de gelo no cabelo. Me deu uma pena danada do meu pai e da minha mãe. Especialmente da minha mãe, porque ela ainda não se conformou com a morte do Allie. Ela não ia saber o que fazer com todos os meus ternos e equipamentos esportivos e tudo. Só tinha uma coisa boa, era saber que ela não ia deixar a Phoebe assistir à droga do meu enterro porque é muito criança. Essa era a única coisa boa. Aí pensei na cambada toda me metendo numa droga de cemitério, com meu nome num túmulo e tudo. Cercado de gente morta. Puxa, depois que a gente morre, eles fazem o diabo com a gente. Tomara que quando eu morrer de verdade alguém tenha a feliz idéia de me atirar num rio ou coisa parecida. Tudo, menos me enfiar numa porcaria dum cemitério. Gente vindo todo domingo botar um ramo de flores em cima da barriga do infeliz, e toda essa baboseira. Quem é que quer flores depois de morto? Ninguém.

Quando faz bom tempo, meus pais vão freqüentemente ao cemitério e espetam um punhado de flores no túmulo do Allie. Fui com eles umas duas vezes, mas aí parei. Em primeiro lugar, não tenho o menor prazer em ver o Allie naquele cemitério maluco. Todo cercado de caras mortos e túmulos e tudo. Não é tão ruim quando faz sol, mas duas vezes - duas vezes - estávamos lá dentro quando começou a chover. Foi horroroso. Choveu na porcaria do túmulo dele, e choveu na grama em cima da barriga dele. Chovia por todo lado. O pessoal todo que estava de visita saiu correndo para os carros. Foi isso que me deixou doido. Todo mundo podia correr para dentro dos carros, ligar o rádio e tudo e ir jantar em algum lugar bacana - todo mundo menos o Allie. Não agüento um troço desses. Eu sei que é só o corpo dele e tudo que está no cemitério, que a alma está no céu e essa merda toda, mas assim mesmo não podia agüentar aquilo. Só queria que ele não estivesse lá. Quem conheceu o Allie entende o que estou querendo dizer. Não é tão mau assim quando tem sol, mas o sol só aparece quando cisma de aparecer.

Depois de algum tempo, só para tirar da cabeça aquela estória de apanhar pneumonia e tudo, catei meu dinheiro e tentei contá-lo, ali naquela luz horrível do poste. Só tinha três notas de um dólar, cinco moedas de vinte e cinco cêntimos e uma moedinha de cinco cêntimos - puxa, tinha gastado uma fortuna desde a hora que saí do Pencey. Aí fui até à beira do laguinho e atirei as moedas todas para o outro lado, rente à água, onde não estava congelado. Sei lá por quê que fiz isso, mas fiz. Acho que era para tirar da cabeça aquela idéia de apanhar pneumonia e morrer. Mas não tirou nada.

Comecei a imaginar o que a Phoebe ia sentir se eu apanhasse pneumonia e morresse. Era o tipo da coisa infantil de se pensar, mas não conseguia parar. Ela ia ficar um bocado triste se acontecesse um troço desses. Ela gosta muito de mim. Quer dizer, tem muito afeto por mim. Tem mesmo. De qualquer maneira, não conseguia afastar aquilo da minha cabeça, por isso acabei resolvendo que o melhor era entrar escondido lá em

casa e ver a Phoebe, para o caso de eu vir a morrer e tudo. Eu estava com a chave da porta e resolvi que ia entrar no apartamento, sem fazer barulho, e bater um papinho com ela. A única coisa que me preocupava era a porta da frente, que range como uma filha da mãe. O edifício é velho pra cachorro, o administrador é um sacana dum preguiçoso, e por isso tudo lá range e geme. Fiquei com medo de que meus pais me pegassem entrando escondido em casa. Mas resolvi arriscar de qualquer jeito.

Saí da droga do parque e fui para casa. Fui a pé até lá. Não era muito longe, e eu não estava cansado. Nem bêbado estava mais. Fazia um frio de rachar e não tinha ninguém pela rua.

21

Há muito tempo não dava tanta sorte. Quando cheguei em casa, o ascensorista da noite, Pete, não estava lá, e o substituto dele era um sujeito que eu nunca tinha visto antes. Aí tive a certeza de que, se não desse de cara com meus pais e tudo, ia mesmo conseguir falar com a Phoebe e dar o fora, sem que ninguém no mundo soubesse que eu tinha estado em casa. Era mesmo uma sorte infernal. E, para melhorar a estória, o novo ascensorista parecia meio sobre o imbecil. Disse a ele, com a voz mais natural do mundo, que me levasse ao andar dos Dickstein. Os Dickstein eram uma família que morava no outro apartamento do nosso andar. Eu já tinha guardado meu chapéu de caça para não dar pinta de maluco nem nada. Entrei no elevador como se estivesse com uma pressa danada.

O sujeito já tinha fechado a porta e tudo, e estava pronto para subir, quando se virou para mim e disse:

- Eles não estão em casa. Estão numa festa no quatorze.

- Não faz mal - respondi - sou sobrinho deles e combinei que ia esperar.

Ele me olhou meio desconfiado, com aquela cara de palerma.

- É melhor esperar por eles aqui embaixo, companheiro.

- Bem que gostaria... no duro - falei. - Mas o negócio é que eu sou meio aleijado de uma perna e tenho que ficar com ela numa certa posição. Acho melhor me sentar naquela cadeira que fica no hall do apartamento.

Ele não entendeu patavina, por isso só fez dizer "Ah, sei" - e me levou. É engraçado, basta a gente dizer alguma coisa que ninguém entende para que façam praticamente tudo que a gente quer.

Saltei no nosso andar - capengando como um doido - e comecei a caminhar para o lado dos Dickstein. Aí, quando ouvi a porta do elevador se fechar, dei meia volta e fui para o nosso apartamento. Estava tudo correndo conforme o figurino. Nem me sentia mais de pileque. Tirei minha chave e abri a porta, bem de leve. Aí, com o maior cuidado e tudo, entrei e fechei a porta. Eu devia ter nascido ladrão.

O vestíbulo estava escuro pra chuchu, como era de se esperar, e naturalmente eu não podia acender a luz. Precisava ter cuidado para não esbarrar em nada e fazer um pandemônio dos diabos. Mas tinha a certeza de que estava em casa. O nosso vestíbulo cheira diferente de qualquer outro lugar. Não sei que diabo é. Não é couve-flor nem é perfume - sei lá que porcaria é - mas a gente sente logo que está em casa. Comecei a tirar o sobretudo para pendurar no armário do vestíbulo, mas mudei de idéia porque aquele armário vive entupido de cabides e faz um barulhão infernal quando a gente abre a porta. Aí fui andando bem devagarinho pelo corredor, na direção do quarto da Phoebe. Sabia que a empregada não ia me ouvir, porque ela só tinha um tímpano. Quando era criança, o irmão dela tinha lhe enfiado um canudo no ouvido. Era um bocado surda e tudo. Mas com meus pais a coisa era outra - principalmente minha mãe, que tinha um ouvido de perdigueiro. Pisei macio pra burro quando passei pela porta deles. Pra falar a verdade, até prendi a respiração. Quando meu pai está dormindo, a gente pode dar uma cadeirada na cabeça dele que o velho não acorda; mas, para minha mãe acordar, basta a gente tossir lá pras bandas da Sibéria. Ela é nervosa pra chuchu. Quase sempre passa a noite toda acordada, fumando.

Afinal, mais ou menos uma hora depois, cheguei ao quarto da Phoebe. Ela não estava lá. Tinha-me esquecido. Ela sempre dorme no quarto do D. B. quando ele está em Hollywood ou outro lugar qualquer. Ela gosta de ficar lá porque é o maior quarto da casa. E também por causa da escrivaninha maluca que tem lá, que o D. B. comprou de uma mulher alcoólatra em Filadélfia, e da cama enorme, gigantesca, de dez quilômetros de comprimento por dez de largura. Não sei onde ele conseguiu comprar aquela cama. Seja como for, a Phoebe adora dormir no quarto do D. B. quando ele está fora, e ele não se importa. Vale a pena ver a Phoebe fazendo os trabalhos de casa naquela escrivaninha maluca. É quase tão grande quanto a cama, mas a Phoebe adora um troço desses. Não gosta do quarto dela porque acha muito pequeno. Ela diz que precisa se espalhar, e eu me esbaldo com isso. O que é que ela tem para espalhar? Nada.

De qualquer forma, entrei de mansinho no quarto do D. B. e acendi a luz da escrivaninha. Phoebe nem acordou. Fiquei olhando para ela, com a luz acesa e tudo. Estava espichada ali, dormindo, com o rosto meio de lado, para fora do travesseiro. A boca entre-aberta. É gozado, os adultos ficam horríveis quando estão dormindo de boca aberta, mas as crianças não. As crianças ficam cem por cento. Podem até ter babado todo o travesseiro, que continuam cem por cento.

Dei uma volta pelo quarto, bem devagar e tudo, olhando as coisas. Para variar, estava me sentindo muito bem. Nem me lembrei mais que podia ter apanhado uma pneumonia nem nada. Só para variar, estava me sentindo bem e mais nada. A roupa da Phoebe estava em cima da cadeira, perto da cama. Para uma criança, ela é muito arrumada. Por exemplo, não atira as coisas dela por todos os lados, como a maioria das crianças. Não é nenhuma relaxada. O casaco do costume havana que minha mãe havia trazido do Canadá estava nas costas da cadeira. A blusa e os outros troços estavam no assento. Os sapatos e as meias no chão, debaixo da cadeira, bem juntinho um do outro. Nunca tinha visto aqueles sapatos, deviam ser novos. Eram uns mocassins marron-escuro, parecidos com os meus, e combinavam um bocado com o costume que minha mãe tinha comprado no Canadá. Minha mãe veste a Phoebe muito bem, no duro. Minha mãe tem um gosto infernal para certas coisas. Não tem lá muito jeito para comprar patins de gelo ou coisa parecida, mas em matéria de roupa ela é o fino. A Phoebe está quase sempre com uns vestidos do barulho. Acontece que a maioria das meninas, mesmo quando os pais são ricos e tudo, em geral usam uns vestidos horrorosos. Mas dava gosto ver a Phoebe com aquele costume que minha mãe tinha trazido do Canadá.

Sentei diante da escrivaninha do D. B. e fiquei olhando os troços que estavam ali por cima. Eram as coisas da Phoebe, da escola e tudo. O que mais tinha era livro. Em cima da pilha estava o Aritmética é Divertido. Abri na primeira página para dar uma olhada. Phoebe tinha escrito:

PHOEBE WEATHERFIELD CAULFIELD

4B - 1

Me esbaldei. O segundo nome dela é Josephine, e não Weatherfield. Mas ela não gosta e, por isso, cada vez que a vejo ela está usando um novo segundo nome.

Debaixo do livro de aritmética tinha um de geografia e, mais em baixo, um de ortografia. Esse é o tipo da coisa em que ela é ótima. Ela é ótima em todas as matérias, mas é melhor mesmo em ortografia. Mais para baixo havia uma porção de cadernos. Ela tem uns cinco mil cadernos. Nunca vi ninguém que tivesse tantos cadernos. Tirei o de cima e dei uma olhada na primeira folha. Estava escrito:

Berenice - me procura no recreio que eu tenho uma coisa muito importante para te contar.

Não havia mais nada naquela página. Na seguinte estava escrito:

Por que há tantas fábricas de conservas no sudeste do Alaska?

Porque lá tem muito salmão.

Por que possui florestas valiosas?

Porque tem o clima adequado.

Que providências tomou nosso Governo para melhorar a vida dos esquimós?

estudar para amanhã!!!

Phoebe Weatherfield Caulfield

Phoebe Weatherfield Caulfield

Phoebe Weatherfield Caulfield

Phoebe W. Caulfield

Dra. Phoebe Weatherfield Caulfield

Favor passar adiante para Shirley!!!

Shirley você disse que era sagitário mas não passa de touro traga os patins quando for lá para casa

Ali, sentado na escrivaninha do D. B., li o caderno inteiro. Não me tomou muito tempo e posso passar o dia e a noite lendo um troço desses, seja caderno da Phoebe ou de qualquer outra criança. E morro de rir. Aí acendi outro cigarro - era o meu último. Acho que naquele dia fumei uns vinte maços. Então, finalmente, acordei a Phoebe. Não podia ficar o resto da vida sentado naquela escrivaninha e, além do mais, estava com medo de que meus pais aparecessem de repente. Antes disso, queria pelo menos conversar um pouquinho com a Phoebe. Por isso tratei de acordá-la.

Ela acorda com muita facilidade. Quer dizer, não é preciso gritar nem nada. Praticamente, basta a gente se sentar ao lado dela na cama e dizer: "Acorda, Phoebe" - e pronto, ela acorda.

- Holden - ela disse imediatamente. Passou o braço em volta do meu pescoço e tudo. Ela é muito carinhosa. Muito carinhosa para uma criança. Às vezes ela é até carinhosa demais. Dei uma espécie de beijo nela, e ela perguntou:

- Quando é que você chegou?

Estava vibrando com a minha chegada, era evidente.

- Fala mais baixo. Cheguei agorinha mesmo. Tudo bem com você?

- Tudo bem. Recebeu minha carta? Te escrevi uma carta de cinco páginas...

- Recebi sim, mas fala mais baixo. Gostei muito.

Ela tinha me escrito uma carta que eu não respondi. Falava da peça em que ela ia representar na escola. Mandou-me dizer que não marcasse nenhum programa para sexta-feira, para que eu pudesse assistir à peça.

- Como vai a peça? - perguntei. - Como é mesmo o nome dela?

- "Um Desfile de Natal para os Americanos". A peça é uma droga, mas eu faço o papel do Benedict Arnold. Meu papel é muito bom. Tenho praticamente a melhor parte.

Puxa, a esta altura ela já estava completamente acordada. Fica logo excitada com esse tipo de troço.

- A peça começa quando eu estou morrendo. Um fantasma me aparece na véspera de Natal e pergunta se eu tenho vergonha, etc. Sabe como é... de ter traído meu país, etcétera e tal. Você vai ver?

Ela estava quase em pé na cama.

- Foi sobre isso que eu escrevi para você. Você vai ver?

- Claro que vou. Naturalmente que vou.

- Papai não vai poder. Tem que viajar para a Califórnia - ela disse.

Puxa, como ela estava acordada. Bastam dois segundos para ela acordar completamente. Estava meio ajoelhada lá para os lados da cabeceira da cama e segurava a droga da minha mão.

- Escuta. Mamãe disse que você ia chegar na quarta-feira. - Mamãe disse que era na quarta-feira.

- Me deixaram sair antes. Fala mais baixo, se não você acorda todo mundo.

- Que horas são? Eles só vão chegar muito tarde, mamãe é que disse. Foram a uma festa em Norwalk, Connecticut. Adivinha o quê que eu fiz hoje de tarde! Que filme que eu vi? Adivinha só!

- Não sei... Escuta, eles não disseram a que horas...

- "O Médico". É um filme especial exibido na Fundação Lister. Só ia ser passado uma vez - hoje só. É a estória de um médico do Kentucky que mete um cobertor no rosto de uma garota aleijada que não podia andar. Aí mandam ele para a cadeia e tudo. É ótimo.

- Espera aí, presta atenção um minuto. Eles não disseram a que horas...

- Ele tem pena dela, o doutor. É por isso que ele mete o cobertor na cara dela e tudo, e sufoca ela. Aí mandam ele para a cadeia, condenado à prisão perpétua, mas essa menina que ele meteu o cobertor na cara dela vai sempre visitá-lo, e agradecer pelo que ele fez. Ele tinha matado por piedade. Mas ele sabe que merece ir para a cadeia, porque um médico não tem o direito de tirar as coisas de Deus. Quem me levou foi a mãe de uma colega de turma, a Alice Holmborg. É a minha melhor amiga. É a única na turma inteira que...

- Quer fazer o favor de parar um instante? Estou te fazendo uma pergunta. Eles disseram a que horas vão voltar, ou não?

- Não, mas só vão voltar muito tarde. Papai levou o carro e tudo para não ter que se preocupar com o trem. Ele mandou botar um rádio no carro! Mas mamãe disse que ninguém pode ligar o rádio no meio do trânsito.

Comecei a ficar mais descansado. Quer dizer, finalmente deixei de me preocupar se eles iam me pegar em casa ou não. Resolvi não me importar mais. Se pegassem, pegavam e pronto.

Valia a pena ver a pinta da Phoebe, com um daqueles pijamas com elefantes vermelhos na gola. Ela é tarada por elefantes.

- Quer dizer que foi um bom filme, hem? - perguntei.

- Infernal. Só que a Alice estava resfriada e a mãe dela ficou o tempo todo perguntando se ela havia se constipado. Bem no meio do filme. Sempre no meio de alguma cena importante, a mãe dela se jogava toda por cima de mim para perguntar a Alice se ela havia se constipado. Esse negócio me deixou furiosa.

Aí contei para ela a estória do disco.

- Escuta, comprei um disco para você, mas ele quebrou quando eu estava vindo para casa.

Tirei os pedacinhos do bolso do casaco.

- Eu estava meio alto...

- Me dá os pedaços. Vou guardar...

Praticamente arrancou os pedaços da minha mão e guardou tudo na mesinha de cabeceira. Não posso mesmo com ela.

- O D. B. vem passar o Natal em casa? - perguntei.

- Talvez sim, talvez não. Pelo menos foi o que mamãe disse. Tudo depende. Talvez tenha que ficar em Hollywood e escrever um filme sobre Anápolis.

- Anápolis? Essa não!

- É uma estória de amor e tudo. Adivinha quem vai trabalhar no filme. Que artista? Adivinha!

- Tou pouco ligando. Anápolis! O quê que ele entende de Anápolis? Veja só! O quê que tem isso a ver com o tipo de estórias que ele escreve?

Puxa, um troço desses me deixa maluco. Aquela droga de Hollywood...

- Quê que houve com o teu braço? - perguntei. Ela tinha um baita dum curativo de esparadrapo no cotovelo. Só vi isso porque o pijama dela não tinha manga.

- Tem um garoto, um tal de Curtis Weintraub, lá da minha turma, que me empurrou quando eu estava descendo a escada do parque. Quer ver?

Começou a tirar o esparadrapo do cotovelo.

- Não, não mexe nisso. Por que é que ele te empurrou na escada?

- Sei lá. Acho que ele tem raiva de mim. Eu e uma amiga minha, a Selma Alterbury, derramamos tinta e uma porção de troços no casaco de couro dele.

- Isso não se faz. Afinal, que diabo, isso é coisa de criancinha.

- Eu sei, mas sempre que vou ao parque ele fica me seguindo por tudo quanto é lugar. Ele está sempre andando atrás de mim, e isso me dá raiva.

- Talvez ele goste de você. E isso não é motivo para derramar tinta...

- Não quero que ele goste de mim.

Aí ela começou a olhar para mim com um jeito meio esquisito.

- Holden, por que é que você veio para casa antes de quarta-feira?

- O quê?

Puxa, é preciso a gente ficar de olho nela o tempo todo. Quem pensa que ela não é muito esperta é trouxa.

- Por quê que você não veio pra casa só na quarta-feira? Você não foi expulso nem nada, foi?

- Já te disse. Eles deixaram a gente sair mais cedo. Deixaram todo mundo...

- Você foi expulso! Foi!

Aí me deu um murro na perna. Ela sabe dar os seus soquinhos.

- Você foi expulso! Não é, Holden?

Ela estava cobrindo a boca com a mão e tudo. É um bocado emotiva, no duro.

- Quem é que disse que eu fui expulso? Eu não disse.

Aí me deu outra cutucada. E olha que dava para machucar.

- Papai vai te fazer nem sei o quê.

Aí ela se jogou de bruços na cama e botou a droga do travesseiro em cima da cabeça. Ela faz muito isso. De vez em quando parece uma alucinada.

- Pára com isso, tá? - eu disse. - Ninguém vai me fazer nada. Ninguém vai nem mesmo... Chega Phoebe, tira a porcaria desse troço da cabeça. Não vai me acontecer nada...

Mas cadê que ela tirava. Ninguém a obriga a fazer uma coisa quando ela não quer. Só fazia repetir: "Papai dessa vez te mata". A gente mal conseguia ouvir o que ela dizia, com a cabeça enfiada debaixo daquela droga daquele travesseiro.

- Ninguém vai me matar. Deixa de ser boba. Em primeiro lugar, vou embora. Sabe o quê eu vou fazer? Vou trabalhar uns tempos numa fazenda. Conheço um camarada que tem um avô que tem um rancho no Colorado. Talvez ele me arranje um emprego por lá. Vou escrever sempre para você e tudo, quando estiver lá, tá bom? Agora, pára, tira isso dá cabeça. Vamos, Phoebe, anda. Por favor. Tira isso da cabeça, por favor.

Mas qual nada. Tentei arrancar o travesseiro, mas ela é forte pra burro. Não há quem agüente brigar com a Phoebe. Se resolve ficar com a cabeça enfiada embaixo do travesseiro, fica mesmo.

- Phoebe, por favor. Tira o travesseiro da cabeça. Vamos... Êi, Weatherfield, sai daí...

Mas não havia jeito dela sair. Às vezes é impossível querer argumentar com ela. Finalmente, fui até a sala e tirei uma porção de cigarros da caixa e enfiei no bolso. Os meus tinham acabado.

22

Quando voltei ela já havia tirado o travesseiro de cima da cabeça - sabia que ela ia tirar - mas ainda não queria olhar para mim, embora estivesse deitada de costas e tudo. Quando dei a volta na cama e me sentei outra vez, ela virou o rosto para o outro lado. Estava me dando um gelo danado. Igualzinho ao time de esgrima do Pencey, quando esqueci os floretes no metrô.

- Como vai a Hazel Weatherfield? - perguntei. - Escreveu mais alguma estória sobre ela? A que você me mandou está na minha mala, lá na estação. É muito boa.

- Papai vai te matar.

Puxa, quando ela enfia uma coisa na cabeça é duro de tirar.

- Não, não vai me matar nada. Na pior das hipóteses, vai me dar outra bronca daquelas e aí me manda para a porcaria daquela academia militar. É só o que ele vai fazer comigo. E, em primeiro lugar, não vou nem estar por aqui. Vou estar muito longe... Provavelmente vou estar naquele rancho, lá no Colorado.

- Deixa de piada. Você nem sabe montar a cavalo.

- Quem é que não sabe? É claro que sei. Naturalmente que sei. É o tipo do troço que se aprende em dois minutos. Pára de mexer nisso.

Ela estava escarafunchando de novo o curativo do braço.

- Quem é que cortou o teu cabelo desse jeito? - perguntei. Só então tinha reparado no corte do cabelo imbecil que ela estava usando. Era curto demais.

- Não é da tua conta.

Ela também sabe se fazer de besta. Sabe ser malcriada quando quer.

- Aposto que você foi novamente reprovado em todas as matérias - ela disse, ainda com aquela voz malcriada.

De certo modo, era até meio gozado. De vez em quando ela fala igualzinho a uma droga de uma professora, e não passa de uma criancinha.

- Não, não fui. Passei em inglês - respondi. Aí só de farra, dei um beliscão na bundinha dela. Estava deitada de lado, com o bumbum meio levantado. Ela quase não tem bunda. Não belisquei com força, mas ela tentou acertar minha mão e errou.

Aí, de repente, ela disse:

- Por quê que você fez isso?

Ela queria dizer, por quê que eu tinha novamente levado bomba. O jeito que ela falou me deixou meio triste.

- Ora, Phoebe, pelo amor de Deus, não me pergunta isso! Estou cansado de todo mundo me perguntar a mesma coisa. Tem um milhão de razões. É um dos piores colégios em que eu já estive. Está cheio de cretinos e de sujeitos perversos. Nunca vi tanta gente ruim na minha vida. Por exemplo, se tinha um grupo batendo papo no quarto dum colega e alguém queria entrar, ninguém deixava, se fosse um cara chato e cheio de espinha. Todo o mundo estava sempre fechando a porta quando alguém queria entrar. Tinha uma porcaria duma sociedade secreta que me convidou para ser membro, e eu não tive coragem de recusar. E tinha esse camarada morrinha e cheio de espinha, o Robert Ackley, que queria fazer parte da tal sociedade. Vivia pedindo para entrar e sendo barrado. Só porque era um bolha e tinha a cara cheia de espinhas. Não gosto nem de falar no assunto. Era um colégio nojento. Pode acreditar no que eu digo.

Ela não disse nada, mas estava me escutando. Pelo jeito da cabeça dela, dava para ver que estava prestando atenção. Ela sempre presta atenção quando a gente lhe diz alguma coisa. E o gozado é que ela quase sempre entende o troço que a gente está falando. Entende mesmo.

Continuei a falar sobre o Pencey. Me deu vontade.

- Até os dois professores simpáticos da escola também eram uns cretinos. Tinha esse sujeito velho, o Professor Spencer. A mulher dele vivia dando chocolate quente e outros troços à gente, e eles eram mesmo muito simpáticos. Mas você devia ver ele quando o diretor, o tal do Thurmer, entrava na aula de história e se sentava numa carteira lá no fundo. Ele vivia entrando e sentando no fundo da sala, e ficava lá uma meia hora. Devia achar que estava inspecionando incógnito ou coisa que o valha. Depois de estar sentado algum tempo lá atrás, ele começava a interromper a aula do velho Spencer com as piadas mais bestas. Aí o velho Spencer quase se estourava de tanto rir e tudo, como se o Thurmer fosse uma bosta dum príncipe ou coisa parecida.

- Não diz nome feio.

- Era de fazer a gente vomitar, juro que era. Aí veio o Dia dos Veteranos. Eles lá comemoram esse troço. É o dia em que todos os trouxas que foram alunos do Pencey, aí por volta de 1776, aparecem e se metem por tudo quanto é canto, com as mulheres, os filhos e todo mundo. Você devia ter visto o camarada que me apareceu, um sujeito já com uns cinqüenta anos de idade. Sabe o que ele fez? Bateu no nosso quarto e perguntou se a gente dava licença dele ir ao banheiro. O banheiro era lá no fundo do corredor, não sei por que

diabo veio perguntar logo a nós. Sabe o quê que ele disse? Que queria ver se achava as iniciais que tinha gravado na porta de uma das privadas. Pois é, tinha gravado a droga das iniciais dele na porta de uma das privadas, há uns noventa anos, e queria ver se continuavam no mesmo lugar. Aí, meu companheiro de quarto e eu levamos o sujeito até o banheiro e tudo, e tivemos de ficar ali parados enquanto ele catava as iniciais nas portas de todas as latrinas. E não parou de falar o tempo todo, contando que a melhor época da vida dele foi a que passou no Pencey, e nos deu um bocado de conselhos para o futuro e tudo. Puxa, você não faz idéia como ele me deprimiu! Não quer dizer que ele fosse um mau sujeito - não, não era. Mas não é preciso ser um mau sujeito para deprimir a gente. Um cara pode ser bom e mesmo assim deprimir os outros. Para deprimir alguém, basta um sujeito ficar dando uns conselhos cretinos ao mesmo tempo em que procura as iniciais dele na porta de uma privada - basta isso. Não sei. Talvez não tivesse sido tão chato assim se pelo menos ele não estivesse completamente sem fôlego só de subir a escada. O tempo todo que ele ficou procurando as iniciais estava respirando com a maior dificuldade, as narinas dum jeito engraçado, enquanto dizia a mim e ao Stradlater para aproveitarmos o Pencey ao máximo. Puxa, Phoebe! Nem sei explicar. Eu simplesmente não gostava de nada que estava acontecendo no Pencey. Não sei explicar direito.

Phoebe falou alguma coisa que eu não consegui entender. Estava com o lado da boca grudado no travesseiro e, por isso, eu não podia entender direito o que ela dizia.

- O quê? - perguntei. - Tira a boca daí. Não posso entender nada do que você fala, com a boca desse jeito.

- Você não gosta de nada que está acontecendo.

Quando ela disse isso, fiquei ainda mais deprimido.

- Gosto sim. Gosto. É claro que gosto. Não diga isso. Droga, por que você tem que dizer um troço desses?

- Porque você não gosta. Você não gosta de nenhum colégio. Você não gosta de um milhão de coisas. Não gosta mesmo.

- Gosto! Aí é que você se engana... aí é que você está completamente enganada. Pomba, por quê que você diz isso?

Puxa, como ela estava me deprimindo.

- Porque não gosta. Então me diz uma coisa de que você goste.

- Uma coisa? Uma coisa que eu gosto? Está bem.

O problema é que não estava conseguindo me concentrar. Às vezes é duro da gente se concentrar.

- Quer dizer, uma coisa que eu goste muito? - perguntei.

Mas ela não me respondeu. Estava numa posição esquisita, lá longe, do outro lado da cama, a uns mil quilômetros de distância.

- Vambora, responde - falei. - Uma coisa que eu goste muito, ou só uma coisa que eu goste?

- Que goste muito.

- Está bem.

Mas o problema é que eu não conseguia me concentrar. O mais que consegui lembrar foi das duas freiras que andavam coletando dinheiro naquelas cestinhas velhas. Principalmente daquela dos óculos com aro de ferro. E dum garoto que eu conheci no Elkton Hills. Lá no Elkton Hills tinha esse garoto, chamado James Castle, que cismou de não retirar o que ele tinha dito sobre outro garoto muito mascarado, o Phil Stabile. O James Castle tinha dito que ele era muito mascarado e um dos amigos nojentos do Stabile cagüetou tudo. Aí o Stabile e mais uma meia dúzia de sacanas amigos dele foram até o quarto do James Castle, entraram e trancaram a droga da porta, e tentaram obrigá-lo a retirar o que ele tinha dito, mas ele não retirou. Aí eles se serviram. Nem conto o que fizeram com ele - é nojento demais - mas nem assim ele retirou as palavras, o James Castle velho de guerra. E só vendo o James Castle. Era um magricela, todo raquítico, com uns pulsos da grossura de um lápis. Finalmente, em vez de retirar o que tinha dito, o que ele fez foi pular pela janela. Eu estava no meio do banho e tudo, e mesmo assim escutei o baque do corpo lá em baixo. Mas pensei só que alguma coisa tinha caído pela janela, um rádio, ou uma mesa, ou coisa que o valha, e não um garoto. Aí ouvi todo mundo correndo pelo corredor e se despencando escada abaixo. Botei o roupão e também desci correndo, e lá estava o James Castle, caído bem nos degraus de pedra e tudo. Estava morto, os dentes e o sangue espalhados por todo lado, e ninguém nem ao menos chegava perto dele. Estava com um suéter de gola alta que eu havia emprestado a ele. E não aconteceu nada com os caras que estavam no quarto dele, só foram expulsos do colégio. Nem ao menos foram presos.

Isso foi tudo que me veio à cabeça. As duas freirinhas que encontrei no restaurante e esse garoto, o James Castle, que conheci no Elkton Hills. O gozado é que eu mal conhecia o James Castle, pra dizer a verdade. Era um desses camaradas quietos pra chuchu. Era meu colega na classe de matemática, mas se

sentava do outro lado da sala e raramente se levantava para responder a uma pergunta ou para ir ao quadro-negro. Tem uns sujeitos na escola que quase nunca respondem a uma pergunta ou vão ao quadro-negro. Acho que a única vez que conversamos foi quando ele veio pedir emprestado meu suéter de gola alta. Por um triz não caí duro de surpresa quando ele me pediu. Me lembro que estava escovando os dentes, no banheiro, quando ele veio pedir o troço. Contou que um primo dele vinha apanhá-lo para dar um passeio de carro e tudo. Eu nem ao menos sabia que ele sabia que eu tinha um suéter de gola alta. Só sabia que o nome dele vinha bem na frente do meu na lista de chamada. Cabel, R.; Cabel, W.; Castle; Caulfield - ainda me lembro disso. Pra dizer a verdade, quase que não emprestei o suéter. Só porque não conhecia ele direito.

- O quê? - perguntei à Phoebe. Ela tinha me dito alguma coisa que eu não ouvi.

- Você não consegue nem pensar numa coisa.

- Consigo, sim. Consigo.

- Bom, então diz.

- Gosto do Allie - respondi. - E gosto de fazer o que estou fazendo agora. De sentar aqui com você, conversando e pensando numa porção de troços, e...

- O Allie já morreu... Você sempre diz isso! Se alguém já morreu e tudo, e está no céu, então não é mais...

- Sei que o Allie já morreu! Você acha que eu não sei? Mas mesmo assim posso continuar gostando dele, não posso? Pomba, só porque uma pessoa morreu não quer dizer que a gente tem que deixar de gostar dela... Principalmente se era mil vezes melhor do que as pessoas que a gente conhece, e que estão vivas e tudo.

A Phoebe ficou calada. Quando não consegue pensar numa coisa pra dizer, ela trata de ficar caladinha.

- De qualquer maneira, gosto disso aqui, agora. Assim como estou agora. Sentado aqui contigo, batendo papo e só...

- Mas isso não é uma coisa!

- É muita coisa! Claro que é! Por quê que não ia ser? As pessoas nunca acham que um troço assim é alguma coisa. Já estou ficando cheio disso.

- Pára de dizer coisa feia. Tá bem, então diz outro troço. Uma coisa que você quer ser. Assim como cientista... Ou advogado, ou coisa parecida.

- Eu não podia ser cientista. Não sou bom em ciências.

- Então advogado, igual ao papai e tudo.

- Não tenho nada contra os advogados, mas o negócio não me atrai. Até que é bacana quando um advogado está sempre salvando a vida dos sujeitos inocentes e coisas assim, mas um cara que é advogado não faz nada disso. Só faz ganhar um dinheirão, e jogar golfe, e jogar bridge, e comprar carros, e beber martinis, e fazer pinta de bacana. Mesmo se a gente salvasse as vidas dos sujeitos e tudo, como é que ia saber se estava fazendo o troço porque queria mesmo salvar a vida deles, ou porque queria era ser um advogado bom pra burro, pra todo mundo bater nas costas da gente e dar parabéns no tribunal quando acaba a porcaria do julgamento, os repórteres e tudo, como aparece na droga dos filmes? Como é que eu ia saber se não era na verdade um cretino? O problema é que não ia saber.

Não sei muito bem se a danada da Phoebe entendeu o que eu estava dizendo. Ela é muito criança e tudo. Mas, pelo menos, estava escutando. Se uma pessoa pelo menos presta atenção, aí não é tão ruim.

- Papai vai te matar. Vai te matar.

Mas eu nem estava ouvindo. Estava pensando noutro troço, uma coisa amalucada.

- Você sabe o quê que eu quero ser? - perguntei a ela. - Sabe o que é que eu queria ser? Se pudesse fazer a merda da escolha?

- O quê? Pára de dizer nome feio.

- Você conhece aquela cantiga: "Se alguém agarra alguém atravessando o campo de centeio"? Eu queria...

- A cantiga é "Se alguém encontra alguém atravessando o campo de centeio"! - ela disse. - É dum poema do Robert Burns.

- Eu sei que é dum poema do Robert Burns.

Mas ela tinha razão. É mesmo "Se alguém encontra alguém atravessando o campo de centeio". Mas eu não sabia direito.

- Pensei que era "Se alguém agarra alguém" - falei. - Seja lá como for, fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto - quer dizer, ninguém grande - a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o quê que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso

que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer. Sei que é maluquice.

A danada da Phoebe ficou calada um tempão. Aí, quando resolveu falar, foi para dizer: - Papai vai te matar.

- Tou pouco ligando se ele me matar - respondi.

Aí me levantei da cama, porque queria telefonar para um sujeito que tinha sido meu professor de inglês no Elkton Hills, um tal de Antolini. Tinha saído do Elkton Hills e agora vivia em Nova York.

- Tenho de dar um telefonema - disse a ela. - Volto num instante. Não dorme não.

Não queria que ela pegasse no sono enquanto eu estava na sala de visitas. Sabia que ela não ia dormir, mas falei assim mesmo, só para ter certeza.

Enquanto ia andando para a porta, ela me chamou e eu me virei. Estava sentada na cama, toda empertigada. Estava tão bonita.

- Tem uma colega minha, a Phyllis Margulies, que está me ensinando a arrotar - ela disse. - Escuta.

Prestei atenção e ouvi alguma coisa, mas não era lá nada de excepcional.

- Muito bem - falei.

Aí fui para a sala e telefonei para o tal do Professor Antolini.

23

Telefonei um bocado depressa, porque fiquei com medo de que meus pais me pegassem no meio da conversa. Mas não me pegaram. O Professor Antolini foi muito simpático. Me disse que, se quisesse, podia ir imediatamente para a casa dele. Acho que acordei ele e a mulher, porque demoraram um tempão para atender ao telefone. A primeira coisa que me perguntou foi se tinha acontecido alguma coisa, e respondi que não. Mas contei que tinha levado bomba no Pencey. Achei melhor contar logo a ele. Ele disse "Cruz Credo" quando contei. Tinha um senso de humor muito fino e tudo. Me disse para ir imediatamente para a casa dele, se quisesse.

Acho que ele foi o melhor professor que eu já tive na vida. Era um sujeito ainda bem moço, pouco mais velho que meu irmão D. B., e a gente podia brincar com ele sem perder o respeito. Foi ele quem acabou apanhando do chão aquele menino que se atirou da janela, o James Castle. O Professor Antolini sentiu o pulso dele e tudo e, então, tirou o casaco, cobriu o James Castle e o carregou até a enfermaria. Nem se incomodou do casaco dele ficar todo ensangüentado.

Quando voltei ao quarto do D. B., a Phoebe tinha ligado o rádio. Estava tocando música para dançar. Mas ela tinha ligado baixinho, para não acordar a empregada. Valia a pena ver a Phoebe. Estava sentada bem no meio da cama, em cima das cobertas, com as pernas trançadas como um desses caras que fazem ioga. Estava escutando a música. Não agüento com ela.

- Vamos - falei. - Quer dançar?

Fui eu que lhe ensinei a dançar e tudo, quando ela era bem pequenininha. Ela dança muito bem. Eu só tinha ensinado umas coisinhas, o resto ela aprendeu sozinha mesmo. É impossível a gente ensinar tudo a alguém.

- Você está de sapato - ela falou.

- Eu tiro o sapato. Vamos.

Ela praticamente saltou da cama e ficou esperando enquanto eu descalçava os sapatos. E aí dancei com ela durante algum tempo. Ela é mesmo boa pra burro. Não gosto de ver gente grande dançando com criancinhas porque, em geral, fica horrível. Quer dizer, se a gente está num restaurante qualquer e vê um sujeito velho levar a filhinha para a pista de dança. Quase sempre ficam puxando o vestido da menina para cima, sem querer, e a garota não sabe mesmo dançar droga nenhuma. É horrível. Mas não danço em público com a Phoebe nem nada. Só dançamos em casa e de brincadeira. De qualquer jeito, com a Phoebe é diferente, porque ela sabe dançar. Acompanha qualquer passo que a gente dá. Basta segurar ela bem juntinho para acabar com a diferença de tamanho das pernas. Aí ela segue mesmo a gente. Pode-se dar passo cruzado ou aquelas caídas ridículas, e até um pouco de puladinho, que ela segue a gente o tempo todo. A gente pode até dançar tango, no duro.

Dançamos umas quatro músicas. Nos intervalos ela é gozada pra chuchu. Fica na mesma posição de quando acaba a música. Não fala nem nada. A gente também tem que ficar durinho, no mesmo lugar,

esperando que a orquestra comece a tocar outra vez. É infernal. E fica danada se a gente ri ou coisa que o valha.

Dançamos umas quatro músicas e aí desliguei o rádio. Ela pulou de novo na cama e se meteu debaixo das cobertas.

- Estou melhorando, não estou? - perguntou.

- Puxa, e como!

Me sentei outra vez na cama, pertinho dela. Estava meio sem fôlego. Andava fumando tanto que tinha perdido toda a resistência. Ela nem estava sem fôlego.

- Põe a mão na minha testa para ver a temperatura - ela disse de repente.

- Por quê?

- Põe só. Põe só um pouquinho.

Pus a mão na testa dela, mas não senti nada.

- Estou com muita febre?

- Não. E era pra estar?

- É... tou ficando com febre de propósito. Experimenta de novo.

Experimentei outra vez e continuei sem sentir nada, mas falei:

- Acho que agora está começando.

Não queria que ela ficasse com uma droga dum complexo de inferioridade. Ela concordou com a cabeça.

- Posso fazer minha temperatura passar do limite do termônetro.

- Termômetro. Quem é que te disse isso?

- Foi a Alice Holmborg que me ensinou. A gente cruza as pernas, prende a respiração e fica pensando numa coisa bem quente. Um aquecedor ou um troço assim. Aí a testa da gente fica tão quente que queima a mão da outra pessoa.

Essa foi de matar. Tirei depressa a mão da testa dela, como se estivesse correndo perigo de vida.

- Obrigado pelo aviso - falei.

- Ah, não precisa ficar com medo. Eu não ia queimar a tua mão. Parava antes que ficasse... Psiu!

Aí, dum salto, ela se sentou na cama, empertigada pra diabo. Levei um susto desgraçado.

- Quê que houve?

- A porta da frente! - ela disse num sussurro alto. - São eles.

Pulei depressa da cama e apaguei a luz da escrivaninha. Aí apaguei o cigarro na sola do sapato e botei a guimba no bolso. Aí comecei a abanar o quarto como um doido, para espalhar a fumaça - puxa, eu não devia era estar fumando lá. Aí apanhei meus sapatos, me meti no armário e fechei a porta. Puxa, meu coração estava batendo como um filho da mãe.

Ouvi minha mãe entrar no quarto.

- Phoebe? Vamos parar com essa fita. Eu vi a luz acesa, mocinha.

- Olá - ouvi a Phoebe responder. - Não estava conseguindo dormir. Vocês se divertiram muito?

- Muito - minha mãe disse, mas via-se logo que não era verdade. Ela não costumava se divertir muito quando saía.

- Por que é que você ainda está acordada? Estava bem agasalhada?

- Estava bem agasalhada, mas só que não conseguia dormir.

- Phoebe, você andou fumando aqui? Diga a verdade, mocinha, por favor, a verdade.

- O quê? - Phoebe perguntou.

- Você ouviu o que eu disse.

- Só acendi um, um pouquinho só. Só dei uma baforada. Aí joguei pela janela.

- E por quê? Posso saber a razão?

- Não estava conseguindo pegar no sono.

- Não gosto disso, Phoebe. Não gosto nem um pouquinho disso - minha mãe falou. - Quer mais um cobertor?

- Não, obrigada. Té manhã - Phoebe falou. Era evidente que estava querendo se ver livre dela.

- Que tal o filme? - minha mãe perguntou.

- Ótimo. Menos a mãe da Alice. Ficou o tempo todo se debruçando por cima de mim e perguntando se a Alice estava constipada. Isso o filme inteirinho. Viemos para casa de táxi.

- Deixa eu ver tua temperatura.

- Não peguei nada. A Alice não tinha nada. Era só a mãe dela.

- Bem, vai dormir agora. Como é que foi o jantar?

- Uma droga - Phoebe respondeu.

- Seu pai já falou para você não dizer essa palavra. Droga por quê? Tinha uma costeleta deliciosa para você. Andei toda a Avenida Lexington só para...

- A costeleta estava boa, mas o negócio é que a Charlene sempre respira em cima de mim quando põe algum troço na mesa. Respira em cima da comida e tudo. Respira por cima de tudo.

- Bem, vai dormir. Dá um beijo na sua mãe. Você rezou antes de dormir?

- Rezei sim, no banheiro. Té manhã!

- Até amanhã. Agora vai dormir direitinho. Estou com uma dor de cabeça de rachar - minha mãe falou.

Ela quase sempre está com dor de cabeça. No duro mesmo.

- Toma umas aspirinas - a Phoebe falou. - O Holden vem para casa na quarta-feira, não vem?

- Tanto quanto eu saiba. Agora vai entrando embaixo das cobertas. Anda.

Ouvi minha mãe sair e fechar a porta. Esperei uns dois minutos. Aí saí do armário e dei um encontrão com a Phoebe. Estava escuro como breu e ela tinha levantado da cama para vir falar comigo.

- Machuquei você? - perguntei.

Agora a gente tinha de cochichar, porque os velhos estavam em casa.

- Preciso dar o fora.

Encontrei a beirada da cama no escuro, me sentei e comecei a calçar os sapatos. Estava um bocado nervoso, confesso.

- Não vai agora - Phoebe cochichou. - Espera primeiro eles dormirem.

- Não. Já, já. Agora é que é a melhor hora. Mamãe vai estar no banheiro e Papai deve estar ouvindo o noticiário ou coisa parecida.

Mal conseguia segurar o cadarço para dar o laço, de tão nervoso que eu estava. Não que fossem me matar nem nada se me pegassem, mas ia ser muito chato.

- Onde é que você se meteu? - perguntei. Estava tão escuro que nem conseguia ver a Phoebe.

- Aqui - ela respondeu. Estava bem juntinho de mim, mas eu nem tinha visto.

- Deixei a droga da bagagem na estação. Escuta. Você tem algum dinheiro, Phoebe? Estou quase duro.

- Só o meu dinheiro pro Natal. Para os presentes e tudo. Ainda não fiz nenhuma compra.

- Ah.

Não queria ficar com o dinheiro dela pro Natal.

- Você quer algum?

- Não quero ficar com teu dinheiro de Natal.

- Posso te emprestar algum.

Aí senti que ela estava remexendo na escrivaninha do D.B., abrindo um milhão de gavetas e tateando por todo o canto. O quarto estava na maior escuridão.

- Se você for embora, não vai me ver trabalhar na peça - ela disse. Falou isso com uma voz esquisita.

- Vou ver sim. Não vou embora antes disso. Você acha que eu quero perder a peça? Sabe o quê que eu vou fazer? Acho que vou ficar na casa do Professor Antolini até terça-feira de noite, mais ou menos, e aí venho para casa. Se der jeito ligo pra você.

- Toma - ela disse. Estava procurando minha mão para me dar o dinheiro, mas não achava.

- Onde?

Botou o dinheiro na minha mão.

- Êi, não preciso disso tudo. Me dá só uns dois dólares. É sério... toma...

Tentei dar o dinheiro de volta, mas ela não quis receber.

- Pode levar tudo e depois você me paga, no dia da peça. Tá bem?

- Afinal, quanto é que tem aqui?

- Oito dólares e oitenta e cinco cêntimos. Não, sessenta e cinco. Gastei um pouco.

Aí, de repente, comecei a chorar. Não consegui evitar o troço. Chorei baixinho para que ninguém me ouvisse, mas chorei. A Phoebe ficou apavorada quando me viu chorar e veio para perto de mim, me pedindo para parar. Mas depois que a gente começa, não consegue parar assim à toa. Quando comecei a chorar ainda estava sentado na beira da cama, e aí ela passou o braço por trás do meu pescoço e eu também pus o meu em volta dela, mas nem assim consegui parar. Chorei um tempão. Pensei que ia morrer sufocado ou coisa que o valha. Puxa, nunca vi a pobrezinha da Phoebe tão apavorada. A droga da janela estava aberta e a Phoebe estava tremendo e tudo, porque só estava com o pijama em cima da pele. Mandei ela voltar para a cama, mas ela não quis. Até que enfim consegui parar de chorar. Mas custou um bocado. Aí acabei de abotoar o sobretudo e prometi a ela que ia telefonar. Respondeu que, se eu quisesse, podia dormir com ela, mas eu disse que não, que era melhor dar no pé, porque o Professor Antolini estava me esperando e tudo. Aí tirei o chapéu de caça do bolso e dei para ela. Ela gosta desses chapéus malucos. Só a muito custo aceitou. Sou capaz de

apostar que dormiu com ele na cabeça. Ela gosta muito mesmo desse tipo de chapéu. Aí eu disse de novo que ligava para ela, se desse jeito, e saí.

Não sei porque, mas foi muito mais fácil sair de casa do que entrar. Uma das razões é que eu já estava pouco ligando de ser apanhado ou não. No duro, mesmo. Se pegassem, pegavam e pronto. De certa maneira, quase desejei que me apanhassem.

Desci a vida toda pela escada, em vez de tomar o elevador. Fui pela escada dos fundos. Por pouco não quebrei o pescoço nuns dez milhões de latas de lixo, mas saí direitinho. O cabineiro nem me viu. Provavelmente, até agora ainda continua pensando que eu estou no apartamento dos Dicksteins.

24

O Professor Antolini e a mulher tinham um apartamento grã-finérrimo em Sutton Place, desses que a gente tem que descer dois degrauzinhos para entrar na sala de visitas, e com um bar e tudo. Eu já tinha ido lá algumas vezes, porque depois que saí do Elkton Hills o Professor Antolini ia freqüentemente jantar lá em casa, para saber como eu estava indo. Nessa época ele ainda, era solteiro. Depois que casou, andei jogando tênis com ele e a mulher, no clube de tênis West Side, em Forest Hills, Long Island. Ela era sócia de lá, era mesmo podre de rica. Era mais velha que o Professor Antolini uns sessenta anos, mas os dois pareciam se dar muito bem. Em parte porque eram muito intelectuais, especialmente o Professor Antolini, apesar dele dar a impressão de ser mais espirituoso do que realmente intelectual quando estava com a gente, assim mais ou menos como o D.B. A mulher dele era mais séria. Sofria muito de asma. Os dois haviam lido todos os contos do D.B. - a Senhora Antolini também - e, quando o D.B. foi para Hollywood, o Professor telefonou para ele, dizendo que não fosse. Mas ele foi assim mesmo. O Professor Antolini disse que uma pessoa que escrevia como o D.B. não tinha nada que ir para Hollywood. Foi praticamente a mesma coisa que eu disse.

Eu teria ido a pé à casa dele, porque só em último caso pensava gastar o dinheiro de Natal da Phoebe, mas me senti meio esquisito quando cheguei lá fora. Meio tonto. Por isso tomei um táxi. Não queria, mas tomei. Tive um trabalhão desgraçado só para encontrar um táxi.

Quando o safado do cabineiro resolveu afinal me deixar subir, toquei a campainha e quem veio abrir foi o próprio Professor Antolini. Estava de robe e chinelos e um copo de bebida na mão. Era um cara um bocado sofisticado e também bebia pra chuchu.

- Holden, meu filho! - ele disse. - Ora veja, cresceu mais uns cinco centímetros. Que prazer vê-lo por aqui.

- Como vai o senhor? Como está sua senhora?

- Tudo bem. Me dê seu casaco.

Me ajudou a tirar o sobretudo e guardou.

- Estava esperando vê-lo com um recém-nascido nos braços. Sem ninguém no mundo para quem apelar. Flocos de neve nas pestanas.

Ele às vezes é um camarada muito espirituoso. Virou-se e gritou para a cozinha:

- Lilian! Esse café está saindo?

Lilian era o nome da mulher dele.

- Está prontinho - ela gritou de lá. - É o Holden que está aí? Como vai, Holden?

- Bem, e a senhora?

A gente vivia gritando naquela casa, porque os dois, nunca estavam na mesma sala ao mesmo tempo. Chegava a ser engraçado.

- Sente-se, Holden - disse o professor. Via-se logo que ele estava meio alto. Pelo jeito da sala, parecia que tinham dado alguma festa. Tinha copos e pratinhos com amendoim por todo o canto.

- Desculpe a desordem - ele disse. - Estivemos recebendo uns amigos de Lilian, lá de Bufallo... Uns búfalos, para falar a verdade.

Dei uma risada, e a senhora Antolini gritou qualquer.coisa para mim lá da cozinha, mas não entendi.

- Quê que ela disse? - perguntei ao Professor Antolini.

- Disse para você não olhar para ela quando entrar, porque acabou de sair da cama. Cigarro? Você agora está fumando?

- Obrigado - respondi, e tirei um cigarro da caixa que ele me estendeu. - Só de vez em quando. Sou um fumante moderado.

- Acredito muito - ele falou. Acendeu meu cigarro com um baita isqueiro de mesa. - Muito bem. Quer dizer que o Pencey e você se divorciaram.

Tinha a mania de dizer as coisas assim. Às vezes me divertia um bocado, outras vezes não. Exagerava um pouquinho. Não é que não fosse espirituoso nem nada - isso ele era - mas de vez em quando a gente se irrita quando uma pessoa vive dizendo coisas assim como "Quer dizer que o Pencey e você se divorciaram". D.B. de vez em quando também exagera um pouco nesse troço.

- O que é que houve? Como é que você foi em inglês? Ponho-o na rua agora mesmo se você tiver sido reprovado em inglês, seu craque na redação.

- Não, passei em inglês direitinho. Mas quase que só demos literatura. Só escrevi umas duas redações durante o ano todo. Mas fui reprovado em Expressão Oral. Lá eles tinham esse curso obrigatório. Expressão Oral. Nisso fui reprovado.

- Por quê?

- Ah, sei lá.

Não estava com muita vontade de falar no assunto. Me sentia ainda meio tonto ou coisa parecida, e de repente fiquei com uma dor de cabeça desgraçada. Fiquei mesmo. Mas ele parecia realmente interessado, por isso resolvi contar alguma coisa.

- É um curso em que cada aluno tem que se levantar na aula e fazer um discurso. Sabe como é. Com espontaneidade e tudo. E, se o sujeito sai um pouquinho do assunto, todo mundo tem que gritar: "Digressão !" o mais depressa possível. O negócio me deixava meio maluco. Tirei uma nota horrível.

- Por quê?

- Ah, sei lá. Aquela estória de digressão me chateava. Sei lá. O problema comigo é que eu gosto quando um sujeito sai do assunto. É mais interessante e tudo.

- Você não gosta que uma pessoa seja objetiva quando conta uma estória?

- Claro! Gosto que a pessoa seja objetiva e tudo. Mas não gosto que seja objetiva demais. Não sei. Acho que não gosto quando a pessoa é objetiva o tempo todo. Os garotos que conseguiam as melhores notas em Expressão Oral eram objetivos o tempo todo, isso eram. Mas tinha um garoto, o Richard Kinsella. Ele não era muito objetivo e a turma vivia gritando "Digressão !" quando ele falava. Era horrível. Primeiro porque ele era um cara muito nervoso. Isso mesmo, nervosíssimo - e, quando chegava a hora de falar, os lábios dele começavam a tremer e, do fundo da sala, a gente mal conseguia ouvir o que ele estava dizendo. Mas, quando os lábios dele paravam um pouco de tremer, eu gostava dos discursos dele mais do que os de qualquer outro sujeito. Ele também quase foi reprovado. Passou raspando, porque a turma vivia gritando "Digressão !" para ele. Por exemplo, ele fez um discurso sobre uma fazenda que o pai dele tinha comprado em Vermont. O tempo inteirinho que ele falou a turma ficou gritando "Digressão !" e o professor, um tal de Vinson, deu-lhe uma nota ruim pra diabo porque ele não contou que espécie de animais e legumes e outros troços tinha lá na fazenda e tudo. Sabe o quê que ele fazia? Começava contando essas coisas todas e aí, de repente, começava a falar de uma carta que a mãe dele tinha recebido do tio, e que o tio teve poliomielite e tudo aos quarenta e dois anos de idade, e se recusava a receber visitas no hospital porque não queria que ninguém o visse com a perna na tipóia. Não tinha muita ligação com a fazenda, concordo, mas era simpático. É um troço simpático quando alguém fala de um tio. Principalmente quando começa a falar da fazenda do pai e, de repente, fica mais interessado no tio. O negócio é que eu acho uma sujeira começarem a gritar "Digressão !" pra um sujeito quando ele está todo embalado num assunto... Não sei. É difícil de explicar.

Eu nem estava com muita vontade de tentar. Em parte por causa daquela dor de cabeça desgraçada. Pedi a Deus que a senhora Antolini chegasse com o café. Se há uma coisa que me aporrinha é isso, quando alguém diz que o café está pronto e não está pronto coisa nenhuma.

- Holden... Uma perguntinha pedagógica e um pouquinho batida. Você não acha que há um tempo e um lugar para tudo na vida? Você não acha que, se alguém começa a falar sobre a fazenda do pai, deve agüentar a mão e, depois, arranjar um jeito de falar sobre a tipóia do tio? Ou, então, se a tipóia do tio é um assunto tão fascinante, ele não devia tê-lo escolhido logo como tema da exposição, em vez da fazenda?

Eu não estava com muita vontade de pensar e responder e tudo. Estava com dor de cabeça e me sentia podre. Estava até com um pouco de dor de barriga, para falar a verdade.

- Acho... Sei lá. Acho que sim. Quer dizer, acho que devia ter escolhido o tio como tema, em vez da fazenda, se isso era mais interessante para ele. Mas o caso é que, muitas vezes, a gente só descobre o que interessa mais na hora que começa a falar sobre uma coisa que não interessa muito. Quer dizer, às vezes a gente não consegue evitar isso. O que eu acho é que a gente deve deixar em paz uma pessoa que começa a contar uma estória, se a estória é pelo menos interessante e o sujeito se anima todo com o assunto. Gosto de ver uma pessoa ficar toda animada com o assunto. É bonito. O senhor não conhece esse professor, o tal do

Vinson. Ele às vezes deixava a gente maluco, ele e a droga da turma. Vivia dizendo à gente para unificar e simplificar. Há coisas que a gente simplesmente não pode fazer assim. O negócio é que a gente quase nunca consegue simplificar e unificar um troço, só porque alguém mandou. O senhor não conhece esse camarada, o Professor Vinson. Era muito inteligente e tudo, mas estava na cara que era meio tapado.

- Café, senhores, enfim - disse a senhora Antolini. Entrou com uma bandeja com café e bolos e outros troços. - Holden, nem olhe na minha direção. Estou uma coisa.

- Como vai a senhora? - falei. Fiz menção de me levantar e tudo, mas o Professor Antolini me segurou pelo paletó e me obrigou a sentar. Ela estava com a cabeça cheia desses rolos de ondular cabelo e sem um pingo de pintura. Não estava nada bonita. Parecia um bocado velha e tudo.

- Vou deixar isso aqui. Sirvam-se à vontade - falou. Pôs a bandeja na mesinha do centro, empurrando para o lado um montão de copos. - Como vai sua mãe, Holden?

- Muito bem, obrigado. Não a tenho visto ultimamente, mas a última vez...

- Querido, se o Holden precisar de alguma coisa, está tudo no armário da roupa de cama. Prateleira de cima. Vou me deitar. Estou exausta - ela disse. E dava impressão de estar mesmo. - Será que vocês dois sabem arrumar o sofá sozinhos?

- Pode ir dormir descansada que nós cuidamos de tudo - o Professor Antolini respondeu. Deu um beijo nela, ela me disse até logo e foi para o quarto. Os dois viviam se beijando em público.

Tomei meia xícara de café e comi metade de um pedaço de bolo, mais duro do que pedra. O Professor Antolini se contentou com outro drinque, e forte à beça. Se ele não tomar cuidado ainda acaba viciado.

- Almocei com o seu pai há umas duas semanas - ele falou de repente. - Você sabia?

- Não, não sabia.

- Você não ignora, naturalmente, que ele anda muito preocupado com você.

- Sei disso. Sei que anda.

- Tudo indica que, antes de me telefonar, ele tinha recebido uma carta enorme e bastante perturbadora do seu último diretor, informando que você não estava fazendo o mínimo esforço. Matando aulas. Não preparando as lições. Em suma, sendo um completo...

- Não matei aula nenhuma. Não havia jeito. De vez em quando eu deixava de assistir às aulas de umas duas matérias, como a tal de Expressão Oral que eu falei antes. Matar mesmo, não matei...

Não estava com a menor vontade de discutir o troço. Minha dor de barriga tinha diminuído um pouco com o café, mas aquela dor de cabeça miserável, continuava.

O Professor Antolini acendeu outro cigarro. Ele fumava como uma chaminé. Aí falou:

- Francamente, Holden, não sei o que lhe dizer.

- Eu sei. É difícil falar comigo. Compreendo.

- Tenho a impressão de que você está caminhando para alguma espécie de queda... uma queda tremenda. Mas, honestamente, não sei de que espécie... Está me ouvindo?

- Estou.

A gente via logo que ele estava procurando se concentrar e tudo.

- Talvez da espécie que faz com que a gente, aos trinta anos, se sente num bar e odeie todo mundo que entra com jeito de quem jogou futebol numa universidade. Ou, então, você conseguirá instruir-se o bastante para odiar todo mundo que diz: "É um segredo entre mim e você". Ou talvez acabe em algum escritório, atirando clipes na taquígrafa mais próxima. Não sei mesmo. Mas você entende o que estou querendo dizer, não entende?

- Entendo - respondi. E entendia mesmo. - Mas o senhor se engana sobre esse negócio de odiar os jogadores de futebol e tudo. O senhor se engana mesmo. Não tenho raiva de muita gente. Pode ser que, de vez em quando, eu odeie alguns sujeitos durante algum tempo, como esse cara que eu conheci no Pencey, o Stradlater, ou esse outro sujeito, o Robert Ackley. De vez em quando eu tinha ódio deles, confesso, mas isso não dura muito, esse é que é o caso. Depois de algum tempo, se eu não os visse, se não vinham ao meu quarto, ou se eu passava umas duas refeições sem encontrar com eles no refeitório - chegava a sentir falta deles. É isso mesmo, chegava a ficar com saudade deles.

O Professor Antolini ficou uns dois minutos em silêncio. Levantou-se, apanhou outro pedaço de gelo, deixou cair no copo e aí sentou de novo. Via-se que ele estava pensando. Fiquei torcendo para que ele deixasse a conversa para outro dia, em vez de continuar naquela hora, mas ele estava embalado. Em geral, as pessoas se esquentam numa discussão na hora que a gente está mais frio.

- Está bem. Agora, escuta aqui um momento... Pode ser que eu não consiga expressar isso tão bem quanto eu gostaria, mas escrevo uma carta para você amanhã ou depois explicando tudo. Aí você vai entender direitinho. De qualquer maneira presta atenção agora.

Começou a se concentrar outra vez, e aí disse:

- Esta queda para a qual você está caminhando é um tipo especial de queda, um tipo horrível. O homem que cai não consegue nem mesmo ouvir ou sentir o baque do seu corpo no fundo. Apenas cai e cai. A coisa toda se aplica aos homens que, num momento ou outro de suas vidas, procuram alguma coisa que seu próprio meio não lhes podia proporcionar. Ou que pensavam que seu próprio meio não lhes poderia proporcionar. Por isso, abandonam a busca. Abandonam a busca antes mesmo de começá-la de verdade. Tá me entendendo?

- Sim, senhor.

- Está mesmo?

- Estou sim.

Levantou-se e despejou mais um pouco de bebida no copo. Aí se sentou de novo. Ficou um bocado de tempo sem dizer nada.

- Não quero te assustar - ele disse - mas vejo você, com toda a clareza, morrendo nobremente, de uma forma ou de outra por uma causa qualquer absolutamente indigna.

Me olhou de um jeito engraçado.

- Se eu escrever umas palavras para você, promete que vai ler cuidadosamente? E guardar?

- Prometo, sim - respondi. E era verdade. Até hoje guardo o papel que ele me deu.

Foi até a escrivaninha, no outro lado da sala, e escreveu alguma coisa num pedaço de papel, sem se sentar. Aí voltou e se sentou, com o papel na mão.

- Por estranho que pareça, isso não foi escrito por um poeta. Foi escrito por um psicanalista chamado Wilhelm Stekel. Aqui está o que ele... Você ainda está me ouvindo?

- Claro que estou.

- Aqui está o que ele disse: "A característica do homem imaturo é aspirar a morrer nobremente por uma causa, enquanto que a característica do homem maduro é querer viver humildemente por uma causa".

Inclinou-se e me passou o pedaço de papel. Li imediatamente o que estava escrito, agradeci e tudo, e guardei o papel no bolso. Foi muito simpático da parte dele incomodar-se tanto por minha causa. Foi mesmo. Mas a verdade é que eu não estava realmente com muita vontade de me concentrar. Puxa, nunca me senti tão cansado, assim de repente.

Mas ele não dava a menor impressão de cansaço. Em parte porque estava bastante alto.

- Acho que um desses dias - ele falou - você vai ter que decidir para onde quer ir. E aí vai ter que começar a ir para lá. E sem perda de tempo. No seu caso, não se pode perder um minuto que seja.

Concordei com a cabeça, porque ele estava me encarando e tudo, mas não estava entendendo muito bem o que ele disse. Eu achava que sabia o que era, mas, naquele momento, não tinha certeza absoluta. Estava cansado pra diabo.

- Detesto dizer isso, mas acho que, assim que você tiver uma idéia de onde quer chegar, seu primeiro passo vai ser aplicar-se no colégio. É o que você vai ter que fazer. Você é um estudante - quer a idéia lhe agrade ou não. Você está apaixonado pelo conhecimento. E eu acho que você vai encontrar, depois que deixar para trás todos esses Professores Vineses e suas composições e...

- Vinsons - falei. Ele queria dizer todos os Professores Vinsons, e não todos os Professores Vineses. Mas eu não devia ter interrompido.

- Está bem... os Professores Vinsons. Na hora em que você conseguir deixar para trás todos os Professores Vinsons, você vai começar a se aproximar cada vez mais - isto é, se você quiser, e se procurar, e se tiver paciência de esperar - da espécie de conhecimento que será muito, muito importante para você. Entre outras coisas, você vai descobrir que não é a primeira pessoa a ficar confusa e assustada, e até enojada, pelo comportamento humano. Você não está de maneira nenhuma sozinho nesse terreno, e se sentirá estimulado e entusiasmado quando souber disso. Muitos homens, muitos mesmo, enfrentaram os mesmos problemas morais e espirituais que você está enfrentando agora. Felizmente, alguns deles guardaram um registro de seus problemas. Você aprenderá com eles, se quiser. Da mesma forma que, algum dia, se você tiver alguma coisa a oferecer, alguém irá aprender alguma coisa de você. É um belo arranjo recíproco. E não é instrução. É história. É poesia.

Parou e tomou um longo gole do copo. Aí recomeçou. Puxa, ele estava embalado mesmo. Fiquei feliz por não ter tentado interrompê-lo nem nada.

- Não estou querendo dizer que só os homens instruídos e cultos são capazes de contribuir com algo valioso para o mundo. Não é isso. O que eu quero dizer é que os homens instruídos e cultos, se de fato tiverem brilho e capacidade criadora - o que, infelizmente, é raro - tendem a deixar registros infinitamente mais valiosos do que aqueles que apenas têm brilho e capacidade criadora. Tendem a se expressar com mais

clareza e, geralmente, têm a paixão de desenvolver seu pensamento até o fim. E - o que é mais importante - na grande maioria dos casos têm mais humildade do que o pensador menos culto. Você está me acompanhando?

- Sim, senhor.

Ficou outra vez sem dizer nada por um tempão. Não sei se isso acontece com todo mundo, mas é meio chato a gente ficar sentado, esperando uma pessoa dizer alguma coisa, enquanto ela está pensando. É duro mesmo. Fiquei me esforçando para não bocejar. Não que eu estivesse chateado ou coisa parecida - não estava -mas de repente me deu um sono filho da mãe.

- Há outra coisa que uma educação acadêmica poderá proporcionar a você. Se você prosseguir nela por um tempo razoável, ela acabará lhe dando uma idéia das dimensões da sua mente. Do que ela comporta e, talvez, do que ela não comporta. Depois de algum tempo, você vai ter uma idéia do tipo de pensamento que sua mente deve abrigar. A vantagem disso é que talvez lhe poupe uma enormidade de tempo, que você perderia experimentando idéias que não se ajustam a você, não combinam com você. Você começará a conhecer as suas medidas exatas, e vestirá sua mente de acordo com elas.

Aí, de repente, bocejei. Era o tipo da grossura, mas não pude evitar.

Mas o Professor Antolini só fez rir.

- Vamos - ele disse, e se levantou. - Vamos arrumar o sofá.

Eu o acompanhei até o armário. Ele tentou tirar alguns lençóis e cobertores da prateleira de cima, mas, com o copo na mão, não conseguia. Por isso, bebeu o que restava, pôs o copo no chão e aí tirou os troços. Ajudei-o a trazer tudo para o sofá e fizemos a cama juntos. Ele não tinha muito jeito para a coisa. Não sabia esticar e prender nada direito. Mas não me importei. Estava tão cansado que seria capaz de dormir em pé.

- Como vão as suas mulheres todas?

- Vão indo - respondi. Em matéria de conversa eu estava uma droga, mas não queria me esforçar.

- Como vai a Sally?

Ele conhecia a Sally. Eu a tinha apresentado a ele uma vez.

- Vai bem. Saí com ela hoje de tarde - falei. Puxa, até parecia que tinham passado uns vinte anos. - Quase não temos mais nada em comum.

- Ela é uma garota bonita pra burro. E aquela outra menina? Aquela de quem você me falou, do Maine?

- Ah, sei... a Jane Gallagher. Ela é uma boa garota. Acho até que vou dar um telefonema para ela amanhã.

A essa altura já tínhamos acabado de fazer a cama.

- É toda tua - ele disse. - Não sei que diabo você vai fazer com tanta perna.

- Não tem importância. Já estou acostumado a dormir em camas curtas - respondi. - Muito obrigado. O senhor e a senhora Antolini salvaram mesmo a minha vida hoje.

- Você sabe onde é o banheiro. Se precisar de alguma coisa, basta dar um berro. Vou ficar ainda um bocadinho na cozinha... A luz te incomoda?

- Não, nem um pouquinho. Muito obrigado.

- Está bem. Boa noite, bonitão.

- Boa noite, Professor. Muito obrigado.

Ele foi para a cozinha e eu tirei a roupa no banheiro. Não pude escovar os dentes porque não havia trazido escova. Também não tinha pijama, e o Professor Antolini se havia esquecido de me emprestar um. Voltei para a sala, apaguei o abajur junto do sofá e me deitei só de cuecas. O sofá era um bocado pequeno para mim, mas na verdade eu seria capaz de dormir em pé, sem pestanejar. Fiquei acordado só uns dois segundos, pensando nos troços que o Professor tinha dito. Aquela estória de descobrir o tamanho da mente e tudo. Ele era mesmo um camarada inteligente pra chuchu. Mas não consegui ficar com a droga dos olhos abertos e peguei no sono.

Aí aconteceu um troço. Não gosto nem de falar no assunto.

Acordei de repente. Não sei que horas eram nem nada, só sei que acordei. Senti uma coisa na minha cabeça, a mão de uma pessoa. Puxa, fiquei apavorado pra diabo. Num instante vi que era a mão do Professor Antolini. Sabe o quê que ele estava fazendo? Estava sentado no chão, ao lado do sofá, no escuro e tudo, e estava assim me fazendo festinha ou um carinho na cabeça. Puxa, devo ter dado um pulo duns mil metros.

- Que negócio é esse?

- Nada, estou sentado aqui, admirando...

- Quê que há, afinal? - perguntei de novo. Não sabia que droga ia falar, estava confuso pra burro.

- Que tal falar um pouquinho mais baixo? Estou só sentado aqui...

- Está mesmo na hora de ir embora - falei. Puxa, como eu estava nervoso. Comecei a vestir a porcaria das minhas calças no escuro. Quase não acertava, de tão nervoso. Conheço mais tarados, nas escolas e tudo, do que qualquer pessoa, e eles sempre resolvem ser tarados na hora que eu estou por perto.

- Onde é que você tem que ir? - ele me perguntou. Estava tentando aparentar muita naturalidade e controle e tudo, mas não estava natural coisíssima nenhuma. No duro.

- Deixei minha bagagem e tudo na estação. Acho melhor ir buscar. Todos os meus troços estão lá dentro.

- As malas vão estar no mesmo lugar amanhã de manhã. Agora trata de voltar para a cama. Também vou me deitar. Quê que houve com você?

- Nada. Só que todo o meu dinheiro e meus troços estão nas malas. Volto daqui a pouco. Apanho um táxi e volto num instante - falei. Puxa, estava me embaralhando todo, no escuro. - O problema é que o dinheiro não é meu, é da minha mãe, e eu...

- Não seja ridículo, Holden. Volta para a cama. É o que eu vou fazer também. O dinheiro está bem seguro até de manhã...

- Não, fora de brincadeira, tenho que ir. Tenho mesmo.

Tinha quase acabado de me vestir, só que não achava a gravata. Não me lembrava onde tinha deixado a droga da gravata. Vesti o paletó e tudo, sem ela mesmo. O Professor Antolini estava sentado agora na poltrona grande, um pouco afastado de mim, me espiando. Estava escuro e tudo e não dava para vê-lo direito, mas eu sabia que ele estava me olhando, sem a menor dúvida. E também continuava bebendo. Dava para ver, na mão dele, o copo de estimação.

- Você é um garoto muito estranho. Muito estranho mesmo.

- Sei disso - respondi. Nem me dei ao trabalho de procurar muito pela gravata. Fui embora sem ela. - Até logo, Professor. Muito obrigado. Fora de brincadeira.

Ele me acompanhou até a saída e, quando chamei o elevador, continuou parado na droga da porta. Ficou só repetindo aquela estória de que eu era "um garoto muito estranho, muito estranho mesmo". Estranho uma ova. Ele ficou esperando a titica do elevador chegar. Juro que nunca vi um elevador demorar tanto em toda a droga de minha vida. Eu não sabia que porcaria ia dizer enquanto o elevador não vinha, e ele continuava ali, em pé, por isso falei:

- Vou começar a ler uns bons livros. Vou mesmo.

O negócio é que eu tinha que dizer alguma coisa.

Era uma situação embaraçosa pra burro.

- Apanha tua bagagem e volta correndo pra cá. Vou deixar a porta só encostada.

- Muito obrigado. Até logo!

Até que enfim o elevador tinha chegado. Entrei e desci. Puxa, eu estava tremendo feito um desgraçado. E suando também. Quando me acontece um troço assim meio tarado, começo a suar como um filho da mãe. Esse tipo de coisa já me aconteceu mais de vinte vezes, desde que eu era garotinho. Não agüento isso.

25

Quando cheguei lá fora o dia estava começando a clarear. Fazia também um frio desgraçado, mas até que me senti bem, de tão suado que eu estava.

Não tinha a mínima idéia para onde ir. Não queria me meter em outro hotel e gastar todo o dinheiro da Phoebe. Afinal, fui andando até a Avenida Lexington e tomei o metrô para a Estação Grand Central. Tinha deixado as minhas malas lá e tudo, e pensei em dormir naquele salão de espera enorme, onde tem um milhão de bancos. Foi o que acabei fazendo. No começo até que não foi tão ruim, porque havia pouca gente por ali e eu podia pôr os pés em cima do banco. Mas não tenho muita vontade de falar sobre isso. Não foi nada agradável. A gente não devia nunca ter de fazer um troço desses. No duro, é um bocado deprimente.

Só consegui dormir até umas nove horas porque aí milhões de pessoas começaram a entrar no saguão e tive que tirar os pés de cima do banco. Não consigo dormir direito com os pés no chão, e não tinha mesmo outro jeito senão ficar sentado. Ainda estava com dor de cabeça, só que agora pior ainda, e acho que nunca me senti tão deprimido em toda a minha vida.

Bem que eu não queria, mas comecei a pensar no Professor Antolini e no que ele ia ter que dizer à mulher dele quando ela visse que eu não tinha dormido lá nem nada. Essa parte até que não me incomodava muito, porque eu sabia que o Professor Antolini era bastante inteligente para inventar alguma coisa para dizer

a ela. Podia dizer que eu tinha ido para casa ou coisa parecida. Essa parte não me preocupava muito. O que me chateava mesmo era esse negócio de eu ter acordado e encontrado o Professor fazendo festinha na minha cabeça e tudo. Chegava a pensar que podia ter sido um engano meu e que, afinal de contas, ele não estivesse me fazendo um carinho aveadado. Talvez ele só gostasse mesmo era de fazer festinha na cabeça da gente, enquanto a gente dormia. Como é que se pode ter certeza de um troço desses? É impossível. Comecei até a pensar se não devia pegar minhas malas e voltar para a casa dele, como havia dito que ia fazer. Pensei que, mesmo que fosse veado, ele tinha sido um bocado bom comigo. Nem tinha se importado de eu telefonar tão tarde para ele, e me havia dito que fosse imediatamente para lá, se quisesse. E tinha tido um trabalhão para me aconselhar sobre aquele negócio da gente descobrir o tamanho da nossa mente e tudo. E foi o único sujeito que chegou perto daquele garoto, o James Castle, no dia em que ele morreu. Pensei nisso tudo. E, quanto mais pensava, mais deprimido ficava. Comecei a achar que talvez eu devesse voltar para a casa dele. Possivelmente, ele só estava mesmo me fazendo festinha na cabeça à toa, sem maldade nenhuma. Mas, quanto mais eu pensava no troço todo, mais deprimido e confuso ia ficando. Para piorar tudo ainda, meus olhos estavam me incomodando um bocado. Estavam irritados e ardendo, pela falta de sono. Além disso eu estava começando a ficar resfriado e não tinha nem uma porcaria dum lenço no bolso. Tinha alguns na mala, mas não estava com a mínima vontade de tirá-la de dentro do armário de aço e abrir ali, bem na frente de todo mundo.

Alguém tinha deixado uma revista no banco, ao meu lado, e comecei a ler, achando que assim ia parar de pensar no Professor Antolini e num milhão de outras coisas, pelo menos durante algum tempo. Mas a porcaria do artigo que comecei a ler quase que me fez sentir pior ainda. Era sobre os hormônios. Mostrava a aparência que a gente deve ter - a cara, os olhos e tudo - quando os hormônios estão funcionando direito, e eu estava todo ao contrário. Estava parecendo exatamente com o sujeito do artigo, que estava com os hormônios todos funcionando errado. Por isso comecei a ficar preocupado com os meus hormônios. Aí li outro artigo, sobre a maneira pela qual a gente pode saber se tem câncer ou não. Dizia lá que, se a gente tem alguma ferida na boca que demora a sarar, então isso é sinal de que a gente provavelmente está com câncer. E eu já estava com aquele machucado na parte de dentro do lábio há umas duas semanas. Por isso imaginei que estava pegando um câncer. A tal revista era um bocado boa para levantar o moral da gente. Acabei parando de ler e saí para dar uma volta. Calculei que devia morrer dentro de uns dois meses, já que estava com câncer. Foi mesmo. Eu estava certo de que ia morrer. Evidentemente, essa idéia não me deixou muito satisfeito.

Estava com jeito de que ia chover, mas saí andando assim mesmo. Em parte porque achei que devia comer alguma coisa. Não tinha a menor fome, mas achei que precisava pelo menos me alimentar um pouco. Quer dizer, pelo menos tomar algum troço que tivesse umas vitaminas. Por isso comecei a andar na direção leste, onde tem uma porção de restaurantes baratos, porque não estava a fim de gastar um dinheirão.

Enquanto ia andando, passei por dois sujeitos que estavam descarregando uma baita árvore de Natal dum caminhão. Um deles ficava só falando para o outro: "Segura essa filha da puta! Segura mesmo!" Certamente, era o tipo da maneira delicada de se referir a uma árvore de Natal. Mas até que tinha sua graça, assim dum jeito meio infeliz, e eu mais ou menos comecei a rir. Foi a pior coisa que eu podia ter feito, porque mal comecei a rir, pensei que fosse vomitar. No duro. Cheguei mesmo a começar, mas logo passou. Sei lá por quê. Afinal de contas, não tinha comido nada estragado ou coisa que o valha, e normalmente tenho um estômago um bocado forte. De qualquer forma, consegui me agüentar e imaginei que ia me sentir melhor se comesse alguma coisa. Entrei num restaurante vagabundo e pedi café com roscas. Não houve jeito de engolir direito. O caso é que, quando a gente está muito deprimido, é difícil como o diabo engolir qualquer coisa. Mas o garçon foi simpático: levou as roscas de volta sem me cobrar nada por elas. Só bebi o café. Aí saí e fui andando em direção à Quinta Avenida.

Era uma segunda-feira e tudo, pertinho do Natal, e todas as lojas estavam abertas. Por isso, até que não era de todo mau caminhar pela Quinta Avenida, que estava um bocado natalina. Tinha toda aquela porção de Papais Noéis magricelas nas esquinas, cada um sacudindo seu sino, e todas aquelas mulheres do Exército da Salvação, as tais que não usam baton nem nada, também badalando seus sininhos. Fiquei mais ou menos procurando aquelas duas freiras que eu tinha encontrado na véspera, tomando o café da manhã, mas não as vi. Sabia que não ia vê-las mesmo, porque elas me haviam dito que tinham vindo para Nova York para ser professoras, mas de qualquer maneira continuei a procurar por elas. Seja como for, de repente estava tudo um bocado natalino. Um milhão de crianças zanzavam pelo centro da cidade com as mães, subindo e descendo dos ônibus, entrando e saindo das lojas. Queria que a Phoebe estivesse ali comigo. Ela já não é tão pequena que ainda fique inteiramente alucinada na seção de brinquedos, mas gosta de circular e olhar as pessoas. No Natal passado levei-a à cidade para fazer compras comigo. Nos divertimos pra chuchu. Acho que foi na Loja Bloomingdale. Fomos na seção de sapatos e fizemos de conta que ela - Phoebe - queria um par dessas

galochas altas, dessas que têm mais ou menos um milhão de casas para passar o cadarço. O vendedor quase ficou maluco. A doida da Phoebe experimentou uns vinte pares, e cada vez o infeliz tinha que amarrar um pé até em cima. Era o tipo da maldade, mas a Phoebe se divertiu barbaramente. Afinal, compramos um par de mocassins e mandamos pôr na conta. O vendedor até que foi muito simpático. Acho que ele sabia que nós estávamos só de brincadeira porque a Phoebe fica rindo o tempo todo.

De qualquer modo, continuei andando toda a vida pela Quinta Avenida, sem gravata nem nada. Aí, de repente, começou a acontecer um negócio um bocado fantasmagórico. Cada vez que eu chegava ao fim de um quarteirão e descia o meio-fio, tinha a sensação de que nunca chegaria ao outro lado da rua. Pensava que ia caindo, caindo, caindo, e nunca mais ninguém ia me ver. Puxa, fiquei apavorado pra burro. Ninguém imagina o medão que me deu. Comecei a suar como um filho da mãe, molhei toda a camisa, a roupa de baixo, tudo. Aí comecei a fazer outro troço: cada vez que chegava ao fim do quarteirão, fazia de conta que estava falando com o meu irmão Allie. Dizia pra ele: "Allie, não me deixa desaparecer. Allie, não me deixa desaparecer. Por favor, Allie." Aí então, quando chegava do outro lado da rua sem desaparecer, eu agradecia a ele. Logo que chegava a outra esquina, começava tudo de novo. Mas continuei andando assim mesmo. Acho que estava meio amedrontado de parar - nem sei direito, para dizer a verdade. Sei que só fui parar quando já estava lá pela altura da rua Sessenta e tantos, pra lá do Jardim Zoológico. Aí, sentei num banco. Quase que não conseguia respirar e ainda estava suando como um filho da mãe. Acho que fiquei sentado lá mais ou menos uma hora. Finalmente, decidi ir embora de vez. Resolvi que não voltaria para casa nunca mais, e nunca mais iria para colégio nenhum. Decidi que ia só encontrar com a Phoebe, para me despedir e tudo, e devolver o dinheiro de Natal que ela me havia emprestado. Aí começaria a viajar para o oeste, pegando caronas nos carros. Já sabia o que tinha de fazer: ia até o Túnel Holland e apanhava uma carona, depois pegava outra carona, e depois outra e mais outra. Assim, em poucos dias já estaria lá pelo oeste, num lugar muito bonito e ensolarado, onde ninguém me conhecesse e eu arranjasse um emprego. Calculei que podia achar trabalho num posto de gasolina em qualquer canto, pondo gasolina e óleo no carro dos outros. Mas não me importava que tipo de emprego ia ser, desde que ninguém me conhecesse e eu não conhecesse ninguém. Aí, bolei o que é que eu devia fazer: ia fingir que era surdo-mudo. Desse modo, não precisava ter nenhuma conversa imbecil e inútil com ninguém. Se alguém quisesse me dizer alguma coisa, teria de escrever o troço num pedaço de papel e me entregar. Depois de algum tempo iam ficar um bocado aporrinhados de ter que fazer tudo isso, e aí eu nunca mais precisaria conversar pelo resto da minha vida. Todo mundo ia pensar que eu era só um infeliz dum filho da mãe surdo-mudo, e iam me deixar em paz sozinho. Me deixavam botar gasolina e óleo na droga dos carros deles, e me pagavam um salário para fazer isso. Com o dinheiro que fosse ganhando, construiria uma cabaninha para mim em algum lugar e viveria lá o resto da vida. Ia fazer a cabana bem pertinho de uma floresta, mas não dentro da mata, porque ia fazer questão de ter a casa ensolarada pra burro o tempo todo. Cozinharia minha própria comida e mais tarde, se quisesse casar ou coisa parecida, ia encontrar uma garota bonita, também surdo-muda, e nos casaríamos. Ela viria viver comigo na cabana e, se quisesse me dizer alguma coisa, teria de escrever numa porcaria dum pedaço de papel, como todo mundo. Se tivéssemos filhos, iam ficar escondidos em algum canto. Podíamos comprar uma porção de livros para eles e nós mesmos íamos ensiná-los a ler e escrever.

Fiquei excitado pra burro pensando no negócio todo. No duro. Sabia que aquela parte de bancar o surdo-mudo era amalucada, mas de qualquer maneira gostava de pensar nela. Mas resolvi de fato ir embora para o oeste e tudo. A única coisa que eu queria fazer antes da partida era me despedir da Phoebe. Por isso, de repente, atravessei a rua correndo como um doido - pra dizer a verdade, por um triz não morri atropelado - entrei numa papelaria e comprei um bloco e um lápis. Resolvi que ia escrever um bilhete para ela, marcando um encontro para que eu pudesse lhe dizer adeus e devolver o dinheiro das compras de Natal; aí levaria o bilhete para a escola dela e daria um jeito para que alguém do gabinete do diretor lhe entregasse. Mas acabei guardando o bloco e o lápis no bolso e comecei a andar depressa na direção da escola - estava nervoso demais para escrever o bilhete ali mesmo na papelaria. Tinha que andar rápido, porque queria que ela recebesse o bilhete antes de ir para casa almoçar, e não sobrava muito tempo.

Naturalmente, sabia onde era a escola dela, porque eu também havia estudado lá quando era garoto. Quando cheguei, foi engraçado. Não tinha certeza se me lembraria de como era a escola por dentro, mas vi que me lembrava. Tudo continuava exatamente como no meu tempo. Tinha o mesmo pátio enorme do lado de dentro, sempre meio escuro, com aquelas telas de arame em volta das lâmpadas para não se quebrarem com uma bolada. Os mesmos círculos de giz pelo chão todo, para as brincadeiras de pular. E as mesmas cestas de basquete sem rede - só as tabelas e os aros.

Não havia ninguém à vista, provavelmente porque não era hora do recreio e nem tinha chegado ainda a hora do almoço. Só vi um garotinho, um pretinho, a caminho do banheiro. Do bolso dele saia um daqueles passes de madeira, como nós costumávamos usar, para mostrar que ele tinha permissão para ir ao banheiro.

Eu ainda estava suando, mas não tanto quanto antes. Fui até as escadas, sentei no primeiro degrau e tirei do bolso o bloco e o lápis que tinha comprado. As escadas tinham o mesmo cheiro de quando eu estudava lá, como se alguém tivesse acabado de dar uma mijada por ali. Todas as escadas de escola têm esse cheiro. Seja como for, sentei e escrevi um bilhete:

> Querida Phoebe:
>
> Não posso mais esperar até quarta-feira, por isso provavelmente vou partir hoje de tarde para o oeste, pegando carona. Encontre-me no Museu de Arte, juntinho à porta, ao meio-dia e quinze, se você puder, que eu quero devolver teu dinheiro de Natal. Não gastei muito.
>
> Um beijo
> Holden

A escola era pertinho do museu e ela tinha mesmo de passar por lá a caminho de casa para o almoço, por isso sabia que ela ia poder encontrar comigo.

Aí comecei a subir a escada em direção ao gabinete do diretor, para arranjar alguém que entregasse o bilhete a ela na sala de aulas. Dobrei o papel umas dez vezes, para que ninguém o abrisse. Não se pode confiar em ninguém numa porcaria duma escola. Mas, como eu era irmão dela e tudo, sabia que eles entregariam o bilhete.

De repente, enquanto subia a escada, pensei outra vez que ia vomitar. Só que não vomitei. Sentei um minuto e me senti melhor. Mas, enquanto estava sentado, vi uma coisa que me deixou maluco de raiva. Alguém tinha escrito "Foda-se" na parede. Fiquei furioso de ódio. Imaginei a Phoebe e todas as outras crianças lendo o que estava escrito: iam ficar pensando que diabo significava aquilo, até que, afinal, algum garoto sujo ia dizer a elas - naturalmente tudo errado - o que queria dizer aquela palavra. E elas todas iam ficar pensando na coisa, e talvez até se preocupando com aquilo durante alguns dias. Me deu vontade de matar o safado que tinha escrito aquilo. Imaginei que devia ter sido algum tarado, que havia entrado escondido na escola tarde da noite, para dar uma mijada ou coisa parecida, e aí tivesse escrito aquilo na parede. Me imaginei pegando o sacana em flagrante e batendo com a cabeça dele nos degraus de pedra, até que ele estivesse todo ensangüentado e bem morto. Mas eu sabia também que não ia ter coragem de fazer um negócio desses. Sabia disso e fiquei ainda mais deprimido. Eu quase não tinha coragem nem mesmo de apagar o troço com a mão, para dizer a verdade. Fiquei com medo de que algum professor me pegasse apagando e pensasse que eu é que tinha escrito aquilo. Mas, finalmente, acabei apagando. Aí subi para o gabinete do diretor.

Acho que o diretor não estava por lá, mas uma velhinha de uns cem anos de idade estava sentada, batendo a máquina. Eu disse que era irmão da Phoebe Caulfield, da classe 4B-1, e pedi que me fizesse o favor de entregar o bilhete à Phoebe. Falei que era muito importante, porque minha mãe estava doente e não podia aprontar o almoço da Phoebe, e que por isso ela tinha de se encontrar comigo para comer numa lanchonete. A velhinha foi muito simpática. Apanhou o bilhete e chamou outra mulher, na sala ao lado, e a outra foi entregar o bilhete à Phoebe. Aí, eu e a velhinha que devia ter uns cem anos batemos um papinho. Ela era muito simpática e eu disse que também tinha estudado lá, como todos os meus irmãos. Perguntou-me onde é que eu estava estudando agora e, quando falei que era no Pencey, ela disse que era um colégio muito bom. Mesmo que eu quisesse, não teria forças para convencê-la do contrário. Além disso, se pensava que o Pencey era um colégio muito bom, melhor para ela. É muito chato dizer alguma coisa nova para alguém que tem uns cem anos de idade. Eles não gostam de ouvir novidades. Aí, depois de algum tempo, fui embora. Foi engraçado: ela me gritou "Felicidades!", igualzinho ao velho Spencer quando eu saí do Pencey. Puxa, que raiva que me dá quando alguém berra "Felicidades!" quando estou indo embora de algum lugar. É deprimente pra burro.

Desci por outra escada e vi outro "Foda-se" na parede. Tentei apagar outra vez com a mão, mas esse tinha sido riscado na parede, com um canivete ou coisa parecida. Não saía de jeito nenhum. De qualquer maneira, é bobagem mesmo. Mesmo que a gente vivesse um milhão de anos, não conseguiria apagar nem a metade dos "Foda-se" escritos pelo mundo. É impossível.

Olhei o relógio do pátio de recreio e eram só vinte para o meio-dia, por isso ainda tinha um bocado de tempo para matar enquanto esperava pela Phoebe. Mas, de qualquer modo, fui andando mesmo para o museu. Não tinha nenhum outro lugar para ir. Pensei que talvez pudesse parar numa cabine telefônica e dar uma palavrinha com a Jane Gallagher antes de começar a minha viagem de carona para o oeste, mas não me deu

vontade. Aliás, nem sabia se ela já tinha chegado de férias. Por isso, fui mesmo até o museu e fiquei zanzando por lá.

Enquanto esperava pela Phoebe no museu, do lado de dentro, bem junto da porta e tudo, dois garotinhos chegaram perto de mim e perguntaram se eu sabia onde ficavam as múmias. Um deles, o que me fez a pergunta, estava com a braguilha desabotoada. Disse isso a ele, que se abotoou ali mesmo onde estava, em pé, falando comigo - nem se deu ao trabalho de ir para trás de uma pilastra nem nada. Achei o troço infernal. Tive vontade de rir, mas fiquei dom medo de me dar vontade de vomitar outra vez, por isso não ri.

- Onde é que ficam as múmias? - ele repetiu. - Você sabe?

Resolvi fazer um pouco de hora com os dois.

- As múmias? Quê que é isso? - perguntei a ele.

- Num sabe? As múmias, esses caras mortos. Que eles enterram nos tumos e tudo.

Tumos. Essa foi mesmo genial. Ele queria dizer túmulos.

- Por que é que vocês dois não estão na escola? - perguntei.

- Hoje num tem aula - respondeu o garoto que falava pelos dois. Na certa era mentira. Mas eu não tinha mesmo nada para fazer até a hora de encontrar com a Phoebe, por isso os ajudei a achar o lugar em que ficavam as múmias. Puxa, eu costumava saber exatamente onde era, mas já fazia anos que não ia ao museu.

- Vocês dois se interessam muito pelas múmias? - perguntei.

- É.

- Teu amigo não sabe falar, é?

- Ele num é meu amigo, é meu irmão.

- Mas ele não sabe falar? - repeti. Olhei para o garoto que ainda não tinha dito uma palavra. - Será que você sabe falar? - perguntei a ele.

- Sei sim - respondeu - mas não tou com vontade.

Afinal encontramos o lugar das múmias e entramos.

- Você sabe como é que os egípcios enterravam os mortos? - perguntei ao que falava.

- Não.

- É, mas devia. É muito interessante. Eles embrulhavam as caras deles nuns panos, tratados com um preparado químico secreto. Desse jeito eles podiam ficar enterrados milhares de anos nos túmulos, sem as caras apodrecerem nem nada. Ninguém sabe como é que eles faziam isso, só os egípcios. Nem a ciência moderna.

Para se chegar até onde estavam as múmias, a gente tinha de descer uma espécie de corredor, com paredes de pedra nos dois lados, que eles tinham tirado lá mesmo da tumba de um faraó e tudo. Era um lugar de meter medo, e estava na cara que os dois sabichões que vinham comigo não estavam se divertindo muito. Andavam grudadinhos em mim, e o tal que não falava nunca vinha praticamente agarrado na minha manga.

- Vambora - ele disse para o irmão. - Já vi tudo. Vambora, êi!

Aí ele deu meia volta e se mandou.

- Ele é medroso pra burro - o outro disse. - Té logo!

E disparou também. Fiquei sozinho no túmulo. Até que, de certo modo, gostei. Estava tudo tão quieto e agradável. Aí, de repente, vi aquilo na parede. Outro "Foda-se". Escrito com lápis vermelho ou coisa parecida, bem embaixo da parte envidraçada da parede, perto das pedras.

Esse é que é o problema todo. Não se pode achar nunca um lugar quieto e gostoso, porque não existe nenhum. A gente pode pensar que existe, mas, quando se chega lá e está completamente distraído, alguém entra escondido e escreve "Foda-se" bem na cara da gente. É só experimentar. Acho mesmo que, se um dia eu morrer e me enfiarem num cemitério, com uma lápide e tudo, vai ter a inscrição "Holden Caulfield", mais o ano em que eu nasci e o ano em que morri e, logo abaixo, alguém vai escrever "Foda-se". Tenho certeza absoluta.

Depois que saí do lugar onde estavam as múmias, tive que ir ao banheiro. Para dizer a verdade, estava com um pouco de diarréia. Não liguei muito para esse negócio da diarréia, mas aconteceu outra coisa. Quando tinha acabado de me levantar da privada, quase chegando na porta, acho que desmaiei. Mas até que tive sorte. Podia ter morrido quando caí no chão, mas aterrissei meio de lado. O mais engraçado é que me senti melhor depois do desmaio. Verdade mesmo. Meu braço ficou um pouco doído, onde bati com ele no chão, mas parei de sentir aquela droga daquela tonteira.

A essa altura, já era mais ou menos meio-dia e dez, e por isso voltei para junto da porta, para esperar pela Phoebe. Pensei que aquela podia ser a última vez que eu ia vê-la. Ela ou qualquer dos meus parentes. Imaginei que provavelmente os veria outra vez, mas muitos anos depois. Poderia voltar para casa quando tivesse uns trinta e cinco anos - pensei - caso alguém ficasse doente e quisesse me ver antes de morrer, mas só

assim eu deixaria a cabana e voltaria. Sabia que minha mãe ia ficar nervosa pra chuchu e ia começar a chorar e a me pedir que ficasse em casa, que não voltasse para minha cabana, mas eu iria embora de qualquer maneira. Ia bancar o superior. Ia acalmar minha mãe e aí atravessava a sala, tirava a cigarreira do bolso e acendia um cigarro - tudo isso com a maior calma. Diria a eles que me visitassem algum dia, se tivessem vontade, mas não ia insistir nem nada. Uma coisa eu ia fazer: ia deixar que a Phoebe fosse me visitar no verão e nas férias da Páscoa e do Natal. E deixaria o D.B. passar algum tempo comigo, se ele quisesse um lugar simpático e quieto para escrever. Só que não ia poder escrever nenhum filme na minha cabana só contos e romances. Ia estabelecer essa regra, que ninguém podia fazer nada de falso quando me visitasse. Se alguém tentasse fazer qualquer coisa falsa, ia ter que ir embora.

De repente, olhei para o relógio no vestíbulo e vi que já era vinte e cinco para uma. Comecei a ficar com medo de que talvez a velhinha na escola tivesse dito à outra mulher para não entregar meu recado à Phoebe. Fiquei assustado, achando que talvez ela tivesse mandado queimar o bilhete ou coisa que o valha. Me deu mesmo um medão danado. Queria muito ver a Phoebe antes de me largar pelo mundo. Além disso, estava com o dinheiro de Natal dela e tudo.

Finalmente a vi, através da porta de vidro. Logo vi que era ela porque estava usando meu chapéu de caça maluco - dava pra se enxergar aquele chapéu a quinze quilômetros de distância.

Saí e comecei a descer a escadaria de pedra para encontrar-me com ela. Só não conseguia entender aquela mala enorme que ela vinha trazendo. Estava atravessando a Quinta Avenida e arrastando aquela baita mala. Ela quase não agüentava com o peso. Quando cheguei mais perto, vi que era a minha mala velha, a que eu usava no tempo do Colégio Whooton. Não conseguia imaginar que diabo ela estava fazendo com a mala.

- Oi - ela disse, quando veio chegando. Já nem tinha mais fôlego, por causa daquela mala doida.

- Pensei que você não vinha mais - falei. - Que é que você pôs aí nessa mala? Não preciso de nada. Vou assim mesmo como estou. Não vou levar nem as minhas malas que estão na estação. Afinal de contas, quê que você enfiou aí?

Ela pôs a mala no chão.

- Minhas roupas - respondeu. - Vou com você. Posso? Tá bem?

- O quê? - perguntei. Quase caí duro quando ela disse aquilo. Juro por Deus. Me senti meio tonto e pensei que ia desmaiar outra vez ou coisa parecida.

- Desci com a mala pelo elevador dos fundos para a Charlene não me ver. Não é pesada, não. Só tem dois vestidos, meus mocassins, minha roupa de baixo, meias e mais umas coisinhas. Experimenta só. Não é pesada, não. Experimenta uma vez só pra ver... Posso ir com você, Holden? Posso? Por favor.

- Não. Cala a boca.

Pensei que ia desmaiar. Eu não queria que ela calasse a boca e tudo, não era bem isso, mas pensei mesmo que ia desmaiar novamente.

- Por quê que eu não posso ir? Deixa, Holden. Não vou fazer nada... Só vou com você, só isso! Se você quiser nem levo minhas roupas. Só levo minha...

- Você não vai levar nada. Porque nem você vai. Vou sozinho. Por isso, trata de calar a boca.

- Deixa, Holden. Deixa eu ir. Vou ser muito, muito... Você nem vai...

- Não vou deixar nada. Agora, cala a boca. Me dá essa mala.

Tirei a mala da mão dela. Estava quase batendo nela. Cheguei até a pensar por um instante que ia dar-lhe um tapa. No duro. Ela começou a chorar.

- Pensei que você ia representar no teatro da escola e tudo. Pensei que você ia ser o Benedict Arnold naquela peça - falei, com uma voz um bocado dura. - Que é que você quer fazer? Sair da peça, é?

Isso fez ela chorar mais ainda. Fiquei satisfeito. De repente eu quis que ela chorasse até arrebentar. Quase tive ódio dela. Acho que tive mais raiva principalmente porque ela não representaria mais na peça se fosse embora comigo.

- Vamos - eu disse. Comecei a subir outra vez as escadas do museu. Resolvi o que ia fazer: deixava aquela mala doida na portaria do museu e aí ela podia apanha-la às três horas, quando saísse da escola. Sabia que ela não podia mesmo levar a mala para a escola.

- Vamos, agora vamos - repeti.

Mas ela não subiu comigo. Não houve jeito de faze-la ir comigo. Subi assim mesmo, deixei a mala na portaria e saí outra vez. Ela ainda estava lá, na calçada, mas virou as costas para mim quando me aproximei. Isso ela sabe fazer muito bem. Quando lhe dá na veneta, ela vira as costas pra gente sem a menor cerimônia.

- Não vou mais embora pra lugar nenhum. Mudei de idéia. Agora pára de chorar e cala a boca - falei. O engraçado é que, quando eu disse isso, ela nem estava chorando mais. Mas falei de qualquer maneira. - Agora vamos embora. Vou com você até a escola. Vambora, senão você vai chegar atrasada.

Nem assim me respondeu. Tentei segurar a mão dela, mas também não me deixou. Continuou me dando as costas.

- Você almoçou? Já almoçou, Phoebe?

Neca de resposta. O que ela fez foi tirar da cabeça meu chapéu de caça vermelho - que eu tinha dado a ela de presente - e praticamente me jogou o chapéu na cara. Aí virou de costas outra vez. Me deu uma vontade danada de rir, mas eu não disse nada. Só apanhei o chapéu do chão e enfiei no bolso do meu casaco.

- Vamos, êi! Vou andando com você até a escola.

- Não vou pra escola!

Fiquei sem saber o que dizer depois que ela falou isso. Fiquei ali em pé uns dois minutos, sem fazer nada.

- Você tem que voltar pra escola. Você quer trabalhar naquela peça, não quer? Você quer ser o Benedict Arnold, não quer?

- Não.

- É claro que você quer. É lógico que quer. Agora vamos, vambora - repeti. - Em primeiro lugar, já te disse que não vou mais embora. Vou voltar pra casa. Logo que você for para a escola eu vou voltar pra casa. Primeiro vou até a estação apanhar minhas malas, e aí vou direto...

- Já te disse que não vou voltar pra escola. Você pode fazer o que quiser, mas eu não vou voltar pra escola. Por isso, cala a boca.

Era a primeira vez que ela me mandava calar a boca. Era horrível ouvir isso dito por ela. Puxa, era horrível mesmo. Pior do que se ela tivesse dito um nome feio. Continuava a nem me olhar e, cada vez que eu tentava pôr a mão no ombro dela, não me deixava.

- Escuta, quer dar um passeio comigo? - perguntei. - Quer passear comigo no Jardim Zoológico? Se eu deixar você faltar à escola hoje de tarde e nós dermos um passeio, você pára com essa maluquice?

Não me respondeu, por isso repeti: - Se eu deixar você matar aula hoje de tarde e dar uma voltinha, você pára com essa maluquice? Você vai amanhã à escola, como uma menininha bem comportada?

- Talvez sim e talvez não - respondeu. E aí saiu correndo e atravessou a rua como uma doida, sem ao menos olhar se vinha algum carro. Às vezes ela é maluquinha.

Mas não fui atrás dela. Sabia que ela iria atrás de mim, por isso comecei a andar na direção do centro da cidade, a caminho do Jardim Zoológico; eu ia pela calçada do lado do parque e ela começou a andar na mesma direção, só que pelo outro lado da rua. Não olhava para mim nem nada, mas eu sabia que ela provavelmente estava me espiando com o rabo do olho, para ver onde eu ia e tudo. De qualquer maneira, fomos assim o caminho todo, até o Jardim Zoológico. A única coisa que me chateou foi quando passou um ônibus de dois andares e eu não pude ver o outro lado da rua, para saber que diabo ela estava fazendo. Mas, quando chegamos ao Jardim Zoológico, gritei para ela:

- Phoebe! Vou entrar agora! Vem!

Nem assim olhou para mim, mas eu sabia que ela tinha me ouvido. Quando comecei a descer as escadas para o Jardim Zoológico, virei para trás e vi que ela estava atravessando a rua, me seguindo e tudo.

Não havia muita gente no Jardim Zoológico, porque o tempo estava mesmo uma droga, mas havia algumas pessoas em volta da piscina dos leões-marinhos e tudo. Eu ia seguir direto, mas a danada da Phoebe parou e fingiu que estava vendo os leões-marinhos serem alimentados - tinha um sujeito jogando uns peixes para eles - por isso voltei. Imaginei que era uma boa oportunidade para chegar perto dela e tudo. Fui até lá, parei atrás dela e experimentei pôr-lhe as mãos no ombro, mas ela dobrou os joelhos e escapuliu. Ela sabe ser malcriada quando quer. Continuou ali em pé, enquanto os leões-marinhos comiam, e eu postado bem atrás. Não tentei botar a mão outra vez no ombro dela nem nada, porque, se tivesse tentado, ela teria certamente me dado outro fora. As crianças são gozadas. A gente tem que se cuidar com elas.

Quando saímos da piscina dos leões-marinhos, ela não veio andando a meu lado, mas já não estávamos tão longe um do outro. Ela ia numa beirada do passeio e eu na outra. Não era lá grande coisa, mas era melhor do que antes, quando ela ficava a um quilômetro de distância. Seguimos em frente e passamos algum tempo olhando os ursos, no alto daquela colinazinha, mas não havia muita coisa para se ver. Só um dos ursos estava do lado de fora, o polar. O outro, o marrom, estava metido na droga da cova e não saía de jeito nenhum. Só dava para ver o traseiro dele. Ao meu lado tinha um garotinho, com um chapéu de cowboy que praticamente lhe cobria as orelhas, que ficava dizendo para o pai dele: "Faz ele sair, pai. Chama ele, pai!" Olhei para a Phoebe, mas ela não estava achando graça. Sabe como é criança quando está zangada com a gente, não acha graça em nada.

Depois de ver os ursos, saímos do Jardim Zoológico, atravessamos aquela ruazinha no parque e passamos por baixo de um daqueles túneis pequenos que estão sempre cheirando a mijo. Era no caminho do

carrossel. A danada da Phoebe ainda não conversava comigo nem nada, mas já estava andando meio ao meu lado agora. Agarrei o cinto nas costas do casaco dela só de brincadeira, mas não deixou.

- Se não é muito incômodo, guarda tua mão pra você mesmo - ela disse.

Ainda estava zangada comigo, mas não tão zangada quanto antes. Seja como for, estávamos chegando cada vez mais perto do carrossel e já dava para se ouvir aquela musiquinha maluca que toca sempre. Estava tocando Ó, Maria! Era a mesma música que tocava há uns cinqüenta anos, quando eu era pequeno. Isso é um troço bom nos carrosséis, eles tocam sempre as mesmas músicas.

- Pensei que o carrossel ficava fechado no inverno - ela disse. Era praticamente a primeira vez que ela me falava alguma coisa. Provavelmente esqueceu que estava de mal comigo.

- Vai ver que é por causa do Natal - falei.

Ela não falou mais nada quando eu disse isso. Provavelmente lembrou que estava de mal comigo.

- Você quer dar uma volta no carrossel? - perguntei. Sabia que ela devia querer. Quando pequenininha - e o Allie, o D. B. e eu costumávamos levá-la ao parque - ela era tarada pelo carrossel. Não havia jeito de arrancá-la de lá.

- Já sou muito crescida - ela falou. Pensei que não ia me responder, mas respondeu.

- Que crescida, que nada. Vai que eu te espero, vai.

Tínhamos chegado lá. Havia uns garotinhos andando nele, na maioria muito pequenininhos, e uns pais esperando do lado de fora, sentados nos bancos e tudo. Fui até o guichê onde vendem as entradas e comprei uma para a Phoebe. Aí entreguei-a a ela. Ela estava bem ao meu lado.

- Toma. Espera um instante, toma também o resto do teu dinheiro.

Comecei a entregar o resto do dinheiro que ela me havia emprestado.

- Guarda. Guarda pra mim - ela disse e, logo em seguida: - Por favor.

Isso é deprimente, quando alguém diz "por favor" à gente. Alguém assim feito a Phoebe. Isso me deprimiu pra burro. Mas botei o dinheiro de volta no bolso.

- Você também não vai dar uma volta? - ela perguntou. Estava me olhando com um jeito meio engraçado. Via-se logo que não estava mais muito zangada comigo.

- Talvez eu ande na próxima volta. Agora vou ficar te olhando. Apanhou tua entrada?

- Apanhei.

- Então vai. Vou ficar naquele banco ali, te olhando.

Caminhei para o banco e me sentei, enquanto ela subia no carrossel. Deu a volta toda na plataforma e acabou sentando num enorme cavalo castanho, velho e surrado pra chuchu. Aí o carrossel começou a rodar e eu a fiquei vendo passar e passar. Só havia mais uns cinco ou seis garotinhos, e a música que o carrossel estava tocando era Smoke Gets in Your Eyes. Num ritmo bem ligeiro e engraçado. Todos os garotos ficavam tentando agarrar a argola dourada, e a Phoebe também, e eu cheguei a ficar com medo de que ela acabasse caindo da droga do cavalo. Mas não disse e nem fiz nada. O negócio com as crianças é que, se elas querem agarrar a argola dourada, o melhor é deixar elas fazerem o troço e não dizer nada. Se caírem, caíram, mas o errado é dizer alguma coisa para elas.

Quando acabou a volta, ela desceu do cavalo e veio até onde eu estava.

- Dessa vez você vai também - ela disse.

- Não, vou só ficar te olhando. Acho que só vou ficar olhando - respondi. Dei a ela mais alguma grana e falei: - Toma. Compra mais umas entradas.

Ela apanhou o dinheiro e disse: - Não tou mais de mal com você.

- Eu sei. Corre que o negócio vai começar outra vez.

Então, de repente, ela me deu um beijo. Aí, estendeu a mão e falou: - Tá chovendo. Está começando a chover.

- Eu sei.

Aí ela fez um troço que me deixou maluco: enfiou a mão no bolso do meu casaco, tirou o chapéu de caça vermelho e botou na minha cabeça.

- Você não quer mais ele? - perguntei.

- Pode usar ele um pouco.

- Tá bom. Mas corre agora. Você assim vai perder essa volta. Não vai mais pegar teu cavalo nem nada.

Mas ela continuou por ali.

- É verdade aquilo que você disse? Que não vai mais embora? Você vai mesmo pra casa depois?

- Vou - respondi. E era verdade mesmo. Não estava mentindo. Fui mesmo para casa depois.

- Agora, corre. O negócio já tá começando.

Ela correu, comprou a entrada e pulou na droga do carrossel bem na horinha. Aí deu a volta toda, até encontrar o cavalo dela, e montou. Acenou para mim e eu acenei de volta.

Puxa, aí começou a chover pra burro. Um dilúvio, juro por Deus. Todos os pais e mães, todo mundo correu pra debaixo do teto do carrossel, para não se molhar até os ossos, mas eu ainda fiquei ali no banco mais algum tempo. Me molhei pra diabo, principalmente no pescoço e nas calças. Até que meu chapéu de caça me protegeu mesmo um bocado, mas acabei ensopado de qualquer maneira. Mas nem liguei. Me senti tão feliz de repente, vendo a Phoebe passar e passar. Pra dizer a verdade, eu estava a ponto de chorar de tão feliz que me sentia. Sei lá por quê. É que ela estava tão bonita, do jeito que passava rodando e rodando, de casaco azul e tudo. Puxa, só a gente estando lá para ver.

26

Isso é tudo que eu vou contar. Podia contar também o que fiz quando voltei para casa, e como fiquei doente e tudo, e o colégio para onde vou no próximo outono, depois que sair daqui - mas não tenho a mínima vontade. No duro mesmo. Esse negócio todo não me interessa muito agora.

Uma porção de gente, principalmente esse cara psicanalista que tem aqui, vive me perguntando se eu vou me esforçar quando voltar para o colégio em setembro. Na minha opinião, isso é o tipo da pergunta imbecil. Quer dizer, como é que a gente pode saber o que é que vai fazer, até a hora em que faz o troço? A resposta é: não sei. Acho que vou, mas como é que eu posso saber? Juro que é uma pergunta cretina.

D. B. não é dos piores, mas também fica me fazendo um monte de perguntas. Veio me visitar no sábado passado e trouxe a garota inglesa que vai trabalhar no novo filme que ele está escrevendo. Ela é meio metida a besta, mas é um bocado bonita. De qualquer maneira, na hora que ela foi ao toalete, lá na outra ala, o D. B. me perguntou o que é que eu pensava sobre esse troço todo que acabei de contar. Eu não soube o que dizer. Para ser franco, não sei o que eu acho disso tudo. Tenho pena de ter contado o negócio a tanta gente. Só sei mesmo é que sinto uma espécie de saudade de todo mundo que entra na estória. Até do safado do Stradlater e do Ackley, por exemplo. Acho que sinto falta até do filho da mãe do Maurice. É engraçado. A gente nunca devia contar nada a ninguém. Mal acaba de contar, a gente começa a sentir saudade de todo mundo.

Índice

1 02
2 04
3 08
4 12
5 16
6 17
7 20
8 23
9 26
10.....29
11.....33
12.....34
13.....37
14.....42
15.....44
16.....48
17.....51
18.....56
19.....58
20.....62
21.....65
22.....69
23.....72
24.....75
25.....80
26.....88